Nicholas Sparks
e Micah Sparks

Três semanas com meu irmão

uma história real



ARQUEIRO

Três semanas com meu irmão



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Nicholas Sparks
e Micah Sparks

Três semanas com meu irmão

uma história real



ARQUEIRO

Título original: *Three Weeks with My Brother*
Copyright © 2004 por Nicholas Sparks
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução
André Fiker

Preparo de originais
Renata Dib

Revisão
Flávia Midori e Clarissa Peixoto

Diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Capa
Ana Paula Daudt Brandão

Imagem de capa
Martin Rogers / Getty Images

Adaptação para ebook
Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726t

Sparks, Nicholas, 1965-
Três semanas com meu irmão [recurso eletrônico] / Nicholas Sparks, Micah Sparks [tradução de André Fiker]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: Three weeks with my brother
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-422-6 (recurso eletrônico)

1. Sparks, Nicholas, 1965-. 2. Escritores americanos - Biografia. I. Sparks, Micah,1964-. II. Título.

15-22215

CDD: 928.13
CDU: 929:821.111(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para a nossa família, com amor

O amigo ama em todos os momentos;
é um irmão na adversidade.

Provérbios 17:17



Prólogo

A ideia deste livro surgiu a partir de um panfleto que recebi pelo correio na primavera de 2002.

Era um dia comum na casa da família Sparks. Eu tinha passado boa parte da manhã e o começo da tarde trabalhando no romance *Noites de tormenta*, mas o texto não estava fluindo bem e eu me esforçava para recuperar o tempo perdido. Não havia escrito tanto quanto pretendia nem tinha ideia do que escreveria no dia seguinte, então meu humor não era dos melhores quando finalmente desisti e desliguei o computador.

Não é fácil conviver com um escritor. Sei disso porque minha esposa me falou – e ela o repetiu nesse dia. Para ser sincero, não é a coisa mais agradável de se ouvir, e, embora eu ficasse na defensiva com frequência, passei a compreender que essas discussões nunca teriam solução. Então, em vez de discordar, aprendi a segurar as mãos dela, olhar em seus olhos e responder com as quatro palavras mágicas que todas as mulheres querem ouvir:

– Você tem razão, querida.

Algumas pessoas acham que, por eu ser relativamente bem-sucedido como autor de livros, escrever deve ser uma tarefa fácil para mim. Muitos imaginam que eu simplesmente anoto durante algumas horas as ideias que me vêm à mente e

passo o resto do tempo relaxando na piscina com minha esposa enquanto conversamos sobre a próxima viagem exótica que faremos nas férias.

Na verdade, não somos tão diferentes das outras famílias de classe média. Não temos um monte de empregados nem viajamos o tempo todo e, embora no quintal haja uma piscina cercada por espreguiçadeiras, não consigo me lembrar da última vez em que elas foram usadas, já que nem eu nem minha esposa temos muito tempo livre durante o dia. No meu caso, a razão é o trabalho. No caso dela, é a família. Ou, mais especificamente, nossos filhos.

Bom, nós temos cinco filhos. Não seria um número muito grande se estivéssemos em uma missão colonizadora, mas nos dias de hoje é o bastante para deixar algumas pessoas surpresas. Quando estávamos viajando ano passado, começamos a conversar com um jovem casal. Um assunto levou a outro e finalmente a questão dos filhos surgiu. Eles tinham dois e logo mencionaram seus nomes. Então minha esposa disparou os nomes dos nossos.

Seguiu-se um silêncio por um momento, enquanto a outra mulher tentava entender se tinha ouvido bem.

– Vocês têm cinco filhos? – ela quis confirmar, afinal.

– Sim.

A mulher colocou a mão no ombro da minha esposa em um gesto de empatia.

– Você é louca?

Nossos meninos têm 12, 10 e 4 anos. As meninas, gêmeas, estão quase fazendo 3, e, embora existam muitas coisas que eu não entenda sobre o mundo, eu *sei* que crianças têm uma forma engraçada de relativizar as coisas. Os mais velhos sabem que eu escrevo livros para me sustentar, ainda que às vezes eu duvide que eles entendam o que significa criar uma obra de ficção. Por exemplo, quando perguntaram para o meu filho de 10 anos, durante uma apresentação na escola, o que o pai fazia da vida, ele estufou o peito e declarou com orgulho: "Meu pai brinca no computador o dia inteiro!" O primogênito, por outro lado, costuma me dizer – com muita seriedade – que "escrever é fácil. O difícil é digitar".

Trabalho em casa, assim como muitos escritores, mas a semelhança termina por aí. Meu escritório não é um santuário inalcançável num andar superior. A porta dá diretamente para a sala de estar. Já li que algumas pessoas precisam ter

uma casa silenciosa para conseguirem se concentrar. Por sorte, nunca precisei de silêncio para trabalhar. Suponho que isso seja algo bom, caso contrário, eu nunca teria escrito nada.

Nossa casa passa por um turbilhão de atividades a partir do momento em que minha mulher e eu saímos da cama até desabarmos nela ao fim do dia. Ficar um tempo em nossa casa deixaria qualquer um exausto. Em primeiro lugar, nossos filhos têm energia. Muita, muita energia. Quantidades *absurdas* de energia. Multiplicada por cinco, é energia suficiente para abastecer a cidade de Cleveland. Além disso, as crianças têm um mecanismo meio mágico de se alimentar da energia umas das outras, cada uma consumindo e espelhando a carga dos irmãos. A energia, então, é transmitida para os três cachorros e até mesmo para nossa *própria casa*.

Um dia típico inclui: pelo menos uma criança doente; brinquedos recém-guardados que reaparecem como um passe de mágica espalhados na sala de estar; cachorros latindo; crianças rindo; o telefone tocando insistentemente; carteiros entregando encomendas; crianças reclamando; lições de casa perdidas; utensílios quebrados; trabalhos escolares que, de alguma forma, nossos filhos se esquecem de mencionar até o último minuto; treino de beisebol, de ginástica, de futebol americano e de tae kwon do; gente consertando coisas; portas batendo; crianças correndo pelo corredor, jogando, provocando umas às outras, pedindo guloseimas, chorando porque caíram, aninhando-se em nossos colos ou então reclamando porque precisam de você NESTE INSTANTE!

Depois de passarem uma semana em nossa casa, meus sogros não veem a hora de ir para o aeroporto e voltar para sua cidade. Os dois partem com olheiras profundas e a expressão traumatizada de veteranos de guerra que acabaram de sobreviver ao desembarque. Em vez de se despedir, meu sogro meneia a cabeça e sussurra: "Boa sorte. Você vai precisar."

Minha esposa aceita tudo o que acontece em nossa casa como algo normal. Ela tem muita paciência, e é raro vê-la nervosa. Ela parece, de fato, *gostar* da coisa na maior parte do tempo. Cathy, eu poderia dizer, é uma santa.

Ou isso, ou talvez ela seja realmente louca.

Aqui em casa é minha função cuidar das cartas. Alguém tem que fazê-lo, afinal, então, no decorrer do casamento, essa foi uma das pequenas responsabilidades

que caíram no meu colo.

O dia em que recebi o panfleto pelo correio foi como qualquer outro. Lexie, que tinha 6 meses de idade, estava com um resfriado e se recusava a deixar o colo da mãe; Miles tinha pintado o rabo do cachorro com tinta fluorescente e o exibia com orgulho; Ryan precisava estudar para uma prova, mas tinha esquecido o livro na escola e decidiu "resolver" o problema analisando a quantidade de papel higiênico que conseguia colocar na privada e dar descarga; Landon estava pintando as paredes – de novo – e eu não consigo lembrar o que Savannah estava fazendo, mas não tenho dúvida de que era algo preocupante, visto que, aos 6 meses, já podia aprender com os irmãos.

Acrescente a esse cenário a televisão estridente, o jantar sendo preparado, os cachorros latindo e um telefone tocando – o rugido caótico parecia alcançar um nível doentio. Suspeitei que talvez até mesmo minha mulher, por mais santa que fosse, pudesse estar quase perdendo a cabeça. Afastando-me do computador, respirei fundo e saí de trás da mesa. Andei até a sala, dei uma olhada no caos instaurado ali e, com instintos que só os homens parecem possuir, eu soube exatamente o que fazer. Pigarreei, senti que todos me olhavam atentamente por um instante e anunciei com calma:

– Vou ver se a correspondência já chegou.

No minuto seguinte, já estava do lado de fora.

Nossa casa fica um pouco afastada da rua, então a caminhada de ida e volta até a caixa de correio costuma levar uns cinco minutos. No momento em que fechei a porta atrás de mim, a confusão deixou de existir. Fui andando devagar, saboreando o silêncio.

Quando voltei, notei que minha esposa estava tentando limpar as migalhas babadas de biscoito de sua camisa enquanto segurava os dois bebês ao mesmo tempo. Landon se encontrava aos seus pés e puxava-lhe a calça jeans a fim de chamar sua atenção. Enquanto isso, ela ajudava os garotos mais velhos com o dever de casa. Meu coração se encheu de orgulho pela habilidade que ela tinha para fazer tantas coisas ao mesmo tempo com tamanha eficiência, então estendi a pilha de cartas para que ela pudesse ver.

– Peguei a correspondência.

Cathy ergueu os olhos.

– Não sei o que faria sem você. Você ajuda tanto por aqui – respondeu ela.

– Só estou fazendo o meu trabalho. Não precisa me agradecer.

Como qualquer pessoa, preciso separar as muitas correspondências inúteis das cartas importantes. Paguei as contas, dei uma lida rápida em alguns artigos de revistas e estava prestes a jogar todo o resto no lixo quando notei o panfleto que tinha colocado na pilha a ser descartada. Vinha do gabinete de ex-alunos da Universidade de Notre Dame e anunciava uma "Jornada às terras dos adoradores do céu". A excursão tinha o nome de "Céu e Terra" e seria uma viagem ao redor do mundo no decorrer de três semanas entre janeiro e fevereiro de 2003.

"Interessante", pensei, e comecei a examinar o panfleto. A expedição – em um jato particular, ainda por cima – passaria por lugares como as ruínas maias na Guatemala, as ruínas incas no Peru, as estátuas gigantes da Ilha de Páscoa e as Ilhas Cook, na Polinésia. Também haveria paradas em Uluru, na Austrália; em Angkor Wat, nos Campos de Extermínio e no Museu do Genocídio em Phnom Penh, no Camboja; no Taj Mahal e na Fortaleza Amber em Jaipur, na Índia; nas catedrais de pedra de Lalibela, na Etiópia; no Hipogeu e em outros templos antigos em Malta; e, se o tempo permitisse, uma chance de ver a aurora boreal em Tromsø, na Noruega, uma cidade localizada a mais de 480 quilômetros ao norte do Círculo Polar Ártico.

Eu era fascinado por culturas antigas e terras distantes quando criança. Lendo as descrições de cada parada, eu pensava: "Eu sempre quis ver isso." Era uma oportunidade de fazer uma viagem única para lugares que permaneciam na minha imaginação desde que eu era garoto. Quando terminei de examinar o panfleto, suspirei e pensei: "Quem sabe um dia..."

Naquele momento eu não tinha tempo. Três semanas longe das crianças? Da minha mulher? Do trabalho?

Impossível. Era ridículo. Eu devia deixar aquilo para lá. Coloquei o panfleto no fundo da pilha.

Mas o que aconteceu é que eu *não consegui* esquecer a viagem.

Bem, sou uma pessoa realista e imaginei que Cat (como costumo chamar Cathy) e eu tivéssemos uma chance de viajar em algum momento no futuro. Mas, ao mesmo tempo que eu sabia que um dia talvez conseguisse convencê-la a viajar comigo para ver o Taj Mahal ou Angkor Wat, não havia a menor

possibilidade de irmos à Ilha de Páscoa, à Etiópia ou às florestas da Guatemala. Aqueles locais ficavam tão distantes uns dos outros e havia tantas outras coisas para ver e lugares para conhecer no mundo que viajar para regiões remotas sempre cairia na categoria de "Quem sabe um dia...". Eu tinha quase certeza de que aquele dia nunca chegaria.

Mas eu tinha em minhas mãos a chance de fazer tudo numa tacada só. Dez minutos depois, quando a cacofonia na sala de estar cessara tão misteriosamente quanto havia surgido, eu estava na cozinha com minha esposa e o panfleto aberto sobre a bancada. Apresentei os fatos mais importantes como uma criança descrevendo um acampamento de verão, e Cat, já bastante acostumada com os meus arroubos de fantasia, apenas escutava enquanto eu tagarelava. Quando terminei, ela assentiu.

– Hum... – disse ela.

– Esse é um "hum" bom ou ruim?

– Nenhum dos dois. Só estou me perguntando por que você está me mostrando isso. Não poderíamos ir.

– Eu sei. Só pensei que talvez você gostasse de ver – respondi.

Minha esposa, que me conhece melhor do que ninguém, sabia que não era só isso.

– Hum – repetiu.

Dois dias depois estávamos passeando pela vizinhança. Nossos filhos mais velhos andavam mais rápido, à nossa frente, e os outros três estavam nos carrinhos de bebê. Toquei de novo no assunto.

– Eu estava pensando naquela viagem – comecei, tentando parecer casual.

– Que viagem?

– Aquela que dá a volta ao mundo. A do panfleto que eu lhe mostrei.

– Por quê?

– Bem – respirei fundo –, você gostaria de ir?

Ela deu alguns passos antes de responder:

– É claro que eu gostaria de ir. Parece maravilhoso, mas é impossível. Não posso deixar as crianças por três semanas. E se acontecesse alguma coisa? Não tem como a gente voltar numa emergência. Aliás, quantos voos vão para um lugar como a Ilha de Páscoa? Lexie e Savannah ainda são bebês, precisam de

mim. Todos eles precisam de mim... – Ela fez uma pausa. – Talvez outras mães pudessem ir, mas eu não.

Concordei. Já sabia qual seria a resposta dela.

– Você se incomodaria se eu fosse?

Cat olhou para mim. Eu já tinha feito viagens extensas a trabalho, turnês para promover livros com duração de dois ou três meses por ano, e o tempo que eu passava fora era muito difícil para a minha família. Apesar de não estar sempre disposto a mergulhar de cabeça no caos, não sou *completamente* inútil em casa.

Minha mulher tem uma rotina que a faz sair de casa com frequência. Além dos cafés da manhã casuais com as amigas, ela faz trabalho voluntário na escola, vai à academia, joga bunco com um grupo de senhoras e sai para resolver diversas questões. Nós dois sabíamos que ela precisava sair de casa para não enlouquecer. Nessas horas eu acabo sendo pai sozinho. Mas quando estou viajando é quase impossível para ela manter sua rotina. E isso não é bom para o seu estado mental.

Além disso, nossos filhos gostam de ter nós dois por perto. Quando estou fora, o caos na casa se multiplica – se é que isso é possível –, como se preenchesse o vazio da minha ausência. Portanto, as viagens que eu faço são bastante cansativas para a minha esposa. Ela entende que fazem parte do meu trabalho, mas isso não quer dizer que goste delas.

Eu tinha feito uma pergunta difícil.

– Isso é mesmo tão importante assim para você? – perguntou ela, afinal.

– Não – respondi, sendo sincero. – Se você não quiser que eu vá, não vou. Mas eu gostaria de ir.

– E você iria sozinho?

Meneei a cabeça.

– Na verdade estava pensando em ir com Micah – falei, referindo-me ao meu irmão.

Caminhamos em silêncio por algum tempo antes de ela olhar para mim.

– Acho que seria uma ideia maravilhosa – disse Cat.

Quando voltamos da caminhada, ainda um pouco incrédulo, entrei no escritório e liguei para meu irmão na Califórnia.

Ouvi o telefone chamar, o som mais distante do que o de um telefone fixo. Micah nunca atendia o telefone de casa; se eu quisesse falar com ele, tinha que ligar para o celular.

– Ei, Nicky! Como estão as coisas? – perguntou ele.

Meu irmão tem identificador de chamadas e continua me chamando pelo meu apelido de infância. Fui chamado de Nicky até o sexto ano.

– Tenho uma coisa para dizer e acho que vai lhe interessar.

– Então diga.

– Recebi um panfleto pelo correio, e.... Bem, resumindo, eu estava pensando se você toparia fazer uma viagem ao redor do mundo comigo. Em janeiro.

– Que tipo de viagem?

Passei alguns minutos descrevendo os pontos mais importantes, folheando o panfleto enquanto falava. Quando terminei, ele ficou mudo.

– É sério? – perguntou Micah depois de um instante. – E a Cat vai deixar você ir?

– Ela disse que sim... Olhe, sei que é uma decisão importante, então não precisa me responder agora. Temos bastante tempo até a data de confirmação. Só queria que pensasse nisso. Quero dizer, sei que vai precisar falar com Christine. Três semanas é bastante tempo.

Christine é a minha cunhada. Do outro lado da linha consegui ouvir o choro distante de sua filha recém-nascida, Peyton.

– Não acho que ela vá se importar. Mas vou conferir e ligo de volta.

– Quer que eu envie o panfleto?

– Claro. Eu tenho que saber para onde vamos, certo?

– Vou mandar por FedEx hoje – respondi. – Ahn, Micah?

– Sim?

– Essa vai ser a viagem das nossas vidas.

– Tenho certeza disso, irmãozinho.

Quase consegui ver Micah sorrindo.

Depois de me despedir e desligar o telefone, me peguei olhando para as fotografias de família que ocupavam as prateleiras do meu escritório. A maioria era dos meus filhos. Vi os cinco, bebês e crianças; havia uma no Natal com todos eles, tirada alguns meses atrás. Ao lado desta ficava uma foto de Cathy. Peguei a moldura por impulso, pensando no sacrifício que ela tinha acabado de fazer.

Não, ela não estava empolgada com a ideia de me ver partindo por três semanas. Também não estava animada por ter que cuidar de cinco crianças sozinha. Cathy teria que carregar esse fardo enquanto eu viajaria pelo mundo.

Então por que ela tinha aceitado?

Como eu disse antes, minha esposa me entende como ninguém, e sabia que a minha vontade urgente de ir tinha menos a ver com a viagem em si e mais com o tempo que eu passaria com meu irmão.

Este livro fala sobre fraternidade.

É a história de dois irmãos, e a história de nossa família. Tem tragédia e alegria, esperança e amparo. É a história de como eu e Micah amadurecemos, mudamos e escolhemos caminhos diferentes na vida, mas, de alguma forma, acabamos ficando ainda mais próximos.

É, em outras palavras, a história de duas viagens: uma, que nos levou para lugares exóticos ao redor do mundo, e a outra, a viagem de uma vida inteira, que nos tornou melhores amigos.

Capítulo 1



Muitas histórias começam com o aprendizado de uma simples lição, e a da nossa família não é exceção à regra.

No começo, nós, crianças, fomos concebidas. E a lição que aprendemos, pelo menos de acordo com a minha mãe católica, foi:

– Nunca se esqueça de que, independentemente do que a Igreja disser, o método da tabelinha *não* funciona.

Ergui os olhos para ela. Eu tinha 12 anos.

– Você quer dizer que todos nós fomos acidentes?

– Sim. Cada um de vocês.

– Mas bons acidentes, né?

– Do melhor tipo – respondeu ela, sorrindo.

Mesmo assim, depois de ouvir essa história, eu não tinha muita certeza do que pensar. Por um lado era óbvio que minha mãe não se arrependia de ter nos concebido. Mas, por outro, não era bom para o meu ego pensar em mim mesmo como um acidente, ou me perguntar se minha súbita chegada ao mundo fora resultado de uma dose exagerada de champanhe.

Essa história, porém, me ajudou a esclarecer algumas coisas. Eu sempre me perguntei por que nossos pais não esperaram um pouco mais antes de ter filhos. Eles certamente não estavam prontos para essa responsabilidade, mas também não sei se estavam prontos para o casamento.

Meus pais nasceram em 1942, e, nos estágios iniciais da Segunda Guerra Mundial, meus dois avôs serviram no Exército. Meu avô paterno era oficial de carreira. Meu pai, Patrick Michael Sparks, passou a infância se deslocando de uma base militar para outra e ficou praticamente sob os cuidados da mãe. Ele era o mais velho de cinco irmãos e muito inteligente, tendo frequentado um internato na Inglaterra antes de ser admitido na Universidade Creighton em Omaha, Nebraska. Foi lá que ele conheceu minha mãe, Jill Emma Marie Thoene.

Assim como meu pai, minha mãe era a filha mais velha. Ela tinha mais três irmãos, e passou a maior parte da infância no Nebraska, onde desenvolvera um amor eterno por cavalos.

Meu avô materno era um empresário que administrara vários negócios diferentes no decorrer da vida. Quando minha mãe era adolescente, ele era dono de um cinema em Lyons, uma pequena cidade localizada bem ao lado da estrada que cruzava campos agrícolas. Segundo minha mãe, o cinema era parte da razão pela qual ela também havia frequentado o internato. Supostamente fora enviada para lá por ter sido pega beijando um garoto, embora, quando questionada sobre isso, minha avó negasse o ocorrido de forma resoluta.

– Sua mãe sempre foi uma contadora de histórias – informou-me vovó. – Ela costumava inventar as coisas mais loucas só para ver a reação de vocês quando eram crianças.

– Então por que vocês a mandaram para um internato?

– Por causa dos assassinatos – respondeu minha avó. – Muitas garotas jovens estavam sendo mortas em Lyons naquela época.

Em todo caso, depois do internato, minha mãe também foi para a Universidade Creighton e suponho que as semelhanças em suas vidas tenham

gerado o primeiro interesse mútuo. Qualquer que tenha sido a razão, eles começaram a namorar no segundo ano da faculdade e se apaixonaram. Namoraram por pouco mais de um ano e se casaram no dia 31 de agosto de 1963, aos 21 anos, um pouco antes de se formarem na faculdade.

Alguns meses depois o método da tabelinha falhou e minha mãe aprendeu a primeira de suas três lições. Micah nasceu em 1º de dezembro de 1964. Na primavera ela estava grávida de novo: eu cheguei no dia 31 de dezembro de 1965. Na primavera seguinte já esperava minha irmã, Dana, e resolveu que dali em diante ela mesma cuidaria da questão do controle de natalidade.

Depois da graduação, meu pai decidiu fazer mestrado em administração na Universidade de Minnesota, então a família se mudou para os arredores de Watertown no outono de 1966. Dana, assim como eu, nasceu no dia 31 de dezembro, e minha mãe ficou em casa para cuidar de nós enquanto meu pai ia às aulas durante o dia e trabalhava como barman à noite.

Como eles não podiam gastar muito com aluguel, vivíamos a quilômetros de distância da cidade, numa pequena casa de fazenda que minha mãe jurava ser assombrada. Anos depois ela me disse que costumava ver e ouvir coisas tarde da noite – choros, risadas e sussurros –, mas, assim que levantava para ver se estávamos bem, os barulhos cessavam.

A explicação mais plausível era que ela estivesse tendo alucinações. Não por ser louca – minha mãe era, provavelmente, a pessoa mais estável que já conheci –, mas porque ela deve ter passado aqueles primeiros anos num mundo nebuloso de completa exaustão. E não estou falando do cansaço que se resolve facilmente colocando o sono em dia. Estou me referindo à interminável exaustão física, mental e emocional que faz uma pessoa parecer ter sido agarrada pelas orelhas e girada em círculos por horas antes de ser largada na mesa de jantar à sua frente.

A vida da minha mãe deve ter sido um inferno. Com 25 anos e três bebês em fraldas de *pano*, ela se isolou completamente durante os dois anos seguintes – a não ser nas ocasiões em que a mãe dela fazia uma visita. Não havia ninguém da família por perto para dar apoio. Éramos pobres e vivíamos no meio do nada. Minha mãe não podia nem se aventurar até a cidade mais próxima, pois meu pai ia com o carro para a faculdade e para o trabalho.

Acrescente a esse cenário dois invernos de Minnesota – com a neve literalmente cobrindo os muros –, subtraia o meu pai sempre ocupado, some as

reclamações e choradeiras de crianças e bebês, e mesmo com tudo isso não acho que seja possível imaginar como ela deve ter sido infeliz.

Meu pai também não ajudava muito. Naquele momento, ele simplesmente não tinha como. Eu me perguntava com frequência por que ele não procurara um emprego normal, mas não tinha como, pois precisava conciliar o trabalho, os estudos e as aulas. Ele saía ao nascer do sol e voltava muito tempo depois de todos já estarem dormindo. Então, com exceção de três crianças pequenas, minha mãe não tinha absolutamente ninguém com quem conversar. Ela deve ter passado dias, até mesmo semanas, sem ter uma única conversa adulta.

Por ser o mais velho, minha mãe incumbiu Micah de responsabilidades que estavam muito além da idade dele – certamente mais do que eu jamais atreveria confiar aos meus filhos hoje. Ela costumava encher as nossas cabeças com valores antiquados do meio-oeste, e o mandamento do filho mais velho logo se tornou: "É seu dever cuidar do seu irmão e da sua irmã, não importa o que aconteça." E, mesmo aos 3 anos de idade, ele o fazia.



Micah ajudou a nos alimentar, a nos dar banho, a nos entreter e tomava conta de nós enquanto explorávamos o quintal. Existem fotos nos álbuns de família que mostram Micah ninando minha irmã enquanto lhe dava mamadeira, apesar de ele não ser muito maior do que ela.

Compreendi que aquilo fora bom para ele, pois uma pessoa precisa aprender a ter senso de responsabilidade. Não é algo que aparece magicamente só porque de repente você começa a precisar. Mas acho que, por Micah ter sido tratado tantas vezes como adulto, ele realmente acreditara que era um adulto e que tinha alguns direitos. Suponho que isso o tenha levado a desenvolver uma personalidade teimosa e quase adulta de legitimidade muito antes de frequentar a escola.

De fato, minha primeira lembrança é do meu irmão. Eu tinha 2 anos e meio – Micah tinha um ano a mais – e era um fim de semana de verão. A grama se erguia a mais de 30 centímetros de altura. Meu pai estava se preparando para apará-la e havia tirado o cortador de grama do galpão. Micah amava o cortador de grama, e me lembro vagamente do meu irmão implorando ao meu pai para deixá-lo apará-la, apesar de ainda não ser forte o suficiente para manusear o aparelho. Meu pai negou, é claro, mas meu irmão – com todos os seus 13 quilos – não conseguia entender a lógica da situação. E, como ele me disse depois, também não estava disposto a tolerar aquele absurdo.

Então resolveu fugir.

Sei o que você está pensando. "Ele tem 3 anos e meio. Até onde conseguiria chegar?" Meu filho mais velho, Miles, também ameaçou fugir com essa idade, e eu e minha esposa respondíamos dizendo:

– Vá em frente. Só não passe da esquina.

Miles, gentil e temeroso que era, de fato não passava da esquina, onde podíamos vê-lo da janela da cozinha.

Mas o meu irmão não. Seu raciocínio foi mais ou menos assim: "Vou correr até bem longe e, como sempre tenho que cuidar dos meus irmãos, acho que precisarei levá-los comigo."

E foi o que ele fez. Colocou a minha irmã de 18 meses no carrinho, pegou a minha mão e, esgueirando-se por trás da sebe para que nossos pais não nos vissem, ele começou a nos conduzir em direção à cidade. A propósito, ela ficava a mais de 3 quilômetros de distância, e o único jeito de chegar era atravessando uma rodovia movimentada de duas faixas.

Quase conseguimos. Eu me lembro de marchar pelos campos com o mato quase da minha altura, vendo as borboletas no céu de verão. Continuamos caminhando pelo que pareceu uma eternidade antes de finalmente alcançarmos a rodovia. Paramos ali – três crianças com menos de 4 anos e uma que ainda usava fraldas –, fustigados por poderosas rajadas de vento conforme caminhões e carros passavam a 90 quilômetros por hora a poucos metros de distância. Eu lembro que meu irmão disse:

– Você precisa correr rápido quando eu mandar.

Também me lembro das buzinas e dos pneus freando depois que Micah gritou "Corre!" e eu cambaleava pela rodovia, tentando acompanhar sua

velocidade.

Não sei muito bem o que aconteceu depois. Lembro que fiquei cansado e com fome, e finalmente me enfiei no carrinho junto com minha irmã enquanto Micah nos carregava como um husky siberiano puxador de trenós atravessando a neve do Alasca. Mas também me lembro de ter sentido orgulho dele. Aquilo era divertido, era uma aventura. E, apesar de tudo, eu me sentia seguro. Micah cuidaria de mim, e minha mãe sempre dizia: "Faça o que o seu irmão mandar."

Mesmo naquela época, eu obedeci. Ao contrário do meu irmão, eu cresci fazendo o que me mandavam fazer.

Algum tempo depois atravessamos uma ponte e subimos uma colina. Quando alcançamos o topo conseguimos ver a cidade no vale logo abaixo. Anos mais tarde, entendi que devíamos ter saído por horas – pernas curtas levam certo tempo para atravessar 3 quilômetros – e recordo vagamente quando meu irmão prometeu nos dar um pouco de sorvete. No mesmo instante ouvimos gritos, então olhei por cima do ombro e vi a minha mãe correndo freneticamente em nossa direção, colina acima. Ela gritava "PAREM!" enquanto sacudia um mata-moscas sobre a cabeça.

A propósito, era com esse objeto que ela nos punia.

Meu irmão detestava o mata-moscas.

Micah era, de longe, a vítima mais frequente da punição pelo mata-moscas. Minha mãe gostava do método, pois, apesar de arder, não chegava a doer, e ainda fazia um estrondo quando batia na fralda ou nas calças. Era o som que realmente fazia efeito, pois parecia um balão estourando, e até hoje tenho uma estranha sensação de júbilo vingador quando mato insetos.

Pouco tempo depois Micah fugiu de novo. Ele se meteu em alguma encrenca, e dessa vez foi meu pai que pegou o mata-moscas. Àquela altura Micah já havia se cansado desse tipo de punição, então, quando viu meu pai alcançando o objeto, ele disse com firmeza:

– Você não vai me bater com isso.

Meu pai se virou, com o mata-moscas nas mãos, e foi aí que Micah saiu correndo. Sentado na sala de estar, observei meu irmão de 4 anos fugir da cozinha, passar por mim e subir as escadas com o nosso pai em seu encalço. Escutei a algazarra no andar de cima enquanto Micah executava várias

acrobacias inescrutáveis no quarto, e, momentos depois, ele corria outra vez escada abaixo, passando por mim, atravessando a cozinha e saindo com tudo pela porta dos fundos, movendo-se mais rápido do que eu jamais vira ele fazer.

Meu pai, bufando sem fôlego – consequência de ter fumado a vida toda –, desceu as escadas e o seguiu. Não vi nenhum dos dois por horas. Depois de escurecer, quando eu já estava na cama, ergui os olhos e vi minha mãe trazendo Micah para o quarto. Ela o colocou na cama e beijou sua bochecha. Apesar da escuridão, vi que ele estava imundo, coberto de sujeira. Parecia que tinha passado as últimas horas debaixo da terra. Assim que ela saiu, perguntei a ele o que tinha acontecido.

– Eu disse para o papai que ele não ia me bater com aquilo – explicou Micah.

– E ele bateu?

– Não, ele não me alcançou. E depois não conseguiu me encontrar.

Sorri e pensei: "Eu sabia que você ia conseguir."

Capítulo 2

Alguns dias depois de enviar as informações sobre a viagem para Micah, o telefone tocou. Eu estava sentado no escritório, lidando com outro dia improdutivo de escrita. Quando atendi, Micah começou a falar quase imediatamente.

– Essa viagem é... fantástica – disse ele. – Você viu aonde nós vamos? Para a Ilha de Páscoa e para o Camboja! Vamos ver o Taj Mahal! Vamos para o interior da Austrália!

– Eu sei – respondi. – Não parece legal?

– É mais do que legal, é incrível! Você viu que vamos fazer um passeio de trenó na Noruega?

– É, eu sei...

– Vamos montar elefantes na Índia!

– Eu sei...

– Vamos para a África! África! Dá para acreditar?

– Eu sei...

– Isso vai ser ótimo!

– Então Christine deixou você ir?

– Eu disse que vou.

– Eu sei. Mas Christine aceitou sua decisão?

– Ela não ficou feliz, mas aceitou. Quero dizer... África! Índia! Camboja! Com o meu irmão! O que ela poderia dizer?

Ela poderia ter dito não, pensei. Eles tinham dois filhos – Peyton, com alguns meses de idade, e Alli, de 9 anos –, e Micah estava planejando ficar um mês fora pouco depois do primeiro aniversário de Peyton. Mas eu tinha certeza de que Christine, assim como Cathy, compreendia que Micah precisava me ver tanto quanto eu precisava vê-lo, embora por razões diferentes.

Como irmãos, passamos a depender um do outro em épocas de crise, uma dependência que só ficou mais forte com o passar dos anos. Tínhamos contado um com o outro no decorrer de dificuldades pessoais e emocionais, havíamos compartilhado os altos e baixos da vida. Aprendemos muito a nosso respeito ao nos conhecermos melhor, e, enquanto irmãos costumam ser próximos por natureza, comigo e com Micah essa relação ia um passo além. O som da voz do meu irmão sempre me lembra a infância que compartilhamos, e sua risada inevitavelmente traz à tona memórias distantes, imagens perdidas desdobrando-se sem aviso, como bandeiras ao vento.

– Alô? Nick? Você ainda está aí?

– Sim, estou aqui. Só estava pensando.

– Em quê? Na viagem?

– Não – respondi. – Estava pensando sobre as aventuras que tivemos na infância.

– Em Minnesota?

– Não, em Los Angeles.

– O que o fez pensar nisso?

– Não sei direito – admiti. – Às vezes acontece.

Em 1969, nossa família se mudou dos invernos frios de Minnesota para Inglewood, na Califórnia. Meu pai tinha sido aceito no programa de doutorado da Universidade do Sul da Califórnia, e fomos viver numa região pobre bem no centro de Los Angeles. A comunidade para onde nos mudamos ainda fervilhava com as memórias furiosas dos Tumultos de Watts de 1965. Éramos uma das poucas famílias brancas no complexo de apartamentos detonado que passamos a chamar de lar, e tínhamos como vizinhos prostitutas, traficantes de drogas e membros de gangues.

Era um imóvel pequeno com dois quartos, uma sala e uma cozinha, mas tenho certeza de que a minha mãe enxergou aquilo como um grande progresso em relação à sua vida em Minnesota. Mesmo sem contar com o apoio da família, pela primeira vez em dois anos ela teria vizinhos com quem conversar, ainda que fossem diferentes das pessoas com quem crescera no Nebraska. Ela também podia ir andando até o mercado para fazer compras, ou pelo menos caminhar pelas ruas e ver gente.



As crianças costumam venerar os pais, e eu não era diferente. Com olhos castanho-escuros, cabelos escuros e pele branca como leite, eu achava minha mãe linda. Apesar das dificuldades enfrentadas em nossos primeiros anos de vida, não tenho nenhuma lembrança dela descontando suas frustrações em nós. É uma daquelas mulheres que nasceram para ser mãe, e seu amor por nós era incondicional. Em muitos sentidos éramos a *vida* dela. Ela sorria mais do que qualquer outra pessoa que já conheci. E não eram sorrisos falsos, que parecem forçados e nos dão arrepios. Os sorrisos de mamãe eram autênticos e deixavam

qualquer pessoa com vontade de correr para os braços dela, sempre abertos para nós.

Meu pai, por outro lado, ainda era um mistério. Com cabelos ruivo-amarelados, ele tinha sardas e costumava sofrer com queimaduras solares. Era o único da família que gostava de música. Tocava gaita e violão, e assobiava compulsivamente quando estava estressado, o que parecia acontecer o tempo todo. Não que alguém pudesse culpá-lo. Em Los Angeles ele se acomodou à mesma rotina cansativa que tinha em Minnesota: frequentava aulas, estudava e trabalhava à noite como faxineiro e garçom para nos prover com as necessidades básicas. Mesmo assim ainda dependia da ajuda dos próprios pais e dos sogros para pagar as despesas.

Quando estava em casa, meu pai costumava ficar preocupado a ponto de parecer distraído. A memória mais consistente que tenho dele é de vê-lo sentado à mesa com a cabeça inclinada sobre um livro. Um verdadeiro intelectual. Não era o tipo de pai que gostava de jogar bola, andar de bicicleta ou fazer caminhadas, mas, como nunca tivéramos uma experiência diferente, aquilo não nos incomodava. Em vez disso, o seu propósito – para nós, crianças, em todo caso – era nos prover e disciplinar. Se saíssemos do controle – algo que fazíamos com uma frequência surpreendente –, minha mãe nos ameaçava dizendo que contaria tudo ao nosso pai quando ele voltasse para casa. Não sei por que isso nos aterrorizava tanto, já que ele não era agressivo. Acho que simplesmente não o conhecíamos.

Os anos que passamos em Minnesota nos uniram como irmãos. Por muito tempo Micah, Dana e eu fomos os únicos amigos que tivemos, e em Los Angeles aquilo não mudou. Dividimos o mesmo quarto e os mesmos brinquedos e estávamos quase sempre juntos. Nas manhãs de sábado ligávamos a TV para ver desenhos e passávamos horas brincando com bonecos da antiga coleção de caubóis Johnny West. Os bonecos incluíam a família West (Johnny, Jane e as crianças), soldados (o general Custer e o capitão Maddox), um fora da lei (Sam Cobra) e índios (Geronimo, chefe Cherokee e Águia Feroz), além de parafernálias que incluíam fortes, carroças de caubói e rebanhos de gado. No decorrer dos anos acho que juntamos cada item da coleção umas três ou quatro vezes. Brincávamos com os bonecos inventando uma aventura após outra, até eles literalmente caírem aos pedaços.

Como minha irmã era a mais nova, ela costumava ficar em casa com a minha mãe enquanto eu e meu irmão pouco a pouco começamos a descobrir o mundo lá fora. Meus pais pareciam acreditar – um tanto ingenuamente, penso hoje – que ficaríamos seguros na companhia um do outro, não importava quão perigosas fossem as ruas, e nos deixavam explorar a vizinhança sozinhos antes mesmo de eu fazer 5 anos. Apenas exigiam que voltássemos para casa na hora do jantar. Nem minha mãe nem meu pai se deram o trabalho de estabelecer limites quanto à distância que podíamos percorrer, desde que mantivéssemos nossa parte do acordo, e essa foi uma liberdade que Micah e eu levamos ao extremo.

Aonde quer que meu irmão fosse, eu o acompanhava, com um senso cada vez maior de adoração. Passávamos as tardes explorando apartamentos abandonados ou conversando com nossas vizinhas adultas enquanto elas ficavam na calçada esperando clientes. Podíamos ficar horas observando adolescentes consertarem carros no estacionamento, e às vezes nos sentávamos nos degraus com vários membros de gangues enquanto eles tomavam cerveja e agarravam as namoradas. Era muito divertido, sempre havia algo para ver e fazer, e, mesmo quando alguns tiros soavam a distância, não ficávamos muito assustados.

Por alguma razão, estávamos seguros ali. Talvez porque todos, até mesmo os membros de gangues, soubessem que não éramos uma ameaça e que provavelmente tínhamos ainda menos dinheiro do que eles. Éramos muito pobres.

Fomos criados à base de uma dieta de leite em pó, batatas e aveia. Só quando entrei na escola foi que descobri que o leite vinha na forma líquida. Nunca saíamos para comer, visitar museus, ver jogos de futebol nem sequer ir ao cinema. O carro que meu pai comprara para ir ao trabalho e à universidade custara menos de 100 dólares. Quando começamos a ir à escola, ganhávamos um par de sapatos e uma calça nova por ano. Se as roupas rasgassem, minha mãe passava ferro nos remendos até parecer que eles faziam parte do design dos jeans. Nossos poucos brinquedos de montar e os já mencionados bonecos Johnny West foram todos presentes de Natal ou de aniversário. Paramos de pedir qualquer coisa que aparecesse pela frente quando íamos à alguma loja com mamãe.

Só hoje me dou conta de que provavelmente vivíamos bem abaixo da linha da pobreza. É certo que não sabíamos disso na época e, para ser honesto, nem

nos importávamos. Além disso, minha mãe não teria tolerado reclamações de nossa parte. Ela acreditava muito em força de caráter. Detestava birras, choros e desculpas, e estava determinada a eliminar essas características de seus filhos. Se disséssemos algo como "Mas eu quero isso!", sua resposta era sempre a mesma. Ela dava de ombros e respondia, com o tom de voz inalterado:

– Que pena, filho. O que você quer e o que você tem costumam ser duas coisas completamente diferentes.

Sua opinião sobre força de caráter assustaria a maior parte dos pais de hoje. Quando Micah entrou na escola, por exemplo, os ônibus escolares estavam sendo usados para forçar uma integração maior com as escolas do centro da cidade. Consequentemente, não tinha vaga para ele na escola perto de casa. Então, meu irmão tinha que caminhar mais de um quilômetro e meio até o ponto de ônibus, percorrendo vias movimentadas, bairros violentos e até pegando um atalho por um ferro-velho.

No primeiro dia do jardim de infância, ela acompanhou Micah até o ponto de ônibus. No dia seguinte ele foi sozinho. Depois de uma semana ele contou que algumas garotas mais velhas, do oitavo ano ou algo assim, mas imensas para uma criança no jardim de infância, tinham-no encurralado no ferro-velho e roubado seu dinheiro para o leite. Elas o haviam ameaçado, dizendo que, se ele não lhes desse um trocado todos os dias, elas o machucariam.

– Elas disseram que vão me encher de pancadas – choramingou Micah.

Existem muitas formas de um pai ou uma mãe lidar com esse tipo de situação. Minha mãe poderia ter começado a levar Micah até a escola, por exemplo, ou ter ido com ele um dia, confrontado as garotas e ameaçado chamar a polícia se outro incidente ocorresse. Ela também poderia ter tentado descobrir quem eram os pais das garotas e conversado com eles, ou encontrado alguém da escola que pudesse dar uma carona. Talvez ela pudesse até mesmo ter falado com alguém da escola.

Mas essas opções não eram válidas para a minha mãe. Depois que Micah contou a história, ela se levantou da mesa e deixou a sala por alguns minutos. Quando voltou estava carregando uma velha lancheira do ator e cantor norte-americano Roy Rogers, enferrujada e amassada, que pertencera ao seu irmão mais novo, e disse:

– Amanhã vamos colocar o seu lanche aqui dentro em vez de usar o saco marrom. Se elas tentarem tirar o seu dinheiro, acerte-as com a lancheira. Assim...

Posicionando o braço como uma domadora de leões, ela começou a demonstrar o movimento, balançando a lancheira num arco amplo, enquanto Micah, sentado à mesa, observava.

No dia seguinte meu irmão de 6 anos marchou para a escola com a velha lancheira. E, cumprindo a ameaça, as garotas o cercaram quando ele não quis dar o dinheiro. Assim que a primeira avançou para cima dele, Micah fez exatamente o que a minha mãe havia ensinado.

Naquela noite, em nosso quarto, ele me contou o que tinha acontecido:

– Eu balancei com toda a minha força – disse Micah.

– Você não ficou assustado?

Apertando os lábios, ele assentiu.

– Mas eu continuei balançando e acertando as garotas até elas saírem correndo e chorando.

As meninas nunca mais o incomodaram.

Em 1971 nos mudamos de novo, desta vez para Playa del Rey – outra região de Los Angeles. Por razões óbvias (os tiroteios noturnos começaram a soar muito perto), nossos pais acharam que o novo local seria mais seguro para nós do que Inglewood.

Àquela altura eu já estava no jardim de infância, mas, por causa do ano que nos separava e do programa de integração racial nas escolas, eu e Micah fomos parar em escolas diferentes. Enquanto os alunos da minha turma pareciam estudantes de qualquer subúrbio de Iowa, o ônibus de Micah o levou para uma das escolas no centro da cidade, em uma classe na qual ele era a única criança branca.

Mas continuamos passando as tardes juntos e fazíamos as mesmas coisas que costumávamos fazer em Inglewood. Éramos dois garotos pequenos sem medo do mundo. Saíamos do condomínio e passávamos horas indo para qualquer lugar – caminhávamos alguns quilômetros até o cais, onde víamos os barcos ancorados; escalávamos pontes e postes em busca de ovos de aves; ou então explorávamos casas vazias e decadentes atrás de algo interessante que pudesse ter sido deixado para trás. Em outras ocasiões seguíamos na direção oposta partindo do nosso

condomínio, atravessávamos algumas avenidas e pulávamos algumas cercas para visitar a escola de ensino médio. No fim das tardes ela costumava estar vazia, e adorávamos os campos abertos, muito maiores do que os das nossas escolas.

Gostávamos de apostar corridas, brincar de se esconder ou então simplesmente caminhar pelos corredores, olhando para as salas de aula. Um dia vimos um corvo nas árvores, o que nos deixou muito entusiasmados. Começamos a segui-lo enquanto ele voava de uma árvore para outra. Depois daquele dia, sempre que visitávamos a escola íamos em busca do corvo, e, surpreendentemente, ele quase sempre estava lá. Chamávamos o pássaro por um tempo e então procurávamos outra coisa para fazer. Mas não demorava muito para vermos o corvo de novo, em alguma das árvores perto de onde estávamos brincando. Pouco tempo depois não conseguíamos mais ir para qualquer lugar perto da escola sem ver o corvo. Ele estava sempre por perto. O corvo, logo percebemos, estava nos seguindo.

Começamos a alimentá-lo. Jogávamos um pedaço de pão no chão e o corvo dava um rasante para comer e depois saía voando. Aos poucos ele passou a ficar no chão por tempo suficiente para nos aproximarmos. Então passamos a dar ameixas para ele, e o corvo ficou mais confortável com nossa presença. Chegamos ao ponto em que podíamos segurar a ameixa no chão com o braço estendido e ele se aproximava sem hesitar e começava a comer. O animal estava virando uma espécie de bicho de estimação, e começamos a tratá-lo dessa forma. Pegamos a câmera da mamãe e conseguimos tirar fotos dele em close-up, que exibíamos com orgulho quando o filme era revelado. Nós o chamamos de Blackie. Blackie era legal. Blackie era demais. Blackie, acabamos descobrindo, era um monstro.

Por mais interessados que estivéssemos pela ave, percebemos que ela tinha adquirido um interesse ainda maior por nós. Especialmente por nossos cabelos. Éramos louros, por isso nossos cabelos reluziam ao sol, e ficamos sabendo que corvos adoram coisas brilhantes. Eles também constroem ninhos. Juntando as duas afirmações, dá para imaginar o que aconteceu em seguida.

Estávamos na escola certa tarde quando, de repente, Blackie veio voando em nossa direção, descendo em voos rasantes sobre as nossas cabeças como um avião de combate atacando um navio. Ele grasnava, e resolvemos dar o fora. Blackie nos seguiu.

Sua envergadura pareceu ter crescido exponencialmente da noite para o dia e logo corríamos a toda gritando desesperados enquanto Blackie zumbia sobre as nossas cabeças. Encontramos um esconderijo temporário perto de algumas lixeiras e tentamos pensar num jeito de voltar para casa. Finalmente arriscamos sair do esconderijo e, vendo que a barra estava limpa, saímos correndo.

Acompanhar Micah era impossível, e eu fui diminuindo o passo aos poucos. Naquele instante Blackie desceu com tudo e pousou na minha cabeça, e essa foi a coisa mais aterrorizante que aconteceu na minha infância. Entrei em pânico, sem conseguir respirar, incapaz de mover um músculo. Senti as garras de Blackie tentando escavar meu couro cabeludo, e – para piorar o horror – a ave começou a bicar com força, sua cabeça subindo e descendo como as bombas de petróleo em Oklahoma. Eu gritei. Blackie me bicou com mais força. E foi assim que a coisa se desenrolou. Bicada, grito. Bicada, grito. Bicada, grito. Bicada, grito. Parecia que o corvo estava tentando abrir um buraco no meu crânio para sugar meu cérebro.

Eu lembro vagamente que meu irmão havia desaparecido do meu campo de visão – ele não sabia que Blackie tinha voltado – até o primeiro grito. Dando meia-volta, Micah correu na minha direção, berrando que eu tinha que empurrar o corvo para longe. Mas eu estava atônito, imobilizado. Tudo o que consegui fazer foi ficar parado enquanto Blackie tentava me matar, uma bicada por vez.

Micah, claro, sabia o que fazer. Gritando e balançando as mãos como um louco, ele conseguiu desalojar a ave demoníaca do meu escalpo. Em seguida, enquanto Blackie continuava mergulhando em nossa direção, Micah tirou a camisa e a balançou como uma bandeira. Finalmente o corvo recuou para a segurança das árvores.

No caminho de volta para casa fiquei constrangido por ter sentido tanto medo. Mas Micah não. Ele tinha encarado Blackie enquanto eu entrava em pânico. Ele lutou, e eu fiquei paralisado. Passei a acreditar que meu irmão, ao contrário de mim, era capaz de qualquer coisa. E, enquanto me esforçava para acompanhar seu passo, tudo o que eu queria era ser como ele.

Capítulo 3

Depois de confirmar e reservar nossos lugares na viagem ao redor do mundo, Micah e eu começamos a tomar as providências necessárias. Entre outras coisas, precisávamos tomar uma série de vacinas, inclusive para febre amarela e hepatite A e B, além de obter vistos de entrada na Índia, na Etiópia e no Camboja.

À medida que a primavera se transformava em verão, meu irmão e eu conversávamos sobre a viagem com frequência, mas, estranhamente, quanto mais falávamos, mais as nossas reações em relação à aventura divergiam. Enquanto Micah estava cada vez mais animado para ver os lugares que visitaríamos, eu comecei a ficar ansioso com a ideia de partir. Quando ele me telefonava querendo falar sobre a viagem, eu tentava evitar o assunto.

Talvez se tratasse de remorso de comprador, mas comecei a sentir que a decisão de ir fora um erro. Por mais excitante que fosse a ideia, por mais que eu quisesse visitar todos aqueles lugares, não conseguia me imaginar fora de casa por várias semanas.

Entre trabalho e família, eu não me lembrava da última vez em que tivera tempo livre. Se a minha vida em casa era caótica, minha carreira me ocupava ainda mais, e a ideia de viajar por prazer não só aumentou minha ansiedade como também fez com que eu me sentisse extremamente culpado. Se eu tinha um mês sobrando, não deveria passar o tempo com as crianças? Ou com minha

esposa? Se eu mal conseguia dar conta de tudo agora, como podia sequer pensar em passar um mês viajando para me divertir?

Toda a ideia da viagem parecia errada. Mas, se você soubesse em que ponto eu estava em 2002, entenderia o porquê.

Gosto de pensar na vida como se fosse um rio, com correntezas e quedas-d'água. Há períodos em que as coisas parecem fluir tranquilamente. Você está em sua canoa, remando sem pressa, curtindo a paisagem. Um dia flui para o próximo, você faz tudo que precisa ser feito, e de alguma forma ainda sobra tempo para relaxar.

Então, bem devagar, o rio começa a fluir mais rápido; ainda é possível controlar todas as coisas, mas com um pouco mais de esforço. Em seguida vêm as correntezas, e de repente tudo é mais desafiador. Talvez um novo projeto no trabalho surja, talvez um membro da família adoeça, você se mude ou seja demitido.

Independentemente do motivo, você passa esses períodos conduzindo a canoa num esforço para se manter à tona. Ao acordar pela manhã você sente que já está atrasado, e cada dia se torna uma corrida frenética contra o tempo para concluir tudo o que precisa ser feito. Aí as correntezas começam a ficar cada vez mais rápidas, e você vai junto. Você "tem que", você "precisa", você "não tem escolha". Você simplesmente vai. E, a distância, ouve o estrondo de uma queda-d'água, e se convence de que sua única opção é remar ainda mais rápido. Você precisa atravessar as correntezas e, de alguma forma, chegar a um lugar seguro. Caso contrário, a queda-d'água vai derrubá-lo.

Era isso que eu estava enfrentando em 2002. Eu me encontrava no meio das correntezas, remando como um louco, a queda-d'água cada vez mais perto. Mentalmente. Fisicamente. Emocionalmente. E já estava naquela situação havia três anos.

Não tenho orgulho disso. Não é um sinal de sucesso. É uma vida sem qualquer tipo de equilíbrio. A longo prazo, a queda-d'água vai alcançá-lo. Hoje eu sei disso. Mas o problema é que na época eu não sabia.

No entanto, minha mulher compreendia a situação. Cat é uma daquelas pessoas especiais que enxergam tudo no contexto mais amplo. Ela não só é uma mãe atenciosa como também vive conversando com várias amigas. É próxima da família e, ocupada como estava – com cinco crianças, três com menos de 2 anos

–, ela ainda passava os dias sem ser afetada pela urgência desesperada da qual eu parecia incapaz de fugir. Ela, mais do que ninguém, sabia que eu precisava dar uma escapada. Também sabia que minha inclinação natural era negar essa necessidade e pensar de repente em alguma desculpa para não ir. Ou, pior ainda, ir e me recusar a relaxar e aproveitar.

Certa noite, deitada na cama, ela me perguntou sobre a viagem e eu resmunguei de novo que estava receoso. Ela rolou e se virou para mim.

– Você vai se divertir – insistiu Cat. – E precisa ir. Nunca fez nada assim.

– Eu sei. Mas não é um momento muito bom.

– Nunca vai ser um bom momento. Você sempre vai estar ocupado. É parte da sua natureza.

– Não, não é.

– Claro que é. Na verdade, você nunca se permite não estar ocupado.

– Só nos últimos anos.

Cathy meneou a cabeça.

– Não, amor. Você esteve ocupado desde que eu o conheci. Não consegue não estar ocupado.

– Sério?

– Sério.

Pensei sobre aquilo.

– Nos próximos anos, eu vou estar ocupado mesmo. Mas depois disso vou diminuir o ritmo. Em alguns anos tenho certeza de que vou poder fazer algo assim.

– Você disse a mesma coisa um tempo atrás.

– Eu disse?

– Disse.

Fiquei quieto por um momento.

– Acho que estava enganado, então. Mas tenho certeza de que dessa vez estou certo.

Cat suspirou.

Apesar da conversa, minha ansiedade com a viagem só cresceu conforme o outono se aproximava. Meu irmão, assim como Cat, sentiu a minha hesitação e começou a ligar com mais frequência, fazendo o melhor que podia para fortalecer meu interesse.

– Ei, Nicky, recebeu o pacote da TCS? – perguntou Micah numa ligação.

A TCS era a empresa encarregada da viagem. Eu estava à mesa do escritório, trabalhando em meu novo livro, *O guardião*. No canto da sala, havia duas caixas grandes empilhadas, ainda fechadas, intocadas havia duas semanas.

– Recebi, mas ainda não abri.

– Por que não?

– Não tive tempo.

– Então abra – pediu ele. – Eles mandaram um monte de coisas legais. Enviaram uma jaqueta, uma mochila e uma mala, e outras coisas. Tem também um roteiro...

– Eu abro no fim de semana.

– Você devia abrir agora – insistiu Micah. – Aliás, acho que você já deveria ter enviado uma das fichas de saúde. E precisa decidir aonde quer ir na Guatemala: nas ruínas ou no mercado do centro da cidade. Tem que enviar essas informações até o fim da semana.

Fechei os olhos, preocupado por acrescentar mais coisas à minha já extensa lista de tarefas.

– Tudo bem. Vou abrir hoje à noite se der tempo.

Houve uma pausa demorada.

– Qual é o problema? – perguntou Micah.

– Nenhum – respondi.

– Você não parece muito animado.

– Eu vou ficar. Na hora de ir, quero dizer. Agora tenho tanto trabalho que não tive tempo para pensar muito sobre a viagem. Vou ficar mais animado quando chegar mais perto. Agora estou atolado.

Micah respirou fundo.

– Você está cometendo um erro – disse ele.

– O que quer dizer?

– Você ainda não aprendeu? – perguntou Micah. – A expectativa é uma parte essencial dessa viagem. A empolgação, os lugares que vamos visitar, as pessoas que vamos conhecer. Isso é parte da alegria da coisa toda.

– Eu sei, mas...

– Você não está me ouvindo, irmãozinho. – Micah me interrompeu. – Nunca se esqueça de que a expectativa é uma parte importante da vida. O trabalho é

importante, a família é importante, mas sem entusiasmo você não tem nada. Estará se privando caso se recuse a aproveitar o que vem por aí.

Fechei os olhos, sabendo que ele tinha razão, mas ainda perdido em tudo o que eu tinha para fazer.

– É que agora minhas prioridades são diferentes.

– Isso é parte do seu problema – disse ele, com firmeza na voz. – Você sempre tem prioridades diferentes.

Enquanto suspensões tinham se tornado, desde cedo, um aspecto constante na vida escolar de Micah, eu descobri que amava a escola. Tudo no meu primeiro ano foi fácil – minha professora era um doce, as crianças eram legais e nada do que ensinavam parecia difícil. Ainda assim, por ser um ano mais velho, Micah estava mais avançado que eu na maior parte das matérias. Ou foi o que eu pensei.

Nossos pais nos fizeram entrar para os escoteiros, e um dos nossos projetos foi esculpir um foguete de madeira impulsionado por um cartucho de gás carbônico e mantido no lugar por um cabo. Todos os foguetes feitos pelos escoteiros disputariam uma corrida. Eu e Micah caminhamos alguns quilômetros até o saguão de recreação sozinhos, ansiosos para ver como seria o nosso desempenho. Meu foguete perdeu no primeiro round. Mas o de Micah ganhou, e continuou vencendo.

No fim das contas, o foguete do meu irmão acabou conquistando o segundo lugar, e eu senti orgulho e inveja dele ao mesmo tempo. Foi a primeira vez que senti inveja de Micah, e a sensação aumentou quando ele recebeu uma fita vermelha em meio a aplausos. Ele não só podia fazer qualquer coisa, percebi, como também era capaz de fazer tudo melhor do que eu. Enquanto isso a fita que eu recebi, entregue para todos que, como eu, não tinham conseguido finalizar a disputa, só fez com que eu me sentisse pior. Eu ainda estava aprendendo as letras e os sons – conseguia ler palavras curtas, porém as mais compridas costumavam ser incompreensíveis. Não fazia ideia do que estava escrito na fita, só sabia que ela tinha sido entregue para as pessoas que não se saíram bem.

Mesmo assim me esforcei para ler o que estava escrito. Tinha duas palavras, e a primeira era “menção”. Reconheci a palavra de cara, mas a segunda não parecia fazer sentido, então tentei soletrar. Começava com HO, tinha um R no meio e

terminava com OSA... meus lábios começaram a formar a palavra, e de repente fiquei pálido.

"Ah, não", pensei. "Não pode ser..."

Encarei a palavra, tentando piscar até que desaparecesse. Mas lá estava ela, à mostra para todos verem.

O mundo começou a girar quando finalmente me dei conta. É claro, pensei. Fazia sentido. Senti meu estômago dar um nó e quis chorar. A distância, vi meu irmão exibindo seu foguete e sua fita com orgulho, no meio das pessoas que tinham ido *Bem*. Enquanto isso, pessoas como eu tinham feito exatamente o que a fita dizia. Uma atuação horrorosa. Eles haviam me dado uma fita que dizia *Menção Horrorosa.*

Não me recordo de ir embora, mas me lembro da caminhada de volta para casa. Micah sabia que eu estava chateado, mas eu só balançava a cabeça quando ele perguntava por quê. Então, quando a sensação ficou intolerável, estendi a fita na direção dele.

– Olhe! – gritei. – Eu fui horroroso. É isso que a fita diz.

– Não é isso que a sua fita diz.

– Olhe!

Ele encarou a palavra, tentando soletrar como eu tinha feito, e aí ergueu os olhos devagar para mim, parecendo também prestes a chorar.

– Isso não é muito legal – balbuciou.

Ah... não... Eu estava *certo*. Percebi que estava me apoiando a um fiapo de esperança de que talvez tivesse, de alguma forma, lido errado. De que eu tinha me enganado. Mas eu não tinha, e senti que a represa que continha meus sentimentos estava prestes a ceder.

– Eu tentei o melhor que pude... tentei mesmo... – balbuciei, e comecei a chorar.

Meus ombros estremeceram violentamente, e Micah colocou os braços ao meu redor, me puxando para perto.

– Eu sei. E o seu foguete não era horroroso.

– Mas eles disseram que era.

– Quem se importa com eles? Acho que seu foguete foi um dos melhores.

– Não acha, não.

– Acho, sim. Você fez um belo trabalho com ele. Estou orgulhoso do seu foguete. E nunca mais vou voltar para os escoteiros. Não se eles fizeram isso.

Não sabia se o que ele dissera me fez sentir melhor ou pior. Só sabia que eu precisava dele.

Àquela altura eu queria esquecer a coisa toda, mas Micah não deixou.

– Não consigo acreditar que eles disseram que você era horroroso – Micah continuou murmurando, incrédulo.

Toda vez que ele dizia aquilo meus ombros caíam mais.

Quando finalmente chegamos em casa, mamãe estava cozinhando alguma coisa. Ela se virou para nós.

– E aí, meninos? Como foram?

Por um longo tempo nenhum dos dois respondeu. Micah mostrou a fita dele, segurando bem baixo, quase como se estivesse constrangido.

– Fiquei em segundo lugar – disse ele.

Minha mãe pegou a fita e a ergueu.

– Uau! Parabéns! Segundo lugar, hein?

– Eu quase ganhei – falou Micah.

– Bem, segundo lugar é ótimo. Como você foi, Nick?

Dei de ombros sem responder, tentando conter as lágrimas. O rosto dela ficou mais sério.

– Você não ganhou uma fita?

Assenti.

– Você ganhou uma fita?

Assenti de novo.

– Mas não importa – resmunguei.

– É claro que importa. Posso ver?

Meneei a cabeça.

– Por que não, querido?

– Porque – respondi, afinal, começando a tremer – está escrito que eu fui horroroso!

As lágrimas começaram a fluir, e fechei os olhos com força, tentando contê-las.

– Não está escrito isso – disse minha mãe.

– Ah, está, sim – falou Micah. – Diz que ele foi horroroso.

Comecei a chorar mais ainda e minha mãe me abraçou.

– Posso ver?

Talvez fosse a segurança que eu sentia nos braços da minha mãe, mas finalmente juntei coragem para pôr a mão no bolso e puxar a fita amassada. Minha mãe deu uma olhada rápida antes de erguer meu queixo com um dedo.

– Não é horrorosa – disse ela. – Aqui está escrito honrosa. Isso é uma coisa boa, filho. Eles estão orgulhosos do seu trabalho. Você fez um trabalho honroso.

No começo eu não sabia se tinha escutado direito. Aí ela soletrou a palavra para mim, e me senti um pouco melhor. Ainda assim, alguma parte minha desejou nunca ter recebido aquela fita.

Em 1971, uma série de terremotos fez Los Angeles estremecer. O primeiro aconteceu no meio da noite, e eu me lembro de acordar e sentir a cama balançar violentamente, como se alguém estivesse tentando me jogar no chão.

Dana acordou na mesma hora e começou a gritar. Escutei as paredes balançarem e fazerem estalidos, vi bonecos caindo das prateleiras. O chão vibrava, quase parecia líquido. Apesar de não saber o que estava acontecendo, eu sabia que não era nada bom, e suspeitei que estivéssemos em perigo. Micah pensou a mesma coisa e pulou da cama para agarrar minha irmã e eu.

Ele começou a nos puxar para o centro do quarto quando meu pai entrou correndo pela porta, completamente nu e com os olhos arregalados. Nunca tínhamos visto nosso pai nu antes, e sua silhueta na porta foi, em alguns sentidos, mais chocante do que a cena ao nosso redor. Minha mãe estava bem atrás dele, mas vestida com um roupão. Eles entraram no quarto, nos abraçaram, nos forçaram a deitar no chão e cobriram nossos corpos com os deles para nos proteger de qualquer coisa que pudesse cair.

O chão continuou a tremer e as paredes a balançar, mas estar tão próximo da minha família teve um efeito tranquilizador. Por mais assustadora que fosse a situação, eu me lembro de subitamente sentir que tudo ficaria bem, que, de alguma forma, esse sinal óbvio de amor e preocupação por parte deles bastaria para nos proteger. Foi só quando vimos os estragos pela televisão que percebi a seriedade do que tinha acontecido. Prédios haviam desmoronado e rodovias cederam pela cidade inteira. A escala Richter estimou que o terremoto tivera

uma magnitude de 7.2, tornando-o um dos mais graves que já ocorreram na região.

Um evento daqueles exigiu uma inspeção de danos meticulosa, então eu e meu irmão passamos os próximos dias fazendo buscas, como se fôssemos inspetores de segurança. Talvez essa tenha sido a forma de tentar nos livrar do medo, e, durante o dia, parecia funcionar. Mas à noite era difícil dormir, pois começamos a ter pesadelos.

Os tremores secundários continuaram por dias depois do primeiro terremoto. No começo, meus pais continuaram a vir correndo ao nosso quarto, como aconteceu na noite do primeiro abalo, mas, conforme os tremores secundários continuavam, a reação deles foi diminuindo, até que pararam de se levantar para ver se estávamos bem. Depois nós três passamos a correr até o quarto deles.

No meio de mais um tremor secundário partimos para o quarto dos nossos pais, pulamos do pé da cama e ouvimos o ar escapando dos pulmões deles quando pousamos sobre os dois. Meu pai, obviamente começando a ficar cansado por sempre acordar no meio da noite, ouviu os apelos da minha mãe – "Faça alguma coisa, Mike!"– e decidiu pôr um fim àquela história de uma vez por todas.

Então saiu da cama pelado de novo – uma cena a que já tínhamos nos acostumado a essa altura –, de repente ele começou a fazer o que parecia uma dança indígena da chuva no meio do quarto. Balançando os braços, começou a dar voltas e cantar: "Pare, terremoto, pare, ah, ei, poderoso terremoto, vá embora..." E no instante em que ele parou de girar e cantar, *a terra parou de tremer*.

Nós o encaramos. Estávamos boquiabertos quando ele voltou para debaixo dos lençóis e nos mandou sair do quarto.

Não acho que eu precise explicar a importância de um evento desses para mentes jovens. Depois que voltamos para a cama, eu e meu irmão entendemos exatamente o que aquilo significava. Coincidência? Acho que não.

– Nosso pai tem poderes mágicos – explicou Micah solenemente.

Claro que isso nos levou a enxergá-lo de forma bem diferente, uma forma nova e emocionante, e devo dizer que, ao voltar para a escola, não hesitei em

compartilhar essa informação com os colegas. Eles também ficaram impressionados.

Além de parar terremotos, meu pai também conseguia parar a chuva. Mas nem sempre, só quando estávamos no carro, e só por um tempinho. Independentemente da força da chuva que estivesse caindo, quando passávamos pela estrada meu pai olhava por cima do ombro e nos perguntava se estávamos prontos para a chuva parar. Se respondêssemos que sim, ele pediria que fechássemos os olhos, sem espiar, e então, no momento em que ele dizia "Pare", *a chuva parava de cair*. O carro ficava quieto por cerca de um segundo, o barulho da chuva batendo na capota parava e, tão subitamente quanto tinha parado, escutávamos a chuva voltar a cair.

– Parar a chuva exige muita energia. Não posso segurar por muito tempo – dizia ele.

Alguns anos depois percebi que meu pai só parecia possuir esses poderes quando estávamos prestes a passar debaixo de uma ponte.

Em 1972 as coisas começaram a mudar em nossa família. Com o ingresso da minha irmã no jardim de infância, minha mãe começou a trabalhar, então eu ficava sozinho com Micah depois da escola. Havia uma vizinha mais velha encarregada de cuidar de nós, mas era raro ela aparecer. Em vez disso, íamos até o apartamento dela, dizíamos que estávamos em casa e a ignorávamos pelo resto da tarde. Era conveniente para ela, uma babá mais do tipo "Entre em contato apenas em caso de emergência – não quero perder a minha novela". Além do mais, já ficávamos sozinhos durante as tardes havia tanto tempo que não precisávamos de alguém para tomar conta de nós.

Não é nenhuma surpresa que meu irmão e eu tenhamos acumulado um número incrivelmente alto de machucados nos primeiros anos. Naquela época eu já tivera a cabeça aberta por uma pedra arremessada por um garoto – um caso que não apenas envolveu a polícia, como também uma visita do meu pai ao adolescente em questão, na qual o jovem rapaz foi ameaçado de graves lesões corporais se aquilo voltasse a acontecer –, perdido alguns dentes enquanto aprendia a andar de bicicleta, sofrido distensões nos pulsos e nos calcanhares e quase decepado meu dedo com um caco de vidro. Meu irmão também tinha

machucados desse tipo, só que no caso dele a coisa tendia a ser mais séria e a ocorrer com mais frequência.

Ainda assim, com exceção das vacinas exigidas, quase nunca éramos levados a médicos ou dentistas. Com "quase nunca" eu quero dizer talvez uma vez na vida, e só se houvesse uma boa chance de morrermos. Fui ao dentista pela primeira vez quando já tinha 18 anos. Às vezes eu me perguntava quanto sangue teria que perder antes que meus pais finalmente cedessem e me levassem a uma clínica.

Eles não tinham razões religiosas para evitar cuidados médicos, apenas acreditavam que buscá-los era um desperdício de tempo e algo que custaria mais do que eles podiam pagar. Acrescente a isso a exigência de sermos fortes e os únicos médicos que meu irmão e eu víamos estavam na televisão. Eu lembro, por exemplo, que, depois de ter sido atingido pela pedra, o sangue literalmente jorrava no meu rosto. Eu não conseguia enxergar direito, e mal fui capaz de cambalear de volta para casa.

– Até amanhã passa – disse minha mãe, depois de dar uma olhada na ferida. – Você tem um crânio grosso.

Por sorte eu tinha mesmo um crânio grosso, e a ferida se curou sozinha.

Mais ou menos na mesma época, no entanto, minha irmã ficou com epiglotite, uma inflamação potencialmente fatal na epiglote. Nem eu nem Micah sabíamos exatamente o que havia de errado com ela naquela manhã, só que ela estava ardendo de febre, pálida, delirante e havia vomitado a noite inteira. Meus pais, que reconheciam uma emergência de verdade quando viam uma, levaram Dana às pressas para o hospital. Infelizmente, sem plano de saúde, o estabelecimento exigiu um depósito de 200 dólares, e depois de deixar a família em casa, meu pai saiu atrás de alguém que pudesse lhe emprestar o dinheiro.

Minha mãe foi para o hospital com minha irmã e pediu que eu e Micah esperássemos perto de uma árvore no estacionamento.

– Não passem daqui, daquele ponto, nem daquele. – Ela apontou, delineando um espaço imaginário de 4 metros quadrados.

Mesmo naquela idade conseguimos perceber o medo na voz dela, e obedecemos.

Era um dia quente, devia estar fazendo uns 38 graus. Fomos deixados sem comida nem água e, para nos distrairmos do calor, passamos as horas seguintes

subindo a árvore ou caminhando exatamente dentro das linhas do quadrado imaginário. Inventamos uma brincadeira de chegar o mais perto possível das linhas sem ultrapassá-las. Em determinado momento, tropecei e caí sobre a linha. Lembro que me levantei rapidamente, mas o pensamento de ter desobedecido à minha mãe, somado ao estresse da situação, bastou para me levar às lágrimas. Como sempre, em situações como aquelas, meu irmão estava lá para me confortar. Ele passou o braço sobre o meu ombro e ficamos sentados na sombra pelo que pareceu uma eternidade.

– Você acha que Dana vai morrer? – perguntei.

– Não – respondeu ele.

– O que há de errado com ela?

– Eu não sei.

– Então como sabe que ela não vai morrer?

– Porque ela não vai. Eu sei.

Olhei para ele.

– Mamãe parecia assustada. Papai também.

Micah assentiu.

– Eu não quero que ela morra – falei.

Foi a primeira vez que contemplei essa possibilidade, e aquilo me assustou. Nossa família não tinha muita coisa, mas sempre tivemos uns aos outros. Mesmo que Dana fosse mais jovem e não saísse para as explorações como eu fazia com Micah, minha irmã já havia assumido os melhores aspectos da personalidade de nossa mãe. Ela tinha uma disposição sempre alegre; ria e sorria muito; e nos dias em que eu não seguia o meu irmão para lá e para cá, Dana era a minha melhor amiga. Nós dois adorávamos os bonecos Johnny West e à noite brincávamos juntos por horas.

Devia ser uma visão curiosa e triste, eu e Micah sozinhos no estacionamento do hospital. As pessoas nos viam assim que saíam do carro para visitar alguém lá dentro. Horas depois, quando voltavam, ainda estávamos sentados no mesmo lugar. Alguns se ofereceram para comprar um refrigerante ou algo para comermos, mas negávamos com a cabeça e dizíamos que estava tudo bem. Fomos ensinados a nunca aceitar nada de estranhos.

Mais tarde, ao subir na árvore, meu irmão perdeu o equilíbrio e caiu no asfalto. Micah caiu em cima do punho e gritou, e enquanto eu olhava o

machucado vi o punho dele começar a inchar e assumir uma coloração preto-azulada. Ficamos nos perguntando se estaria quebrado, se deveríamos desobedecer à minha mãe e entrar no hospital atrás dela e se ele precisaria engessar o braço.

Mas não saímos do lugar. Não podíamos. No fim das contas, minha irmã se recuperou e descobrimos que Micah teve apenas uma luxação no punho, mas, na hora, não sabíamos de nada disso. Ficamos sentados juntos, com o coração cheio de medo, sem dizer muita coisa pelo resto da tarde.

Capítulo 4

Depois de ouvir a bronca de Micah sobre eu estar me privando do entusiasmo pela viagem ao redor do mundo, desliguei o telefone, pensando naquilo. No que Cathy vinha dizendo. No que minha agente vinha dizendo. No que todo mundo andava dizendo sobre a viagem sempre que eu a mencionava. Apesar dos argumentos lógicos, apesar do fato de que tinha sido ideia minha ir, eu ainda não conseguia me sentir empolgado.

Não que eu estivesse tomado por uma sensação de desgraça e melancolia durante aqueles dias. Sim, eu estava ocupado, mas tinha uma tremenda satisfação em tudo o que fazia. Minha esposa estava certa: eu estava ocupado porque gostava de ficar ocupado. Pensei que talvez o problema fosse o fato de todas as minhas energias estarem focadas em apenas três áreas – pai, marido e escritor –, com pouco tempo de sobra para qualquer outra coisa.

Desde que as atividades se encaixassem nesses compartimentos que eu construíra para mim, eu me sentia no controle. Era capaz de funcionar e até mesmo de prosperar. Mas, como eu só conseguia acompanhar as atividades dentro dessas três áreas, a ideia de fazer coisas diferentes – viagens, aventuras, ou passar três semanas com meu irmão – não só parecia impossível como também dava a impressão de ser uma troca da qual eu me arrependeria. E num raro

momento de clareza em meio a um ano bastante nebuloso, de repente me dei conta de que tinha começado a levar essa atitude ao extremo.

Se eu não conseguia ficar animado com a ideia de fazer uma viagem ao redor do mundo, que tipo de pessoa eu era? Não tinha muita certeza. Só sabia que não queria continuar assim para sempre. Eu precisava encontrar meu equilíbrio de novo, de alguma forma.

Claro que existem milhares de livros e programas na televisão oferecendo maneiras de colocar sua vida nos eixos, e especialistas de todos os tipos alegam ter as respostas. Mas, instintivamente, eu queria entender melhor as coisas com a ajuda da única pessoa da minha vida que passara pelas mesmas experiências que eu: meu irmão.

Micah teve suas próprias dificuldades naqueles últimos três anos, principalmente em relação à fé. Havia deixado de rezar e discutir sobre fé se tornara algo desconfortável para ele. Sua esposa, Christine, conversara comigo sobre as preocupações dela algumas vezes – era devota em suas crenças cristãs, assim como Micah costumava ser – e, aos poucos, comecei a perceber que, de alguma forma, tínhamos uma chance de ajudar um ao outro. Dessa forma, comecei a pensar na viagem menos como uma jornada ao redor do mundo e mais como uma oportunidade para redescobrir quem eu era e como eu havia me tornado essa pessoa.

Quando pensava na minha infância, eu costumava me lembrar da época como sendo uma luz sem sombras, como se as margens escuras nunca tivessem existido. Ou, se tivessem, elas eram uma espécie de deleite, como medalhas de honra.

Com o passar dos anos, eventos perigosos foram transformados em piadas; momentos dolorosos se tornaram doces histórias de inocência. No passado, quando questionado a respeito dos meus pais, eu respondia que eles eram comuns e típicos, assim como a minha infância. Mas acabei percebendo que, ao mesmo tempo que aquelas declarações eram verdadeiras em alguns sentidos, elas pareciam falsas em outros, e foi só quando tive meus próprios filhos que finalmente comecei a entender as pressões diárias que devem ter atormentado os dois. A paternidade é repleta de preocupações, e meus pais – apesar de terem nos criado com uma "coleira" comprida – decerto se preocupavam conosco. Mas, se

criar uma criança é difícil, eu aprendi que às vezes um casamento é ainda mais desafiador e, nesse aspecto, meus pais não eram exceção.

No começo de 1972 eles estavam lutando para manter o lar intacto. Nós éramos crianças e não conhecíamos os detalhes, só sabíamos que meu pai assobiava o tempo todo, e aquilo começou a assumir um significado sombrio. O som daquelas melodias sem nome, com o tom oscilando entre alto e baixo, foi o primeiro dos sinais que passamos a reconhecer da raiva de nosso pai – DEFCON 5 (acrônimo de *Defense Condition*, condição de defesa, sistema criado pelos americanos para indicar a gravidade do alerta militar durante a Guerra Fria).

Na DEFCON 4, murmúrios passariam a acompanhar os assobios, e meu pai começaria a andar em círculos, recusando-se a falar com qualquer um. Na DEFCON 3 havia um significante estreitamento dos lábios, e na DEFCON 2 seu rosto começava a ficar vermelho. Às vezes ele conseguia evitar a eventual progressão que levava ao lançamento nuclear, mas, se ele chegasse à DEFCON 1 – estado em que pressionava a língua contra os dentes de baixo e ela chegava a *se projetar* para fora da boca, mantida no lugar pelos dentes de cima, sabíamos que a melhor opção era sair correndo ou nos esconder. Era isso ou encarar o cinto, que substituíra o mata-moscas como método de punição.

Aqueles momentos, embora raros na época, começaram a ficar mais frequentes. Quando olho para trás, não posso dizer que o culpava. Em 1963 ele era um jovem estudante faminto e recém-casado; nove anos depois ele ainda era um estudante faminto, mas com a responsabilidade adicional de ser o provedor de uma família de cinco pessoas. O trabalho havia reduzido o ritmo de seus estudos, e tentar escrever sua dissertação quando nós três usávamos o apartamento como playground era o suficiente para deixar qualquer um maluco.

Minha mãe, por outro lado, continuava nos adorando. Quando a acompanhávamos até a loja ou íamos à igreja, ela não demorava a demonstrar o orgulho que tinha de nós para quem quer que estivesse por perto. Minha mãe tinha uma habilidade misteriosa de esquecer todas as nossas travessuras, mas essa capacidade de perdoar era temperada pela mesma força de espírito que ela nunca deixava de ensinar.

Por mais atrevidos que nos tornássemos, por mais longe que as nossas andanças nos levassem, nunca houve nenhuma dúvida, nem por parte do meu irmão nem pela minha, de quem estava no comando. Se minha mãe ordenasse

que chegássemos em casa na hora do jantar, íamos para casa e jantávamos. Se ela pedisse que limpássemos o quarto, obedecíamos na mesma hora. E se fizéssemos algo errado, ela nunca deixava de nos corrigir. Ela também nos defendia como uma leoa quando sentia que era necessário. Certa vez uma professora deu um tapa em Micah na escola. Minha mãe invadiu o colégio naquela tarde, arrastando Micah e eu junto dela.

– Se você bater de novo no meu filho, vou chamar a polícia e colocá-la na cadeia. Você NÃO vai tocar nele.

Na hora da saída Micah e eu andamos de cabeça erguida, pensando: "Engula essa, sua morcega velha. Minha mãe mostrou para você quem é que manda."

– Você é a melhor, mãe – falou Micah.

Minha mãe se virou e apontou o dedo para o rosto dele.

– Não pense nem por um segundo que eu não sei por que ela bateu em você. Você deve ter merecido, e se responder à professora de novo vou lhe mostrar o que é um tapa de verdade.

– Tá bom, mãe.

– Você sabe que eu amo você, certo?

– Sim, mãe.

– Você sabe que eu sempre vou defendê-lo, não sabe?

– Sim, mãe.

– Mas mesmo assim estou decepcionada. E vai ficar de castigo por causa disso.

Micah foi castigado, mas o que doeu mais foi a decepção. Detestávamos decepcioná-la.

Apesar de ter que enfrentar tantas pressões, meu pai começou a se sentir mais à vontade conosco à medida que fomos crescendo. Às vezes ele nos deixava subir em seu colo enquanto assistia a filmes de terror na televisão – ele *adorava* filmes de terror – e nós passamos a valorizar aqueles momentos, reconhecendo-os pelas joias raras que eram. Nesse meio-tempo nos tornamos especialistas nas formas apropriadas de matar vampiros e lobisomens caso algum dia nossa família fosse confrontada por tais criaturas. Meu irmão e eu juntamos uma coleção de estacas de madeira feitas com palitos de sorvete, que ficava embaixo de nossas camas.

Em ocasiões ainda mais raras, meu pai tocava violão. O som era fluido e confiante, e uma tarde ele nos surpreendeu dizendo que já havia feito parte de uma banda.

A ideia de o nosso pai ter tocado em uma banda era emocionante. Significava que ele não só tinha poderes mágicos, como também era descolado, e das duas coisas, esta última era a que mais valorizávamos. Afinal, sabíamos que éramos descolados e pensávamos que nossos pais também eram, mas agora havia *provas*.

Gostávamos de imaginar nosso pai tocando perante multidões aos gritos – como as que víamos na televisão quando os Beatles tocavam. Até tivemos longas conversas a esse respeito, mas papai simplesmente ria quando perguntávamos como ele conseguia manter todas aquelas garotas a distância.

– Minha banda não era tão popular assim – dizia ele.

Mas não acreditávamos. Por que acreditaríamos? Os fatos, afinal, eram claros. Ele fez parte de uma banda. Cantou e tocou como um profissional. E ele vivera na Inglaterra. O que podia ser mais óbvio? Depois de um tempo nos convencemos de que ele não apenas conhecia Paul McCartney e John Lennon pessoalmente, como também tivera um pequeno papel no sucesso deles.

E ele era *nosso* pai.

Depois de assistir a filmes assustadores, ver papai tocar se tornou a nossa atividade favorita. Em geral estávamos brincando na sala quando começávamos a ouvi-lo afinar o violão. Era o sinal para nos acalmarmos, e logo sentávamos aos seus pés e ele começava a tocar.

Ele nunca se apressava. Sempre garantia que a afinação estivesse perfeita. Era raro ele começar a cantar logo de cara – acho que por timidez. Em vez disso, dedilhava algumas músicas, batendo o pé no chão para marcar o ritmo. Seus dedos se moviam com uma velocidade incrível, como se impulsionados por forças misteriosas, e quando ele olhava para nós abria um sorriso, às vezes mexendo as sobrancelhas.

Em algum momento ele começava a cantar, e nós ouvíamos extasiados até o fim. Quando tocava uma música dos Beatles, nós três trocávamos um olhar maroto, compartilhando o mesmo pensamento: "Viu? Eu disse que ele conheceu os caras."

Talvez respondendo às tensões crescentes na casa – meus pais tinham começado a discutir sobre tudo: de dinheiro à ausência emocional do meu pai em nossas vidas, discussões que costumavam deixar minha mãe em prantos –, ela começou a vir para o nosso quarto na hora de dormir e deitava um pouco em cada cama.

Embora eu não compreendesse e pensasse que esse gesto fosse só outra forma de ela demonstrar amor, hoje eu penso que ela usava aqueles momentos para escapar do estresse do casamento. Revezando entre as camas ela perguntava sobre o nosso dia, e nós respondíamos sussurrando, compartilhando qualquer coisa que viesse em nossa mente. Falávamos sobre Deus, a escola ou os amigos, e, apesar de dizer algo de vez em quando, ela costumava nos deixar divagar, pulando de um assunto para o próximo. Ela era quente e macia, como um travesseiro aquecido, e aqueles momentos roubados pareciam o paraíso.

Mais tarde o nosso pai aparecia para desejar boa-noite. Ele voltava tão tarde que quase sempre já estávamos dormindo, mas eu costumava acordar assim que a porta abria e a luz do corredor adentrava meu quarto.

De vez em quando eu fingia não ter escutado só para ver o que ele faria. Mas meu pai sempre seguia a mesma rotina, independentemente de estarmos acordados ou não. Ele ia de uma cama para a outra, erguendo as nossas cobertas antes de acariciar nossos cabelos com gentileza. Depois ficava nos observando por um tempo, antes de se inclinar para beijar nossas bochechas. No fim do dia, ele sempre parecia cansado, e sua barba rala parecia uma lixa. Ele tinha cheiro de fragrância Old Spice e cigarros, e sussurrava "Eu te amo" para cada um de nós.

Era só depois disso que o dia finalmente parecia completo. Quentinho e reconfortado, eu dormia até o amanhecer.

Naquele ano – talvez por nossos pais terem percebido como as discussões estavam afetando seus filhos – vivenciamos o único milagre de nossas vidas jovens. Certa manhã minha irmã me cutucou para me acordar.

– Venha rápido – pediu Dana. – Você não vai acreditar no que eu acabei de ver.

– O que foi?

– Vem logo, anda – insistiu. – Eu já acordei o Micah.

Esfregando os olhos, saí às pressas do quarto seguindo os meus irmãos. De repente eles pararam, então, quando Micah virou, eu o vi arregalar os olhos,

chocado. Apontou para a mesa da cozinha.



Olhei para onde ele estava indicando e, por um instante, só consegui piscar. Ali, bem no meio da mesa, estavam duas espadas e uma coroa de plástico. *Brinquedos* novinhos em folha.

– Por que esses brinquedos estão aqui? – perguntei.

– O que isso significa? – questionou Dana.

– Não faz sentido – decidiu Micah. – Não é Natal nem é nosso aniversário.

Nós puxamos as cadeiras e encaramos os brinquedos. Claro que queríamos tocar neles, mas não o fizemos. Não podíamos. A chegada inesperada da caixa nos deixou aturdidos.

– Você acha que um deles comprou para a festa de aniversário de alguém? – perguntei.

– Acho que não – respondeu Micah.

– Talvez sejam para nós – sugeriu Dana.

– Não seja ridícula. Pais não compram coisas sem motivo para os filhos – rebateu Micah.

– É, Dana – complementei. – É tipo uma regra, ou algo assim.

Mas lá estavam os brinquedos, na nossa frente. Provocando-nos. E se fossem para nós? Não, não era impossível.

A espada parecia me chamar. Seria tão fácil tocá-la, e minha mão começou a se aproximar.

– Não – avisou Micah. – Eles vão ficar bravos se você tocar.

– Eu acho que são para nós – repetiu Dana.

– Não são – disse Micah, mas ele também não conseguia tirar os olhos dos brinquedos novos. Dana continuou encarando.

– Talvez devêssemos perguntar a eles – disse ela.

– Eu não vou entrar no quarto deles – falou Micah. – Eles estão dormindo. Você sabe como ficam bravos quando a gente os acorda.

– Eu também não vou entrar – concordei, balançando a cabeça.

– Eu vou – anunciou Dana, levantando-se da cadeira. Com apenas uma hesitação mínima, ela desapareceu dentro do quarto dos nossos pais.

– Essa garota é corajosa – comentou Micah.

– Espero que ela não se meta em problemas – sussurrei.

Ficamos esperando pelos gritos, mas não ouvimos nada. Dana saiu pela porta e a fechou atrás de si, voltando pelo corredor sem fazer barulho.

– Eles ainda estavam dormindo?

Dana meneou a cabeça, entusiasmada, enquanto se aproximava da mesa.

– Não. Mamãe estava acordada. Ela disse que os brinquedos são para nós. Papai os trouxe para casa, e são nossos.

Por um instante eu só a encarei. Havia escutado o que ela dissera, mas não conseguia acreditar.

– Duvido!

– Foi o que ela disse.

– Então nós podemos brincar com eles?

– Acho que sim.

– Tem certeza? Você precisa ter certeza, Dana.

– Mamãe me *disse* – insistiu ela.

Olhamos para a mesa e, com as mãos tremendo, pegamos os brinquedos. A espada era leve. Novinha. E ganhamos aquilo em troca de *nada*.

Dana pegou a coroa e a colocou com suavidade na cabeça. Micah pegou a outra espada e se afastou da mesa. Ele a girou pelo ar, sorrindo.

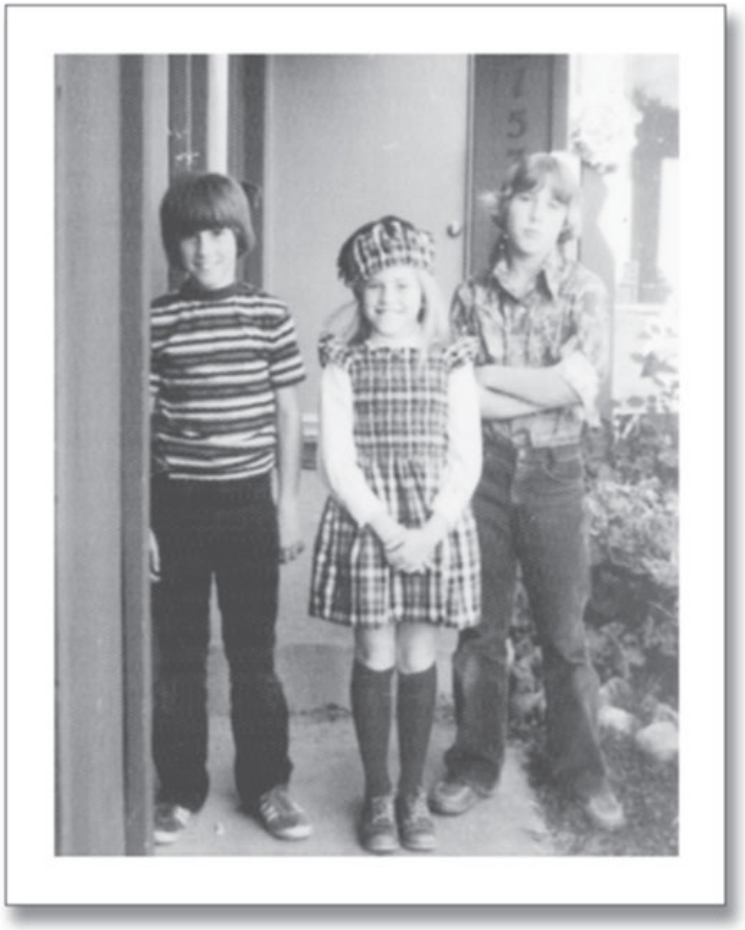
– Venha! – gritou. – Vamos brincar lá fora!

– Do que você quer brincar? – perguntou Dana.

– Você é a princesa e nós somos os cavaleiros. E vamos protegê-la!

– Do quê? – perguntou ela.

– Dos dragões e dos caras malvados. Venha, vamos achar um forte!



– A gente não devia trocar de roupa antes? Ainda estamos de pijama.

– A gente troca daqui a pouco – falou Micah, sem esconder a impaciência. – Vamos brincar antes! E, lembre-se, como foi você que perguntou para a mamãe, pode nos dar ordens. Nós vamos protegê-la!

E foi o que fizemos. Ficamos brincando por horas, protegendo nossa irmã de qualquer mal. Eu e Micah matamos intermináveis criaturas imaginárias. Dana nos chamou de Sir Micah e Sir Nicky, e nós a salvamos umas cem vezes naquele

dia. Na vida real ela quase morrera uma vez, mas na nossa imaginação nunca deixaríamos aquilo acontecer de novo.

No caminho para casa ela segurou as nossas mãos.

– Sempre estarei segura com os meus cavaleiros – disse. – Amo muito vocês.

Dana continuou nos chamando de Sir por semanas, e, assim como nossos pais a protegiam, Micah e eu começamos a sentir a necessidade de fazer o mesmo. Ao contrário de nós, ela era quieta e doce, e parecia contente com o mundo ao seu redor. Dana era nossa princesa, e decidimos naquela hora que sempre tomaríamos conta dela.

Com o passar do ano, meus pais começaram a discutir cada vez mais.

As brigas costumavam acontecer tarde da noite, quando já estávamos na cama. As vozes altas nos acordavam. Um por um, meu irmão, minha irmã e eu sentávamos em nossas camas e ficávamos escutando. A cada grito a gente se encolhia e trocava olhares, querendo que aquilo parasse e que eles fossem felizes de novo. Eu e Dana começamos a questionar Micah sobre o que estava acontecendo, mas esse era um mundo que estava além até mesmo da compreensão dele.

– Por que eles estão brigando? – perguntava Dana.

– Eu não sei – respondia Micah.

– Quem começou? – Era a minha dúvida.

– Eu não acho que adultos briguem assim. Acho que começam ao mesmo tempo.

– Por que eles não se beijam e param de ficar bravos? – perguntou Dana, aflita.

– Eu não sei.

– Será que a gente deveria rezar?

Micah assentia, então rezávamos e depois continuávamos escutando, tentando ver se as nossas preces haviam sido atendidas. Às vezes eram, às vezes não, mas depois de um tempo voltávamos a dormir. Encarando o teto, nós observávamos as sombras, sentindo mais medo do que quando víamos filmes de terror com o nosso pai.

Capítulo 5

Fort Lauderdale, Flórida
22-23 de janeiro

Nos dias que antecederam a viagem, minha mulher e eu começamos a comprar os itens necessários. A TCS havia exigido que levássemos uma única mala, recomendando que tivéssemos roupas para todos os tipos de clima. Isso era mais fácil na teoria do que na prática, já que viajaríamos para o hemisfério sul durante o verão, onde a temperatura na Austrália provavelmente passaria dos 38 graus, e para 480 quilômetros além do Círculo Ártico no meio do inverno, quando faríamos a última parada, na Noruega.

Também havia produtos de higiene pessoal que, apesar de serem acessíveis nos Estados Unidos, eram mais difíceis de obter em países como o Camboja ou a Etiópia, duas regiões onde a renda média era de menos de 500 dólares por ano. Acabei comprando três calças, três bermudas e seis camisas, além de roupas de baixo e tudo o que considerei necessário. Comprei um par de sapatos de couro e roupas impermeáveis.

Também providenciei o aluguel de um telefone via satélite, mas fui alertado de que o aparelho nem sempre era confiável. Devido a localizações exóticas, topografias diversas e a mudança frequente dos satélites ao redor do planeta,

receber ligações seria praticamente impossível. E embora pudesse usá-lo para ligar para Cathy, os voos e fusos horários em constante mudança dificultariam que nos falássemos com frequência. Coube tudo na mala e na mochila e havia ainda espaço de sobra, pois eu sabia que compraria lembranças ao longo da viagem.

Minha carga de trabalho não diminuíra nem um pouco. Um romance que já deveria ter sido entregue ainda estava na metade, e eu não tinha ideia de como levar a história adiante. Isso começou a me deixar tão atormentado que eu não conseguia dormir. Prometi para Cat que não trabalharia durante a viagem, mas escondi um laptop na mala caso mudasse de ideia.

Durante a última semana passei todo o tempo que pude com as crianças – e me esforcei ao máximo para esquecer que aquilo atrasava ainda mais os meus prazos. Cat e eu saímos para um jantar de despedida na véspera da minha partida. No dia seguinte ela me levou para o aeroporto ao meio-dia. Embora a viagem ao redor do mundo começasse apenas na sexta-feira, dia 24 de janeiro, meu irmão e eu combináramos de pegar um voo para Fort Lauderdale dois dias antes e nos encontrarmos no aeroporto.

– Então é isso – falei, tentando demonstrar algum entusiasmo pela viagem.

Apesar da minha epifania, eu ainda não estava animado. Acho que a ambivalência já se tornara um hábito para mim.

– Você pegou tudo, né? – perguntou Cat. – Passaporte, telefone, dinheiro...

– Peguei tudo – respondi.

Ela assentiu.

– Divirta-se – disse Cathy.

– Vou tentar.

– Não – rebateu ela, paciente. – Divirta-se.

Dei um abraço nela.

– Eu amo você, Cat.

– Também amo você.

– Dê um beijo nas crianças por mim toda noite.

– Está bem.

– Tente não trabalhar muito enquanto eu estiver fora.

Ela riu, prestes a dizer a mesma coisa para mim.

– Vai ficar me devendo essa. Nem imagina o tamanho da dívida.

– Eu sei – respondi. – Tenho certeza de que vou relevar as contas do cartão por meses.

– Vão ser anos – falou Cathy. – Talvez décadas.

Trocamos um último beijo. Só consegui pensar nela durante o voo e na sorte que eu tinha por ter me casado com aquela mulher. Nem cheguei a olhar pela janela do avião.

Algumas horas depois cheguei a Fort Lauderdale sob um sol forte, peguei as malas e fui para a área de retirada de bagagens do aeroporto esperar pelo meu irmão. Liguei para Cat, avisei que tinha chegado e me sentei em um banco.

Não foi difícil ver Micah chegando meia hora depois. Alto e loiro, ele tende a se destacar em multidões. Assim que me viu ao lado do terminal de bagagens, ele ergueu os dois braços. Eu sabia o que ia acontecer, e me encolhi.

– NICKY, MEU IRMÃO! EU FINALMENTE CHEGUEI E AS FESTIVIDADES PODEM COMEÇAR!

Sua voz ressoou pelo terminal. Desconhecidos chocados se viraram para mim, surpresos. Senti que todos me olhavam.

– Meu irmão não sai muito de casa – murmurei.

Alguns instantes depois, no meio de uma multidão que tinha subitamente aberto bastante espaço entre nós, estávamos nos abraçando.

– Você parece ótimo, Micah.

– Tomei alguns coquetéis no avião – disse ele, tranquilo. – Queria entrar no espírito da coisa.

Assim que nos soltamos e nos encaramos, seus olhos se iluminaram ainda mais.

– Você acredita que estamos mesmo indo? – perguntou Micah. – Em dois dias a nossa aventura começa.

Meu irmão colocou a mão no meu ombro.

– Já está ficando animado? – questionou ele.

– É claro.

– Não está, não. Isto – disse ele, apontando para si mesmo – é estar animado. Você não parece animado.

– Estou animado por dentro.

Micah revirou os olhos.

– Como foi o voo? – perguntou.

– Bom. E o seu?

– Foi ótimo. Eu me sentei ao lado de um casal bem simpático e lhes contei tudo sobre a viagem. Eles não conseguiram acreditar. Já ligou para Cat para avisar que chegou bem?

– Sim, a gente se falou agora há pouco. Você quer ligar para Christine?

– Daqui a pouco eu ligo. Quero relaxar um pouco. Esticar as pernas. Preciso ficar em forma, sabe? Vou fazer várias caminhadas nas próximas semanas.

– Vai?

– Não contei para você? – Ele foi falando mais alto: – Eu vou DAR A VOLTA AO MUNDO COM O MEU IRMÃO!

A multidão abriu ainda mais espaço, e algumas pessoas começaram a parecer assustadas.

– Ei, você está com fome? – perguntou Micah de repente.

– Um pouco.

– Bom, eu estou morrendo. Quer comer alguma coisa antes de ir para o hotel?

– Fechado.

A esteira de bagagem finalmente começou a andar, e eu estava observando as malas passarem quando ele apontou:

– Lá está. A vermelha.

Era sem dúvida a maior mala que eu já vira. Absolutamente enorme. Tinha pelo menos o dobro do tamanho da minha, cheia até quase explodir. Micah precisou usar as duas mãos e soltar uns grunhidos para pegá-la. Quando deixou a mala em pé para que pudesse puxá-la pelas rodinhas, ela pareceu se inflar ainda mais.

– Ok, eu estou pronto – anunciou Micah, satisfeito. – Vamos.

– Tem certeza de que trouxe o suficiente?

– Trouxe tudo de que preciso.

Encarei a mala.

– Parece que você empacotou uma pequena fazenda de animais aí dentro.

– Uma coisa que eu aprendi é que nunca dá para levar coisas demais quando se viaja.

– Sempre acreditei no contrário.

Ele deu uma piscadela.

– Não, isso é só um mito disseminado pelas companhias aéreas. Não acredite. E, quando as suas coisas acabarem durante a viagem, poderei dividir as minhas com prazer.

Paramos em um restaurante no centro de Fort Lauderdale onde almoçamos do lado de fora e observamos as pessoas entrarem e saírem de bares, seguindo rua acima e abaixo.

Começamos uma conversa bem-humorada até Micah enfim parar. Recostando-se na cadeira, ele me encarou e seus olhos se estreitaram.

– Você ainda não está totalmente certo dessa viagem, né?

– Estou chegando lá.

– Já pensou que talvez esteja deprimido?

– Não estou deprimido. Só ocupado.

– Essa veia corre em nossa família. Alguns parentes são deprimidos.

– Eu não estou deprimido.

– Agora existem remédios. Talvez eles lhe fizessem bem.

– Não preciso de remédios.

– Negação é uma coisa feia, Nicky.

– Não estou em negação.

– Viu? Isso é negação.

– Você é um saco, sabia?

– Sim. É o que Christine diz.

– Ela é uma mulher esperta.

– É mesmo. Mas ela não está aqui, e agora estamos falando sobre você. Então, por que está deprimido, irmãozinho? É óbvio que não está animado com a viagem, e estamos quase partindo. Converse comigo. Posso ser o seu terapeuta.

– Não estou deprimido – insisti. – Como eu disse, estou atolado. Não faz ideia de quanto andei ocupado. É que... esse não é o momento certo.

– Isso não é verdade – disse Micah, meneando a cabeça. – Está deixando a vida controlar você, em vez do contrário. Este é o grande segredo. Você é quem escolhe o tipo de vida que quer levar.

– Você sempre diz isso.

– Digo porque é verdade. Usando você como exemplo: está ocupado porque perdeu todos os seus prazos e quer recuperar o atraso, certo?

– Exatamente.

– Mas e se perder o prazo? Você não pode ser demitido, não é?

– Não, mas...

– Mas acha que coisas ruins vão acontecer se atrasar – concluiu ele por mim. – Então, em outras palavras, você está fazendo uma escolha. E se essa for a sua escolha, aceite-a, mas não se deixe ser controlado por ela. Da mesma forma, você pode optar por ficar empolgado com a viagem. Só depende de você.

Olhei para outro lugar, balançando a cabeça.

– Nem sempre é tão fácil – disse eu, devagar. – Você não escolhe tudo. Às vezes a vida arremessa bolas com efeito para você.

– Você acha que eu não sei disso? – perguntou Micah, calmo. – Olhe, só para você saber, essa viagem vai ser ótima. Espere para ver. E, depois que terminar, você vai olhar para trás e ficar feliz por ter vindo. E aí vai me agradecer por trazê-lo comigo.

– Fui eu que o convidei, lembra?

– Ah, sim, é verdade. – Micah deu de ombros. – Bem, nesse caso, seja um bom anfitrião e pare de cortar o meu barato. – Ele se virou para chamar a garçonete. – Este homem precisa de um coquetel.

Apesar de tudo, eu ri.

Talvez fosse o papo de Micah, ou então o coquetel, mas independentemente da razão a ideia de partir começou a ficar cada vez mais atrativa. Afinal, se eu tinha ou não tempo para fazer aquilo era irrelevante agora, e meu irmão tem um humor contagiante. Ele sempre teve esse efeito sobre mim. Autoconfiante e com um jeitão tranquilo, Micah sempre fez sucesso nas festas, e foi o padrinho em seis casamentos. *Seis*.

No dia seguinte passamos pela sala que a TCS havia providenciado para o check-in antes da viagem. Assinamos documentos, mostramos os nossos passaportes e recebemos as etiquetas de bagagem. Eram etiquetas grandes, cor-de-rosa e numeradas, para que a equipe da TCS pudesse garantir que todas as malas fossem contabilizadas. Descobrimos depois que uma das coisas legais da

viagem era que a TCS cuidaria da bagagem o tempo todo. Nossa única responsabilidade era deixar as malas na porta do quarto na hora marcada.

Passamos a tarde relaxando na piscina, depois houve uma festa de apresentação. Foi a primeira oportunidade de conhecermos nossos companheiros de viagem.

Seríamos 86 ao todo, a maioria dos membros bem mais velha do que Micah e eu. Iniciamos o processo de integração.

Começamos a nos enturmar e conversamos com algumas pessoas no caminho para o salão, onde as mesas estavam preparadas. Depois de servirem a comida, fomos apresentados à equipe da TCS. Muitos deles viajariam conosco para garantir que tudo corresse bem. Também conhecemos os palestrantes convidados e Jill Hannah, a médica que cuidaria de quaisquer problemas de saúde que pudessem surgir.

Dois anos mais velha que nós, ela tinha um sorriso fácil e acabou se tornando uma de nossas melhores amigas durante a viagem. Auspiciosamente, estava sentada à nossa mesa.

– Algum conselho? – perguntei para ela.

– Não coma legumes, verduras nem saladas, por mais chique que seja o hotel.

– Por causa dos fertilizantes ou do solo?

– Não – respondeu Jill. – Porque nunca dá para saber se a água que eles usam para lavar as verduras foi filtrada.

– Mais alguma coisa?

– Também não usem a água da torneira para escovar os dentes. Com essas precauções vocês devem ficar bem. Vou dizer a mesma coisa para o restante do grupo mais tarde, quando for a minha vez de falar. Mas escrevam isso: metade das pessoas não vão me dar ouvidos e ficarão doentes. Nunca é bom ficar doente numa viagem dessas. Confiem em mim. Perde toda a graça.

Enquanto a médica falava, percebi que ela olhava para mim e para Micah, e perguntou:

– Vocês são irmãos, não são?

Assentimos.

– Gêmeos?

Ouvimos isso com bastante frequência.

– Não – respondi, meneando a cabeça.

– Mas você é mais velho, certo?

– Não, ele é. – Fiz uma careta.

Micah se inclinou para a frente, parecendo bastante satisfeito com o comentário da médica. Ele gostava de que todos achassem que era mais jovem do que eu.

– Eu sempre falei que ele devia se cuidar melhor – zombou Micah.

A médica sorriu.

– Vocês são casados?

– Sim, nós dois somos – respondi.

– Então por que vieram juntos, em vez de trazerem as esposas?

Falamos sobre os nossos filhos e mostramos as fotos das nossas famílias para Jill. Depois ela voltou a nos observar.

– Acho ótimo que vocês estejam fazendo isso juntos. Irmãos nem sempre são tão próximos quanto deveriam ser. Sempre foram unidos assim?

Hesitei.

– Nem sempre – admiti.

Em 1973, na metade do ano letivo, nossa família se mudou para Grand Island, no estado do Nebraska. Na verdade, todos se mudaram com exceção do meu pai. Na época minha mãe falou que estávamos partindo para que ele pudesse terminar sua dissertação, e fomos para um pequeno duplex bem na esquina da rua dos meus avós maternos. Embora meu pai tenha de fato terminado sua dissertação naquele ano, ele e minha mãe haviam se separado. Mas anos se passaram antes de descobrirmos a verdade sobre o que aconteceu. Minha mãe mantinha alguns segredos se achasse que a verdade poderia nos machucar.

Grand Island era uma cidade pequena e apática aninhada no centro do estado, completamente diferente de Los Angeles. As casas eram separadas por extensos gramados, e passamos a frequentar uma escola primária que ficava do outro lado da rua da casa de nossos avós. Diferente das escolas às quais estávamos acostumados, a escola primária Gates tinha campos de futebol imensos, campos de beisebol e, no lado mais distante do terreno, fora da propriedade da escola, havia uma série de trilhos de trem que passava sempre nos mesmos horários.

Não demorou muito para que meu irmão e eu começássemos a deixar pequenas moedas nos trilhos, esperando para ver se os trens passavam por cima e as esmagavam. Diferente de Los Angeles, ali não havia muitos lugares para explorar nem encrencas para arrumar. Não havia prédios abandonados e caindo aos pedaços para construirmos fortes nem pontes para escalarmos, e, apesar de existir uma pequena população de corvos, nenhum deles nos atacou.

Assim como fizera em Los Angeles, minha mãe conseguiu um emprego – dessa vez como assistente de um oftalmologista – e depois das aulas nós íamos para a casa dos pais dela. Minha avó fazia chocolate quente e biscoitos de canela (o lanchinho vespertino mais requintado do mundo) e brincávamos no quintal ou descíamos até o porão, onde meu tio Joe guardava sua coleção de modelos de avião. Ele devia ter mais de cem, incluindo Spitfires e Zeros japoneses. Meu tio os montava como se algum dia eles fossem ser exibidos em um museu. Eram pintados com detalhes minuciosos e exatos, e, apesar de não podermos tocar neles, passávamos horas observando-os.

Entrar em uma escola nova na metade do ano letivo é sempre difícil. Durante as primeiras semanas meu irmão e eu passamos a maior parte das tardes juntos, como fazíamos em Los Angeles. Descobrimos os parques e passeamos de bicicleta, sempre encontrando várias crianças brincando. Algumas eram das nossas turmas. Após um mês elas estariam lá de novo, descendo as colinas em carrinhos de madeira.

Mas naquela idade as diferenças entre eu e Micah estavam ficando mais evidentes. Micah era mais alto, mais forte e mais atlético do que eu, e parecia não ter medo de nada. Ele enxergou a mudança como uma nova aventura, fez amigos com facilidade e se portou com uma confiança que achei indescritível. Sempre fui mais inseguro do que ele. E ficava preocupado constantemente. Eu me preocupava com a possibilidade de ficar em apuros, em conseguir boas notas e com o que as outras pessoas pensavam de mim. Queria sempre fazer o que era certo e brincar com o tipo certo de criança. Apesar de ter feito novos amigos, levei muito mais tempo para me ajustar ao novo ambiente.

Com a chegada da primavera, Micah pareceu precisar cada vez menos da minha companhia. Quando eu tentava acompanhá-lo, ele me tratava como um estorvo. Meu irmão gostava de andar com um amigo chamado Kurt Grimminger, um garoto da turma cuja família tinha uma fazenda nos arredores

da cidade. Eles iam para a fazenda quase todas as tardes e passavam horas brincando de luta no milharal, andando de trator e a cavalo e perturbando os porcos e as vacas com armas de pressão. Em casa, durante o jantar, Micah contava uma história emocionante após outra. Não pude deixar de sentir inveja, pois não importava o que eu tivesse feito durante o dia, nada parecia tão legal quanto o que Micah fazia.

Naquela época tivemos nossa primeira briga. Não consigo lembrar sobre o que estávamos discutindo, mas uma coisa levou a outra e começamos a nos bater. Ele me deu um soco no estômago, me deixando sem fôlego, e me derrubou no chão. Em seguida montou em cima de mim e começou a me acertar com vários golpes. Eu não tinha como me defender, e recebi cada um deles. Acabei apagando e, quando recobrei os sentidos, escutei os berros da minha mãe. Ela levantou Micah e deu um tapa nele antes de mandá-lo para o quarto. Ele saiu amuado, e, quando eu me levantei com esforço, ela me pegou pelo braço.

– O que houve? – perguntou.

– Ele me odeia! – disse eu, chorando.

Quando minha mãe tentou me reconfortar, eu não sabia o que era pior: a dor ou a humilhação. Afastei a mão dela do meu braço.

– Me deixe em paz!

Eu me virei e saí correndo.

Não sabia para onde estava indo, só não queria falar com ninguém. Não queria ver ninguém. Não queria ser pequeno, não queria viver no Nebraska e não queria que ninguém sentisse pena de mim. Só queria que tudo voltasse a ser como antes, e continuei seguindo em frente, meio que torcendo para que o gesto fizesse o tempo regredir.

Mais tarde fui parar nos trilhos, meio longe de casa. Sentei-me debaixo de uma árvore, esperando o trem passar. Os trens sempre passavam no horário, e eu sabia que eles chegavam em intervalos de uma hora. Decidi ficar até dois trens passarem. Mas, quando isso aconteceu, eu mal reparei. Em vez disso, fiquei sentado com o rosto nas mãos, os ombros tremendo, querendo que a briga nunca tivesse acontecido e chorando como eu nunca fizera antes.

Senti que toda a minha família olhava para mim quando finalmente entrei pela porta. O sol já tinha se posto e estavam todos à mesa, mas minha mãe pareceu entender que eu tinha perdido o apetite e simplesmente assentiu quando

eu perguntei se podia ir para o quarto. Ou, melhor dizendo, o nosso quarto. Nós três ainda o dividíamos, e eu deitei na cama, no escuro, e fiquei encarando o teto.

Apesar de a raiva já ter passado, eu estava confuso. Disse para mim mesmo que queria ficar sozinho, e que era melhor lidar com os meus sentimentos do meu jeito, mas não conseguia evitar torcer para que minha mãe entrasse no quarto. Como a maioria das crianças, eu acreditava que atenção era igual a amor, e entre nós três eu era o que recebia menos atenção, o que implicava menos amor.

Micah sempre fora tratado como um adulto e, como ele foi o primeiro a vivenciar tudo desde andar e falar até se meter em encrencas, recebeu a atenção concedida àqueles que ocupam o primeiro lugar da fila. Minha irmã, por outro lado – a mais jovem e a única menina – recebeu praticamente o dobro de privilégios. Ela passava mais tempo com a minha mãe do que eu ou Micah, tinha menos tarefas, quase nunca dava trabalho e era a única que ganhava mais de um par de sapatos por vez, pela seguinte razão: "Ela é uma garota."

Comecei a me sentir cada vez mais abandonado.

Ouvi a batida na porta uma hora depois e, àquela altura, eu já me encontrava em um estado de profunda autocomiseração.

– Entre – falei.

Ao me sentar na cama, tentei imaginar o que minha mãe ia dizer. Mas quando a porta se abriu não foi ela que entrou no quarto. Foi Dana.

– Oi – disse ela.

– Ah, oi – respondi, olhando por cima do ombro de minha irmã. – A mamãe está vindo?

– Não sei. Ela queria que eu perguntasse se você está com fome.

– Não – menti.

Minha irmã entrou e se sentou na cama. Com cabelos louros compridos repartidos no meio, tez pálida e sardas, ela parecia a personagem Jan Brady nos primeiros episódios da série *A Família Sol Lá Si Dó*.

– Sua barriga está doendo?

– Não.

– Ainda está bravo com Micah?

– Não. Eu nem ligo mais para ele.

– Ah.

– Quero dizer, ele não liga para mim. Nem a mamãe.

– Ela liga, sim. Mamãe ama você.

– Ela ficou preocupada comigo enquanto eu estava fora?

– Não. Ela sabia que estava bem. Mas, sim, ela ama você.

Meus ombros caíram.

– Ninguém me ama.

– Eu amo você.

Apesar de ela ter dito aquilo com muita sinceridade, não era o que eu estava a fim de ouvir.

– Nossa, valeu.

– Mas não foi por isso que eu vim aqui. Não foi para lhe dizer isso.

– Eu já falei que não estou com fome.

– Também não vim para dizer isso.

– Então por que você veio?

Ela passou o braço pelos meus ombros.

– Eu vim aqui para lhe dizer que, se Micah não quiser mais ser o seu melhor amigo, eu posso ficar no lugar dele.

– Eu não preciso de amigos.

– Tá bom.

Olhei ao meu redor e suspirei.

– Quer brincar com os bonecos do Johnny West?

– Quero. – Dana sorriu.

Nos próximos meses, enquanto Micah ficava com os amigos dele, minha irmã e eu começamos a passar mais tempo juntos. Dana não era tão entusiasmada quanto Micah, mas, apesar de nunca querer pular de árvores altas, era incrivelmente fácil conviver com ela. Mesmo assim eu era duro com ela de vez em quando, e às vezes ela acabava chorando e eu implorava que não contasse para a nossa mãe.

Mas ela contava. Dana contava tudo, mesmo sem ter a intenção de me causar problemas, e era comum eu ter que fazer mais tarefas enquanto minha mãe me observava com o cenho franzido.

Sem meu pai por perto – e com o terror gerado pela frequente contagem regressiva da DEFCON – meu irmão começou a testar seus limites. Ele ficava

fora de casa além do permitido, começou a me provocar mais, respondia à minha mãe e, em outras palavras, passou a agir como um adolescente com a idade madura de 9 anos.

Não deve ter sido fácil para a minha mãe. Ela tinha 30 anos na época, trabalhava em tempo integral e estava sozinha; a última coisa que precisava era de mais estresse da nossa parte (além do estresse normal e dentro dos limites). Ela começou a pegar mais pesado com Micah – que passou a responder ainda mais –, mas aos 9 anos meu irmão não era páreo para a minha mãe. Ela acreditava no método de punição/recompensa, e sabia usar ambos com habilidade, como um samurai com uma espada. Minha mãe não tinha nenhuma reserva quanto a dizer coisas como "Eu trouxe você para este mundo e pode ter certeza de que posso mandá-lo embora" e agir como um doce de pessoa no instante seguinte, com os braços abertos para um abraço.

Ela também não havia mudado sua opinião sobre o carinho fraternal. Por exemplo, embora lhe agradasse que minha irmã e eu passássemos mais tempo juntos, também reconheceu que as coisas estavam diferentes entre mim e Micah. Alguns pais teriam considerado a rivalidade recente entre irmãos como uma fase passageira, mas para ela aquilo era inaceitável. Minha mãe começou a fazer comentários como: "Vocês três sempre terão uns aos outros, então é melhor serem legais agora" e "Amigos vêm e vão, mas irmãos e irmãs são para sempre". Eu e meu irmão ouvíamos, e talvez até entendêssemos suas palavras, mas continuamos discutindo, brigando e evitando ficar juntos.

Porém, uma noite minha mãe entrou no quarto quando estávamos nos preparando para dormir. Micah e eu tínhamos brigado mais cedo naquele dia, dessa vez porque eu derrubara a bicicleta dele sem querer. Ela não dissera nada durante o jantar, e eu pensei que tivesse decidido ignorar o nosso confronto. Mamãe nos ajudou com as orações como sempre fazia e, depois de apagar a luz, se sentou ao lado de Micah enquanto ele estava indo para debaixo das cobertas. Escutei os dois sussurrando pelo que pareceu um bom tempo, e tentei imaginar o que poderia estar acontecendo. Então, para minha surpresa, ela veio e se sentou ao meu lado.

Chegando bem perto, passou a mão pelo meu cabelo e deu um sorriso afável. Em seguida, sussurrou:

– Diga três coisas boas que Dana fez por você hoje. Qualquer coisa. Pode ser importante ou não.

A pergunta me surpreendeu, mas as respostas vieram com facilidade.

– Ela brincou comigo, me deixou ver o que eu queria na televisão e me ajudou a arrumar os brinquedos.

Mamãe sorriu.

– Agora diga três coisas boas que Micah fez por você hoje.

Isso, eu tive que admitir, era um pouco mais difícil.

– Ele não fez nada legal por mim hoje.

– Pense. Pode ser qualquer coisa.

– Ele foi mau o dia inteiro.

– Ele não andou com você até a escola?

– Sim.

– Então essa é uma. Agora pense em mais duas.

– Ele não me bateu muito forte quando derrubei a bicicleta dele.

Ela ficou meio indecisa, pensando se aquela valia, então assentiu.

– Já tem duas.

– E...

Fiquei perplexo. Não havia nada, absolutamente nada para dizer. Por muito tempo pensei em algo – e não tenho ideia do que falei. Acho que acabei inventando alguma coisa, mas minha mãe aceitou e me deu um beijo de boa-noite antes de ir para a cama de Dana. Minha irmã levou menos de dez segundos para responder as mesmas perguntas, depois minha mãe saiu do quarto.

Na escuridão, comecei a me virar e fechar os olhos, quando ouvi a voz de Micah:

– Nicky?

– O quê?

– Me desculpe por ter batido em você hoje.

– Tudo bem. Me desculpe por ter derrubado sua bicicleta.

Por um instante ficamos em silêncio, até que Dana interveio:

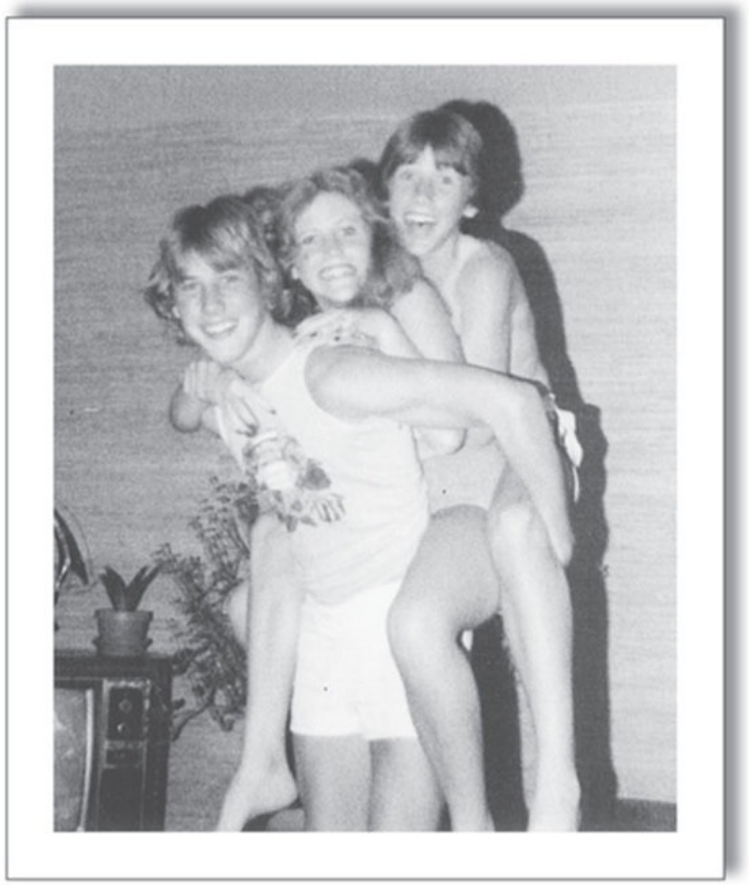
– Olhem só, não estão se sentindo melhor agora?

Todas as noites, mamãe passou a pedir que citássemos três coisas que nossos irmãos tinham feito por nós, e sempre conseguíamos pensar em algo.

E, para a minha surpresa, meu irmão e eu começamos a discutir cada vez menos.

Talvez fosse difícil demais inventar coisas. Depois de um tempo pareceu mais fácil não só ser mais gentil como também perceber quando alguém estava sendo gentil com a gente.

Terminamos o ano escolar – eu completei o terceiro ano, e Micah, o quarto. Em junho, meu avô decidiu trocar o telhado de casa, uma empreitada que, segundo ele, poderia contar com a minha ajuda e a de meu irmão. Nosso conhecimento de armação de telhados e nossa experiência com ferramentas poderiam ser resumidos a uma única palavra – "Ahn?" –, mas sabíamos que aquilo não iria nos impedir. Afinal, era algo novo, mais uma aventura, e no decorrer das próximas semanas aprendemos a arte de martelar pregos até ter bolhas nas mãos.



Trabalhamos durante uma das piores ondas de calor daquela época. A temperatura chegava perto dos 38 graus, e a umidade era insuportável. Tivemos tontura mais de uma vez, sentados no telhado da casa quente. Meu avô não tinha nenhum receio de nos deixar trabalhar bem na beirada do telhado e, é claro, também não houve objeção da nossa parte.

Enquanto eu escapei ileso, ganhando 7 dólares por duas semanas de trabalho, Micah não teve tanta sorte. Uma tarde, enquanto descansava, ele decidiu mover a escada, que de alguma forma estava em seu caminho. O que não sabíamos era que um cortador de telhas (uma ferramenta pesada e afiada, parecida com uma tesoura) fora deixado no último degrau. Quando ele mexeu na escada a ferramenta caiu com tudo. O objeto acertou Micah 2 centímetros acima da testa e em segundos o sangue jorrou de sua cabeça.

Ele começou a gritar, e meu avô veio correndo.

– Parece bem fundo – disse ele, com a voz sombria. Depois de um instante assentiu. – É melhor eu pegar a mangueira.

Pouco tempo depois a água que fluía da mangueira cobria a cabeça do meu irmão. A propósito, aquele foi o único tratamento que Micah recebeu naquele dia. Não foi levado para o médico nem ao hospital. E nem recebeu permissão para tirar o resto do dia de folga. Eu lembro que a água ficava rosada ao tocar na ferida, e que me sentia grato por meu irmão ter um "crânio grosso" como o meu.

Quando as aulas recomeçaram no outono, eu enfim havia me acostumado com a vida no Nebraska. Estava indo bem na escola – até aquele momento, não recebera uma nota menor que 9 – e tinha feito amizade com alguns garotos da turma. Passava as tardes jogando futebol, mas, quando o calor do verão começou a dar lugar ao frio, nossa família veria outra reviravolta.

– Vamos nos mudar de volta para a Califórnia – informou minha mãe durante o jantar. – Partiremos algumas semanas antes do Natal.

Meus pais tinham se reconciliado (embora na época nem soubéssemos que eles haviam se separado oficialmente) e meu pai conseguira um emprego como professor na Universidade Estadual da Califórnia, em Sacramento, onde ele daria aulas de administração.

Nossa estadia no Nebraska terminou tão repentinamente quanto havia começado.

Capítulo 6



Yaxhá e Tikal, Guatemala
24-25 de janeiro

Na sexta-feira de manhã Micah e eu aterrissamos no aeroporto da Guatemala e entramos num mundo completamente diferente do que tínhamos deixado para trás.

Depois de passar pela alfândega, vans nos conduziram até Petén, passando por casas decrépitas e pequenos vilarejos que davam a impressão de terem sido construídos no improviso, com o material disponível na época. Em certo sentido parecia uma viagem no tempo, e eu tentei imaginar o que os conquistadores

espanhóis pensaram quando chegaram a esta área pela primeira vez. Eles foram os primeiros a descobrir as ruínas do que havia sido uma civilização próspera, cujas amplas cidades incluíam templos de 70 metros de altura, erguendo-se contra a folhagem densa da floresta.

Eu me interessava pela cultura maia desde criança e sabia que os maias tinham alcançado níveis intelectuais incomparáveis no Novo Mundo. Em sua Idade de Ouro, dos séculos IV a XIX d.C., a civilização maia englobou uma área que incluía a península de Yucatán, o sul do México, Belize, a Guatemala e partes de Honduras e El Salvador. O ápice se deu em meio às florestas e aos pântanos de Petén, na Guatemala, onde foram construídas as cidades de Yaxhá e Tikal.

A civilização era um verdadeiro estudo de contrastes. Adeptos de uma cultura por vezes brutal que praticava sacrifícios humanos, os maias também usavam, mil anos antes dos europeus, o conceito de zero e conseguiam fazer cálculos de até centenas de milhões. Esse conhecimento matemático lhes permitiu mapear as estrelas, prever eclipses lunares com exatidão e desenvolver um calendário de 365 dias, embora reze a lenda que eles jamais tenham usado a roda.

Chegamos à Biosfera Maia – o vasto parque nacional em Petén que abriga as ruínas – para almoçar numa cabana a céu aberto construída ao longo do lago. Continuamos fazendo amizade com as outras pessoas, quase todas muito mais viajadas do que Micah e eu. Uma hora depois voltamos para a estrada a caminho de Yaxhá.

Yaxhá é o nome de uma lagoa e de uma cidade construída há mais de 1.500 anos no meio da floresta e ao longo de suas margens. Yaxhá chegou a ser a terceira maior cidade do império maia, localizada a cerca de 30 quilômetros de Tikal, a maior e mais importante cidade cerimonial. Mas quando chegamos não vimos nada além de árvores e trilhas de terra em meio às colinas. Escutamos macacos gritando, mas a folhagem era tão densa que não conseguíamos vê-los.

O guia começou a falar sobre a cidade e a cultura maia enquanto apontava para diversos lugares, mas não consegui enxergar nada. Olhei de soslaio para Micah, que deu de ombros. Quando ele perguntou se tínhamos alguma dúvida, eu me manifestei:

– Quando vamos chegar lá? – perguntei. – A Yaxhá, quero dizer.

– Já estamos em Yaxhá – respondeu ele.

– Mas onde estão as construções?

Ele apontou para as colinas ao nosso redor.

– Por toda parte – explicou. – Tudo isso não são colinas. Embaixo de cada montanha há uma construção ou um templo.

Aprendemos que as árvores naquela parte da floresta perdiam as folhagens três vezes por ano. Com o tempo, à medida que as folhas caem, elas viram adubo e eventualmente se transformam em terra. Essa terra acabou possibilitando o surgimento de uma vegetação inicial e, então, das árvores. Elas cresceram, amadureceram, morreram e foram substituídas por outras. A floresta engolira as construções, uma por uma.

Essa notícia não nos surpreendeu. A cidade fora abandonada mil anos atrás, e 3 mil camadas de folhagens densas e crescimento descontrolado da flora inflaram a floresta. Fazia sentido que não houvesse nenhum sinal da cidade.

Mas estávamos enganados. Na verdade, algumas seções de Yaxhá tinham sido completamente restauradas por arqueólogos há menos de oitenta anos, de maneira similar à reconstituição feita em Tikal. A floresta foi desmatada e dúzias de construções e templos foram completamente escavados. Mas as chuvas começaram a erodir os templos recém-descobertos e não havia fundos suficientes para impedir esse processo, então o governo não teve escolha além de permitir que a floresta voltasse a engolir Yaxhá, em vez de Tikal.

Micah começou a olhar em volta, com uma expressão maravilhada.

– Dá para acreditar que todo esse crescimento aconteceu em apenas oitenta anos? – perguntou ele. – Nossos avós estavam vivos naquela época.

– Não consigo acreditar.

– Queria saber como ficaria depois de oitocentos anos.

– Imagino que mais ou menos a mesma coisa, não? – especulei. – Mas talvez as colinas fiquem um pouco maiores.

– Acho que sim. – Micah estreitou os olhos, tentando enxergar através da floresta densa. – Como alguém pode ter descoberto esse lugar? Quero dizer, quando eu vejo um monte de vegetação, não me ocorre que há uma pirâmide ali embaixo.

Passei o braço ao redor do ombro dele.

– É por isso que você não é arqueólogo – falei.

O guia começou a nos conduzir por uma trilha, ainda descrevendo vários aspectos da cidade. Micah e eu ficamos para trás, olhando para todos os lados. De repente meu irmão esfregou as mãos; era algo que ele costumava fazer quando ficava empolgado.

– Nick – disse ele –, dá para acreditar que estamos aqui? Numa cidade maia enterrada nas florestas da Guatemala? Seis horas atrás estávamos em Fort Lauderdale comendo bagels com cream cheese!

– Não parece real, né?

– Não – concordou ele. – E vou falar uma coisa – Micah gesticulou ao seu redor –, nunca imaginei que poderia ficar tão empolgado com um monte de terra.

Alguns minutos depois entramos no que já tinha sido uma praça. À nossa frente estava um dos únicos templos completamente escavados, e pela primeira vez percebemos a magnitude de tudo o que veríamos naquela viagem. Moldado na forma de um trapezoide preto e cinza, o templo tinha mais de 30 metros de altura. O guia nos informou que ele fora abandonado por volta de 900 d.C., cerca de seiscentos anos antes de Colombo chegar. Aquilo significava que o intervalo de tempo que se passou entre o uso do templo, a chegada de Colombo e a época atual é mais ou menos o mesmo, e essa noção me deixou incrédulo. Nos altos e baixos da história, na ascensão e na queda de civilizações, minhas preocupações pessoais de repente pareceram minúsculas.

Micah também examinava o templo à nossa frente com grande interesse, embora seus pensamentos fossem um pouco diferentes dos meus.

– Veja como é alto! Eu preciso *escalar* esse negócio!

Então, com a permissão do guia, foi o que fizemos. A corrida para subir a parte de trás do templo foi traiçoeira, com tábuas apodrecidas espaçadas irregularmente e amarradas umas nas outras por uma corda desgastada. Meu irmão e eu fomos os primeiros a chegar ao topo, e por alguns minutos o lugar foi só nosso.

O céu estava tomado por nuvens negras que pairavam no horizonte distante. Conseguíamos ver a lagoa e a densidade absoluta da floresta se espalhando por mais de 48 quilômetros em todas as direções. Era impossível enxergar através da copa das árvores, mas observamos os topos de três ou quatro pirâmides que pareciam tentar alcançar o céu. E, com exceção do som da nossa própria

respiração – um pouco ofegante por causa da subida –, o lugar estava mergulhado no silêncio. Os lados da pirâmide pareciam quedas livres, e ficar perto da beirada me deu vertigem. Mas nem eu nem Micah conseguimos parar de sorrir. Tínhamos começado a viagem de nossas vidas algumas horas antes, e agora estávamos no que parecia ser o topo do mundo, um lugar que sempre sonhamos em ver.

– Tire uma foto minha – disse Micah, de repente. – Christine vai amar isso.

– Se ela estivesse aqui, acha que teria subido com a gente?

– De jeito nenhum. Ela detesta altura. Teria ficado com aquele pessoal lá embaixo – disse ele, apontando para o restante do grupo. – E Cathy?

– Ela também não gosta de altura, mas estaria aqui em cima. Só que não chegaria tão perto da beirada.

Tirei uma foto dele e ele tirou uma minha. Batemos outra e mais algumas. Continuamos contemplando os arredores, fascinados, e eu tirei o telefone via satélite da mochila.

– Tenho que ligar para Cat – falei, sentindo a necessidade de compartilhar a experiência com ela. Disquei o número e ouvi o telefone começar a tocar. Fiquei maravilhado. Eu estava fazendo uma ligação do meio do nada. Quando ela atendeu, as primeiras palavras que saíram da minha boca foram:

– Eu estou no topo de um templo maia na floresta!

E escutei Cathy gritar, tão entusiasmada quanto eu:

– É muito legal? – perguntou ela.

Olhei ao redor, maravilhado.

– É incrível! – respondi. – O único jeito de isso ser melhor seria se você estivesse aqui comigo.

– Ah... – disse ela. – Também estou com saudade.

Quando desliguei, Micah pediu o telefone para ligar para Christine. Infelizmente ela tinha saído, e, frustrado, ele deixou um recado e desligou.

Nosso momento de solidão logo terminou, com a chegada do restante do grupo.

Naquela noite tivemos um coquetel seguido de jantar no hotel. Era um bufê e, apesar dos alertas da médica, vimos diversas pessoas comendo saladas, legumes e

verduras. E, assim como ela havia previsto, mais de uma dúzia de pessoas adoeceram dias depois. Algumas ficaram doentes até o fim da viagem.

Jantamos com Bob e Kate Devlin, que dividiam seu tempo entre Connecticut e Nova York. Nós quatro formamos um vínculo imediato. Eles tinham dois filhos mais ou menos da nossa idade e disseram que nós os lembrávamos deles. Da nossa parte a conexão também pareceu íntima.

– Kate não lembra a mamãe? – perguntou Micah, enquanto voltávamos para o quarto.

– É, lembra – respondi, impressionado por ele ter pensado exatamente a mesma coisa que eu.

Perdidos em devaneios, não conversamos muito mais pelo restante da noite.

Por ter sido o centro da vida maia, Tikal foi declarada patrimônio mundial pela Unesco. Descobertas, escavações e reparos estavam sendo realizados havia décadas e, apesar do número de visitantes, é necessário um pequeno exército para impedir que a floresta invada a cidade.

Houve uma época em que a área ao redor de Tikal chegou a abrigar 100 mil pessoas, todas dependentes da cidade para proteção e comércio. Ao final do século X, no entanto, a civilização começou a se desintegrar. Existem diversas teorias sobre por que isso aconteceu: superpopulação, guerras, derrubada da classe dominante, secas, escassez de comida, uma capacidade insuficiente de nutrientes do solo ou simplesmente o descontentamento com as pessoas que as levavam a buscar oportunidades em meio a outras tribos invasoras. Mas em poucas décadas a cidade foi completamente abandonada e o povo se dispersou de volta ao campo. A ascensão e a súbita queda dos maias continua sendo um dos grandes mistérios do mundo, e eu estava pensando nisso enquanto íamos até a cidade antiga.

As ruínas de Tikal incluem cerca de 3 mil estruturas, com palácios, templos, plataformas, áreas para eventos esportivos, praças e terraços construídos num período de seiscentos anos. Portanto, algumas seções são muito mais antigas do que outras, e é possível notar as diferenças na arquitetura maia que possibilitaram aos arqueólogos determinar com precisão a data das outras construções maias espalhadas pela América Central e pelo México.

Mas foram as pedras de sacrifício que mais intrigaram o meu irmão. Eram pedras nas quais as pessoas costumavam ser mortas como oferenda aos deuses. O guia discursava orgulhoso acerca das razões históricas e culturais por trás das pedras quando Micah se inclinou na minha direção e sussurrou:

– Peça para alguém tirar uma foto minha deitado na pedra enquanto você finge que está me esfaqueando. Não seria legal?

Na verdade, achei a ideia um tanto mórbida, mas concordei com alguma relutância. Entreguei a câmera e ficamos na posição. Quando a fotografia estava prestes a ser tirada o guia veio correndo, sacudindo os braços para nos impedir.

– Não, não! – gritava ele, seu rosto ficando vermelho. – Vocês não podem deitar nas pedras e tirar fotos! Elas têm um significado religioso profundo!

– Eu sei – argumentou Micah –, é por isso que quero tirar a foto.

– Não é permitido.

– Só uma foto.

– Não!

– Ah – resmungou Micah, dando uma piscadela. – Só uma. A gente não vai contar para ninguém.

Eu ri, mas o guia ficou furioso. Ele era maia, assim como a maior parte dos guatemaltecos que viviam na área, e certamente sentiu que estávamos insultando a ele ou à sua cultura. Como o guia não sorriu, Micah se levantou da pedra. Voltamos a seguir o grupo, e eu meneei a cabeça.

– De onde você tira essas ideias? – perguntei, incrédulo.

– Ele não gostou muito, né? – Micah riu.

– Ele parecia bem bravo e o pessoal do passeio também. Você está insultando a cultura deles. Vai acabar causando problemas – respondi.

– Ah, eles vão superar. Daqui a pouco esquecerão.

Mas não esqueceram, é claro. Uma hora depois uma das funcionárias da TCS se aproximou de nós durante a caminhada. Ela devia ser uns doze anos mais velha do que eu e Micah e já havia trabalhado em inúmeros passeios. Era bem versada na arte de ler as pessoas.

– Vocês dois vão causar problemas nessa viagem, não vão? – perguntou ela.

Passamos pelo que fora a entrada principal para Tikal, chegando às ruínas de um palácio enquanto macacos guinchavam seus alertas do alto das árvores. Em

seguida fomos para a praça principal.

A praça tem duas pirâmides, uma de cada lado. Elas estão entre as mais fotografadas de todas as pirâmides maias e, embora fosse proibido escalar uma delas, tivemos permissão para subir na outra.

A vista no topo era de tirar o fôlego. Micah finalmente conseguiu falar com Christine e, quando ele terminou a ligação, nós nos sentamos na beirada da pirâmide, deixando os pés pendurados. O chão estava a centenas de metros de distância e daquele ponto dava para ver os outros membros da excursão, aglomerados em pequenos grupos. Poucos quiseram escalar a pirâmide, então tivemos o topo só para nós dois.

– Então, como a Christine está? – perguntei.

– Ela está bem. Diz que está com saudade.

– E como está a vida na sua casa?

Ele sorriu.

– Acho que ela está pirando um pouco. Christine não é como Cat, não está acostumada a ficar sozinha. Ficou falando sobre como estava ocupada, que não parou desde que eu fui para o aeroporto. Ela disse que foram quatro dias infernais e deve ligar para Cathy porque precisa de apoio moral.

Foi a minha vez de sorrir.

– Fale para ela ligar quando os mais velhos estiverem na escola, senão Cat não vai conseguir lhe dar atenção. Quando os cinco estão em casa é uma loucura. Especialmente entre as cinco da tarde e as nove da noite. A gente chama esse período de horário aterrorizante. É quando os pequenos ficam cansados, os mais velhos reclamam do dever de casa, ela começa a preparar o jantar e ainda dá um jeito de ajudá-los com todas as atividades. Depois é a hora do banho, e se você já tentou fazer cinco crianças entrarem no banho de uma vez, sabe que não é algo relaxante. Ela é uma ótima esposa, mas é um gênio como mãe.

Micah colocou um braço ao redor dos meus ombros.

– Nós arranjamos boas esposas, né?

– É verdade – admiti. – Acho que aprendemos isso com a mamãe: o que procurar numa mulher na hora de casar. Quero dizer, nós dois casamos com mulheres inteligentes e com corações grandes, que adoram os filhos. Foi isso que mamãe nos ensinou.

– Está dizendo que, essencialmente, eu me casei com a minha mãe?

– Você e eu.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– O que a gente aprendeu com o papai?

– A controlar a raiva? – brinquei. – Sabe, aquele negócio com a língua?

– É, aquilo era impressionante, não era? Cara, ele parecia muito assustador quando fazia aquilo. Ainda me dá pesadelos. – Micah riu e olhou para mim de soslaio. – Eu contei que fiz aquilo para Alli uma vez? Só para ver como ela ia reagir?

– E aí?

– Ela saiu correndo e gritando e não quis mais sair do quarto.

Eu ri e depois de um tempo falei:

– Não, acho que o que aprendemos com o papai foi o amor pelo aprendizado.

– Também acho. Quando eu era mais novo, achava a mamãe muito esperta. Mas o papai... ele estava em outro nível.

– Eles eram um casal e tanto, não eram?

– Eram. E eles combinavam. Quem sabe o que seria da gente se eles não tivessem feito as pazes depois daquele tempo em Grand Island?

No dia 1º de dezembro de 1974, nossa família se reuniu em Fair Oaks, na Califórnia, um subúrbio a nordeste de Sacramento. Poucos minutos depois de chegarmos meu pai ligou a televisão para assistir a uma série B de horror B que era a sua favorita. Logo nós três nos sentávamos ao lado dele no sofá, comendo pipoca e assistindo a algo assustador na televisão, como se o tempo que havíamos passado afastados dele nem tivesse acontecido.

Nossa casa – alugada, é claro – tinha quatro quartos, um luxo quase inimaginável para as nossas mentes jovens, mas mesmo assim não pude deixar de notar que meu pai transformara um dos quartos em escritório. Com o quarto principal ocupado por nossos pais, sobravam dois quartos para nós três, e minha mãe logo anunciou que um deles seria só para Dana, pois, afinal, "ela é uma garota".

Como o ano letivo já estava muito avançado, não entramos na escola até depois do ano-novo, quando outro semestre começava. Nossos pais também compraram uma cadela, uma dobermann chamada Brandy, e, como sempre

fazíamos, meu irmão e eu saímos para explorar o ambiente, dessa vez levando a cadela junto. A casa ficava numa rua sem saída que terminava num terreno que parecia selvagem, então nosso primeiro instinto foi "investigar o território". Hoje Fair Oaks está quase totalmente desenvolvida, mas naquela época havia grandes campos abertos e colinas, uma casa abandonada e árvores para escalar – tudo o que dois meninos precisavam para se divertir. E, melhor ainda, não éramos os únicos garotos da nossa idade na rua. Quase todos os vizinhos tinham um estilo de vida nômade parecido com o nosso, então não éramos exatamente os únicos garotos novos da vizinhança. Durante as tardes eles brincavam na rua, e aos poucos Micah e eu começamos a conhecê-los melhor. E, assim como tinha acontecido no Nebraska, meu irmão logo começou a me deixar para trás, preferindo a companhia dos novos amigos.

Embora meus pais tivessem feito as pazes, eles continuaram bastante afastados um do outro. Minha mãe, que conseguira outro emprego como assistente de oftalmologista, acordava conosco de manhã e nos levava para a escola enquanto meu pai dormia. Quando ela voltava do trabalho, encontrava a casa vazia duas ou três noites por semana, pois meu pai dava aulas à noite. Quando não estava trabalhando, ele corrigia provas ou passava o tempo lendo, esforçando-se para se manter atualizado em seu campo de estudo. Como todos os professores, ele também era pressionado a publicar artigos, e era comum escutá-lo usando a máquina de escrever em seu escritório. De vez em quando meus pais se esbarravam na cozinha, mas parecia que passavam pouco tempo juntos.

Seria fácil chegar à conclusão de que eles não gostavam da companhia um do outro – já que nenhum dos dois parecia fazer muito esforço para mudar aquela situação –, mas o relacionamento que tinham era confortável. Os dois brincavam e riam à mesa da cozinha durante o jantar, e às vezes eu via meu pai se aninhando na nuca da minha mãe quando eles não percebiam que eu estava olhando. Embora eles não costumassem fazer demonstrações públicas de afeto, também não eram carentes, possessivos ou ciumentos. Nunca ouvi um falar mal do outro, e era raro vê-los discutindo. Eles foram capazes de deixar o passado para trás, e pareciam ser um casal perfeito.

Até aquele momento eles tinham se sacrificado bastante, e acho que isso também os uniu. Afinal, nenhum dos dois havia sonhado com aquela vida. Meu

pai queria menos pressão e menos preocupações financeiras e, embora não almejasse ser um homem rico, costumava ficar desanimado com a batalha diária para manter a família bem. Também não conseguia enxergar nenhuma possibilidade de mudança, e isso pesava sobre ele. Com a minha mãe não era diferente. Uma vez a encontrei chorando no quarto, o que me deixou horrorizado. Nunca tinha imaginado vê-la daquele jeito, e meus olhos também ficaram cheios de lágrimas. Ela me puxou para um abraço.

– Eu só estava pensando em como seria legal viver num lugar com cavalos, como quando eu era criança – disse ela. – Talvez uma pequena casa, para cavalgarmos nos fins de semana... Seria maravilhoso. Eu queria poder ter dado esse tipo de vida a vocês três.

Sonhos são sempre devastadores quando não se realizam. Mas são os sonhos simples que costumam parecer mais dolorosos, pois eles parecem tão pessoais, tão razoáveis, tão possíveis... A pessoa está sempre perto para alcançá-lo, mas nunca perto o bastante para agarrá-lo, e isso é de partir o coração.

Nos quatro anos seguintes, Micah e eu tivemos rotinas relativamente distintas. Meu irmão continuou abrindo as asas e encontrou novos amigos com facilidade. Dana também fez amigas, e uma delas logo se tornou quase uma irmã para ela. Eu, por outro lado, não conseguia fazer amigos, não por haver algo de errado comigo (pelo menos gosto de pensar assim), mas simplesmente por azar.

Meu melhor amigo no quarto ano era o Tim. No ano seguinte ele foi transferido para a escola paroquial e depois disso raramente nos vimos. No quinto, meu melhor amigo foi o Andy. No ano seguinte ele também foi transferido para a escola paroquial e não o vi mais. No sexto ano, meu melhor amigo foi o Warren, e ele acabou se mudando para a Austrália. No sétimo, meu melhor amigo foi o Kevin, mas quando começamos o ensino médio não tivemos nenhuma aula juntos.

Meu irmão, por outro lado, teve muito mais sorte, e suas amizades só se fortaleceram com o passar do tempo. Nenhum dos garotos se mudou nem foi transferido de escola. Assim como Micah, seus amigos tendiam a ser aventureiros e passavam as tardes e os fins de semana nos campos perto da nossa casa ou no rio American, a alguns quilômetros de distância.

Nesse meio-tempo comecei a encontrar cada vez mais prazer no hábito solitário da leitura. Como não tínhamos dinheiro para comprar livros e a biblioteca da cidade contava com poucos títulos, eu não tive muita escolha além da coleção da Enciclopédia Britânica ("Encyclopaedia Britannica") que tínhamos em casa. Sem opção, comecei pelo primeiro volume e, em dois anos, já tinha lido o conjunto completo de 26 livros, um verbete por vez. Quando terminei, li tudo de novo. Depois li a Bíblia do começo ao fim.

Eu não lia o tempo inteiro, nem mesmo passava a maior parte do dia fazendo isso. Nossa casa ficava vazia durante a tarde, então o mundo lá fora era sempre convidativo. De vez em quando o grupo de amigos de Micah se juntava ao meu, e naquelas ocasiões quase parecia que estávamos de volta aos velhos tempos.

Gostávamos de brincar com as armas de pressão que tínhamos ganhado de Natal. Embora fossem brinquedos comuns para crianças da nossa idade, o que não era comum era o uso que fazíamos deles. Basicamente, meu irmão e eu – com quem quer que fosse estúpido o suficiente para se juntar a nós – logo aprendemos que era muito menos divertido atirar em alvos do que um no outro, e a brincadeira que inventamos era simples. Alguém gritava "Valendo!" e todos saíam correndo pela floresta ou para a casa abandonada, e então um caçava o outro. Não havia times, era cada um por si. O esquema era ficar se escondendo, caçando e atirando uns nos outros até a hora do jantar, quando todo mundo tinha que ir para casa.

Só havia duas regras: não valia tiro no rosto, e as armas só podiam ser bombeadas duas vezes, o que limitava um pouco a força do chumbinho. Porém isso acabava não funcionando direito, já que elas não eram aplicadas com muito rigor. Logo, todo mundo trapaceava. Havia um prazer perverso em atirar em alguém, escutar a pessoa gritar e vê-la girar em círculos segurando a ferida, para aliviar a dor. Como tudo que vai, volta, passei anos com pequenos machucados pelo corpo. Inúmeras vezes tivemos que remover uma bolinha de metal que havia perfurado nossa pele.

Mas Micah sempre parecia sofrer os piores ferimentos. Em parte porque ele sempre tentava forçar a barra, sempre tentava fazer mais. Uma vez meu irmão estava brincando com a arma de pressão numa casa abandonada cheia de lixo e pensou que teria divertido chutar o resto de uma janela quebrada havia muito tempo. Acho que ele queria imitar o que as pessoas faziam na televisão, mas

ninguém lhe dissera que nos filmes era usado um vidro especial que não estilhaça. De qualquer forma, depois de chutar a janela e atirar em alguém que estava perto da casa, ele sabia que era hora de achar o próximo esconderijo e se preparou para ir embora.

Micah logo reparou no barulho de chapinhar provocado por seu sapato. Achando que devia ter pisado na poça de um líquido desconhecido, ele continuou a andar, tentando ignorar a sensação.

Nas palavras dele: "Então notei que o barulho estava ficando mais alto. Quando olhei para baixo, percebi que a meia estava rosa, e o sapato, encharcado. Era óbvio, pensei, que tinha pisado em algum vinho deixado para trás por adolescentes. Então lá estava eu: passada, barulho, passada, barulho. De repente senti meu pé meio pegajoso, e foi quando me dei conta de que devia ter me cortado com o vidro. Então eu me sentei e tirei o sapato. A meia e o sapato estavam encharcados de sangue, e de repente o líquido vermelho saiu jorrando de um corte acima do tornozelo como se fosse água da torneira. Ele jorrava com força a cada batimento cardíaco. Eu devo ter cortado – ou pelo menos raspado – uma artéria, porque estava jorrando mesmo."

Micah gritou pelo amigo, que veio correndo. Eles usaram a meia sangrenta para fazer um torniquete no tornozelo do meu irmão, e com a ajuda do amigo ele voltou mancando para casa e chamou mamãe.

Como era fim de semana, ela estava em casa, e examinou o tornozelo que esguichava sangue por todo o chão de linóleo da cozinha.

– Parece bem feio – disse ela, sucinta.

E, como sempre, minha mãe sabia o que fazer. Colocou um curativo, e pediu que Micah pousasse a mão ali em cima e descansasse um pouco antes de sair para brincar de novo.

Por mais selvagens que fôssemos, nossa mãe fazia questão de nos levar à igreja todo domingo, e manteve esse hábito na Califórnia. Micah e eu, entediados, começávamos a nos cutucar. Mas o desafio era que o cutucado se mantivesse imóvel e quem provocava tinha que disfarçar o movimento para que nossa mãe não nos visse.

Dana não gostava muito dessa brincadeira e, embora a minha mãe não soubesse o que estava acontecendo, minha irmã com certeza sabia. Ela levava a

igreja muito a sério – talvez porque fosse importante para nossa mãe, e Dana queria ser como ela – e entre uma oração e outra ela franzia o cenho para nós, tentando nos desestimular.

Dana adorava rezar. Rezava de manhã e à noite. Pedia a Deus que abençoasse todo mundo que conhecia, uma pessoa de cada vez. Rezava por parentes, amigos e estranhos, por cachorros e gatos e pelos animais no zoológico. Ela rezava para se tornar mais gentil e mais paciente, apesar de não precisar de ajuda em nenhum desses aspectos. Dana parecia completamente à vontade com o mundo e tinha um jeito de fazer as pessoas ao redor se sentirem confortáveis. Com seu jeitinho meigo, minha irmã tinha aos poucos se tornado a rocha à qual meu irmão e eu nos apoiávamos em tempos de dificuldade.

Por mais que Dana amasse a igreja e adorasse rezar, era por causa dela que sempre chegávamos atrasados à missa. Costumávamos aparecer uns dez minutos depois de começar, e sempre depois de o restante da congregação já estar sentado. Eu não me incomodava com o atraso (como disse, costumava ficar entediado), mas não gostava de como as pessoas se viravam para nos observar enquanto tentávamos achar um assento. E em momentos assim eu desejava que minha irmã fosse um pouco mais como Micah e eu, pelo menos em um aspecto.

Apesar de suas qualidades maravilhosas, Dana não era uma pessoa muito ágil. Ao acordar, ela nunca se levantava logo. Em vez disso, ficava sentada com as pernas cruzadas no colchão, encarando o nada, parecendo sonolenta e desorientada. Minha irmã ficava naquela posição por uns vinte minutos, "acordando", como ela descrevia, e só depois começava a se arrumar. E, mesmo após ficar de pé, fazia tudo devagar. Comia devagar, vestia-se devagar, penteava os cabelos devagar. Quando minha mãe pedia que eu e Micah nos aprontássemos, levávamos poucos minutos. Mas Dana não tinha pressa. Meu irmão e eu tínhamos que caminhar até a escola, mas não era raro minha mãe ter que levar Dana de carro para que não chegasse atrasada. Às vezes aquilo nos deixava malucos, mas ela nunca se deixou afetar pelas nossas reclamações.



– É que as pessoas são diferentes – comentava ela com serenidade, sempre que a provocávamos por ser lenta.

E mamãe não se incomodava com a lentidão de Dana.

– Ela só precisa de um pouco mais de tempo para se arrumar – nos explicava.

– Por quê? – eu ou Micah perguntávamos.

– Porque ela é uma garota.

Ah.

Mas até Dana tinha impulsos rebeldes de vez em quando. Na única vez em que viajamos pelo país durante as férias, no verão de 1976, a família toda entrou na Kombi – o único carro que tivemos de 1974 até 1982 – e passamos algumas semanas viajando pelo oeste. Visitamos o Deserto Pintado e Taos, no Novo México, antes de finalmente chegarmos ao Grand Canyon. Era, claro, um dos maiores pontos turísticos do mundo, mas, por sermos crianças, não conseguimos apreciar muito a vista. Em vez disso, por sugestão da minha irmã, decidimos que seria muito mais divertido passar por baixo das cordas de segurança e nos aproximarmos da beirada instável e isolada do cânion enquanto papai e mamãe compravam o almoço. Ali descobrimos uma pequena saliência, mais ou menos um metro para baixo.

– Vamos descer ali – sugeriu Dana.

Micah e eu trocamos um olhar, avaliamos a saliência e encolhemos os ombros.

– Tá – respondemos.

Digo, por que não? Nós não questionamos se poderia ser perigoso. Não parecia muito instável.

Então descemos e nos sentamos na saliência por alguns minutos. Três crianças pequenas com as pernas penduradas sobre o penhasco. Muito abaixo podíamos enxergar o rio Colorado atravessando o cânion e falcões circulando. A camada rochosa diferente parecia um arco-íris vertical de cores suaves. Depois de um tempo ficamos entediados.

– Ei – chamou Dana –, tive uma ideia. Vamos fingir que escorregamos da beirada do cânion para assustar as pessoas.

Micah e eu trocamos outro olhar, impressionados. Aquele era o tipo de ideia que normalmente teria nos ocorrido.

– Tá – respondemos em uníssono.

Agora, agachados na saliência, levantamos devagar e passamos a cabeça e os braços sobre o topo do cânion. No começo ninguém reparou em nós. Além das cordas, que estavam a uns 10 metros de distância, vimos um grupo de pessoas tirando fotos e olhando para diferentes direções, maravilhados com a beleza natural do lugar. Quando minha irmã assentiu, começamos a gritar a plenos pulmões, pedindo ajuda.

Cabeças se voltaram imediatamente para a nossa direção, e as pessoas viram o que parecia ser três crianças tentando se segurar na beirada do penhasco. Uma idosa desmaiou, outra levou às mãos ao peito e a terceira agarrou os braços do marido. Ninguém parecia saber o que fazer. Eles nos encaravam com olhos arregalados e cheios de pavor, congelados pelo choque e horror da cena.

Finalmente um homem conseguiu se recompor, e ele estava passando por cima da corda quando vimos nossa mãe vir correndo até nós.

Dá para adivinhar o que aconteceu depois.

– Fiquem aí enquanto eu tiro uma foto! – gritou a minha mãe.

Por mais engraçado que tenha sido, infelizmente não pudemos ficar no Grand Canyon. Poucos minutos depois nossa família foi convidada a se retirar.

– Agora mesmo – alertou o patrulheiro de plantão, com extrema gentileza.

Seis meses depois meu irmão e eu tivemos as nossas armas de pressão confiscadas pelo xerife. Não por causa das guerrinhas, mas porque Micah foi longe demais. Não havia ninguém para brincar com ele numa tarde, então meu irmão recrutou dois garotos do segundo ano para um tipo diferente de brincadeira. Ele pediu que ambos se agachassem e afastassem as bainhas das calças, para que pudessem atirar através do tecido.

– Não se mexam, ou eu posso acertar suas pernas sem querer – explicou Micah, com paciência. – Só quero praticar a minha mira.

De qualquer forma, como eu disse, o xerife veio e tirou a arma dele.

Uma semana depois eles vieram de novo e levaram a minha também. Meu irmão a tinha usado para abrir buracos nas janelas de alguns vizinhos.

Assim, de uma hora para outra, nossos dias de guerra terminaram.

Capítulo 7



Lima, Peru
Domingo, 26 de janeiro

Quando chegou a hora de nos despedirmos da Guatemala, embarcamos no avião e seguimos para a próxima parada: Lima, no Peru, uma cidade com 8 milhões de habitantes na época, cerca de um terço da população do país. Outrora a capital de um império espanhol que englobava o Equador, a Colômbia, a Bolívia, o Chile, a Argentina e o Peru, Lima foi uma das cidades mais ricas e luxuosas do mundo durante os séculos XVI, XVII e XVIII. No entanto, a exploração, a má administração e o mau planejamento acabaram enfraquecendo o império, levando à derrota das forças espanholas por Simón Bolívar, em 1824.

Nos 175 anos seguintes houve uma sucessão de governos até as eleições democráticas de 1980, e eu estava ansioso para ver como o país estava se saindo.

O calor em Lima estava sufocante quando aterrissamos. Era verão na América Latina, e estava muito mais quente do que na Guatemala. Enquanto subíamos nos ônibus, a TCS distribuiu garrafas d'água e nos apresentou aos guias turísticos locais. Também recebemos um rádio e um fone de ouvido, que ligamos na mesma frequência do guia. Dessa forma, mesmo a 30 metros de distância dele, sempre podíamos ouvir o que estava acontecendo.

A Plaza Mayor estava lotada quando chegamos. Era uma das poucas áreas abertas no centro da cidade, construída com um estilo colonial e cheia de calçadas curvas decoradas com flores recém-plantadas. Crianças brincavam na grama e nas fontes, tentando se refrescar. Outras pessoas se esforçaram para nos vender lembrancinhas, amontoando-se ao redor do grupo assim que descemos dos ônibus.

Tiramos fotos do Palácio Presidencial e da catedral onde Francisco Pizarro foi enterrado. Eu sabia que ele fizera parte de uma longa linha de figuras históricas cuja reputação dependia do ponto de vista. Embora ele fosse conhecido na Espanha como um explorador, também tinha capturado Atahualpa, o líder dos incas. Quando exigiu e recebeu como resgate ouro suficiente para encher uma sala, ele executou Atahualpa e escravizou os nativos. Não pude deixar de me perguntar o que os descendentes dos incas achavam daquele local de sepultamento sancionado pela Igreja.

De lá fomos até a Casa de Aliaga, bem ao lado da Plaza Mayor. A casa é um dos exemplos mais marcantes da arquitetura espanhola antiga, mas não é muito diferente das outras estruturas daquele quarteirão. Uma pessoa pode passar na frente sem nem mesmo reparar nela.

Por outro lado, o interior é fascinante.

A Casa de Aliaga pertencia à família havia mais de quatrocentos anos e ainda hoje é ocupada pelos Aliaga. Projetada no estilo típico de *hacienda*, com salas ao redor de um pátio aberto e uma figueira de uns 30 metros que parece se estender aos céus, a construção também abriga uma das melhores coleções de arte da América do Sul. Por ser tão grande e dispendiosa, os Aliaga abrem-na para turistas. Micah e eu a percorremos com olhos atentos. Tudo, com exceção das paredes de gesso – os corrimãos, os batentes das portas, as sacadas e os

parapeitos –, fora esculpido primorosamente, e as pinturas cobriam cada espaço disponível das paredes. A mobília, em sua maioria feita nos séculos XVII e XVIII, era tão ornamentada que tornava impossível a tarefa de focalizar nossas câmeras.

Conforme andávamos pela casa, Micah finalmente se virou para mim:

– Dá para acreditar nesse lugar?

– Não. Aquela árvore... Bem, tudo na verdade... é incrível.

– Aposto que você está pegando algumas ideias para a próxima reforma, não está?

– Devo admitir que seria legal ter pinturas de ancestrais famosos. – Sorri.

– Você fala como se tivéssemos algum na família.

– Exatamente. Enquanto a família Aliaga estava construindo este lugar, nossos ancestrais provavelmente colocavam ferraduras em cavalos e trabalhavam na fazenda.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça e olhou ao redor. O grupo se espalhara pelos vários cômodos da casa.

– Mas seja sincero, você ia gostar de morar aqui?

Meneei a cabeça.

– Não – falei. – É... inacreditável, mas não faz meu estilo. E a manutenção deve deixar os donos acordados à noite.

– Entendo o que quer dizer. Você imagina o tempo que deve levar para varrer esse lugar? Christine morreria.

A equipe da TCS começou a nos reunir, contando as cabeças e garantindo que não faltava ninguém. Depois de sairmos da Casa de Aliaga, voltamos para o hotel.

Essa seria a nossa rotina pelas próximas semanas. Uma viagem guiada tem muitas vantagens, mas a programação é cuidadosamente predeterminada e em alguns lugares há pouco tempo para ficar ou explorar por conta própria.

Era a noite do Super Bowl. O time dos Buccaneers, de Tampa Bay, estava jogando contra os Raiders, de Oakland, e alguns membros do grupo queriam assistir ao jogo, incluindo Micah. Por viver em Sacramento, ele torcia para os Raiders e tinha até ido a alguns jogos daquela temporada. Nós nem sabíamos se o jogo seria transmitido no Peru e houve uma verdadeira algazarra no ônibus quando a TCS confirmou que seria. Havia uma antena parabólica no bar, que

deixaria a televisão ligada naquele canal até a disputa terminar. Parece que houve algum tipo de barganha por parte da equipe da TCS. Poucas pessoas no Peru ligam para o Super Bowl, e um jogo de futebol – que de fato importava para os peruanos – deixaria de ser transmitido.

Atrás de bons lugares, Micah e eu fomos os primeiros a chegar e pedimos petiscos para comer antes do jogo. Os outros apareceram aos poucos. Metade do grupo torcia pelo time de Tampa Bay e a outra metade pelo de Oakland, e quando o jogo estava prestes a começar o lugar estava parecendo um bar americano. Não havia nenhum peruano por perto.

Não houve show pré-jogo. Em vez disso, aproximadamente cinco minutos antes do início, a imagem da televisão oscilou uma ou duas vezes e vimos os times se preparando para o chute inicial.

– Veja bem, tudo o que estamos fazendo é novidade – disse Micah. – Seja sincero, você conhece alguém que já tenha assistido ao Super Bowl em Lima?

– Ninguém – admiti.

– Está se divertindo?

– Muito – respondi.

– Está pensando no trabalho?

– Não. Estou pensando no jogo.

Ele gesticulou com uma batata frita para mim.

– Que bom. Ainda há esperança para você.

– Aumentem o volume! – gritou alguém atrás de nós. – Não estamos ouvindo aqui do fundo!

O atendente atrás do balcão usou o controle remoto e aumentou o volume, o que nos fez notar os sons familiares. Ouvimos o grito da torcida, os nomes dos jogadores à medida que eram anunciados no estádio e então a moeda sendo jogada. Só então os comentaristas começaram a falar.

Todos se inclinaram para a frente.

– Que diabos eles estão dizendo? – gritou alguém.

– Eu não sei – respondeu outro. – Acho que eles estão falando em... *espanhol*.

É claro, fazia sentido se você parasse para pensar.

– Espanhol?

– É a língua oficial do Peru – disse Micah. – E da Espanha.

Ninguém achou graça.

– Pensei que a transmissão fosse via satélite – resmungou alguém. – Dos Estados Unidos. Talvez esteja em inglês em outro canal.

O atendente procurou. Era isto: ou víamos em espanhol ou não víamos nada.

Inclinei-me na direção de Micah.

– Agora você realmente tem uma história para contar – falei. – Não só viu o seu time no Super Bowl em Lima, como também pode dizer que ouviu tudo em espanhol.

– Esse é o espírito. Era isso mesmo que eu ia dizer.

O grupo se acomodou para assistir ao jogo. Os Raiders não estavam jogando bem e logo ficaram para trás. As comemorações de Micah se tornaram cada vez menos frequentes, e no intervalo ele balançava a cabeça.

– Você deve ter fé – encorajei-o.

– Acho que a estou perdendo.

– Já ouvi isso antes – comentei, incisivo, lembrando conversas que eu tivera com a esposa dele. – Então você ainda está evitando a igreja?

Ele sorriu, mas não olhou para mim. Fé e religião eram assuntos que sempre discutíamos, mesmo quando éramos bem mais novos. Desde que Micah tinha se casado, entretanto, o assunto vinha surgindo com maior regularidade. Christine não era católica e, em vez de ir à missa, eles frequentavam uma cerimônia cristã sem denominação. Diferente da missa de que eu gosto, a altamente tradicional, com pouca variação de uma semana para outra, Micah preferia uma cerimônia com menos estrutura e mais tempo para reflexão. Ou pelo menos foram essas as razões que ele deu quando me explicou a mudança. Mas ultimamente nem isso parecia importar.

– Deixe-me adivinhar: Christine pediu que você conversasse comigo sobre isso durante a viagem, certo?

Eu não respondi. Micah mudou de posição no assento.

– Não. Eu vou às vezes. Mas só porque a Christine quer que eu vá. Ela acha importante por causa das crianças.

– E?

– E o quê?

– Você está tirando algum proveito disso?

– Na verdade, não.

– Você tem rezado pelo menos?

– Não rezo há três anos.

Uma vida sem oração é algo que eu não conseguia imaginar. De maneira significativa, eu dependera de orações pelo mesmo tempo que Micah as vinha evitando.

– Você não acha que está faltando alguma coisa?

– Eu não rezo porque não funciona – disse ele, seco. – A oração não conserta nada. Coisas ruins acontecem mesmo assim.

– Mas você não acha que a oração ajuda a lidar com os maus momentos?

Micah não respondeu, e seu silêncio deixou claro que ele não queria continuar debatendo a questão. Ou ainda não.

No fim das contas o jogo foi uma porcaria. O Tampa Bay tinha tudo para ganhar, e, em vez de ficar para o segundo tempo, Micah e eu fomos malhar na academia do hotel. Corremos e levantamos peso, depois voltamos para o quarto e desabamos na cama.

– Sinto muito pela derrota do seu time – falei.

– Sem problema. Não sou como você costumava ser quando era criança. Lembra-se? Você sempre chorava quando o Vikings perdia.

Eu torcera para o Vikings, de Minnesota. Eu o havia escolhido porque foi em Minnesota que Dana nasceu.

– Eu me lembro. Fiquei muito triste quando eles perderam o Super Bowl – recordei.

– Qual deles? Eles perderam vários – zombou Micah.

– Obrigado por me lembrar.

– Sem problema. – Micah fez uma pausa. – Você sabe que era fanático pelo Vikings, não sabe?

– Eu sei. Eu costumava exagerar em muitas coisas.

– Você ainda faz isso.

– Todos temos problemas. Até você.

– Isso não é verdade. Eu sou muito feliz. Você não percebeu? Fui eu que, com a pura força da minha personalidade extravagante, levantei você das profundezas do desespero alguns dias atrás.

Revirei os olhos.

– Isso é só porque estamos viajando. E fazer algo assim sempre foi mais o seu estilo do que o meu. Você cresceu amando aventuras. Sempre corria atrás delas. Eu só o acompanhava para tentar evitar que se metesse em muita encrenca.

– Eu me metia em bastante encrenca, né? – disse Micah, abrindo um largo sorriso.

– Demais. Principalmente quando se tratava de armas.

Seu rosto adquiriu uma expressão apaixonada de nostalgia.

– Sabe, eu não entendo por que aquilo aconteceu. Eu não era uma criança má. Só estava tentando me divertir.

Sorri, recordando algumas cenas.

Meus pais, sendo as pessoas sábias e maravilhosas que eram, enfim perceberam que Micah e eu não éramos nada responsáveis quando se tratava de armas de chumbinho, apesar dos bons momentos que tivéramos com elas. Não importava quanto pedíssemos, eles se recusavam a comprar armas novas para nós dois. No fim das contas eles nos deram arcos e flechas.

Nós nos divertimos com aqueles arcos. Nossa mira não era muito boa, mas o que nos faltava em precisão era compensado com velocidade. Lançávamos as flechas zumbindo, praticamente enterrando-as em árvores. Meu irmão aprendeu com mais facilidade do que eu, e chegou a acertar um alvo razoavelmente grande a uma distância de uns 10 metros pelo menos cinco por cento das vezes, contra os meus três por cento.

– Ei, vamos colocar uma maçã na sua cabeça para que eu tente acertá-la – sugeriu Micah.

– Tenho uma ideia melhor – rebati –, vamos colocar a maçã na *sua* cabeça.

– Hum. Talvez não seja uma boa ideia.

Um dia, quando estávamos na mata com os nossos arcos, uma das flechas saiu na direção de um grupo que trabalhava numa casa – muitas casas foram construídas nos anos que seguiram a nossa mudança. Veja bem, a flecha não caiu perto dos trabalhadores, mas também não tão longe, e um dos carpinteiros ficou furioso com a gente, mesmo quando tentamos explicar que fora um acidente.

– Nem pensem em atirar flechas por aqui – rosnou ele.

E, pior ainda, o homem recusou-se a devolver a flecha, não importou quanto implorássemos. Como só tínhamos três, perder uma era um grande problema.

Micah e eu fugimos ofegantes para o alto da colina que dava na nossa rua. Mas, ao chegar ao topo, meu irmão decidiu que não iria seguir as ordens de um estranho qualquer, especialmente um que tinha roubado nossa flecha.

– Ele não pode me dizer o que fazer – disse meu irmão.

Então colocou uma flecha no arco e o esticou, inclinando o corpo para trás com a intenção de atirar a flecha para o céu como um desafio. Então ela saiu zunindo, cada vez mais alta, até parecer apenas um grão.

É claro que ele não percebera a leve brisa naquela tarde. Também não tinha atirado para cima, embora – e Deus é testemunha disso – tivesse sido sua intenção. O que aconteceu foi que a flecha teve apenas ângulo suficiente para se desviar na direção da casa – e dos trabalhadores – no fundo da colina, e a partir de então o vento assumiu o controle. Observei a mudança de trajetória da flecha, sentindo um aperto no peito quando percebi para onde ela estava indo.

– Micah, aquela flecha está indo para onde eu penso que está?

– Ah não... Não... NÃO... NÃÃO... NÃÃÃÃO!

Meu irmão, que estava tão pálido quanto eu, pulava em pura negação, quase como se achasse que sua vontade pudesse mudar a trajetória da flecha. Nós a observamos conforme ela começou a arquear para baixo, na direção do trabalhador que confiscara a primeira flecha. Se Micah tivesse mirado, se tivesse tentado acertar de propósito, ele nunca teria conseguido lançar uma flecha a quase 200 metros com tanta precisão.

– NÃÃÃO... NÃÃÃÃÃO! – gritou Micah, ainda pulando.

Eu vi a flecha descendo em direção à própria ruína, a cada segundo mais certo de que iríamos mesmo matar o sujeito. Nunca tinha ficado tão apavorado. O tempo parecia passar cada vez mais devagar; tudo se movia com terrível determinação. Eu sabia que acabaríamos no reformatório, talvez até mesmo na prisão.

E então tudo terminou.

A flecha acertou o chão a uns 30 centímetros de onde o homem estava trabalhando com uma pá. O impacto ergueu poeira e ele pulou para o lado, chocado e horrorizado.

– Ah, graças a Deus – disse Micah dando um longo suspiro e sorrindo.

– É – concordei. – Essa foi por pouco.

É claro que, naquela idade – e naquele momento específico –, não tínhamos compreendido direito o sermão do trabalhador. Diferente de nós, ele não estava nem um pouco grato. Num momento o homem estava apenas fazendo seu trabalho e, no outro, quase havia sido atingido por uma flecha disparada por dois garotos no alto da colina. Não, ele não estava feliz. Estava FURIOSO! Mesmo a 200 metros nós o vimos erguer os olhos em nossa direção, jogar a pá para um lado e começar a correr até seu caminhão.

– Você acha que devemos fugir? – perguntei, me virando para Micah.

Mas Micah não estava mais lá. Pude vê-lo a toda velocidade na direção da nossa rua. Nunca tinha visto suas pernas se moverem tão rápido.

Corri atrás dele. Trinta segundos depois, enquanto passava pelos jardins dos vizinhos, olhei por cima do ombro e vi o caminhão cantando pneu parar no limite da mata. O homem pulou do caminhão e nos perseguiu a pé pelo restante do caminho.

Ele nos alcançou, e estava mais bravo de perto do que tinha parecido de longe. Quando meu pai soube o que havia acontecido ele também ficou furioso, e nós ficamos de castigo por algumas semanas. Para piorar, o xerife veio naquela tarde e confiscou nossos arcos e flechas.

Com exceção da nossa viagem ao Grand Canyon, costumávamos passar as férias com parentes em San Diego.

Por alguma razão, a maioria dos parentes do meu pai e da minha mãe tinha se mudado para lá, de forma que podíamos aproveitar a praia sem gastar muito. Algo bom, devo acrescentar, para uma família que não tinha muito dinheiro sobrando.

A viagem de carro até San Diego levava dez horas, e nós três ficávamos na parte de trás da Kombi junto com Brandy, a cadela, e várias malas. Havia duas paradas para abastecer no caminho, mas nunca comprávamos comida ou bebida. Em vez disso, comíamos sanduíches de presunto com batata chips e bebíamos a limonada que minha mãe tinha trazido de casa.

Bons tempos. Nossos pais nunca tinham exigido que usássemos cinto de segurança (você está mesmo surpreso com essa revelação?) e no caminho a gente lia, inventava brincadeiras ou brigava na parte de trás enquanto o carro descia a autoestrada em direção à casa da vovó Sparks. E não estou falando de brigas com

cutucões e choramingos; eram brigas de verdade, com golpes de gravata, socos, braços e pernas torcidos pontuado por gritos e lágrimas. Meus pais costumavam ignorar o barulho por um tempo, mas às vezes papai finalmente olhava por sobre o ombro e gritava com a gente: "Parem de balançar a porcaria da Kombi!", começando assim a inevitável contagem regressiva da DEFCON, que nunca parecíamos conseguir evitar. E, claro, nós ficávamos com o olhar fixo em nosso pai, como se talos de milho crescessem de suas orelhas, imaginando o que poderia tê-lo deixado irritado.

– Foi culpa sua – dizia Micah. – Você não devia ter chorado.

– Mas você estava me machucando – eu respondia.

– Você tem que aprender a ser mais durão.

– Você estava torcendo a minha orelha! Achei que ia arrancá-la!

– Está exagerando.

– Você é um idiota.

Ele me olhou com os olhos semicerrados.

– Do que me chamou?

– Ele chamou você de idiota – contribuiu Dana, prestativa.

Micah ficou furioso.

– Eu vou mostrar quem é idiota...

E a briga começava de novo. Costumo contar que nunca dirigimos de verdade para San Diego; na maior parte do tempo, a Kombi meio que *pulava* até lá.

Quando íamos visitar nossos primos, era como se os caipiras tivessem chegado à cidade grande. Nossos tios tinham uma situação financeira melhor, e assim que chegávamos a gente saía correndo para o quarto dos primos. Do outro lado da porta estava o próprio nirvana. Parávamos e encarávamos o quarto deles por um tempo em completa admiração, com pequenas lágrimas brotando no canto dos olhos. Nunca tínhamos visto tantos brinquedos, e rapidamente fazíamos bom uso deles.

– Ei, o que é isso? – um de nós perguntava, agarrando alguma coisa.

Logo os três já estavam mexendo nas peças, tentando entender o que era.

– É o novo guindaste de construção que funciona a pilha – declarava meu primo, orgulhoso. – Ele pode montar casas inteiras do nada...

Crec.

Meu primo ficava paralisado de horror ao ver o brinquedo em pedaços.

– O que aconteceu? – perguntávamos.

– Você... você... quebrou o brinquedo – choramingava ele.

– Ah, desculpa. Ei... o que esse faz?

– É o novo carrinho eletrônico de controle remoto, ele tem...

Crec.

– Ah, desculpe. Ei, e esse...

Quando os brinquedos estavam quebrados (sempre nos perguntávamos como tantos acidentes podiam acontecer em tão pouco tempo), tentávamos brincar com os nossos primos. Não que eles vissem aquilo como brincadeira. Não fazíamos nada que não fizéssemos em casa – e que para nós eram brincadeiras normais –, mas para nossos primos era quase uma tortura cruel. Parecia que nenhum deles tivera uma infância como a nossa, uma infância sem regras.

Nós achávamos muito divertido, por exemplo, enrolar as crianças menores em tapetes até que ficassem presas e sufocadas, incapazes de se mover. Eu e Micah revezávamos pulando do sofá em cima delas, gritando "Bingo!" sempre que parecia que nós as tínhamos machucado muito. Ou então afundávamos nossos primos na piscina por um bom tempo até que eles quase desmaiassem. Às vezes tentávamos ensiná-los a dar socos fortes, demonstrando os movimentos em seus bracinhos.

– Não, não é assim. Levante o braço beeem mais para trás e use as articulações dos dedos. Assim...

POW!

Se havia algo errado nessas visitas – e dói admitir isso, já que eles são da família – é que meus primos eram chorões. Choravam o tempo todo quando estávamos por perto. Deve ter sido duro para os pais deles.

Mas eventualmente a visita terminava e chegava a hora de ir embora. A caminho do carro nos virávamos para ver nossos primos, trêmulos e pálidos como fantasmas, acenando para se despedir com os braços cheios de hematomas.

– Até o ano que vem! – gritávamos.

Um dia, ao voltar para a casa da vovó, meu irmão perguntou:

– O que eles estavam fazendo com o rosto quando fomos embora?

– Você quer dizer o jeito como eles estavam piscando, espremendo os olhos e evitando olhar para a gente?

– Sim.

– Não sei. Deve ser alguma espécie de tique.

Micah balançava a cabeça.

– Aqueles pobres garotos. Eles não estavam daquele jeito quando chegamos. O tique deve ter vindo do nada.

As viagens em si também eram sempre uma aventura. Uma vez, quando saímos para San Diego, meu pai tinha 21 dólares na carteira. Era isso: tudo que ele trouxera para uma semana de férias com a família. E justo naquela vez o carro quebrou nas montanhas Tehachapi, cerca de uma hora ao norte de Los Angeles. Rebocamos o veículo para o único posto de gasolina que havia por perto, onde descobrimos que a Kombi estava com um vazamento de óleo. A peça nova demoraria pelo menos uma semana para chegar, mas o mecânico achou que poderia soldar algo a fim de nos ajudar a alcançar nosso destino. Claro que isso custaria dinheiro, coisa que meu pai não possuía.

Meu pai tinha uma relação engraçada, e quase contraditória, com o dinheiro. Acho que ele queria ganhar mais, mas não fazia ideia de como fazer isso. Ao mesmo tempo não queria pensar muito no assunto, mas, devido à nossa situação, era sempre obrigado a fazê-lo. Tudo tinha que ser administrado, e ter que consertar o carro estava fora do orçamento. Dizer que ele ficou nervoso seria um eufemismo; ele ficou completamente assustado. Pulou a contagem regressiva da DEFCON e foi direto para o ataque nuclear. Ligou para a mãe em San Diego e ela disse que transferiria o dinheiro necessário, mas o carro não estaria pronto até o dia seguinte. Então meu pai passou o dia andando para a frente e para trás, assobiando uma melodia fúnebre.

Mais tarde comemos o último sanduíche de presunto, a último batata chips e terminamos a limonada, deixando meu pai ainda mais nervoso. Sem dinheiro para comprar comida ou ficar num hotel, acabamos dormindo na parte de trás da Kombi junto com o cachorro. Quando acordamos, também não havia dinheiro para o café da manhã. Ficamos sem comer até a tarde seguinte, quando chegamos a San Diego.

Ainda assim, essa não foi a pior parte da nossa estadia. Tampouco da raiva do meu pai. Quando penso nessa viagem específica, minhas lembranças sempre me

levam ao primeiro dia, mais ou menos uma hora depois de termos estacionado o carro.

Como eu disse, meu pai estava mais do que furioso e nós já sabíamos que em momentos como aquele o melhor era manter distância. Sem ter o que fazer Micah, Dana e eu decidimos ver o que a cidade tinha a oferecer, mas logo percebemos que não era muito. O lugar era mais uma parada de descanso detonada do que uma cidade propriamente dita. Era quente como o fogo e tinha apenas algumas construções caindo aos pedaços ao longo da rodovia em cada direção, sem sombra alguma. Não havia nem mesmo lanchonetes ou restaurantes com uma televisão para ajudar a passar o tempo.

Foi uma das primeiras vezes que ficamos entediados de verdade. Felizmente, em pouco tempo encontramos um cachorro que parecia gostar da nossa atenção. Fizemos bastante carinho nele – ele era bem amigável, agitado e feliz – e começamos a chamá-lo de Sparky (em nossa homenagem, claro). Depois de um tempo ele se levantou e saiu correndo, com a língua para fora, parecendo feliz pra caramba. Quando tinha se afastado um pouco, ele olhou para trás, na nossa direção, e parecia estar sorrindo. Então, um instante depois, ele atravessou a estrada e foi atingido por um carro a 100 quilômetros por hora.

Nós testemunhamos cada detalhe. Ouvimos o barulho e vimos o cachorro se contorcer de um jeito estranho antes de cair na nossa frente com sangue voando da boca, seu corpo derrapando até parar perto de nós. O carro diminuiu a velocidade, mas não chegou a parar. A família que estava dentro parecia tão horrorizada quanto nós. Poucos segundos depois, após gemer e choramingar, dando um último suspiro, Sparky morreu aos nossos pés. Com nosso pai tão mal-humorado e nossa mãe tentando mantê-lo sob controle, tudo o que podíamos fazer era lidar com aquele novo horror do jeito que sempre havíamos feito: como irmãos. Três crianças ao lado de uma estrada, abraçadas umas nas outras e chorando, tentando entender por que coisas horríveis aconteciam.

Capítulo 8



Cusco, Machu Picchu, Peru
27-28 de janeiro

Depois da breve parada em Lima, o grupo se preparou para a viagem até Cusco, a cidade permanentemente habitada mais antiga do Ocidente e antiga capital do império inca. Com uma população na época de 275 mil pessoas, Cusco é uma cidade resplandecente com casas de barro e tetos de telhas vermelhas, ruas sinuosas de paralelepípedos, catedrais magníficas e mercados a céu aberto. Do avião, já ficamos impressionados com sua beleza.

Durante o voo fomos avisados sobre o enjoo de altitude. Abrigada nos Andes, Cusco localiza-se a 3.500 metros, então era importante que nos

movêssemos devagar ao sairmos do avião. Havia membros da TCS em várias partes do terminal, repetindo os avisos sem parar enquanto o grupo passava.

– Vá com calma. Não perca o fôlego. Vá devagaaaar – diziam eles.

– Parece que estamos subindo o monte Everest em vez de andando num aeroporto – sussurrou Micah.

Assenti, concordando que a coisa toda era ridícula. Talvez algumas pessoas pudessem ser afetadas, mas nós éramos jovens e estávamos em boa forma. Ignorando os avisos, caminhamos normalmente e acabamos tendo que esperar algum tempo até que todos chegassem nos ônibus.

Mas, enquanto aguardávamos, um olhar de preocupação passou pelo rosto de Micah. Ele respirou fundo algumas vezes.

– Sabe, acho que eu estou me sentindo mesmo enjoado – disse ele.

– Sério?

– Um pouco. Faz com que eu pareça meio... bêbado.

No fim das contas nós dois acabamos *muito* embriagados, como se tivéssemos nos entupido de cerveja. Por alguma razão começamos a rir e não conseguíamos parar. Tudo parecia absurdamente engraçado durante a viagem de ônibus: as roupas que as pessoas usavam, as estradas esburacadas que faziam nossas vozes vibrarem e principalmente o nome do lugar que estávamos indo visitar: Sacsayhuamán.

Quando pronunciado corretamente parecia um russo tentando dizer "*sexy woman*" (mulher sexy, em inglês). E, naquele estado alterado, não conseguíamos falar sobre outra coisa.

– Mal posso esperar para ver a *sexy woman* – falava Micah com um sotaque russo, e meu cérebro privado de oxigênio fazia com que eu me contorcesse de tanto rir.

– Eu imagino onde a *sexy woman* estará – acrescentou ele. – Você sabe que não há nada que eu goste mais do que uma *sexy woman*.

– Por favor... pare com isso – eu suplicava.

– Eu quero muito, muito mesmo subir numa *sexy woman*. Você sabe que o Peru é famoso pela *sexy woman* – completou ele.

Nesse ponto, eu já tinha lágrimas nos olhos.

O almoço foi servido no hotel em Cusco. O prédio costumava servir de monastério, e aquele foi um dos hotéis mais interessantes em que nos

hospedamos. Assim como a Casa de Aliaga, foi projetado ao redor de um pátio, embora numa escala muito maior. Como fora construído originalmente em 1640, os quartos tinham sido modificados para permitir que o oxigênio fosse bombeado para dentro. Ao entrar no salão do hotel, Micah disse:

– Isso é bem melhor que uma *sexy woman*.

À tarde, depois que as risadas diminuíram, enfim tivemos chance de visitar o forte inca. Não era exatamente o que esperávamos. Situado num planalto grande e aberto logo acima de Cusco, o local era cercado por paredes de pedra. Mais parecia um anfiteatro do que um forte defensivo. As paredes foram construídas com blocos gigantes de granito, cortados e empilhados com tamanha precisão que mesmo hoje é impossível passar um pedaço de papel por entre eles.

No céu, nuvens pesadas davam à paisagem uma aparência ameaçadora. Passeamos pela região com Bob e Kate Devlin, que rapidamente tinham se tornado bons amigos. Enquanto o guia falava sobre a intrincada construção de pedras, Bob e Kate disseram que recentemente haviam comemorado seu 41º aniversário de casamento. Pouco depois, enquanto Micah e eu explorávamos a região por conta própria, vimos Bob e Kate juntos de longe. Passamos um tempo apenas observando os dois.

– Eles parecem felizes, não é? – perguntou Micah.

– Sim. Acho que é porque eles realmente *são* felizes.

– Quarenta anos é muito tempo. Eles estão casados há mais tempo do que eu estou vivo.

– Muita gente nessa viagem também.

– Na sua opinião, qual é o segredo para um casamento duradouro? – perguntou Micah.

– Não sei se existe um segredo. Cada casal é diferente. O que funciona para uns pode não funcionar para outros.

– Eu sei. Mas, se você pudesse escolher uma coisa, qual seria?

Hesitei. O céu estava escuro sobre nós, com as nuvens em movimento assumindo novas formas a cada minuto.

– Compromisso – respondi, afinal. – O casal precisa estar comprometido. Acho que se os dois estiverem comprometidos com o casamento e realmente quiserem fazer o relacionamento funcionar, então vão achar um jeito de

conseguir. Não importa o que aconteça. Se você se casar com uma pessoa que não está comprometida, ou se você mesmo não estiver, e algo der errado, o casamento não vai resistir. Casamento é algo difícil.

– Hum... – Foi tudo o que Micah disse em resposta.

– E você? Qual é o segredo, na sua opinião?

– Não faço ideia. Só estou casado há quatro anos. Mas para mim e Christine eu acho que é a comunicação. Quando conversamos sobre nossos problemas e realmente abrimos o jogo um com o outro, as coisas ficam muito bem. Mas quando começamos a guardar as coisas para nós mesmos, rancores e ressentimentos ficam acumulados e acabamos discutindo.

Fiquei calado.

– O quê? Você não acha que a comunicação é importante?

Dei de ombros.

– Para que serve a comunicação se nenhum dos dois está comprometido de verdade? Se um de vocês tivesse um caso, fosse viciado em drogas ou se tornasse abusivo, uma simples conversa não resolveria. Nem recuperaria a confiança perdida. No fim das contas, o casamento se resume a atitudes. Acho que as pessoas falam muito sobre aquilo que lhes incomoda em vez de colocarem em prática as pequenas coisas que mantêm um casamento firme e forte. Você tem que saber do que o seu parceiro precisa, e é isso que você faz. E também evita fazer as coisas que prejudicam o relacionamento. Se a outra pessoa agir da mesma forma, o casamento pode superar qualquer obstáculo.

– Como você e Cat? – Ele sorriu.

– Sim – respondi. – Como Cat e eu.

A próxima parada depois da fortaleza de Sacsayhuamán foi a catedral principal de Cusco, com riquezas suficientes para surpreender qualquer um. Maior do que a Catedral de Saint Patrick em Nova York, a de Cusco abriga centenas de afrescos e pinturas a óleo de figuras religiosas, com ouro e prata brilhando por todos os lados. Além dos imensos altares, paredes inteiras são banhadas em metais preciosos. Levando-se em conta que os espanhóis enviaram a maior parte das riquezas para a Espanha, fica fácil entender por que Pizarro estava tão determinado a conquistar os incas.

Porém, por mais fascinante que a igreja fosse, Micah parecia se concentrar em outra coisa. Com algum esforço, ele conseguiu a atenção do guia.

– Hum, onde está o quadro de Jesus comendo o porquinho-da-índia? – perguntou meu irmão.

Aprendemos que porquinhos-da-índia não são vistos como animais de estimação no Peru. Eles são considerados uma iguaria e assados em celebrações. Quando os primeiros missionários espanhóis estavam se esforçando para converter os incas ao catolicismo, eles tiveram que misturar a religião com a cultura local esforçando-se para torná-la mais aceitável para os nativos. Então, quando encomendaram uma pintura da Última Ceia, pode-se apenas especular se eles ficaram surpresos ao perceber o que o artista retratou no prato de Jesus.

Pouco tempo depois estávamos olhando para a pintura de Jesus cercado por seus discípulos. Além do pão e do vinho, no prato à sua frente havia um porquinho-da-índia.

Enquanto encarávamos a pintura, Micah se inclinou na minha direção.

– Você sabia que a turma da Alli tem um porquinho-da-índia como animal de estimação?

– Eles têm?

– Ah, sim. Ela vai amar isso.

Sorrateiro, Micah tirou uma foto.

Museus.

Para onde quer que fôssemos, éramos levados a museus. A ideia era vermos os artefatos que contavam a história dos povos nativos. Para ser bem sincero, muitos eram entediantes. Aprendemos, por exemplo, que quase todas as culturas do passado usavam – adivinhem só! – cerâmica. Isso foi traduzido em muito tempo gasto olhando para jarras e tigelas. Independentemente do contexto, depois de um tempo aquilo se tornava quase tão empolgante quanto olhar para jarras e tigelas no armário da sua própria cozinha. Mas os guias adoravam jarras e tigelas. Eu tinha a impressão de que, se pudessem, passariam horas falando sobre jarras e tigelas. Eles falavam com reverência.

– E esta... esta é a jarra que eles usavam para armazenar água! – diziam os guias. – Agora, bem aqui... Vejam como é diferente quando comparada com aquelas usadas para armazenar vinho! Vocês conseguem perceber a forma e as

cores diferentes? Tem até um tamanho diferente! É incrível notar como essa civilização era avançada. Líquidos diferentes, jarras diferentes! Imaginem só!

– Uau! Imagine só! – repetiu Micah.

– Estou tentando – falei.

– Líquidos diferentes! Jarras diferentes!

– Isso faz a cabeça entrar em parafuso, né?

Mas de vez em quando aprendíamos algo realmente intrigante nos museus. Ossos, por exemplo, costumavam chamar nossa atenção. E armas. E crânios. Especialmente os crânios. Em um museu de Cusco havia uma coleção de crânios atrás de vidros. Embora os letreiros estivessem em espanhol, conseguimos decifrar um pouco da exposição e reconhecemos a palavra cirurgia.

O guia não estava tão animado com os crânios e com a ideia de cirurgia primitiva. Ele parecia menosprezar o que Micah e eu observávamos, como se aquilo de alguma forma colocasse em dúvida a gentileza dos incas mais antigos.

– Isso não é importante – insistia ele. – Venham. Vou mostrar as jarras e tigelas. Tem mais lá na frente.

– Já vamos – respondíamos.

Acontece que os incas realizavam cirurgias cerebrais, e nós achamos aquilo fascinante. Dava para ver os buracos onde eles tinham furado os crânios. Eram do tamanho de moedas de 25 centavos, e a julgar pelo número de crânios e de variações nas posições dos buracos, aquela não era uma prática incomum. Enquanto víamos aquilo eu tentava imaginar pelo que o paciente devia ter passado, ou o que o xamã dissera quando explicou por que a cirurgia era necessária.

– Hum. Você anda deprimido, não é? Bem, certamente há espíritos de animais entre as suas orelhas. Acho melhor os desenterrarmos.

– Certo, Xamã. Desde que você saiba o que está fazendo.

– É claro que eu sei. Você não viu as nossas jarras e tigelas? Nós somos uma civilização avançada. Agora, pegue aquele osso de jaguar para mim, deite em cima da pedra e me deixe escavar.

– Pode deixar!

Na manhã seguinte o grupo foi para a estação de trem em Cusco, onde embarcamos no passeio pelo lendário Vale Sagrado, a caminho de Machu

Picchu. Os guias tinham descrito as paisagens como algumas das mais lindas do mundo, e nossa viagem foi tudo o que eles haviam prometido e ainda mais. Micah e eu passamos três horas e meia de queixo caído, olhando para as enormes paredes dos penhascos de granito, maravilhados com o rio que volta e meia parecia próximo o suficiente para ser tocado. Em alguns lugares era possível ver ruínas incas que tinham caído por causa das condições precárias; uma parede em um lugar, uma construção para armazenagem em outro.

Descemos o vale e estávamos começando a subir os Andes quando o céu azul se encheu de pesadas nuvens. A floresta fez com que os Andes ficassem verdes, e logo depois alcançamos uma vila em ruínas situada na margem do agitado rio Urubamba. Começou a chover enquanto descíamos uma rua estreita e cheia de vendedores, que também funcionava como o mercado da cidade. De lá entramos num ônibus que nos conduziria pelas estradas estreitas e sinuosas que levam a Machu Picchu, mais de 600 metros acima.

A história sobre uma cidade inca no alto dos Andes era considerada pouco mais que folclore quando Hiram Bingham chegou ao Peru em 1911. Para provar a existência do lugar, o explorador contratou guias locais e iniciou uma busca. Os guias tinham sido escolhidos porque, supostamente, sabiam a localização da tal cidade e, depois de atravessar o vale, eles levaram Bingham a um penhasco cujo topo estava coberto por nuvens.

Ao subir com sua equipe ele encontrou alguns nativos, que comentaram sobre "as casas logo depois da curva". Em alguns minutos, Bingham chegou às ruínas da cidade lendária, que já tinha abrigado mais de 2.500 pessoas. Até hoje não se sabe com certeza por que foi construída. Ela pode ter servido como um posto avançado contra invasores e saqueadores espanhóis. Outras descobertas, no entanto, indicam que talvez tinha sido o local de repouso do imperador, algo como um refúgio de férias. Outros ressaltaram evidências de que a maioria dos ocupantes eram mulheres, complicando ainda mais as teorias. O que se sabe é que a cidade foi abandonada pouco depois da chegada dos espanhóis.

Micah e eu saímos do ônibus. No começo, a cobertura das nuvens e a neblina eram grossas o bastante para ocultar tudo. Mas, à medida que subíamos a estrada sinuosa à beira do penhasco, aos poucos as ruínas começaram a se materializar, quase como se um véu estivesse sendo removido. No início estava tudo

embaçado, as imagens se formaram lentamente. Então, de repente, conseguimos ver tudo, e ficamos em silêncio, atordoados.

Parte da razão pela qual Machu Picchu é tão impactante está em sua localização. Algumas das ruínas ficam no topo da montanha e outras, nas laterais. Os terraços parecem degraus gigantes esculpidos no penhasco e, ao lado deles, construídos pelos incas com blocos de granito, estão as moradias e os templos. Os telhados, originalmente feitos de palha e madeira, apodreceram, mas ainda é possível ver as estruturas. Interligados como apartamentos, degraus íngremes se entrelaçam pelas construções. Há locais de adoração por toda parte, com áreas abertas que incluem tábuas para sacrifícios. E, rodeando tudo, as encostas exuberantes dos Andes se erguem ao longe, com trechos cobertos por nuvens. Se havíamos ficado maravilhados em Tikal, a arquitetura de Machu Picchu nos deixou sem palavras. Essa foi minha parada favorita da viagem.

Passeamos pelas ruínas com um guia por perto para falar sobre a história e a cultura. Mas às vezes eu tinha vontade de me afastar do grupo, só para ficar sozinho por um tempo. Aquele é o tipo de lugar que uma pessoa deve experimentar, não só visitar. Micah também se sentiu assim. Nós nos sentamos tranquilamente por um momento na beirada de uma das ruínas com os pés pendurados, embriagados pela vista espetacular, ambos aproveitando o silêncio.

Passamos horas explorando as ruínas, até que partimos para almoçar em um restaurante. Micah e eu teríamos continuado lá, mas o programa da excursão não permitiu. Então, contra nossa vontade, nos juntamos aos outros.

Depois do almoço voltamos para o hotel em Cusco pouco depois de anoitecer. Um dos palestrantes da excursão ligou para o nosso quarto e nos chamou para um pequeno encontro. Quando chegamos, vimos o que ele tinha pedido de um restaurante local.

Porquinho-da-índia assado.

– Vamos lá – disse ele. – Vamos experimentar. Eu pedi que um dos guias encomendasse de um restaurante local. Vamos tirar umas fotos.

Ver aquilo me deixou enjoado. Inclinei-me para perto de Micah.

– Ainda tem a cabeça. E as garras.

Meu irmão encolheu os ombros.

– É considerado uma iguaria. Além disso, aquela pintura mostra que foi servido na Última Ceia.

– Você não está mesmo pensando em comer isso, né?

– Eu vou provar... É nossa única chance. Não servem isso no local onde nós moramos.

– Sério? Você vai pegar um pedaço?

– Acho que devo. E pode me fazer um favor?

– Qual?

– Tire uma foto. Para a Alli.

– Isso é maldade. Ela vai gritar.

– Não, não vai. Ela vai achar engraçado. E vou tirar uma foto sua também.

– Uma foto minha?

– É claro. Não posso deixar que você desperdice um momento desses. Já que estamos aqui...

Olhei de novo para o porquinho-da-índia.

– Eu fico meio enjoado só de pensar.

– É por isso que eu estou aqui. Para ajudar você a experimentar coisas novas. A ir além.

– Nossa, obrigado.

– Ei – disse ele, dando de ombros –, para que servem os irmãos? Agora, prepare a câmera.

Peguei a câmera e tirei uma foto dele dando uma mordida. Ele fez o mesmo quando eu dei uma pequena mordida. Meu estômago se revirava.

– Isso não foi tão ruim, foi?

– Acho que vou vomitar – confessei.

Ele riu antes de passar o braço pelos meus ombros.

– Pense assim: esta é a última de uma grande lista de coisas idiotas que fizemos. E desta vez nem foi perigoso.

Durante aqueles primeiros anos em Fair Oaks, mesmo quando começamos a testar os limites da nossa coragem fazendo acrobacias audaciosas, meu irmão e eu, continuamos a nos distanciar. Micah passava mais tempo com os seus amigos e eu, com os meus. Às vezes nossos amigos se encontravam no mesmo lugar, mas era raro isso acontecer.

Ainda assim, enfrentamos certos rituais de passagem, embora em momentos diferentes. Conforme os campos e bosques do nosso bairro desapareciam à

medida que novas casas eram construídas, nós dois começamos a nos divertir no rio American, que ficava ali perto. Havia trilhas para andar de bicicleta e lugares para fazer *skimboard* (parece esqui aquático, mas a prancha é maior e fica amarrada a uma árvore ao longo da margem em vez de a um barco, e é a corrente da água que mantém a pessoa em pé).

Perto de casa também havia uma ponte para pedestres com uns 13 metros de altura, e era um ritual que nós, crianças, pulássemos dela para a água gelada do rio. Cair na água do jeito errado deixava a pessoa completamente sem ar. Minha primeira vez foi aos 10 anos; Micah tinha pulado um ano antes. Depois pulei da cerca no topo da ponte (planejada para impedir que as pessoas fizessem isso, claro), o que adicionava mais uns 3 metros à queda. Micah também tinha se jogado de lá bem antes de mim. Nossa atividade favorita, porém, era brincar no balanço de corda, e podíamos passar horas fazendo isso. Amarrada no meio da ponte, a corda era bem esticada e presa com uma tábua. Nós pulávamos com a tábua entre as pernas e nos agarrávamos à corda, sentindo a força da gravidade conforme caíamos a 120 quilômetros por hora antes de balançarmos de volta, em direção à ponte. Isso era perigoso e ilegal, e com frequência o xerife vinha confiscar nosso balanço de corda. Enquanto fazia isso, ele olhava para mim ou para meu irmão.

– Eu não conheço vocês? – perguntava o xerife, às vezes.

– Não – respondíamos, inocentemente.

Micah e eu também escalávamos as margens íngremes do rio. A subida era quase vertical, e a terra, instável. Escorregamos várias vezes, e chegamos a cair de uns 10 metros, quase quebrando as pernas ou os tornozelos. Uma vez quase perdi um dedo. Foi um corte fundo, que chegou até o osso da articulação. Mas minha mãe disse que eu não me preocupasse, pois sabia exatamente o que fazer – cobriu o corte com um curativo.

Mas meu irmão e eu não costumávamos fazer essas coisas juntos. Se eu ia para o rio de vez em quando, Micah ia quase todo dia. Se eu pulasse da ponte uma vez, ele pulava dez vezes e encontrava um jeito de aumentar o perigo ("Vamos pular de lá de bicicleta!"). Se eu ia à casa de um amigo na segunda-feira, Micah ia todas as tardes. Ele era simplesmente *mais* em tudo, incluindo os problemas nos quais estava começando a se meter.

Embora fosse bom aluno, continuava discutindo com professores e brigando com outros alunos, e meus pais estavam sendo chamados à escola pelo menos três vezes por ano. Eu, por outro lado, passava ano após ano tirando notas altas em provas e fazia tarefas para ganhar crédito extra, sempre ouvindo os professores comentarem:

– Você é tão mais fácil que o seu irmão.

E eu lia com frequência. Não só as enciclopédias e a Bíblia, mas almanaques e atlas também. Eu os devorava e, curiosamente, as informações pareciam grudar no meu cérebro, não importa quão obscuras ou irrelevantes fossem. No sétimo ano eu era um prodígio em curiosidades. Se alguém apontasse para algum país no mapa, eu podia citar estatísticas, nomear a capital, dizer quais eram os principais produtos de exportação da região ou até mesmo falar o nível pluviométrico, meses depois de ter apenas passado o olho pela informação. Ainda assim, não era algo que as outras crianças da minha idade achassem muito impressionante.

Se eu estivesse andando com alguns amigos, por exemplo, e um deles perguntasse ao outro:

– Ei, como foi seu acampamento no parque Yosemite?

– Ah, foi ótimo. Meu pai e eu armamos uma barraca e fomos pescar. Cara, você precisava ter visto quantos peixes nós pegamos. E vimos as sequoias também. São as maiores árvores que eu já vi.

– Você passeou pelo Half Dome? – perguntaria outro.

– Não, mas na próxima vez meu pai disse que podemos passar por lá. Ele falou que deve ser demais.

– E é mesmo. Fui lá com meu pai ano passado. Foi tão legal.

Enquanto isso, reparando que eu estava quieto, às vezes alguém tentava me incluir na conversa.

– Ei, você já foi para Yosemite, Nick?

– Não, nunca – eu responderia. – Mas você sabia que, mesmo antes de se tornar um parque nacional em 1890, a terra foi, na verdade, confiada ao estado da Califórnia em 1864 pelo Congresso e sancionada por Abraham Lincoln? Alguns pensam que, com a Guerra Civil a pleno vapor, ele não teria tido tempo para algo assim, mas ele teve. E, no final, o uso de terras confiadas preparou o cenário para que Yellowstone se tornasse o primeiro parque nacional oficial em

1872. E você sabia que as Cataratas de Yosemite, com 739 metros de altura, são a quinta maior queda-d'água do mundo, mas na verdade são formadas por três cataratas diferentes? Ou...

Os olhos dos meus amigos ficavam vidrados conforme eu falava sem parar.

É. Esse era eu. O sr. Popularidade.

Minha irmã também estava indo bem. Como eu, ela se dava bem com os professores, embora suas notas fossem medianas em quase todas as matérias. Meus pais haviam frequentado a universidade e viam a educação como algo importante (minha mãe recebera seu diploma em educação infantil e meu pai era professor), mas nem um nem outro parecia preocupado com o desempenho acadêmico da minha irmã. Não a pressionavam para estudar mais nem se importavam se ela tirava nota baixa, por uma simples razão: "Ela é uma garota."

Porém, eles a matricularam na aula de equitação, imaginando que uma habilidade dessas lhe seria útil a longo prazo.

Quanto mais eu me sobressaía na escola, mais eu me esforçava para melhorar, nem que fosse só para me destacar de Dana e Micah. De alguma forma eu achava que aquilo conquistaria a atenção que, a meu ver, era dada automaticamente para meus irmãos. Se Micah ganhava atenção por ser o mais velho e minha irmã por ser a menina, eu queria reconhecimento por alguma coisa, qualquer coisa. Ansiava por momentos em que pudesse ser o centro das atenções durante o jantar, mas, não importava o que eu fizesse, nada parecia ser suficiente. Nunca duvidei que meus pais me amassem, mas eu não podia evitar pensar que, se minha mãe tivesse enfrentado a "Escolha de Sofia", eu teria sido sacrificado para salvar os meus irmãos. Era uma coisa terrível de se acreditar e, sendo pai agora, sei que atenção não é o mesmo que amor, mas o sentimento não ia embora. Pior ainda, comecei a notar as discrepâncias com uma facilidade cada vez maior. No outono, quando era hora de comprarmos roupas novas para a escola, eu ganhava duas peças novas de vestuário e as roupas antigas do meu irmão, enquanto Micah e Dana ganhavam muito mais peças. E minha mãe, se é que se compadecia de mim, encolhia os ombros e dizia:

– As roupas de Micah são novas para você.

Meus pais não pareciam pensar na impressão que suas ações causariam numa criança.

Nunca vou me esquecer de um Natal quando acordamos e encontramos três bicicletas embaixo da árvore. Esse era de longe o dia mais empolgante do ano para nós, pois era difícil ganharmos qualquer coisa que quiséssemos. Nós contávamos os dias e falávamos sem parar sobre o que queríamos. Naquele ano em particular, bicicletas estavam no topo da lista. Elas significavam liberdade, diversão, e as nossas antigas já estavam inutilizadas por puro uso e desgaste. Quando chegamos à sala, ainda com sono, as luzes da árvore estavam brilhando e nós olhamos para os nossos presentes, maravilhados.

A bicicleta de Micah era nova e brilhava.

A bicicleta de Dana era nova e brilhava.

Minha bicicleta... brilhava.



Por um momento, pensei que a minha também era nova. Mas então, bem devagar, comecei a reconhecê-la, apesar da pintura. Como num pesadelo, percebi que meus pais tinham me dado a minha própria bicicleta consertada. Tudo bem, tinha custado dinheiro para consertar, mas, ainda assim, foi triste pensar que eles

me deram um presente que já era meu, enquanto Micah e Dana ganharam coisas novas.

No que dizia respeito às notas, nossos boletins costumavam ser pendurados na geladeira, e eu mal podia esperar minha mãe chegar em casa para mostrar a ela como eu tinha ido bem. Ela via as minhas notas e dizia estar orgulhosa de mim, mas, ao acordar na manhã seguinte, eu percebia que os boletins haviam sido tirados da geladeira e guardados na gaveta. Quando eu questionava, minha mãe dizia que era para os meus irmãos não ficarem magoados.

Eventualmente os boletins pararam de ser pendurados na geladeira. Talvez, só depois eu me dei conta, Micah e Dana também tivessem as suas próprias inseguranças.

Apesar dessas desconsiderações, eu adorava a minha mãe. Todos que a conheciam gostavam dela, incluindo os meus amigos e nossa cadela, Brandy, com todos os seus 3,5 quilos. Ela escalava e se deitava em seu colo quando mamãe se sentava para ler na sala.



A atitude da minha mãe tornava difícil não gostar dela. Ela era sempre otimista, não importava quão terríveis as coisas estivessem, e tratava com leveza questões que a maioria das pessoas acharia intolerável. Por exemplo, ela trabalhava (como muitas outras mães), mas tinha que ir de bicicleta para o trabalho. Independentemente de estar chovendo forte ou de fazer um calor de 40 graus, minha mãe se vestia para o trabalho, montava na bicicleta e começava a pedalar os 6,5 quilômetros até o consultório. Sua bicicleta tinha uma cesta no guidão e mais duas atrás do banco. Depois do trabalho ela ia até o mercado, colocava o que quer que precisássemos nas cestas e voltava para casa. E sempre, *todos os dias*, ela entrava radiante pela porta. Não importava se seu dia fora difícil, se estava muito molhada ou com calor, ela parecia a pessoa mais sortuda do mundo, como se sua vida não pudesse ser melhor.

– Ei, pessoal! É ótimo ver vocês! Eu estava morrendo de saudade!

Então ela conversava com cada um de nós e perguntava como tinha sido o nosso dia. E, um por um, Micah, Dana e eu relatávamos tudo o que tinha acontecido enquanto ela preparava o jantar.

Ela também adorava sorrir. Minha mãe podia rir de qualquer coisa, o que naturalmente atraía as pessoas. Ela não era uma espécie de Pollyana, mas parecia entender que a vida tem seus altos e baixos e que não valia a pena se decepcionar com os baixos, já que, além de inevitáveis, eram temporários.

Minha mãe também parecia conhecer os pais de todo mundo. Quando eu fazia algum novo amigo, era comum ouvir sobre como a mãe dele adorava visitar a minha. Isso sempre foi um mistério para mim, porque minha mãe não tinha vida social. Ela passava quase todas as suas noites e fins de semana em casa conosco, e almoçava sozinha.

Meus pais também não saíam muito. Eles nunca se divertiam fazendo algo que pudesse ser considerado um encontro. Lembro que meus pais foram a uma festa apenas uma vez, e foi um grande choque para nós quando eles comentaram isso casualmente. Eu tinha 13 anos na época, e depois que eles saíram eu e meus irmãos ligamos para um amigo a fim de discutir o acontecimento extraordinário: "Eles nos deixaram sozinhos? O que estão pensando? Somos apenas crianças!" (Claro que ficávamos sozinhos todos os dias, mas quem precisa de lógica quando está sentindo pena de si mesmo?)

Então, como as pessoas a conheciam? Acontece que vários pais de novos amigos eram atendidos pela minha mãe no consultório do oftalmologista, então eles acabavam conversando e se conhecendo. Mas não era só papo furado. Minha mãe tinha um jeito de fazer as pessoas se abrirem e lhe contarem tudo. Ela parecia uma colunista de fofocas, e volta e meia, quando eu mencionava um novo amigo, ela balançava a cabeça e dizia algo como:

– Tudo bem se ele vier aqui, mas você não pode ir lá. Eu sei o que se passa naquela casa.

Ainda assim a minha mãe era, e sempre será, um enigma para mim. Mesmo sabendo que ela me amava, eu não podia deixar de imaginar por que não reconhecia o meu sucesso. Embora fôssemos o centro da vida dela, nossa mãe nos deixava correr por aí em lugares perigosos, fazendo coisas perigosas. Essas inconsistências sempre me intrigaram e até hoje não consigo explicá-las. Mas é algo que eu desisti de tentar entender. E se havia algo consistente no modo como ela nos criou, era sua recusa em deixar que qualquer um de nós sentisse pena de si mesmo, em qualquer sentido. Ela conseguiu fazer isso usando um argumento enlouquecedor, no qual as três afirmações a seguir eram repetidas em sequência:

A vida é sua, mas... (comentário social).

O que você quer e o que você tem costumam ser duas coisas completamente diferentes.

Ninguém nunca disse que a vida é justa.

Eis um exemplo de discussão que tive com ela aos 11 anos:

– Eu quero entrar para o time de futebol – pedi. – Tem uma liga juvenil e todos os meus amigos estão jogando.

– A vida é sua – respondeu ela –, mas eu não quero ser responsável caso você fique aleijado para o resto da vida porque destruiu o joelho quando era criança. Além disso, não temos dinheiro para pagar essas coisas.

– Mas eu quero.

– O que você quer e o que você tem costumam ser duas coisas completamente diferentes.

– Você sempre diz isso. Não é justo.

Ela deu de ombros.

– Ninguém nunca disse que a vida é justa.

Parei, tentando outra abordagem:

– Se esse é o problema, então eu não vou me machucar.

Ela me olhou dos pés à cabeça.

– Alguém do seu tamanho? Você com certeza se machucaria. Eu já vi jogadores de futebol. Para eles você seria como um inseto batendo no para-brisas. Você é muito pequeno.

Ela tinha um bom argumento. Eu era pequeno.

– Eu queria ser maior. Como os meus amigos.

– Ah, querido, ninguém nunca disse que a vida é justa – disse ela, colocando a mão em meu ombro para me consolar.

– Eu sei, mas ainda assim...

– Lembre-se de uma coisa, está bem? – sugeria ela, a voz suave com afeição maternal. – Isso vai ajudá-lo mais tarde na vida quando estiver triste por qualquer motivo: o que você quer e o que você tem costumam ser duas coisas completamente diferentes.

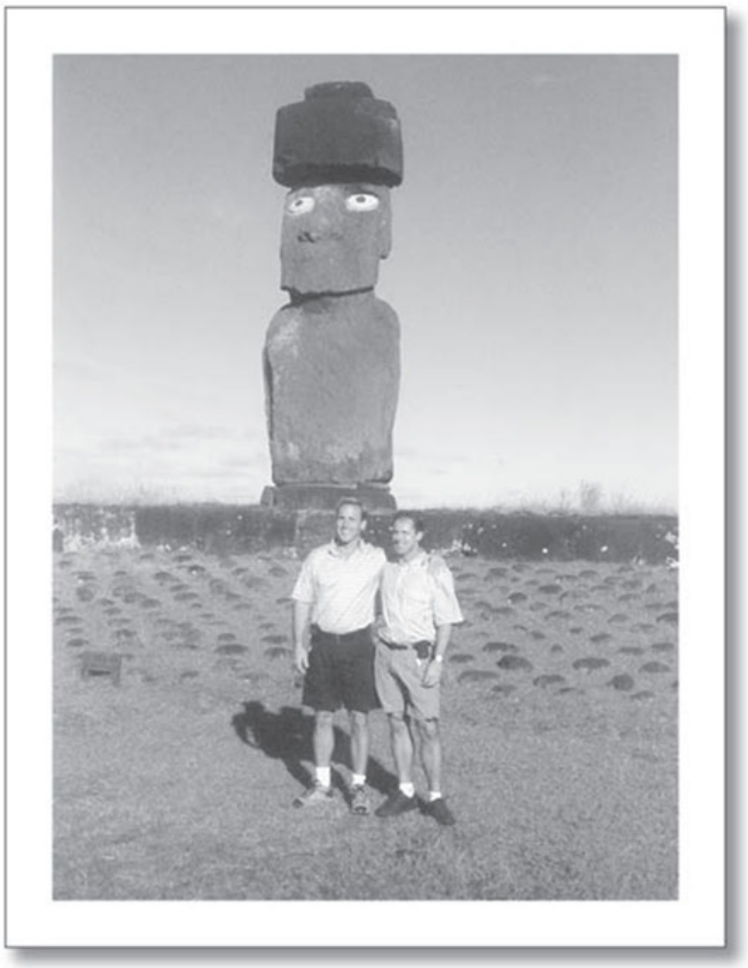
– Talvez você esteja certa. Talvez eu deva tentar outro esporte.

Minha mãe sorria com carinho, como se estivesse fazendo uma concessão.

– Ei, faça o que quiser. A vida é sua.

Quanto mais velho eu ficava, mais eu odiava aquelas discussões, porque eu sempre perdia. Mesmo assim, lá no fundo, eu nunca conseguia deixar de sentir que minha mãe provavelmente estava certa sobre a maioria das coisas. Afinal, ela falava por experiência própria.

Capítulo 9



Ilha de Páscoa, Chile
29-30 de janeiro

Enquanto olhávamos pela janela do avião, a Ilha de Páscoa surgia lentamente, uma visão remota e exótica que apenas ressaltava quão longe de casa nós estávamos.

A Ilha de Páscoa, como a maioria das ilhas do Pacífico Sul, foi ocupada primeiro pelos polinésios. Mas, devido à grande distância da ilha em relação ao resto da Polinésia (mais ou menos 3.500 quilômetros da costa do Chile, o que a torna a ilha habitada mais remota do mundo), o povo nativo desenvolveu sua própria cultura, que incluía o entalhe de estátuas gigantes conhecidas como moai.

De todos os lugares listados no panfleto, a Ilha de Páscoa era o que havia me deixado mais curioso. Eu já tinha lido sobre os moais e ansiava por vê-los e tocá-los desde criança. Por ser um local tão remoto, eu entendia plenamente que essa viagem podia ser a minha única chance de colocar os pés naquela ilha. Estendi o pescoço, olhando pela janela enquanto o avião circulava preparando-se para o pouso.

O que logo me chamou a atenção foi a escassez de árvores. Acho que eu tinha imaginado as palmeiras e florestas tropicais típicas do Pacífico Sul, mas a ilha era, em sua totalidade, formada por prados cobertos de grama, como se parte do estado de Kansas tivesse sido jogada no meio do oceano. Mais tarde os arqueólogos nos diriam que a falta de árvores explica, em parte, a cultura da Ilha de Páscoa, mas eu me lembro de, na hora, ter achado aquilo estranho.

Outra coisa interessante é o fuso horário da ilha. Por estarmos voando para oeste, atravessaríamos fusos horários e perderíamos um dia a caminho da Austrália, mas a parada na ilha maximizou nossos dias. Se partíssemos às dez, por exemplo, e voássemos por cinco horas, poderíamos chegar apenas três horas depois de termos saído, pelos cálculos do horário local. Mas, como a ilha faz parte do Chile e, portanto, segue o fuso horário do país (junto com Nova York e Miami, embora esteja, geograficamente, a oeste da Califórnia), explicaram-nos que teríamos sol até as 22h45.

O jantar foi servido ao ar livre. Depois da refeição, alguns membros da excursão foram dar uma volta pela costa ao longo do mar, para observar o pôr do sol. Ondas batiam com violência contra as pedras, e os jatos de água subiam de 12 a 15 metros no ar. A oeste o céu ficou rosa e laranja, antes de finalmente se transformar no vermelho mais vivo que já vi. E então uma escuridão impenetrável caiu sobre nós.

Micah e eu estávamos sentados lado a lado, observando tudo, quando ele se virou para mim:

– Acho que sei qual é o seu problema – declarou ele.

– Que problema?

– Por que você fica tão estressado o tempo todo.

– Por que você continua falando disso? Aqui estou eu, aproveitando meu primeiro pôr do sol no Pacífico Sul, e você quer começar a me analisar.

– O seu problema – disse ele, ignorando a minha objeção – é que você precisa de mais amigos.

– Eu tenho amigos. Tenho muitos amigos.

– Amigos homens?

– Sim.

– Mas você faz alguma coisa com eles? Você sai com eles? Vai pescar, andar de barco ou o que quer que vocês façam lá no Sul?

– Às vezes.

– Às vezes ou raramente?

Eu hesitei.

– Ok, eu não faço muitas coisas com eles. Mas não posso. Para ter tempo de sair com os amigos eu teria que abrir mão da minha família. Eu tenho filhos demais para fazer isso. E a maioria dos meus amigos também tem filhos. Eu não sou o único sem muito tempo livre para sair.

– Você deveria, mesmo assim. Só sair. Não o tempo todo, claro, mas você deveria tentar fazer isso com mais regularidade. Como eu. Entrei numa liga de futebol de salão e nós jogamos toda quinta-feira. Só um bando de homens se divertindo. Você devia fazer algo assim.

– Nós não temos uma liga de futebol de salão. Eu vivo numa cidade pequena, lembra?

– Não precisa ser futebol. Você pode fazer qualquer coisa. O importante é que você faça alguma coisa. Relacionamentos são a coisa mais preciosa na vida e os amigos são parte disso.

– Por que eu tenho a impressão de que você pensa que a solução para todos os meus problemas é ser mais como você? – perguntei, esboçando um sorriso.

– Ei, se a carapuça serviu...

Micah deu de ombros.

– Então você ainda pensa que deve tomar conta de mim, é isso?

– Só quando você precisa, irmãozinho.

– E se eu começasse a falar sobre Deus porque eu acho que você precisa?

– Pode falar – disse ele. – Eu vou ouvir.

O céu estava cheio de estrelas agrupadas em constelações irreconhecíveis, e as palavras surgiram de forma quase inesperada.

– "E Deus é fiel; ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar. Mas, quando forem tentados, ele lhes providenciará um escape, para que o possam suportar."

Micah me encarou. Apesar da escuridão, pude vê-lo erguer as sobrancelhas.

– Primeiro livro dos Coríntios – expliquei. – Capítulo 10.

– Impressionante.

Dei de ombros.

– Sempre gostei desse versículo. Lembra a história das pegadas. Aquela em que Deus anda com um homem na praia. Cenas da vida do homem passam rapidamente pelo céu e, durante os momentos mais difíceis de sua vida, ele vê apenas um par de pegadas. Não porque Deus o abandonou nos momentos de necessidade... e sim porque Deus o carregou.

Micah ficou quieto por um momento.

– Então você não acha que Ele nos abandonou?

– Não – afirmei. – E acho que Ele não quer que você O abandone.

Na manhã seguinte saímos para ver a primeira das estátuas moai, que ficavam a poucos minutos do hotel, subindo a costa. Se soubéssemos para onde iríamos, poderíamos tê-las visto do nosso próprio quarto.

Enquanto andávamos com os arqueólogos que ganhavam a vida estudando as estátuas, eles contaram que, em determinado momento, cerca de catorze tribos diferentes habitaram a ilha, cada uma com seu próprio governante. Esses governantes ordenaram que as estátuas fossem esculpidas a partir de rochas vulcânicas – a maior parte construída à semelhança dos próprios governantes – e, com o tempo, as estátuas foram ficando cada vez maiores, à medida que cada governante tentava transmitir a própria importância ao seu povo. Alguns dos moai chegam a pesar até 30 toneladas e medem mais de 3,5 metros de altura; há uma estátua inacabada que mede mais de 20 metros e estima-se que pese quase 50 toneladas.

Depois, eles explicaram a falta de árvores.

Quando foi colonizada pela primeira vez, a Ilha de Páscoa era parecida com as outras ilhas do Pacífico, mas, com o aumento da população, as árvores se tornaram o recurso natural mais explorado. Elas eram usadas para construir moradias e como lenha; árvores maduras eram usadas para rolar os moai pela ilha. Antigamente, quando os polinésios migravam, à medida que as ilhas ficavam lotadas, as pessoas partiam em suas canoas em busca de novos territórios, mas, como a Ilha de Páscoa era muito isolada, não havia nenhum outro lugar para ir.

A superpopulação e o uso excessivo dos recursos naturais levaram a guerras civis, que se estenderam por gerações. Enquanto isso, as árvores continuaram sendo derrubadas. No final a maioria tinha sido varrida da ilha e os nativos acabaram queimando qualquer coisa para cozinhar, incluindo casas e canoas. Pescar na praia havia se tornado a única fonte de alimentação, mas há suspeitas de que o fenômeno La Niña tenha provocado um súbito resfriamento das águas ao redor da ilha. Isso durou dois anos e matou boa parte do recife, tornando os peixes escassos. No fim das contas, os nativos acabaram se voltando para o canibalismo.

Com o tempo, algumas palmeiras voltaram a crescer, mas, para acelerar o processo, palmeiras maduras foram importadas do Taiti. No entanto, aquelas árvores estavam doentes, e não só morreram como também acabaram matando a maioria das palmeiras que ainda restavam na ilha. Hoje existem pouquíssimos locais arborizados na região.

A primeira estátua era fascinante, assim como a segunda e a terceira. Quando foi a vez da quarta e da quinta, já não havia mais grande novidade. Embora os arqueólogos locais garantissem que cada uma delas era diferente da outra, sob o meu olhar inexperiente todas pareciam mais ou menos a mesma coisa: com buracos para os olhos, orelhas grandes, nariz e boca, todas esculpidas em rocha vulcânica.

De lá, fomos para a encosta do vulcão, onde haviam sido esculpidas. Para chegar ao local era necessário atravessar a ilha, e a distância pela qual essas estátuas tinham sido transportadas me encantou mais do que elas em si. No caminho, tentei imaginar quantas pessoas seriam necessárias para mover uma única estátua. E para mover centenas delas?

Enquanto seguíamos até a encosta onde os moai haviam sido esculpidos, pastagens abertas e exuberantes se revelaram de ambos os lados. Depois das pastagens vimos manadas de cavalos aparentemente selvagens galopando juntos.

Os cavalos eram um símbolo de prosperidade na Ilha de Páscoa. Eles tinham sido importados no final do século XIX, mas a ilha era tão isolada que o preço da ração era impraticável, devido aos altos custos de importação. Os donos deixavam os cavalos correrem livremente para que pudessem se alimentar do pasto. Seus músculos eram ágeis e o pelo brilhava com a luz do sol, e Micah tirou uma foto deles.

O vulcão se erguia a mais de 420 metros de altura, e ao longo da base podíamos ver estátuas abandonadas. Algumas meio caídas, outras enterradas até a metade por uma trilha que continuava até o lado oposto da ilha. Na própria encosta havia outras, em vários estágios de construção. Esse era outro mistério sem solução. Havia especulação sobre as guerras, mas, assim como em muitos dos lugares que visitamos, nada era certo. Para todos os efeitos, parecia que os escultores tinham terminado a tarefa do dia com intenção de continuarem depois.

Uma trilha sinuosa leva ao pico do vulcão, e cerca de um terço do nosso grupo chegou ao topo. De lá era possível ver a curvatura da Terra. Eu e Micah fomos os primeiros a chegar. Sob céus azuis e sem nuvens, e com uma temperatura em torno de 20 graus, o passeio foi refrescante. Ao redor da ilha havia apenas uma vastidão de água sem fim, e me perguntei como os primeiros polinésios teriam sobrevivido nas águas abertas do Pacífico por tempo suficiente para descobrir a ilha.

No topo, tiramos algumas fotos antes de nos sentarmos perto de uma queda íngreme. Enquanto relaxávamos, Micah pegou a foto dos cavalos e ficou olhando para ela.

– Mamãe ia amar isso – disse Micah. – Ela ia querer emoldurar essa foto.

– Sim, ia mesmo – concordei. – Dana também.

– Você lembra quando fizemos aquelas aulas de equitação?

– Na verdade não. Só você e Dana fizeram aquelas aulas, lembra?

– Sim. Por que você não cavalgava com a gente?

– Porque – respondi – não havia dinheiro suficiente e vocês dois estavam mais empolgados do que eu.

Ele passou o braço pelos meus ombros.

– O pobre filho do meio. Sempre se sentindo excluído.

– Eu não me *sentia* excluído. Eu *era* excluído.

– Não, você não era. Nossos pais sempre tiveram orgulho de você. Eles costumavam dizer que eu devia ir melhor na escola, como você.

– É por isso que eles tiravam o meu boletim da geladeira, então? – perguntei.

– Eles não faziam isso.

– Faziam, sim.

– É mesmo?

– É.

– Eu não lembro.

– Você não lembraria.

Micah riu e falou:

– Não é engraçado como a memória funciona? Nós nos lembramos de coisas diferentes, principalmente quando elas são marcantes. Sabe, este é o tipo de coisa que faz as pessoas deitarem em um divã e conversarem com um terapeuta. Eu lembro que uma vez pedi de Natal um som portátil e fones de ouvido. Nada de mais, só algo para colocar no meu quarto, sabe? Eu devia ter 12 anos ou algo assim, e implorei. Devo ter perturbado a mamãe durante meses e, na manhã de Natal, lembro de ter saído do quarto e visto embaixo da árvore: fones de ouvido e um som. Havia um cartão que dizia "Para Micah". Fiquei tão feliz! Era o melhor presente que já havia ganhado. Então a mamãe apareceu e, quando eu agradeci, ela começou a dizer: "Não, não, não. Só os fones são seus. O som é para a família." Fiquei arrasado. Quero dizer, era a única coisa que eu queria. E, além disso, para que servem os fones de ouvido sem aparelho? É como ganhar sapato para um pé só.

– Nossos pais eram loucos às vezes, não eram?

– Às vezes? É. Eu concordo.

Eu me sentei em silêncio por um tempo, meditando sobre o passado. Aos poucos as pessoas começaram a descer do pico; a excursão tinha uma programação para ser seguida.

– Vamos lá – falei, afinal. – Temos mais algumas estátuas para ver.

Quando olhei para Micah, ele parecia estranhamente contemplativo. De repente percebi que ele também relembrava o passado. Seus olhos estavam

focados no horizonte.

– Não. Vamos esperar mais alguns minutos – respondeu ele, com a voz tranquila. – Daqui a pouco nós saímos.

Observei o horizonte, seguindo o olhar do meu irmão.

– Tudo bem.

Depois de descer do vulcão, caminhamos para o lugar mais fotografado da Ilha de Páscoa.

Cerca de vinte estátuas moai gigantes, em pé, uma ao lado da outra, formavam uma linha reta paralela à costa. Até poucos anos antes todas estavam caídas, algumas quebradas em pedaços. Os arqueólogos que vieram conosco como guias não só haviam ajudado a consertá-las como também as levantaram outra vez.

Essas, eu pensei, eram as estátuas que Jacob Roggeveen, um explorador holandês, deve ter visto quando se tornou o primeiro europeu a descobrir a ilha num domingo de Páscoa, em 1722. Diz a lenda que o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que o lugar era habitado por gigantes. Só quando chegou mais perto ele avistou homens trabalhando em meio às estátuas.

Porém, elas não haviam sido totalmente restauradas. Aprendemos que, originalmente, todas as estátuas da ilha tinham olhos. Eram esculpidos em madeira e tinham pupilas pintadas – mas estragaram com o tempo, restando apenas os encaixes –, que deram às estátuas uma aparência esquelética.

– Por que não colocam olhos de novo? – Micah me perguntou. – Eles levantaram as estátuas, então não é porque acreditem que elas não devam ser perturbadas.

– Não faço ideia. Talvez achem que assustaria turistas como nós.

Micah as encarou.

– Eu não ficaria assustado.

– Nem eu.

Ele parou.

– Acho que elas teriam uma aparência melhor com olhos.

– Eu também.

– Talvez devêssemos começar um movimento chamado “Olhos para as Estátuas”.

– O nome soa bem. Dou a maior força.

Ele continuou encarando as estátuas.

– Eu acho mesmo que elas teriam uma aparência melhor. Você não?

Ao lado de Micah, percebi que de vez em quando nós falávamos não só para comunicar algo importante, mas pelo simples conforto que extraíamos da voz um do outro.

Depois de tirar fotos, voltamos para a van e seguimos para Anakena, uma enseada cuja praia continha apenas areia branca, pontilhada por uma das poucas matas de palmeiras restantes. Pela primeira vez vimos uma parte da ilha que parecia tropical. Um moai antigo parecia montar guarda no ponto mais alto da praia, vigiando os banhistas.

Depois de um churrasco ali, Micah, eu e outras pessoas do grupo fomos nadar. Àquela altura todos já se dividiam em panelinhas. Alguns eram aventureiros e queriam experimentar tudo o que pudessem; outros pareciam enxergar as paradas que fazíamos como inconvenientes que deveriam suportar entre as refeições e as festas. Parte disso era por conta da idade e parte por conta da atitude. Micah e eu éramos do grupo aventureiro. Sempre pegávamos os passeios para quem queria andar rápido, e não queríamos deixar passar a chance de nadar no Pacífico Sul. Embora fosse algo simples, seria outra coisa numa longa lista de coisas que fizemos pela primeira vez na vida juntos.

– Eles não sabem o que estão perdendo, né? – comentou Micah, indicando as pessoas sentadas na praia.

– Talvez não seja nada de mais para eles. Muitos já viajaram antes.

– Talvez – disse ele. – Mas talvez eles nunca tenham feito essas coisas, mesmo quando viajaram. Algumas pessoas não sabem como se divertir. Elas não estão nem dispostas a tentar.

Olhei desconfiado para Micah, imaginando se ele estaria se referindo a mim.

No oitavo ano, Micah foi para a Escola Barrett Jr., e continuamos a nos afastar. Mas eu ficava cada vez mais próximo da minha irmã. Ela ria o tempo todo e tinha uma doçura que quase me fazia sentir culpado por ser o tipo de pessoa que eu era. Era raro vê-la brava, e às vezes eu a ouvia falando para a mamãe como tinha orgulho de nós. Aos seus olhos nada do que eu e Micah fazíamos era

errado, e sempre que éramos castigados ela vinha ao nosso quarto e ouvia as reclamações sobre como os nossos pais eram injustos.

Minha irmã sempre parecia me entender; ela era a única pessoa que compreendia que me sobressair na escola tinha mais a ver com a exclusão do que com qualquer amor pelos estudos. Às vezes ela pedia que eu ajudasse com os trabalhos da escola e usava essas oportunidades para aumentar minha confiança.

– Eu queria ser tão inteligente quanto você – dizia ela.

Ou então:

– O papai e a mamãe estão muito felizes por você estar indo tão bem.

Quando criança, Dana foi a única de nós que teve uma festa de aniversário, porque, como nossa mãe nos explicou: "Ela é uma garota." Isso não teria sido tão ruim (Micah e eu nunca pedimos uma festa), mas, como eu e minha irmã fazíamos aniversário no mesmo dia, sempre foi meio estranho ver Dana tendo uma festa enquanto eu ficava no canto. Mas, se a minha mãe não entendia isso, minha irmã entendia, e um ano ela veio até o meu quarto bem cedo e se sentou na beirada da cama. Acordado a cotoveladas, perguntei o que ela estava fazendo. Dana começou a cantar:

– Parabéns pra você...

Depois eu cantei a música para ela, e essa se tornou uma tradição secreta nossa. Cantávamos um para o outro, só nós dois, e nunca contamos a ninguém sobre isso. Era o nosso segredo, e continuou sendo por anos. Depois dos parabéns, nós conversávamos por um tempo. Eu contava tudo para ela: minhas expectativas e meus medos, minhas dificuldades e meus sucessos. E Dana fazia o mesmo.

Quando ela tinha 12 anos, eu lhe perguntei:

– O que você quer ser quando crescer? O que quer mais do que tudo?

Minha irmã olhou ao redor com um sorriso sonhador.

– Eu quero me casar e ter filhos. E quero ter cavalos.

Eu sei que ela pegou essa parte da nossa mãe. Mais do que qualquer outra coisa, minha mãe sempre quis ter um cavalo. Quando criança, ela tivera um cavalo chamado Tempo e costumava falar bastante sobre ele e sobre como era maravilhoso quando o cavalgava.

– Só isso? – perguntei.

– Sim. É tudo o que eu quero da vida.

– Você não quer ser rica ou famosa, ou fazer coisas empolgantes?

– Não. Isso é com você e com o Micah.

– Mas você não vai ficar entediada?

– Não – respondeu ela, com convicção. – Não vou.

Naquele instante eu soube que minha irmã não era a mesma pilha de nervos complicada que eu. Quando Dana saiu do quarto, eu me lembro de desejar que, se não pudesse ser como Micah, queria ser como ela.

Quando comecei na Escola Barrett Jr., no ano seguinte, me juntei a Micah no longo trajeto de ônibus, mas nunca nos sentávamos juntos e não conversávamos. Os estudantes do nono ano eram diferentes do pessoal do oitavo. Eram os "Homens do Campus", e os nossos caminhos raramente se cruzavam nos corredores ou no intervalo. Depois da escola e nos fins de semana, Micah corria para ver seus amigos, enquanto eu competia em várias equipes esportivas. Embora eu fosse um bom atleta, não era extraordinário e não me sobressaía nem no campo de futebol nem na equipe de corrida.

No ano seguinte Micah começou o ensino médio e nós nos separamos de novo, durante e depois da escola. Àquela altura eu já tinha me acostumado a ser independente.

No meio do meu oitavo ano, em 1978, nossa família se mudou para a primeira e única casa que meus pais tiveram.

Nós mesmos cuidamos da mudança. Quem precisa pagar por uma empresa de mudança quando há dois garotos fortes e uma Kombi disponíveis? Então, dia após dia, enchíamos o carro com as coisas da casa e as carregávamos para dentro do novo lar.

Mas o veículo não era projetado para cargas excepcionalmente pesadas, e meu irmão e eu não nos preocupamos com quanto peso colocamos na Kombi. Enchemos a parte de trás com os livros do nosso pai até não haver mais um centímetro sobrando. Devia pesar meia tonelada, e a traseira quase tocava o chão. Enquanto isso, a frente do carro apontava para cima, como uma pessoa olhando para um horizonte distante.

– Já colocamos tudo no carro, mãe.

Minha mãe encarou a Kombi.

– Parece que vai empinar.

– É só porque está pesada na parte de trás. Vai voltar ao normal quando descarregarmos as coisas.

– Vocês acham seguro dirigir? – perguntou ela. Por que ela perguntou para nós dois, eu nunca vou saber. Eu e Micah nem tínhamos carteira de motorista.

– Claro que é seguro. Por que não seria?

A boa notícia é que a Kombi chegou até a casa nova. A má é que, mesmo depois de tirar todos os livros, ela não voltou a ficar nivelada. Nem um pouco. Tínhamos quebrado o que quer que levantasse a traseira.

– A frente ainda está apontando para o céu, ou é só coisa da minha cabeça? – perguntou minha mãe.

– Talvez a gente esteja olhando meio torto. Ou talvez a rua seja inclinada.

Inclinamos nossas cabeças, conferindo o automóvel e dando uma olhada na rua.

– Acho que vocês quebraram alguma coisa – disse minha mãe, por fim.

– Não – respondemos. – Vai ficar tudo bem. Dê um tempo. Ela vai voltar ao normal.

– Seu pai vai ficar furioso.

– Ele nem vai perceber – tentamos tranquilizá-la. – Mas, mesmo que ele perceba, não vai se importar.

É claro que meu pai percebeu, e a contagem regressiva da DEFCON começou quando ele chegou em casa. Mas éramos inteligentes o bastante para estarmos bem longe na hora. Felizmente, quando voltamos, ele já tinha se acalmado: a Kombi estava andando direito, apesar de parecer estranha. E se ela estava andando bem, significava que não havia nenhum bom motivo para consertá-la. Gastaríamos um dinheiro que não tínhamos. Então ela ficou daquele jeito por três anos, até que a trocamos pelo novo modelo da Volkswagen. Nesse meio-tempo andamos pela cidade como se estivéssemos rebocando bebês de baleia para o zoológico.

A nova casa era pequena. Havia apenas um andar com quatro quartos, um escritório, uma sala e uma cozinha. Dois dos cômodos, o escritório e o quarto principal, haviam sido construídos no espaço da garagem. A casa tinha 25 anos e precisava de reparos urgentes. Mesmo com a reforma da garagem, o espaço possuía menos de 120 metros quadrados.

Mas para nós era incrível. Meus irmãos e eu tínhamos nossos próprios quartos pela primeira vez na vida e nos empenhamos bastante em decorá-los com o nosso estilo. Minha mãe estava muito orgulhosa por finalmente ter uma casa que podia chamar de sua, e, no decorrer dos anos, passou muito tempo reformando o lugar e inserindo nele seus próprios toques de personalidade.

Havia dezesseis paredes, todas pintadas com cores diferentes (minha mãe mudava a cor das paredes com mais frequência do que algumas pessoas trocam de escova de dentes), e todo fim de semana Micah e eu tínhamos que terminar a "lista de afazeres" antes de podermos sair para brincar. Passávamos as manhãs de sábado construindo cercas, pintando paredes, plantando arbustos e árvores, lixando os armários da cozinha e colocando em prática qualquer plano que ela inventasse enquanto estávamos trabalhando.

Como a família tinha pouco dinheiro extra para essas ocasiões, era um processo lento. Para construir a cerca, por exemplo, minha mãe comprava uma dúzia de tábuas de madeira toda semana – tudo o que conseguia poupar do seu salário. Ela levou quase cinco meses para juntar toda a madeira necessária para construir a cerca, mas, felizmente – pelo menos na opinião dela –, a mão de obra era gratuita. Micah e eu, sem dúvida graças à nossa experiência com o telhado no Nebraska, ficamos incumbidos de construir a cerca, e o fizemos. Ela acabou ficando um pouco torta, em vez de ter todas as tábuas alinhadas no topo, mas aquela era uma das consequências que a nossa mãe deve ter previsto antes de decidir nos encarregar do projeto.

Sabendo que continuaríamos a fazer a maior parte do trabalho na casa, nossos pais começaram a nos dar ferramentas como presentes de Natal. Era um jeito de matar dois coelhos com uma cajadada só. Não só ganhávamos algo inesperado (como eu poderia esperar receber martelo e pregos de Natal se não os queria?), mas também, ao mesmo tempo, eles economizavam dinheiro. E era muito melhor do que nos dar armas de novo. Numa manhã de Natal eu me sentei no sofá ao lado de Micah.

– O que você achou do Natal esse ano? – perguntou ele.

– Foi ótimo – respondi – para um *carpinteiro*. – Olhei para os meus presentes, balançando a cabeça. – O que eu vou fazer com martelo e pregos? Eles querem que eu construa móveis agora?

Micah balançou a cabeça e suspirou.

– É, sei o que você quer dizer. Mas pelo menos ganhou várias coisas. Eu ganhei uma serra. O que a mamãe vai mandar eu fazer com aquilo? Eu queria uma calça Levi's, pelo amor de Deus.

Ficamos sentados em silêncio.

– Nossos pais são estranhos, não são? – perguntei.

Micah não respondeu. Quando olhei para ele, eu o vi encarando a serra.

– O que foi?

Ele balançou a cabeça e franziu a testa.

– Não é nada. Aqui na caixa diz que essa coisa pode cortar madeira dura, como carvalho.

– E?

– A madeira do meu quarto não é de carvalho?

– Acho que sim.

Ele refletiu sobre a situação.

– E você não concorda que os nossos pais são um pouco opressivos?

– Com certeza – concordei. – Eles parecem os guardas das Gulags.

Micah piscou, como se de repente se visse na presença de um marciano.

– Do que você está falando, Nick?

– Deixa para lá.

– Às vezes você também é estranho.

– Eu sei. – Já tinha ouvido aquilo antes. – Mas o que você estava dizendo?

– Bem, e se usarmos essa coisa a nosso favor?

– O que você quer dizer?

Ele se inclinou na minha direção e sussurrou o plano, e eu tive que admitir que a ideia era realmente boa. Não deu outra. Assim que nossos pais saíram para trabalhar – nós ainda estávamos de férias –, meu irmão usou a serra para abrir um buraco no chão do closet dele. A abertura dava no espaço vazio embaixo da casa. Assim, depois da hora de dormir, Micah podia sair de fininho à noite pelo próprio quarto sem os nossos pais saberem.

E foi exatamente o que ele fez.

Por volta dessa época minha mãe decidiu que estava cansada de trabalhar em tempo integral, cozinhar e limpar a casa toda. Portanto meu pai fora promovido a chef.

Lembro que fiquei sabendo disso um dia quando voltei da escola, e realmente acreditei que meu pai estava empolgado com a tarefa. Ele disse que prepararia uma de suas refeições favoritas, algo que costumava comer quando criança. Até nos proibiu de entrar na cozinha para vermos o que estava fazendo.

– É surpresa – disse ele.

Meus irmãos e eu não entendemos nada. A única coisa que papai já tinha cozinhado sozinho era moela de frango. Nada de asa, coxa ou peito, mas *moela*. Ele adorava aquilo. Fritava porções imensas, e acabamos tomando gosto pelo prato. Mas naquela noite ficou claro que a moela não estava no cardápio.

Moela frita – ou qualquer coisa frita – deixava um aroma agradável na cozinha. Mas o único cheiro que conseguimos sentir era de algo queimado, parecido com massa quando pega fogo, e mais de uma vez escutei meu pai gritar "Ops!" e abrir correndo a porta dos fundos, para deixar a fumaça sair. Em seguida ele aparecia na sala e dizia: "Vocês vão adorar isso" ou "Cozinhar para vocês vai ser ótimo! Não vejo a hora de dividir mais receitas da minha infância. Agora estou pegando o jeito!".

Então, depois de mais três ou quatro "Ops!", ele nos chamou para a mesa. Minha mãe ainda não tinha voltado, então nós três nos sentamos. Meu pai trouxe a comida do fogão e a colocou sobre a mesa.

Eram dois itens. Um prato de torradas e... e...

Olhamos mais de perto, porém ainda não dava para reconhecer. O que quer que fosse, estava numa tigela. Cinza e marrom com alguns caroços e manchas pretas no meio, uma textura que lembrava molho de carne. A colher repousava sobre a massa, que parecia se solidificar aos poucos.

– Talvez tenha queimado um pouco, mas deve estar bom. Podem comer.

Ninguém se mexeu.

– O que é, papai? – perguntou Dana depois de um tempo.

– Feijão – respondeu ele. – Cozinhei com uma receita secreta.

Olhamos de novo para a tigela. Não parecia feijão. E também não tinha cheiro de feijão. O cheiro não parecia normal. Parecia o cheiro de algo que o cachorro tivesse comido, digerido parcialmente e posto para fora de novo. Mas, tudo bem, feijão, torrada e...

– Qual é o prato principal? – perguntei.

– Como assim? – questionou meu pai.

– Tipo, hambúrguer? Galinha?

– Não precisa. Não com essa refeição – explicou.

– O que é essa refeição? – perguntou Micah.

– Feijão na torrada – disse ele, com a voz cheia de orgulho. – Sua mãe nunca fez isso para vocês, né?

Nós trocamos um olhar e balançamos a cabeça.

– Quem vai experimentar primeiro? – perguntou ele, pegando a tigela.

Nem Micah nem eu movemos um músculo. Dana finalmente pigarreou.

– Eu, papai.

Ele abriu um grande sorriso. Colocou uma torrada no prato dela e enfiou a colher na tigela. A massa estava grossa e dura, e meu pai teve que forçar bem a colher. O cheiro ficou cada vez pior. Vi o nariz dele torcer.

– Como eu disse, talvez tenha queimado um pouco – falou. – Mas deve estar gostoso. Bom apetite.

– Você também vai comer, papai? – perguntou Dana.

– Não, podem ir em frente. Vou só ficar olhando. Vocês três ainda estão em fase de crescimento, precisam de energia. Micah?

Meu pai pegou mais uma colherada, fazendo careta com o esforço, como se fosse um sorvete congelado.

– Não, obrigado. Eu fiquei de comer na casa do Mark hoje. Não quero perder o apetite.

– Você não mencionou isso antes.

– Acho que esqueci. Mas eu já devia estar me preparando. Era para ter chegado lá há dez minutos.

Ele se levantou rápido da mesa e desapareceu.

– Tudo bem. E você, Nick?

– É, vou comer – falei, erguendo meu prato.

Peguei uma torrada, e o feijão queimado que parecia molho de carne bateu como uma bola de beisebol na porcelana, quase rolando para fora e caindo na mesa.

– É só espalhar um pouco – sugeriu ele. – Fica melhor.

Eu e minha irmã começamos a cutucar o jantar, tentando espalhar a massa, mas sem sucesso, horrorizados com a ideia de comer aquilo. Mas, exatamente quando sabíamos que não daria para adiar mais, minha mãe chegou.

– Olá, pessoal! Como vocês estão? É ótimo ver todo mundo... – Ela parou e torceu o nariz. – Que fedor é esse?

– É o jantar! – anunciou meu pai. – Venha. Estávamos esperando por você.

Ela foi até a mesa, deu uma olhada na comida e disse:

– Crianças, levem esses pratos para a pia.

– Mas... – contestou meu pai.

– Sem "mas". Vou fazer macarrão. Crianças, vocês querem macarrão?

Assentimos com fervor, levantando às pressas para sair da mesa.

– Então peguem as compras das sacolas. Já, já vou começar a preparar a comida.

Por alguma razão, meu pai não pareceu muito chateado. Na verdade acho que aquele era o plano desde o começo, porque depois daquela noite ele foi proibido de cozinhar para nós. E sempre que minha mãe reclamava do fracasso dele em assumir mais responsabilidades dentro de casa, ele podia responder com sinceridade:

– Eu tentei. Mas você não deixou.

Alimentos em geral tornaram-se uma estranha obsessão em casa. Como não podíamos pagar pelos doces que as outras crianças ganhavam, acabamos desenvolvendo uma mentalidade de abusar sempre que alguma oportunidade surgia. Ao visitar a casa de amigos, por exemplo, era comum devorarmos tudo o que estivesse ao nosso alcance, até explodir. Era fácil comer trinta ou quarenta biscoitos recheados de chocolate em uma visita. Às vezes deixávamos amigos nos quartos deles e nos esgueirávamos até a cozinha, para saquear a despensa e comer mais ainda.

Acontecia a mesma coisa quando nossa mãe tinha o impulso maluco de comprar qualquer doce. Cereal, por exemplo. Só havia um tipo de cereal na casa. Se por acaso ela comprasse outro por impulso, comíamos a caixa inteira na mesma hora. Simplesmente não dava para imaginar poupar um pouco para a manhã seguinte. Nosso raciocínio era: "Se eu não comer agora, as outras crianças vão pegar, e eu mereço a minha parte." Então comíamos até o nosso estômago doer. Uma vez, depois de cada um comer cinco tigelas grandes do novo cereal em menos de meia hora, Micah e eu nos sentamos no sofá, com as barrigas inchadas.

– Acho que talvez tenha o suficiente para uma última tigela – falou Micah.

– Eu sei. Estava pensando nisso agora.

– Será que a gente devia deixar para a Dana?

– Não. Não mesmo. Ela comeu a última tigela da outra vez.

– Foi isso que eu pensei. Mas estou tão cheio, não aguento mais nada.

Ficamos nos revirando no sofá, buscando uma posição confortável. Depois de um tempo Micah se virou para mim:

– Quer dividir? Meio a meio?

– Quero.

Meu pai também tinha um fraco por doces. Ele sempre guardava um punhado de biscoitos recheados de chocolate em casa, mas, conhecendo os filhos, escondia o pacote no escritório.

Isso nos levava a conduzir buscas minuciosas para encontrar os biscoitos. Costumávamos encontrá-los depois de alguns minutos, e cada um roubava um ou dois para ele não perceber. Em seguida voltávamos pela segunda e terceira vez, sempre reorganizando os biscoitos restantes na esperança de ele não perceber que a embalagem estava mais vazia. Quando meu pai voltava para casa do trabalho, restavam apenas um ou dois biscoitos quebrados.

Segurando a embalagem quase vazia à sua frente, ele encarava as migalhas com os olhos arregalados.

– Abutres! Meus filhos são uns abutres! – gritava ele, e conseguíamos escutá-lo procurando pelas chaves. Quando as encontrava ele entrava no carro e dirigia até a loja para comprar outro pacote de biscoitos recheados de chocolate. E passava o resto da noite olhando feio para nós de dentro do escritório.

No dia seguinte a busca pelo pacote de biscoitos começaria de novo. E quando o encontrávamos comíamos os biscoitos compulsivamente, até sobrarem apenas um ou dois.

– Abutres! – Nós o escutávamos berrar. – Vocês são todos um bando de *ABUTRES*!

Capítulo 10



Rarotonga, Ilhas Cook
31 de janeiro

Era a última manhã na Ilha de Páscoa, e nós nos levantamos cedo para comer o desjejum, terminando bem quando o sol começou a nascer.

Acordar cedo havia se tornado um hábito na viagem. Geralmente o café da manhã começava às 6h30, e nos encontrávamos no saguão antes das oito para começar a visitar os locais. Levar o grupo para qualquer lugar demorava horas. Com quase noventa pessoas e duzentas malas de viagem, parecíamos mais uma caravana lenta do que uma força-tarefa de ação rápida. O horário de partida

costumava ser por volta das dez, mas então era comum já estarmos acordados havia cinco horas sem termos feito nada de mais.

O despertar no início da manhã, os jantares no fim da noite, os dias longos fazendo visitas e a viagem extensa dos últimos sete dias já começavam a se acumular. No fim da estadia na Ilha de Páscoa quase todo mundo parecia cansado. E ainda tínhamos dois terços da viagem pela frente.

O voo para Rarotonga, a principal ilha no aglomerado do Pacífico Sul conhecido como Ilhas Cook, durou sete horas. Compensamos o tempo voando no sentido oeste e chegamos no começo da tarde. Não havia nenhum passeio agendado. Ficaríamos por nossa própria conta o restante do dia e partiríamos para a Austrália pela manhã. A parada em Rarotonga serviria como um intervalo para o voo de catorze horas entre a Ilha de Páscoa e Uluru.

Senti a umidade de Rarotonga quando saímos do avião, e fazia muito mais calor do que na Ilha de Páscoa. Era um dia típico de ilha: o céu azul cheio de nuvens inchadas e densas que prometiam chuvas no fim da tarde, umidade alta e uma brisa leve e constante. O lugar era lindo. A rua principal circundava a ilha, e os picos centrais, cobertos por uma vegetação densa, tinham os topos envoltos por nuvens. Assim como a Ilha de Páscoa, Rarotonga tinha sido colonizada por polinésios, mas provavelmente era mais famosa devido ao capitão Bligh e aos tripulantes amotinados do HMS *Bounty*, que ficaram presos nas ilhas no final do século XVIII.

Quando chegamos ao hotel o grupo se dispersou. Alguns foram almoçar, outros se retiraram para aproveitar uma soneca. Outros se sentaram nas praias ou à beira da piscina, e uns poucos decidiram fazer mergulho com snorkel. Eu e Micah alugamos lambretas para explorar os arredores.

A ilha tinha menos de 40 quilômetros de circunferência, e, assim como na Inglaterra, os veículos seguiam pela pista esquerda. Embora isso tenha exigido certa atenção inicial, as ruas não estavam muito cheias e nós andamos com rapidez, parando aqui e ali para tirar fotos. Palmeiras se estendiam até perder de vista, e ficamos pensando se a Ilha de Páscoa algum dia foi assim. Era um pensamento triste. Embora ela fosse austera e amável à sua própria maneira, a diferença entre as duas era desconcertante.

As Ilhas Cook são conhecidas por suas pérolas negras, e nós paramos para comprar algumas para as nossas esposas. Na semana anterior, Micah tinha falado

duas vezes com Christine, e eu havia falado quatro com Cat. Nenhuma das nossas conversas durou mais do que alguns minutos. A vida delas estava mais caótica do que o normal, mas suas rotinas permaneciam as mesmas. Ficamos maravilhados quando pensamos em todos os lugares que visitáramos desde a última vez em que as tínhamos visto.

A sensação de dirigir com o vento batendo no rosto é revigorante, e, enquanto circulamos pela ilha, minha mente começou a vagar. Em parte porque Micah e eu estávamos sozinhos, sem qualquer compromisso. Pensei sobre a nossa infância. Os lugares onde moramos e as coisas que fizemos. Tentei imaginar o que meus filhos estariam fazendo e tentei visualizar a aparência de Cathy enquanto ela se olhava no espelho pela manhã.

E o melhor de tudo foi que eu não pensei em trabalho nem por um instante durante todo o percurso. Pela primeira vez em anos comecei a sentir que estava de férias.

Micah e eu compramos garrafas d'água e paramos em uma das praias públicas no outro lado da ilha. Estavam cheias de corais, e as ondas subiam bastante antes de quebrarem nos recifes. Não havia mais ninguém lá, e, da praia, não dava para ver nenhuma casa. Se não fosse pelo tênue barulho de trânsito na rua teria sido fácil imaginar que éramos as únicas pessoas ali.

Ficamos um bom tempo sentados, observando as ondas. O oceano tinha um tom de turquesa desbotado, e, mesmo de onde estávamos, dava para ver o fundo através da água. Cardumes de peixes coloridos e reluzentes nadavam por perto, seguidos pelo nosso olhar. Muitas ilhas no Pacífico Sul têm suas próprias espécies nativas. Alguns peixes encontrados no Havaí ou em Fiji só existem naquelas regiões, e eu me perguntei se estava vendo uma espécie que nunca encontraria novamente.

– Agora, esta – falou Micah – é a razão pela qual viemos para Rarotonga. Linda praia, tempo bom e privacidade. Dá para ficar melhor?

– Bem diferente das nossas férias no Grand Canyon, né?

– Aquela foi uma viagem e tanto, não foi? – Micah sorriu.

– Foi ótima.

– Foi horrível – corrigiu ele. – Mas você era novo demais para lembrar. No fim da viagem, nosso pai já estava quase ficando maluco por nossa causa. Ele

dirigia o dia todo, via um lugar e aí nós acampávamos na Kombi à noite porque não tínhamos dinheiro para hotéis. E você esqueceu que não tínhamos ar-condicionado? Lá estávamos nós, atravessando o deserto de carro no meio do verão, com aquele sol ofuscante entrando pelas janelas e cozinhando todo mundo. Fazia calor dia e noite, e nós passávamos o tempo todo reclamando. E brigávamos até ficarmos cobertos de suor, gritando sem parar. Papai ficou bem rabugento.

– Papai? – fingi incredulidade. – O senhor DEFCON? Você deve estar se referindo a outra pessoa.

Micah riu.

– Acho que nós nos lembramos daqueles momentos com muita clareza porque normalmente ele era tranquilo. Eu mal notava que ele estava por perto, e aí de repente *BUM*. Não era mais o nosso pai; ele virava alguém superassustador.

– Você lembra quando ele nos levou para ver *Alien* na estreia porque ouviu falar que era o filme mais assustador já produzido? Ou quando assistimos a *A mansão Marsten* na televisão? A gente tinha o quê, uns 11 anos?

– Por aí.

– Você deixaria Alli ver filmes assim? Quero dizer, daqui a um tempo?

Alli, a enteada de Micah, tinha 10 anos.

– Sem chance. Christine me mataria. Ela nem me deixa levar filmes assustadores para dentro de casa.

– Cathy também é assim. – Suspirei. – Já lhe contei que eu aluguei *A hora do lobisomem* para o Miles?

– Não. O que é isso?

– É um filme baseado numa história do Stephen King, e eu achei que talvez Miles gostasse de assistir comigo. Era isso que o nosso pai costumava fazer, né? Então eu o deixei ver.

– E aí?

– Ele teve pesadelos por meses. Cathy ficou furiosa, recebi uns olhares feios que você nem imagina, e ela ainda menciona o assunto sempre que eu me ofereço para levar Miles para ver um filme. "É melhor ele não ter pesadelos", ela avisa. "E, se tiver, é você que vai passar a noite acordado com ele."

Micah sorriu.

– Nossas esposas e nossos filhos não parecem compartilhar nosso gosto por bons filmes de terror.

– É uma pena. Tudo o que eu queria fazer era compartilhar com Miles algo que o meu pai compartilhou comigo. Como pescar, jogar bola ou visitar museus.

– Eu entendo completamente, irmãozinho. – Micah apoiou o braço nos meus ombros. – Você precisa dar esse crédito ao papai. Ele nos ensinou a apreciar as coisas importantes da vida.

Ao voltarmos para o hotel decidimos fazer o mergulho com snorkel.

Eu já mergulhara no Caribe e no Havaí, mas nunca fiquei tão impressionado como naquele dia. Havia milhares de estrelas-do-mar azul-claras, barracudas e peixes de recife coloridos no mar quente e límpido, e uma corrente leve que permitia flutuar na superfície das águas rasas com um esforço mínimo. Como o céu estava coberto de nuvens, podíamos nadar sem sofrer queimaduras solares, e continuamos mesmo quando começou a chover.

Depois fomos comer no pátio ao ar livre do hotel. Estávamos tentando decidir o que fazer mais tarde. Sem nada planejado, parecia um desperdício voltar para o quarto. O barman – que também era nosso garçom – recomendou uma maratona de bares e disse que uma van viria ao hotel lá pelas oito da noite se colocássemos o nosso nome na lista.

Uma maratona de bares é basicamente isso: você entra numa van e vai de um bar para outro ao longo da noite. Não importa muito se a pessoa bebe ou não. Com o passar dos anos visitei inúmeros países e aprendi que, se você não conhecer as pessoas num ambiente relaxado, fazendo o que elas costumam fazer, não conseguirá sentir de verdade o espírito do lugar. Quase todos que eu conheci nessas situações foram amigáveis. A maioria das pessoas ao redor do mundo gosta de praticar inglês e ouvir sobre os Estados Unidos. O país, mesmo com todos os defeitos, é fascinante e intrigante aos olhos dos estrangeiros. Eles amam algumas coisas e odeiam outras, mas todo mundo tem uma opinião. E, ao mesmo tempo, eu fico impressionado com o fato de que as pessoas são parecidas, independentemente de onde vêm. Pelo mundo inteiro elas não só querem uma chance para melhorar sua própria situação como também desejam que os filhos tenham mais oportunidades do que elas tiveram. Políticos quase sempre são desacreditados, assim como os demagogos de esquerda e de direita.

Nosso barman não era diferente e, embora tenha ficado um pouco desapontado quando descobriu que não iríamos visitar a Nova Zelândia – seu país de origem –, ele disse que já visitara os Estados Unidos.

– É mesmo? – perguntou Micah. – Aonde você foi?

– Eu fui para Los Angeles, São Francisco, Las Vegas, Denver, Dallas, Nova Orleans, Chicago, Detroit, Filadélfia e Nova York. Passei um verão viajando pelo país.

– Você foi ver o Grand Canyon? – quis saber Micah.

– Sim, é claro – respondeu o garçom. – Achei ótimo. O monte Rushmore também. E as sequoias-gigantes. Lindo. Meu lugar favorito foi Las Vegas.

– Você ganhou alguma coisa lá? – perguntei.

– Não, eu perdi. Joguei no caça-níqueis, sabe? Mas foi divertido. Aquela cidade é muito doida. Você já foram?

– É claro – respondeu Micah. – De Sacramento é só uma hora de avião.

O barman meneou a cabeça, com a expressão alegre.

– Eu digo para as pessoas: "Se você quer ver os Estados Unidos, vá para Vegas. As luzes, os shows, a animação... isso é a América."

Jill Hannah, a médica da excursão, apareceu no pátio enquanto estávamos comendo e se juntou a nós. Ela tinha passado os últimos dias bem ocupada com os casos de problemas estomacais que os nossos companheiros de viagem tinham desenvolvido. Assim como todos os outros, Jill parecia letárgica, e quando mencionamos que iríamos sair à noite ela ergueu as sobrancelhas.

– Vocês não estão cansados?

– Um pouco – respondeu Micah. – Mas você também devia vir. Vai ser divertido.

– Obrigada, mas vou para a cama. Alguém mais vai com vocês?

– Veremos – falou Micah. – Daqui a pouco vamos perguntar por aí.

Não ficamos surpresos quando quase todas as pessoas que chamamos recusaram o convite, por mais que tentássemos fazer o programa parecer divertido. Falamos com mais de vinte pessoas, mas apenas Charles, um dos palestrantes que viajavam conosco, concordou em nos acompanhar. Marcamos de nos encontrar no saguão às oito.

– Só vamos tirar uma soneca rápida – disse Micah – e vemos você lá.

Voltamos para o nosso quarto, deitamos e adormecemos na mesma hora. Só acordamos no dia seguinte.

Durante o café da manhã Charles apareceu em nossa mesa.

– Onde vocês se meteram ontem à noite? Fiquei esperando por vocês. Estava pronto para me divertir.

– Desculpe – falou Micah, timidamente.

– Não posso acreditar que os irmãos Sparks realmente ficam cansados.

– Às vezes – respondeu Micah. – Acontece nas melhores famílias.

Assim que Charles saiu, eu me inclinei na direção de Micah.

– Não acredito que a gente dormiu. Acho que estamos ficando velhos, hein?

– Eu sei o que você quer dizer. Na faculdade parecia que eu nunca ficava cansado. Podia passar a noite toda fora. Era muito louco.

– Faculdade? – perguntei. – Quem você quer enganar? Você já era assim no ensino médio.

Micah começou o ensino médio em 1979, e durante os dois anos seguintes meu irmão teve uma relação tênue com o resto da família. Tinha chegado à idade de questionar abertamente a autoridade dos meus pais e de agir de acordo. E Micah, como era de se esperar, ia ainda mais longe, mesmo no que dizia respeito a um adolescente. Ele ficava bêbado no rio, e uma vez minha mãe encontrou maconha no bolso da calça jeans dele, deixando-o de castigo por um mês depois de ameaçar mandá-lo para a escola militar. Aos 15 anos ele apareceu em casa com um brinco na orelha, e minha mãe o convenceu a tirá-lo com a mesma ameaça.

Ela sempre nos ameaçava com a escola militar. Nossos pais tinham frequentado internatos e ambos compartilharam suas histórias de terror, que sempre terminavam com "Pelo menos não era a escola militar". Quando crianças, essas instituições nos enchiam de pavor; elas pareciam ser uma criação do próprio satã. Mas Micah dava cada vez menos importância ao que eles diziam e percebeu que nunca seria mandado embora de verdade, até porque a família não teria como bancar. Então seu comportamento só piorou. Durante o primeiro ano no ensino médio o clima na casa ficou extremamente tenso, e era comum Dana e eu ficarmos impressionados com a forma como ele erguia a voz de forma insolente contra nossos pais.

Imagem é algo importante para a maioria dos adolescentes, e com Micah não era diferente. Ele estava cansado de ser pobre e, pior ainda, de parecer pobre. Aos 16 anos, conseguiu um emprego como lavador de pratos numa sorveteria e começou a economizar. Comprou um carro usado e aprendeu a consertá-lo sozinho, comprou roupas novas e começou a namorar. Em pouco tempo iniciou um relacionamento sério com uma garota chamada Juli e passava todo o tempo livre com ela. Minha mãe achava que não era uma boa ideia ter algo tão sério naquela idade, e esse se tornou mais um tema para as discussões. Uma vez ela pegou os dois tirando uma soneca no quarto dele, e a coisa ficou bem feia. Acho que nunca tinha visto minha mãe tão brava.

Foi por volta daquela época que ela marchou até o escritório do meu pai. Ele fora praticamente irrelevante no que dizia respeito à nossa criação, mas a minha mãe não conseguia mais fazer nenhum progresso sem a ajuda dele.

– Eu os criei até agora – disse ela. – Agora é a sua vez.

Meu pai simplesmente assentiu. Deve ter achado que aquilo seria bem melhor do que cozinhar ou limpar a casa.

Depois disso comecei a ver Micah sentado no escritório dele nos fins de tarde, conversando. Meu pai era muito inteligente e lia praticamente o tempo todo. Ele lecionava teoria e gestão comportamental na Universidade Estadual da Califórnia, em Sacramento, e lia tudo sobre o assunto. De verdade. Havia milhares de livros em seu escritório – empilhados ao longo das estantes, no chão, guardados em caixas – e ele lera cada um. Durante a tarde eu sempre o via sentado na frente da escrivaninha com os pés em cima da mesa, lendo. Ele lia numa velocidade incrível; em média, terminava um ou dois livros por dia, anotando coisas enquanto folheava as páginas. O horário dele era diferente do restante da família. Como ele dava aulas durante a tarde, costumava ficar acordado até as cinco da manhã, então dormia até meio-dia.

Apesar de sempre manter a porta do escritório aberta, sabíamos que ele se sentia mais à vontade sozinho. Meu pai era um ouvinte quieto e atencioso. Quando eu conversava com seus colegas de trabalho, sempre ficava impressionado com a forma como eles pareciam adorá-lo. Meu pai era capaz de escutar uma pessoa divagando sem nunca sentir a necessidade de interromper. E ele não oferecia conselhos, a menos que a pessoa pedisse. Meu pai então esclarecia o problema apresentado – reformulando o que você dizia de uma

forma que cristalizava os seus pensamentos e permitia que você resolvesse o próprio problema.

Nas conversas com Micah – e, depois, comigo –, ele sempre tinha a mesma rotina. Perguntava o que estava acontecendo em relação a determinada situação, então escutava enquanto nós preenchíamos o silêncio. E quanto mais Micah ou eu falávamos, mais ele ficava em silêncio. Às vezes esses monólogos chegavam a durar mais de uma hora. Em geral nós saíamos do escritório de nosso pai pensando com mais clareza e acreditando que ele era uma das pessoas mais inteligentes que já havíamos conhecido.

Ao longe das conversas, meu pai nos deu três regras essenciais para seguirmos durante a nossa adolescência. Elas eram:

Não misture bebida e direção.

Não engravide uma garota.

Volte para casa dentro do horário – meia-noite no primeiro ano do ensino médio e meia hora adicional a cada ano.

A propósito, meu pai foi muito perspicaz ao nos passar essas regras específicas naquela época. Estávamos quase chegando à idade em que uma regra ou outra poderia se tornar um problema, mas, como seguíamos as três, elas pareceram bastante razoáveis. E, mais importante ainda, na adolescência já éramos independentes havia tanto tempo que, se houvesse qualquer outra exigência, ela pareceria rigorosa demais e sem dúvida teria levado a uma rebelião total. Mas essas pareciam bem pensadas, e Micah concordou em obedecer.

E meu irmão seguia *apenas* aquelas regras. Todo o resto parecia estar valendo, e pelos dois anos seguintes ele continuou forçando os limites. Lembro que passei incontáveis noites ouvindo meus pais manifestarem suas preocupações por ele.

– Ele fica cada vez mais rebelde – um deles dizia. – O que nós podemos fazer?

Um longo silêncio seguia.

– Eu não sei – respondia o outro.

Aquele ano também trouxe mudanças para mim. Comecei a competir no circuito de atletismo, e, apesar de não ser excepcional, eu era um dos melhores no time do primeiro ano. O que não significava muito, pois nas disputas de distância havia apenas alguns corredores.

Mas eu amava a competição, e, por coincidência, havia uma verdadeira lenda do atletismo que também vivia em Fair Oaks. Billy Mills, um índio Sioux Oglala que cresceu em meio à pobreza em Black Hills, na Dakota do Sul, tinha ganhado a medalha de ouro na corrida de 10 quilômetros durante as Olimpíadas de Tóquio em 1964. Sua vitória ainda é considerada uma das mais surpreendentes na história da competição olímpica de atletismo. Ele foi o único americano a vencer os 10 quilômetros, e, provando o seu talento para a posteridade, também quebrou o recorde mundial no ano seguinte. Alguns anos antes eu lera sobre ele em um dos muitos almanaques que tinha folheado durante a infância, e achei sua história fascinante. Quando descobri que ele vivia em Fair Oaks fiquei em êxtase, e lembro que corri até a cozinha para contar para a minha mãe.

– Ah, Billy – disse ela, assentindo. – Eu conheço ele e a esposa, Pat.

– Conhece? – perguntei, com os olhos arregalados.

– Sim – confirmou ela, com a voz tranquila. – Eles fazem os óculos no consultório. São pessoas maravilhosas.

Apenas consegui encará-la, pensando que eu estava ao lado de alguém que tinha falado com um herói americano genuíno.

Aquilo era algo inebriante para um garoto, e depois de conversar com a minha mãe eu comecei a ficar o tempo todo de olho para ver se ele aparecia. Sempre ficava animado quando o via entrando na mercearia ou num restaurante (eu havia memorizado a aparência dele), mas não tinha coragem de me apresentar. Quando descobri que os praticantes de atletismo da vizinhança faziam reuniões informais no ensino médio local eu quis participar, suspeitando que Billy Mills talvez estivesse presente. E não deu outra, lá estava ele. Fiquei paralisado ao encontrá-lo. Eu o vi andando e pensei: "É assim que o homem mais rápido do mundo anda", e comecei a imitá-lo. É desnecessário dizer que eu queria impressioná-lo com o meu talento, mas, para ser sincero, isso nunca aconteceu. Billy tinha três filhas e a mais jovem competia. Ela era ótima, diferente de mim, e nunca perdeu uma corrida.

Aprender sobre o passado de Billy me levou a ler sobre outros grandes corredores. Eu sonhava em correr como Henry Rono, Sebastian Coe ou Steve Ovett, mas nunca passou disso: um sonho. Mesmo assim continuei participando da equipe, e aos poucos me tornei amigo de Harold Kuphaldt, um aluno do terceiro ano.

Assim como Billy, Harold era quase uma lenda, pelo menos no ensino médio. Ele era um dos corredores mais rápidos dos Estados Unidos – havia conseguido marcar o melhor tempo do país na corrida de 3 quilômetros para alunos do terceiro ano e manteve o recorde por um tempo –, e, como fazia com Billy, eu o idolatrava a distância. Havia, afinal, muitas diferenças entre a vida de um aluno do primeiro ano e a dos veteranos. Mas uma tarde, perto do fim da temporada, o time inteiro praticava junto e eu corria ao lado de Harold. Nós começamos a conversar até que ele ficou quieto.

– Eu andei observando você correr – disse ele após um silêncio amistoso. – Você pode ser muito bom se trabalhar duro. Não só bom, mas muito bom mesmo. Você tem um talento natural para isso.

Não me lembro do que aconteceu depois que ele disse aquilo. Parecia que eu estava flutuando, carregado pelas palavras que ele dissera. Não havia nada que alguém pudesse me dizer com um significado maior do que o que Harold disse. Além de alimentar as minhas esperanças, as palavras dele me tocaram de um jeito mais profundo, afetando uma parte minha que sempre buscara a aprovação dos meus pais. "Eu podia ser muito bom", dissera ele. "Eu tinha um talento natural..."

Naquele instante prometi a mim mesmo que transformaria aquelas palavras numa profecia e, em vez de passar o resto do verão brincando, como costumava fazer, decidi treinar. E treinei com afinco, mais do que em toda a temporada, e quanto mais me esforçava, mais eu queria me esforçar. Comecei a correr duas vezes por dia, muitas vezes enfrentando temperaturas que passavam dos 37 graus, e era comum até vomitar de tanta exaustão. Apesar das palavras de Harold, eu não era um atleta nato, mas o que me faltava em talento eu compensava com garra e esforço.

Enquanto isso, meu irmão trabalhava e ganhava dinheiro. Ele amadurecera um pouco nos últimos anos, e estava rapidamente se tornando um homem. E um homem muito bonito, diga-se de passagem. Com sua autoconfiança e seu charme naturais, Micah logo se tornou irresistível para o sexo oposto. O fato de ele ter uma namorada não parecia importar; as garotas se aglomeravam ao seu redor ou o admiravam de longe. Meu irmão era um ímã para mulheres bonitas.

O que não se aplicava a mim. Eu era mais baixo que Micah, com braços finos e pernas magrelas, e não tinha nem um pouco da autoconfiança. Mas isso não

importava. A corrida me ofereceu uma oportunidade de me sobressair em algo se eu me esforçasse bastante, então comecei a focar nisso e deixei todo o resto de lado naquele verão.

Bem, quase todo o resto. Eu estava tão preocupado com Micah quanto os meus pais. Quase no fim do verão, depois de muita diplomacia, consegui convencê-lo a entrar para a equipe de atletismo comigo. A expectativa era de que o time, liderado por Harold, fosse um dos melhores do estado e viajasse para competir na Bay Area, na baía de São Francisco, e em Los Angeles, onde, depois da competição, teríamos a oportunidade de visitar parques de diversão e lugares para os quais nunca teríamos uma boa desculpa nem dinheiro para frequentar.

– Você só precisa correr rápido o bastante para ficar entre os sete melhores – expliquei –, e vai se divertir mais do que imagina.

Micah finalmente concordou, e logo se tornou um dos sete melhores. Nosso time não perdeu uma, e Harold também foi muito bem. Ele quebrou recordes de percurso em quase todas as provas, terminando em segundo lugar no campeonato nacional de escolas do ensino médio.

Embora Micah não tenha se concentrado tanto quanto eu na corrida, com a minha determinação desesperada de me sair bem, ainda assim a experiência serviu para mudá-lo para melhor. Ele era parte de um time, um time que contava com ele, e meu irmão levou a responsabilidade a sério – o que não é nenhuma surpresa, dada a sua criação. Aos poucos Micah começou a se envolver em menos encrencas, e quanto mais bem-sucedido o time se tornava, mais ele tinha orgulho em participar. Também não parecia se importar com o fato de eu ser mais rápido que ele. Na verdade, ele era sempre o primeiro a me parabenizar pelo meu desempenho.

O mais importante para mim, no entanto, era que nós voltamos a passar um tempo juntos pela primeira vez em anos. E estávamos nos divertindo.

Meu segundo ano no ensino médio foi transformador. Não só aprendi a amar o atletismo e a correr como também foi a primeira vez na vida em que eu me saí melhor do que o meu irmão fisicamente.

Ao mesmo tempo, continuei me esforçando para conseguir notas altas. Infelizmente, aquilo se tornou cada vez mais uma obsessão. Não bastava tirar 10 em tudo, eu também queria ser o melhor aluno em todas as matérias.

Também comecei a devorar os livros. Minha mãe, assim como meu pai, era uma leitora ávida e frequentava a biblioteca duas vezes por mês. Voltava para casa com uns seis a oito livros, e lia todos eles. Ela tinha uma paixão especial pelas obras de James Herriot e Dick Francis. Quanto a mim, eu descobri os clássicos – *Dom Quixote, O retorno do nativo, Crime e castigo, Ulisses, Emma* e *Grandes esperanças,* entre outros – e me tornei fã de Stephen King. Como eu tinha sido criado à base de filmes antigos de terror, aqueles livros chamaram minha atenção. Eu lia e relia todos enquanto aguardava ansiosamente pelo lançamento do próximo.

No segundo ano eu também tive minha primeira namorada de verdade. O nome dela era Lisa, e também praticava atletismo. Era um ano mais nova que eu, e, por um capricho do destino, seu pai era Billy Mills, meu herói de infância.

Namoramos os quatro anos seguintes, e eu não só me apaixonei por Lisa, mas também pela família dela. Billy e Pat eram diferentes dos meus pais: eles pareciam felizes de verdade com as minhas conquistas. E Billy conversava comigo sobre o meu treino e as metas que eu queria alcançar, com um jeito de me fazer acreditar que elas eram possíveis.

Minha rotina estava ficando cada vez mais ocupada. Entre a escola, o treino, as lições de casa e o namoro, eu não tinha muito tempo para qualquer outra coisa. Também não tinha grana, e acabei percebendo que essa situação não era exatamente propícia para um namoro. Como nossos pais não nos davam mesadas nem nos davam dinheiro se quiséssemos ir ao cinema, decidi seguir o exemplo do meu irmão.

Depois que a temporada de corridas terminou, e além de todas as minhas outras atividades, arranjei um emprego como lavador de pratos na mesma sorveteria em que Micah trabalhava. Comecei trabalhando duas vezes por semana até a hora de fechar, mas, em poucos meses, eu já estava trabalhando 35 horas por semana e tinha sido promovido a ajudante de garçom. Com o tempo, me tornei garçom, e a soma do salário com as gorjetas gerava uma renda muito boa para um estudante do ensino médio. Eu usava cada minuto – meu dia começava às sete da manhã e ia até quase meia-noite, sete vezes por semana – e esse horário permaneceu praticamente inalterado até eu me formar, dois anos depois.

Nos treinos de corrida, era comum Micah e eu conversarmos sobre o passado e o futuro. Às vezes falávamos sobre nossos sonhos, outras sobre dinheiro.

– Você já parou para pensar em como nós éramos pobres quando crianças? – perguntou Micah.

– Às vezes. Mas na verdade eu não soube que éramos pobres até alguns anos atrás.

– Eu detestava ser pobre – disse ele. – Sempre detestei. Não sei o que eu vou fazer quando for mais velho, mas não vou ser pobre. Quero ser um milionário aos 35 anos. Não sei como, mas é isso que vai acontecer.

– Você vai conseguir – falei.

– E você?

– Eu quero ser um milionário aos 30. – Sorri.

Micah não disse nada. Nossas passadas eram sincronizadas, os pés batendo no chão com uma precisão quase perfeita.

– O que foi? – perguntei. – Você não acha que eu consigo?

– Eu não sei. Só acho que 35 é mais realista.

– E o que você vai fazer para conseguir?

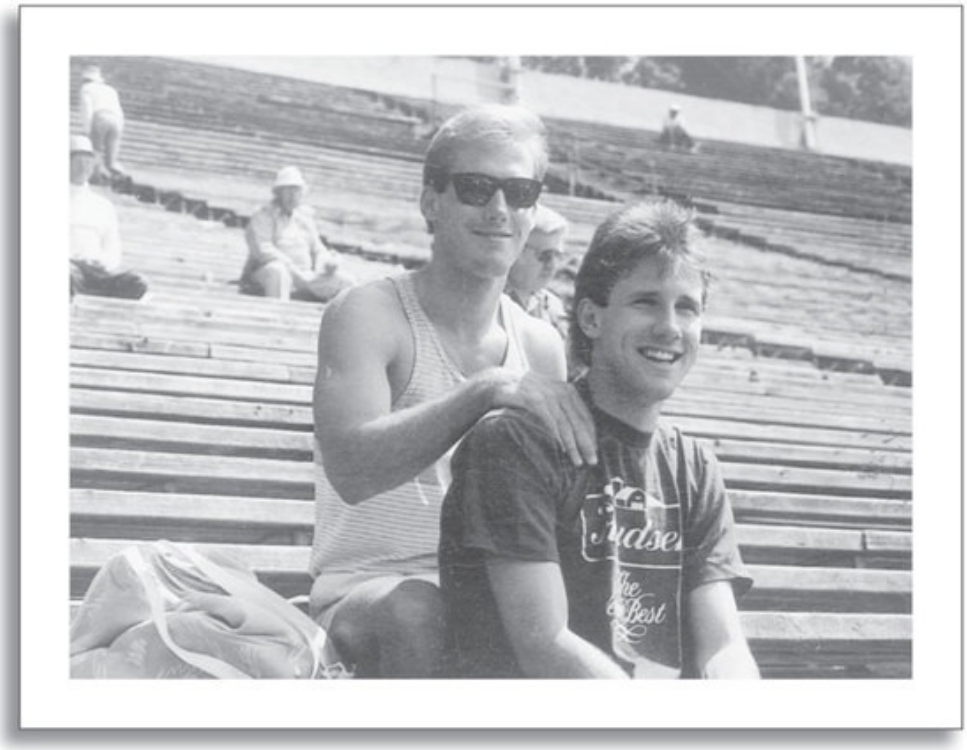
– Quem sabe? E você?

– Não faço a menor ideia.

Micah e eu corríamos juntos, trabalhávamos juntos e, no tempo livre, passamos a sair com a mesma turma: Harold, Mike Lee (outro membro da equipe de atletismo) e Tracy Yeates (campeão estadual da Califórnia em luta). Micah e eu passamos a nos referir ao grupo como a Gangue da Missão.

Apesar da reputação generalizada de que éramos atletas e estudantes modelo, compartilhávamos uma existência meio parecida com Jekyll e Hyde, de *O médico e o monstro*. Foi com eles que eu fiquei bêbado pela primeira vez, e nós descobrimos um prazer imenso em usar fogos de artifício de formas muito pouco inteligentes, além de ilegais. Era comum explodirmos a caixa de correio de vários amigos, gritando de alegria quando elas eram lançadas no ar. Também cobríamos as casas deles com quantidades tão grandes de papel higiênico que parecia ter nevado no dia anterior. Uma vez, perto do Natal, passamos por uma rua em que todas as casas estavam decoradas com luzes pisca-piscas. Durante duas horas – e pensando que éramos *muiiiiito* engraçados – tiramos cada

lâmpada de seu soquete. Enchemos seis sacos de lixo com as luzinhas, e parecia que as casas tinham recebido uma visita do Grinch. Eu não tenho ideia de por que fazíamos aquele tipo de coisa. É infantil e constrangedor, mas não consigo deixar de pensar que, se pudéssemos voltar no tempo, acabaríamos fazendo tudo de novo.



Graças ao tempo que passávamos juntos, meu irmão e eu começamos a nos aproximar de novo. Mas, àquela altura, nosso relacionamento já era diferente. Não éramos mais apenas dois irmãos: havíamos nos tornado bons amigos. Do segundo ano do ensino médio em diante, nunca mais tivemos outra discussão nem brigamos.

Na primavera, competimos nos mesmos eventos, e o meu treino estava começando a fazer efeito. Comigo na liderança e com Harold como âncora, o time estabeleceu um recorde atrás do outro, e nossa equipe de revezamento medley conquistou o tempo mais rápido do país. Harold venceu o campeonato

estadual na corrida de 3 quilômetros, e o meu tempo na de 800 metros ficou entre os melhores dos alunos do segundo ano do país.

De todos os meus parentes, apenas Micah estava lá para torcer por mim. Nossos pais raramente iam às corridas. Na verdade, durante toda a minha carreira eles me viram correr – e quebrar recordes – apenas uma vez.

Embora alguns possam considerar a falta de interesse deles um pouco estranha, isso nunca me incomodou. Afinal, eles também não iam ver Micah correr nem frequentavam as apresentações de dança de Dana. E, o que era mais importante, estávamos seguindo os nossos próprios interesses. Já éramos independentes havia tanto tempo que não esperávamos que eles comparecessem aos eventos, e acho que nós três compreendíamos que os nossos pais passavam as semanas tão ocupados – trabalhando, mantendo a casa em ordem, cuidando de responsabilidades do dia a dia, tomando conta de nós e batalhando com as questões financeiras – que não parecia justo pedir a eles que também nos dedicassem seus fins de semana, quando sabíamos que outras atividades poderiam ser mais relaxantes.

Minha mãe, por exemplo, adorava trabalhar no quintal ou na casa, e nada a deixava mais feliz do que plantar arbustos ou árvores, ou então pintar um dos quartos. Sempre que eu voltava de uma competição ela estava com terra ou tinta nas bochechas, e seus jeans marcados e sujos como as roupas de um operário. Meu pai, por outro lado, usava os fins de semana para adiantar o trabalho numa casa sossegada, e gostava de organizar – e reorganizar – os livros que enchiam as prateleiras. E tenho certeza de que provavelmente era bom ter uma casa silenciosa de vez em quando. Se eles aproveitavam aquelas ocasiões para passarem mais tempo juntos, nenhum de nós jamais soube. Nossos pais eram muito reservados no que dizia respeito ao próprio relacionamento, e nos contavam muito pouco sobre como fora o dia deles. E também nunca nos demos o trabalho de perguntar.

Micah treinou comigo no verão seguinte e, entre os alunos do terceiro ano, se tornou um dos melhores corredores da região. Nós dois costumávamos terminar entre os três primeiros na maioria das competições, mas Micah nunca levou a corrida tão a sério quanto eu.

Depois de se formar, ele foi para a Universidade Estadual da Califórnia, em Sacramento, e só queria saber de curtir a vida. Micah namorava uma beldade depois da outra, esquiava nos fins de semana, aprendeu snowboarding e se apaixonou por mountain bike. Andava de barco, fazia esqui aquático e passava os fins de semana em São Francisco, no lago Tahoe ou em Yosemite. Fazia rafting e com o tempo ficou bom o bastante para se tornar professor. Também entrou para uma equipe de iatismo que fazia corridas nos fins de semana. Ele se mudou para um apartamento perto do campus e encontrava os outros estudantes em bares e boates. Micah parecia fazer algo novo e emocionante todo fim de semana, deleitando-se em sua liberdade recém-descoberta. Ao mesmo tempo, também tirava notas altas e trabalhava como estagiário em uma imobiliária.

Eu, por outro lado, me transformei numa pilha de nervos no último ano do ensino médio. As notas altas tinham se tornado uma obsessão. Estava prestes a me formar e seria o orador da turma, e não queria que essa honra me escapasse no último instante. Além do mais, eu sabia que, se continuasse indo bem, havia a chance de conseguir uma bolsa de estudos, uma meta que eu estabelecera, mas nenhuma oferta tinha surgido e isso não aconteceria até o final de março. Continuei trabalhando 35 horas por semana e passando o pouco tempo livre que tinha com minha namorada. O estresse de manter tudo em dia me fez desenvolver uma terrível insônia. Eu dormia menos de três horas por noite e me sentia o tempo todo no limite.

Em parte, eu invejava o estilo de vida que Micah estava levando. Admirava sua habilidade de simplesmente viver, sem ter que conquistar nada. Passando pelos corredores da escola, eu escutava amigos descrevendo fins de semana no lago Folsom ou como eles tinham se divertido esquiando no vale Squaw. Talvez eu devesse tentar me divertir mais, uma voz interior sussurrava, mas sempre que a ouvia eu a rejeitava. Balançando a cabeça, dizia a mim mesmo que não tinha tempo para isso, que não podia arriscar me machucar e que estava perto demais da linha de chegada para desistir.

Mas não significava que eu era feliz. As metas que eu estabelecera começaram a me dominar, e persegui-las não era gratificante. No entanto, eu consegui sobreviver de alguma forma. Fui o orador da turma, como eu queria. Um mês antes, depois de marcar um dos tempos mais rápidos na corrida de 800 metros do país, aceitei uma bolsa de estudos integral para atletas na Universidade de

Notre Dame. E três meses depois eu me mudaria para South Bend, em Indiana, a mais de 3 mil quilômetros da única família que eu conhecia.

Parte de mim não queria ir para a faculdade. Quando se vive uma infância como a minha acaba-se criando um vínculo forte com a família. Meus irmãos, assim como meus pais, tinham sido as únicas constantes na minha vida, e, embora eu já soubesse que aquilo seria inevitável, ainda achava um pouco assustador deixá-los para trás.

Escrevi muito sobre Micah e sobre mim, mas não quero deixar a impressão de que minha irmã foi menos importante. Quando criança eu brincava com Dana tanto quanto com Micah, mas de formas diferentes. Era sempre com ela que eu conversava sobre as nossas aventuras; era com ela que eu falava quando estava tendo dificuldades no relacionamento com Lisa. Conversei com a minha irmã sobre tudo o que senti à medida que crescia, e Dana, mais do que ninguém, parecia compreender por que eu tinha me tornado aquela pessoa. E, melhor ainda, ela me amava, e só Dana parecia ter a capacidade de pôr as coisas em perspectiva para mim. Minhas batalhas sempre foram as dela e vice-versa. E, se questionado, meu irmão diria exatamente a mesma coisa sobre ela, pois Micah tinha o mesmo tipo de relacionamento com Dana que eu.

Uma vez, quase no fim do terceiro ano, eu me lembro de ter escutado Dana chorando no quarto. Depois de bater à porta, eu entrei e a encontrei sentada na cama, com o rosto afundado nas mãos.

– Qual é o problema? – perguntei, me sentando ao lado dela.

– Tudo.

– Não, pode falar. O que aconteceu?

– Eu odeio a minha vida.

– Por quê?

– Porque não sou que nem você ou Micah.

– Não estou entendendo.

– Vocês têm tudo. São bons em tudo. Têm bons amigos, são bons em esportes, tiram notas boas. São populares e os dois têm namoradas. Todos sabem quem vocês são e querem ser mais parecidos com vocês. Eu não me pareço com vocês. É como se eu tivesse nascido de outros pais.

– Você sempre foi a melhor de nós – disse eu. – Você é a pessoa mais doce que eu já conheci.

– E daí? Ninguém liga para isso.

Tomei uma das mãos dela.

– O que realmente está incomodando você?

Dana não queria responder. Aproveitei o silêncio para passar os olhos pelo quarto. Como a maioria das garotas adolescentes, ela tinha várias fotos de revistas espalhadas pelas paredes. Na cômoda havia uma coleção de sinos e cavalos de cerâmica. Uma Bíblia jazia na mesa de cabeceira, ao lado de um rosário, e um crucifixo estava pendurado sobre a cama. Levou um bom tempo até que Dana conseguisse colocar as palavras para fora.

– Holly foi convidada para o baile de formatura.

Holly era a melhor amiga da minha irmã. Elas eram inseparáveis.

– Isso é bom, né?

Quando ela não respondeu, senti meu coração se apertar. De repente entendi por que ela estava tão chateada.

– Mas você está triste porque ninguém a convidou.

Dana começou a chorar de novo, e eu passei o braço pelos ombros dela.

– Você vai ser convidada – prometi com ternura. – Você é uma garota incrível. Você é linda e gentil, e quem não quiser convidá-la é burro demais para perceber o que está perdendo.

– Você não entende – respondeu ela. – Você e Micah... Bom, todas as garotas acham vocês bonitos. Elas sempre dizem como eu tenho sorte por ser irmã de vocês. Mas é difícil... Quero dizer, ninguém nunca diz que eu sou bonita.

– Você é bonita – insisti.

– Não. Não sou. Sou comum. E quando eu me olho no espelho, sei disso.

Dana continuou chorando e se recusou a falar mais. Quando finalmente saí do quarto dela, percebi pela primeira vez que minha irmã lidava com as mesmas inseguranças que todo mundo tinha. Ela só as escondeu aquele tempo todo. Mas ao me afastar eu estava certo de que ela seria convidada. Tinha sido sincero.

Mas, à medida que os dias avançaram e nenhum garoto apareceu em um cavalo branco para resgatá-la, pude enxergar a dor em sua expressão ferida e desapontada. Era terrível pensar que ninguém parecia perceber quanto ela era especial, quanto amor ela tinha para oferecer a qualquer pessoa que

simplesmente pedisse. Eu a adorava do mesmo jeito que sempre adorei meu irmão, e, assim como os meus pais, sentia a necessidade de protegê-la.



Então uma tarde, cerca de uma semana antes do baile de formatura, entrei no quarto da minha irmã. Se as amigas dela pensavam que eu era bonito e popular, então queria que elas enxergassem como nós dois podíamos nos divertir juntos. Para mim o fato de sermos irmãos não fazia a menor diferença. Eu teria orgulho de ser visto com Dana e queria que o mundo todo soubesse disso.

– Dana – falei com a voz séria –, você quer ir ao baile comigo?

– Não seja tolo – respondeu ela.

– Vai ser divertido – prometi. – Eu levo você para um jantar chique, alugo uma limusine e nós podemos dançar a noite toda. Vai ser o melhor encontro que você já teve.

Ela sorriu, mas balançou a cabeça em negativa.

– Não, tudo bem. Eu não quero ir de qualquer forma. Já superei isso. Não importa.

Hesitei, tentando ver se ela estava sendo sincera.

– Tem certeza? Significaria muito para mim.

– Sim, tenho certeza. Mas obrigada por convidar.

Olhei para Dana.

– Você está partindo o meu coração, sabia?

Ela deu uma risada triste.

– Isso é engraçado. Foi exatamente o que Micah disse.

– Como assim?

– Ele também me convidou para o baile. Ontem.

– E você também não vai com ele?

– Não.

Ela veio até onde eu estava e me deu um abraço. Em seguida me deu um beijo na bochecha.

– Mas quero que você saiba que vocês dois são os melhores irmãos que uma garota poderia ter. Eu fico muito orgulhosa quando penso em vocês. Sou a pessoa mais sortuda do mundo, e amo muito vocês.

Senti um aperto na garganta.

– Ah, Dana. Eu também amo você.

Capítulo 11



Uluru, Austrália
2-3 de fevereiro

A menos que você atravesse o Pacífico, é difícil ter uma ideia da vastidão do oceano. Nós voamos por quatro horas para chegar à Ilha de Páscoa e por mais sete horas até Rarotonga. Chegar a Brisbane, na Austrália, levou outras sete horas, durante as quais atravessamos a linha internacional de mudança de data, e de lá levamos mais três horas até finalmente aterrissarmos em Uluru, no Parque Nacional Uluru-Kata Tjuta, no interior da Austrália.

Passar pela linha internacional de mudança de data só fez a viagem demorar mais. É uma sensação esquisita perceber que um dia desapareceu da sua vida. E, além disso, nossa parada em Brisbane levou algumas horas. Somando tudo foram mais de doze horas de percurso, o que eu achei bastante impressionante, ainda

mais considerando que já tínhamos atravessado metade do oceano quando partimos.

Quando chegamos ao hotel, todos os nossos companheiros de viagem pareciam exaustos. No saguão era possível se inscrever para excursões no dia seguinte. O grupo visitaria Uluru durante a tarde, então a manhã estava livre. Dava para alugar motos, por exemplo, e explorar partes do deserto por conta própria, ou então fazer um passeio de helicóptero sobre os Olgas – um conjunto de rochas e cânions perto de Uluru. Também havia um passeio a pé através de parte dos Olgas e uma viagem para Uluru para ver o nascer do sol.

Micah e eu queríamos descansar, mas por alguma razão acordamos a tempo de participar da expedição matinal. O deserto estava frio e completamente escuro. Graças à ausência de luzes era possível ver dezenas de milhares, senão milhões, de estrelas. Nosso grupo entrou no meio de uma comprida fila de outros ônibus a caminho de Uluru naquela manhã; mais tarde descobrimos que o nosso hotel era tão grande que podia acomodar mais de 3 mil hóspedes. Isso pode não significar muito em cidades como Orlando ou Chicago, mas no meio do deserto é bem impressionante. Ficamos sabendo que, a qualquer momento, o próprio hotel abrigava uma população maior do que quase todas as cidades em um raio de centenas de quilômetros.

Uluru é o maior monólito, ou pedra única, no mundo. Com uma circunferência de mais de 8 quilômetros, a rocha alcança uma altura de mais de 300 metros e ocupa quase 5 quilômetros embaixo da superfície. Na escuridão antes da madrugada, Uluru não passava de uma sombra, quase impossível de discernir a menos que você estivesse olhando na direção certa. Nosso grupo desgrenhado saiu trôpego do ônibus e caminhou até a área de observação.

Aos poucos, o horizonte começou a se iluminar e, conforme a escuridão foi se dissipando, nosso olhar se voltou para a rocha. Composta de arenito granulado rico em feldspato, Uluru supostamente muda de cor dependendo do horário e das condições atmosféricas. Ainda assim, pelo menos no início, foi difícil entender por que tantas pessoas achavam aquela formação fascinante. Não havia nenhum indício do brilho ardente que dera fama à rocha. Micah e eu tiramos fotos e mais fotos, frustrados. Mas em pouco tempo o sol ficou alto o bastante para iluminar a parte leste do céu e, quando tínhamos decidido que a

reputação de Uluru se baseava mais em exageros do que na realidade, o evento finalmente aconteceu.

A luz do sol bateu na pedra num ângulo tal que ela começou a emitir um brilho vermelho, como um imenso pedaço de carvão numa fogueira. E pelos minutos seguintes Micah e eu só conseguimos encarar o fenômeno, uma das coisas mais incríveis que já tínhamos visto.

Micah e eu escolhemos a viagem de helicóptero em vez do passeio a pé pelos Olgas, e às oito da manhã estávamos de volta ao aeroporto, prontos para decolar.

Descobrimos que havia uma boa razão para fazer aquele passeio tão cedo. Quando chegamos, já estava quente – era verão no deserto, afinal –, e a estrutura do helicóptero servia apenas para intensificar o calor. Com cinco pessoas amontoadas no interior, todos suavam momentos depois da decolagem.

Ficamos no ar por pouco mais que trinta minutos, mas vimos paisagens impossíveis de serem vistas de qualquer outra maneira. Circulamos Uluru e sobrevoamos os Olgas; testemunhamos camelos selvagens atravessando o deserto. Os guias explicaram que havia milhares de camelos selvagens na Austrália. Originalmente não havia camelos no país; eles foram importados devido às suas habilidades de sobrevivência para ajudarem na exploração do deserto. Alguns escaparam, e no decorrer do tempo a população cresceu. Atualmente eles são exportados de volta para o Oriente Médio.

A rotação das hélices e o rugido do motor impossibilitavam qualquer conversa. Mas, quando olhava de vez em quando na direção de Micah, reparei que ele sorrira a viagem toda.

Depois do passeio de helicóptero havia algum tempo livre até o almoço, então decidimos dar uma corrida ao redor da propriedade.

Com milhares de quilômetros percorridos ao longo de nossas vidas, uma corrida leve era normal para nós dois. Com um ritmo moderado, nossas passadas logo sincronizaram.

– É como nos velhos tempos de ensino médio – observei.

– Eu estava pensando a mesma coisa.

– Com que frequência você corre hoje em dia?

– Não muito – respondeu Micah. Sua respiração estava firme e regular. –

Corro quando jogo futebol, mas se tento correr todo dia fico com as costas doendo.

– Eu sei do que você está falando. Costumava correr 30 quilômetros nos domingos, mas agora nem consigo pensar em fazer algo assim. Se conseguir percorrer 6 quilômetros já sinto que fiz algo notável.

– É porque estamos ficando velhos – disse ele. – Sabia que a minha reunião de vinte anos de formatura vai ser daqui a alguns meses?

– Você vai?

– Acho que sim. Vai ser legal ver todo mundo. Mas, quando eu penso no ensino médio, penso em Mike, Harold, você e Tracy. Aqueles sim foram os bons tempos. – Ele fez uma pausa, e eu prestei atenção ao som dos nossos pés batendo no chão. – Lembra quando você e o Harold saíram num encontro duplo aquela vez? Quando Tracy e eu encontramos vocês e eu fiz você abrir a janela para a gente jogar um foguete de garrafa dentro do seu carro?

Comecei a rir.

– Como eu poderia esquecer? O negócio explodiu nos nossos pés. Levamos um susto dos infernos.

– É, essas são as lembranças que ficaram. Aquele pessoal era ótimo, e eles são os únicos com quem eu ainda falo. É difícil acreditar que isso tudo tinha acontecido vinte anos atrás.

Depois do almoço e de uma chuveirada, voltamos para Uluru com o restante do grupo. Desta vez a luz estava muito intensa. A temperatura passava dos 37 graus e, com o sol a pino, o arenito de Uluru não assumia nenhuma cor memorável. Havia moscas por toda parte e precisávamos ficar em movimento contínuo, caso contrário elas pousavam em nossos lábios, cílios, braços e nas costas. Havia milhares delas. Os turistas pareciam ter tomado algum remédio que causava aquilo.

Durante as horas seguintes, o ônibus fez várias paradas ao redor de Uluru, que é considerada um local sagrado pelos aborígenes. O grupo saía, caminhava, ouvia uma história e voltava para o ônibus. Fomos levados a algumas cavernas pintadas e um bebedouro, onde encaramos palestras intermináveis sobre a história dos aborígenes.

Na terceira ou quarta parada eu me virei para dizer algo para Micah. Os olhos dele estavam vidrados e fora de foco. Naquele momento estávamos ouvindo uma história sobre uma das fendas mais altas da pedra. Tinha a ver com um espírito guerreiro que se perdera no deserto, travara uma batalha com outro espírito, e de alguma forma as imagens da batalha foram registradas na rocha. Isso, por sua vez, possibilitava às pessoas saber onde o bebedouro ficava. Elas podiam procurar a imagem na pedra e, se a vissem, isso indicaria que estavam perto. Ou algo do gênero. O calor escaldante me deixava tonto, e era difícil prestar atenção em todos os personagens e detalhes da história.

– Você já percebeu que quanto menos interessante alguma coisa for, mais tempo as pessoas querem passar falando a respeito dela? – Micah suspirou, tentando acertar algumas moscas que estavam por perto.

– Ah, é interessante. É uma cultura da qual não conhecemos nada a respeito.

– A razão pela qual nós não conhecemos nada a respeito dela é porque ela é chata.

– Não é chata.

– É uma pedra grande no meio do deserto.

– E as cores?

– Nós vimos as cores de manhã. Durante o dia, é uma pedra grande. E eu não estava sendo devorado por moscas e cozinhando no sol enquanto me torturavam com histórias intermináveis sobre batalhas espirituais.

– Você não fica impressionado em saber que as pessoas conseguiram sobreviver aqui por milhares de anos?

– O que me impressiona é o fato de elas nunca terem ido embora. Como pode? Quer dizer que nenhum aborígene saiu vagando até a costa, viu as praias, sentiu a brisa refrescante enquanto pescava um peixe para o jantar e pensou: "Ei, talvez eu devesse pensar em me mudar?"

– Acho que o calor está começando a afetar você.

– Ah, sim, está me afetando. Estou morrendo aqui. Sinto como se urubus estivessem à espreita, só esperando que eu me distraia.

Mais tarde naquele dia voltamos a Uluru pela terceira vez. Seria a nossa chance de ver como as cores mudavam durante o pôr do sol.

– Estou começando a achar que não tem muita coisa para fazer por aqui além de encarar a Uluru – resmungou Micah.

– Não vai ser tão ruim – falei. – Ouvi dizer que essa noite vai ter música aborígene.

– Ah, nossa! – exclamou Micah, erguendo as mãos. – Mal posso esperar.

Aquela noite acabou se revelando uma das mais memoráveis da viagem. Começou com um coquetel – e, sim, todos ficaram olhando para a Uluru enquanto o sol se punha –, mas depois fomos levados para uma pequena clareira onde haviam preparado mesas com toalhas brancas, velas e lindos arranjos florais. A decoração estava linda, e a comida, deliciosa. Entre outras coisas, o buffet tinha carne de canguru e de crocodilo cobertas por temperos e cozidas à perfeição. A temperatura ficou mais amena, e até as moscas pareciam ter sumido.

O grupo comeu no deserto sob um céu que escurecia lentamente, revelando as estrelas. Mais tarde, as velas foram apagadas e uma astrônoma começou a falar. Usando um holofote para apontar diversas áreas do céu, ela descreveu o mundo lá em cima.

O céu estava escuro e límpido o bastante para discernir algumas estrelas na vastidão da Via Láctea, e, como estávamos no hemisfério sul, o céu era completamente exótico para nós. Todos ficaram encantados. Em vez da Ursa Maior e da Estrela Polar (a Estrela do Norte), nós vimos o Cruzeiro do Sul e aprendemos como os marinheiros o utilizam para navegar. Júpiter estava mais perto da Terra do que estivera por décadas e reluzia com intensidade no céu. Saturno também era visível, e essa foi a primeira vez em que eu vi os dois planetas ao mesmo tempo. E, melhor ainda, descobrimos que a TCS providenciara telescópios. Naquela noite vi as luas de Júpiter e os anéis de Saturno e, embora já tivesse visto os dois em livros, nunca tinha realmente olhado para eles através de lentes. Para Micah também foi a primeira vez.

No caminho de volta para o hotel, ele recostou a cabeça no assento, extremamente satisfeito.

– A manhã foi ótima, e a noite, a melhor da viagem até agora.

– Você só podia ter dispensado o que aconteceu de tarde, né?

Micah sorriu sem abrir os olhos.

– Você está lendo a minha mente, irmãozinho.

Também recostei a cabeça e fechei os olhos. Ninguém conversava; as pessoas pareciam estar tão relaxadas quanto nós. No silêncio, minha mente começou a divagar. Os anos passaram tão rápido que eu não pude deixar de sentir que a minha vida parecia surreal, quase como se eu a enxergasse pelos olhos de outra pessoa. Talvez fosse por causa da noite que eu tivera, ou podia ser o cansaço, mas no meio daquela terra estrangeira de repente não me senti como um escritor de 37 anos, nem como um marido, nem mesmo como um pai de cinco filhos. Em vez disso, era quase como se eu estivesse começando a minha trajetória no mundo e encarando um futuro incerto, uma sensação parecida com a que eu tive ao sair do avião em South Bend, Indiana, em agosto de 1984.

Meu primeiro ano na Notre Dame foi desafiador. Pela primeira vez na vida eu não era o garoto mais inteligente da turma, e meus estudos eram muito mais difíceis do que eu havia imaginado. Comecei a estudar uma média de quatro horas por dia, e meus resultados não saíam como o esperado. Nos quatro anos seguintes, a quantidade de horas que eu passava estudando só aumentou.

Achei difícil estar longe de casa. Senti falta da família e dos amigos. Senti falta de Lisa, e não me dei bem como o meu colega de quarto. E o pior de tudo foi que, na segunda semana depois da mudança, eu lesionei o tendão de aquiles. Apesar da dor, tentei continuar treinando e acabei com um caso terrível de tendinite. Meu tendão inchou e ficou do tamanho de uma bola de golfe. De acordo com os médicos, a única coisa que resolveria o problema seria parar de correr definitivamente.

Naquela época a corrida era a coisa mais importante da minha vida, e a ideia de ficar sem correr ia de encontro a todas as minhas crenças. Meu sonho era seguir os passos de Billy Mills: representar os Estados Unidos na equipe olímpica e ganhar a medalha de ouro. Hoje eu sei que, mesmo se não tivesse me machucado, aquele sonho seria inalcançável. Era como desejar voar.

Como já mencionei, eu era um bom corredor, mas não era excepcional. Não tinha pés rápidos o suficiente nem a resistência necessária para concorrer a nível mundial, e, de fato, só tinha chegado aonde cheguei porque eu me esforçava mais do que a maioria dos estudantes do ensino médio. Mas só concluí tudo isso muito tempo depois. Na época, o ferimento foi devastador para mim. Pela primeira vez na vida senti que havia falhado.

A lesão continuou severa por todo o outono. No inverno o tendão melhorou um pouco, antes de eu voltar a machucá-lo. Por volta daquela época, Lisa e eu terminamos, condenados pela distância que nos separava. Os estudos continuaram sendo um desafio, em parte porque eu estava com a cabeça em outro lugar.

De alguma forma consegui suportar uma temporada parcial ao ar livre, e até quebrei o recorde da escola como membro de uma das equipes da corrida de revezamento. Foi a minha última competição do ano e, ao terminar a corrida, eu mal conseguia andar. Meu tendão de aquiles tinha ficado do tamanho de um limão. Qualquer movimento era pura tortura; o tendão literalmente rangia como uma dobradiça enferrujada quando eu andava. Nas férias de verão, ao voltar para casa, precisei de muletas para sair do avião.

Passei as primeiras semanas completamente infeliz. Não tinha emprego, não tinha namorada e, como o meu irmão havia se mudado, não tinha ninguém para me fazer companhia. Além disso, eu estava proibido de correr por três meses, o que me deixaria mais defasado ainda em relação aos outros corredores.

Minha mãe tentou inventar formas de me animar. Pelo menos era esse o termo que ela usava. “Pinte a sala de estar. Vai deixar você mais animado”, sugeria ela. Ou então: “Lixe a porta para trocarmos a cor. Você vai se sentir melhor.”

Se as ideias dela tivessem funcionado, eu teria me tornado o homem mais feliz do planeta. Mas eu só andava abatido de um lado para outro, com as roupas sujas de tinta, resmungando que tudo o que eu queria era correr e me perguntando por que Deus não me ajudava nem me escutava. Lá para meados de junho minha mãe já estava cansada de me ouvir e, enquanto eu lamentava a situação pela centésima vez à mesa da cozinha, ela finalmente balançou a cabeça.

– O problema é que você está entediado. Precisa achar alguma coisa para fazer.

– Eu não quero fazer nada além de correr.

– E se você não puder?

– Como assim?

– E se a sua lesão nunca melhorar? Ou, se melhorar, e se você não puder mais treinar do jeito que quer por medo de se machucar de novo? Não dá para passar

o resto da vida sem fazer nada.

– Mãe...

– Ei, eu só estou ressaltando o óbvio aqui. Sei que não seria justo, mas ninguém nunca disse que a vida é justa.

Apoiei a cabeça na mesa.

– Ah, não – repreendeu ela, com firmeza –, você não vai ficar aí sentado e continuar agindo dessa forma. Não fique de bico. Faça alguma coisa a respeito.

– Tipo o quê?

– A vida é sua.

Ergui a cabeça, frustrado.

– Mãe...

– Eu não sei – disse ela, dando de ombros. Então minha mãe olhou para mim e disse as palavras que acabariam mudando a minha vida: – Escreva um livro.

Até aquele instante eu nunca havia pensado em escrever. Claro que eu lia o tempo todo, mas me sentar e tentar criar uma história original? A ideia era ridícula. Eu não sabia nada do ofício de escritor, não tinha nenhum desejo ardente de ver minhas palavras impressas. Nunca havia feito uma aula de escrita criativa, nunca escrevi para o anuário ou para o jornal da escola nem achava que eu tinha alguma espécie de talento oculto quanto à composição de prosa. Mas, apesar de tudo, a ideia ainda era atraente, e eu concordei.

Na manhã seguinte sentei-me em frente à máquina de escrever do meu pai, inseri a primeira folha e comecei. Escolhi terror como gênero literário e criei um personagem que causava mortes acidentais aonde quer que fosse. Seis semanas e quase trezentas páginas depois, após escrever seis ou sete horas por dia, eu terminei. Até hoje eu me lembro de digitar a última frase, e acho que nunca senti maior senso de conquista em qualquer outra coisa que eu tenha feito.

O único problema era o livro. Era horrível, e eu sabia disso. Era completamente abominável, mas, no fim das contas, que importância tinha aquilo? Não tinha a intenção de publicar nada; só escrevi para ver se eu seria capaz. E, mesmo naquela época, eu sabia que havia uma grande diferença entre começar um livro e terminá-lo. Mas o mais surpreendente foi perceber que eu tinha gostado do processo.

Eu tinha 19 anos e me tornara escritor por acidente. É engraçado como as coisas acontecem na vida.

Como eu passava oito meses por ano fora de casa, era raro ver o meu irmão. Micah continuou fazendo coisas novas e interessantes nos fins de semana. Enquanto isso a lesão no pé continuava me atormentando; eu não estava correndo em eventos, mas continuava focado em me recuperar para voltar a competir.

Eu fizera algumas amizades durante o primeiro ano da faculdade, inclusive com outros membros da equipe de corrida, que me ajudaram a superar outro ano desafiador. Mas sair de casa e ir para a faculdade serviu para me ensinar algo – tornei-me mais independente da minha família do que os meus irmãos. Dana ainda morava com nossos pais e estava no primeiro ano da faculdade, e, embora Micah estivesse morando num apartamento próprio, ele ainda passava em casa três ou quatro vezes por semana. Parecia que toda vez que eu ligava para os meus pais ele estava lá.

Pouco depois de eu ter partido para cursar o segundo ano, minha mãe mencionou que Brandy não estava muito bem. Ela tinha 12 anos – não é muito para algumas raças, mas é uma idade bem avançada para uma dobermann – e a preocupação na voz dela era clara. Mamãe amava a Brandy, como todos nós, e quando eu insistia em saber mais, as respostas eram meio evasivas.

– Bem, ela emagreceu um pouco, e a artrite parece estar piorando.

Quando voltei para casa durante as férias de outono, fiquei chocado com a aparência de Brandy. Fazia dois meses que eu não a via, mas durante aquele tempo ela tinha passado de relativamente saudável para um esqueleto ambulante. Sua barriga estava murcha, e dava para contar suas costelas de longe. Enquanto caminhava lentamente em minha direção, pude ver a felicidade em seus olhos ao me reconhecer. O rabo, fino como um osso e quase sem pelos, abanou um cumprimento débil. Eu me agachei e fiz um carinho suave suave, sentindo Brandy estremecer. Resisti ao aperto em minha garganta.

Fiquei a maior parte dos dois dias seguintes com Brandy, sentado ao lado dela e acariciando-a com gentileza. Já sabia que ela não sobreviveria até o Natal. Murmurava baixinho para ela, lembrando todas as aventuras pelas quais passáramos juntos enquanto eu crescia.

Quando acordamos, na véspera da minha partida para a Notre Dame, vimos que Brandy tinha falecido.

Micah e eu seguramos as lágrimas e fomos buscar a nossa irmã. Dana não tentou se fazer de durona e começou a soluçar no mesmo instante. Foi o choro dela que nos fez chorar também, e mais tarde naquela manhã, ainda com lágrimas nos olhos, cavamos um buraco no jardim e a enterramos. Agora Brandy existia apenas em nossas memórias, onde a manteríamos para sempre.

– Ela esperou até você vir para casa – disse Micah, sério. – Acho que ela devia saber que você estava voltando e queria vê-lo pela última vez.

Anos depois descobrimos o que de fato acontecera com Brandy. Ela não morrera durante o sono, e sim no consultório do veterinário mais cedo, com a minha mãe a segurando firme enquanto a injeção final era administrada. Depois, ainda estávamos dormindo quando minha mãe trouxera Brandy de volta para casa e a colocara na cama. Ela não queria que soubéssemos que a cadela fora sacrificada. Queria que pensássemos que ela tinha morrido em paz durante o sono. Minha mãe sabia que nós teríamos ficado devastados com a ideia de sacrificá-la e achou que era melhor poupar nossos sentimentos.

Apesar de já estarmos crescidos, e apesar de sempre ter ressaltado a importância de sermos valentes, ela não queria que a morte de Brandy fosse mais difícil para nós do que deveria ser.

Em abril daquele ano eu fui submetido a uma cirurgia no tendão de aquiles e nos pés. A fáscia plantar – um tendão que passa pela sola do pé – e o tendão de aquiles haviam sofrido danos sérios devido ao treinamento intensivo. Era impossível dizer se eu poderia voltar a correr. Com o sonho ainda me consumindo, passei pela reabilitação e comecei a fazer corridas leves em julho. Em meados de agosto eu já corria sem sentir dor pela primeira vez em anos. Treinei muito e logo marcava tempos mais rápidos do que eu tinha alcançado antes da lesão. No segundo treino pesado do dia, por exemplo, percorri 8 quilômetros em pouco mais de 23 minutos e nem fiquei ofegante.

Mas em outubro a dor voltara e estava piorando, então levei uma injeção de cortisona no local da antiga lesão. O anti-inflamatório anestesiou a área dolorida, e eu continuei correndo. Quando a dor voltou, seis semanas depois, levei outra injeção de cortisona. Em pouco tempo eu estava tomando injeções mensais, mas mesmo assim consegui um desempenho respeitável na temporada. No verão passei a precisar da cortisona semanalmente para continuar treinando, e já tinha

tomado quase trinta injeções desde a cirurgia. Enquanto me preparava para uma última temporada, meu tendão de aquiles e a fáscia plantar estavam inchados. Ao seguir mancando para a pista de treino, compreendi que simplesmente não podia mais fazer aquilo.

Aposentei meus tênis de corrida para sempre, sentindo tristeza e, estranhamente, alívio. Com exceção de quebrar um recorde escolar que ainda perdura após dezenove anos, eu falhara em conquistar as outras metas que havia estabelecido para mim mesmo. Mas apesar de a corrida ter se tornado a força determinante na minha vida por sete anos, eu sabia que conseguiria sobreviver sem ela.

Tinha feito o máximo possível, mas não era para ser. E se eu precisasse passar por tudo de novo, sabendo que não conseguiria alcançar meu sonho mais uma vez, eu o faria. Ao perseguir um sonho, você aprende muito sobre si mesmo. Aprende suas capacidades e limitações, o valor do trabalho duro e da perseverança.

Quando falei com o meu pai a respeito disso, compartilhando a decepção e também o alívio em saber que eu finalmente havia tomado uma decisão, ele passou o braço pelo meus ombros.

– Todo mundo sonha – disse ele. – E mesmo que os seus não tenham acontecido como você queria, isso não me deixa menos orgulhoso. Muitas pessoas nem chegam a tentar.

Naquele ano minha mãe finalmente ganhou a égua que ela sempre quis. Uma árabe de 3 anos, a quem ela deu o nome de Chinook.

Chinook ficou alojada num estábulo perto do rio American, e minha mãe passava lá para alimentar e cuidar dela antes e depois do trabalho. Ficava horas esfregando o pelo de Chinook e limpando a lama de seus cascos.

Havia algumas trilhas ao longo do rio American, mas minha mãe levou meses para conseguir cavalgá-la. Chinook havia passado a maior parte da vida num pasto (junto com um bode) e nunca usara uma sela. No entanto, fora isso que reduzira seu preço, e a principal razão pela qual minha mãe conseguiu comprá-la. Ela era volátil, como a maioria dos cavalos árabes, mas mamãe tinha um talento natural para acalmá-la. Em pouco tempo, Chinook permitiu que colocassem uma sela nela e, depois de se acostumar com o equipamento,

finalmente se deixou montar, apesar de não parecer gostar muito da coisa. Mas minha mãe era paciente, e eu me lembro da alegria em sua voz no dia em que ela me ligou:

– Cavalguei a Chinook por horas hoje! Você nem imagina como foi maravilhoso.

– Estou contente por você, mãe – respondi.

Depois de uma vida de sacrifícios, colocando os próprios sonhos sempre depois dos nossos, senti que já era hora de a minha mãe conseguir algo que a deixasse feliz.

Algum tempo depois ela conseguiu outro cavalo, chamado Napoleão. Era dócil e calmo, o tipo perfeito para o meu pai. E, para minha surpresa, meu pai também concordou em cavalgar.

Embora ele nunca ficasse muito à vontade na sela, acho que foi uma forma de mostrar para a minha mãe que estava disposto a se esforçar no casamento. Anos de distância emocional afetaram os dois, e de vez em quando Micah comentava que nossa mãe parecia estar quase no ponto de ruptura. Antes ela se dispusera a continuar casada pelo bem dos filhos, mas agora era possível ouvi-la se perguntando em voz alta, de tempos em tempos, se ela seria mais feliz sem o meu pai. Não sei se um dos dois chegou a realmente considerar o divórcio, mas percebi que mamãe passou a usar essa palavra com uma frequência cada vez maior, tanto ao telefone quanto em casa. E não tenho dúvidas de que papai também escutara.

Reaproximação é sempre difícil. O grande distanciamento ao longo dos anos às vezes é algo impossível de superar. Mas andar a cavalo juntos ofereceu aos meus pais a oportunidade de se reaproximarem, e aos poucos um renovado senso de companheirismo surgiu entre eles.

Meu irmão continuou curtindo a vida livre de preocupações. Depois de se formar na faculdade em 1987, ele e um amigo viajaram para a Europa e passaram quase um mês andando de bicicleta na Espanha, França e Itália. Ao voltar para casa ele nos contou sobre as aventuras e logo seguiu para as montanhas, para fazer rafting.

Em agosto Micah começou a trabalhar em tempo integral como corretor de imóveis comerciais, mantendo o mesmo ritmo no que dizia respeito às garotas. A

cada duas semanas ele trazia uma mulher diferente para casa para conhecer nossos pais, e todas pareciam loucas por ele. Algum tempo depois minha mãe me ligou contando que ele tinha levado a mesma garota duas vezes. Para Micah, aquilo era o mais próximo de uma namorada firme que ele tivera em anos. E quando ele a levou pela *terceira* vez acho que minha mãe soube que era um relacionamento sério.

Enquanto isso, na Notre Dame, eu seguia meus estudos para obter um diploma em administração, com a esperança de cursar direito depois da graduação. Em março de 1988 eu e alguns amigos decidimos dirigir até a Flórida para as nossas últimas férias de primavera. O pai de um deles tinha um condomínio na ilha de Sanibel, então resolvemos ir para lá em vez dos locais mais tradicionais, como Daytona ou Fort Lauderdale.

Na segunda noite da viagem eu reparei em uma mulher que caminhava com duas amigas pelo estacionamento do condomínio.

Ela era bonita, mas depois de uma noite na cidade eu tinha visto muitas mulheres bonitas, e logo me esqueci dela. Algum tempo depois, a caminho do saguão, eu e meus amigos escutamos vozes nos chamando do corredor externo no sexto andar.

– Ei, vocês estão hospedados aqui?

Quando olhamos para cima, vimos que eram as mesmas três garotas.

– Sim – respondemos.

– Bem, nós ficamos de encontrar algumas amigas, mas elas ainda não chegaram e realmente precisamos usar o banheiro. Podemos usar o de vocês?

– Claro! – gritamos. – Estamos no oitavo andar.

Elas subiram e se apresentaram como estudantes do último ano da Universidade de New Hampshire, e deixamos que elas entrassem para usar o banheiro. Pouco tempo depois as três estavam na cozinha, mas eu tinha os olhos fixos na garota que havia chamado a minha atenção mais cedo. De perto percebi que ela tinha os olhos mais lindos que eu já vira, com uma cor tão diferente que quase pareciam irreais. Precisei me esforçar para não ficar encarando.

– Oi – falei, finalmente –, meu nome é Nick.

– Oi, Nick. Eu sou a Cathy. – Ela sorriu.

Eu adoraria dizer que a atração inicial foi mútua, mas isso seria mentira. As garotas ficaram no nosso quarto por cerca de meia hora, então nos convidaram

para o apartamento das amigas. Enquanto estávamos lá eu peguei o telefone do quarto com uma das colegas de Cathy e prometi ligar no dia seguinte para ver se elas queriam nos acompanhar até a praia que ficava atrás do condomínio.

De manhã, quando as garotas decidiram se juntar a nós, eu estava visivelmente nervoso com a perspectiva de ver Cathy outra vez. Torci para ter causado uma boa primeira impressão e, quando vi que ela e as amigas vinham na nossa direção na praia, me levantei rapidamente para cumprimentá-las.

– Oi – falei, ansioso. – Que bom que você veio.

E Cathy respondeu:

– Ah, oi, eu sou a Cathy. Eu não conheci você ontem à noite, conheci?

Senti o ego ferido, mas isso não me desencorajou. Ficamos conversando por horas. Quando elas mencionaram que iriam a uma boate perto dali, convenci os meus amigos relutantes a irem também e, assim que cheguei, procurei por Cathy. Depois de dançar com ela por uma hora, inclinei-me e disse:

– Sabe, nós vamos nos casar um dia.

Ela só riu, incrédula, e respondeu:

– Eu acho que você precisa de outra cerveja.

Como eu soube tão rápido que ela era a pessoa certa para mim? Foi uma intuição estranha, mas posso dizer com sinceridade que eu sabia.

Tínhamos muita coisa em comum. Ela também estava no último ano da faculdade de administração, também era católica e também ia à igreja aos domingos. Também era a filha do meio, embora tivesse três outros irmãos. Assim como eu, ela tinha um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Seus pais, como os meus, tinham sido pobres antes de pertencerem à classe média, nunca haviam se divorciado e – que coincidência! – se casaram na mesma data que os meus pais: 31 de agosto. Ela era uma atleta (campeã estadual de ginástica olímpica), também queria filhos e desejava ficar em casa para criá-los, como eu esperava que minha futura esposa fizesse.

Mas o que mais me atraiu nela foi o seu jeito. Ela ria muito, e é fácil se apaixonar por alguém que consegue ver humor em qualquer situação. Também era inteligente, culta, bem articulada, disposta a escutar e confiante em suas crenças. E, o mais importante, ela era calorosa. Tratou os meus amigos como se

fossem velhos conhecidos, acenava e sorria para crianças e idosos. Parecia ter um interesse genuíno por todo mundo.

Eu tinha reparado todas essas coisas em Cathy e, enquanto dançávamos, percebi que ela tinha tudo o que eu buscava em uma mulher.

Quando voltei para a Notre Dame, liguei para o meu irmão:

– Micah, eu conheci a garota com quem vou me casar.

– Onde? Quando? Você não estava de férias?

– É, foi lá que eu a encontrei.

– Cara, você estava de férias. Por que diabos está pensando em casamento?

– Espere só até você conhecê-la.

– Mas era uma viagem de férias!

– Eu sei – respondi, alegre. – Não é incrível?

Nos dois meses que antecederam a formatura, escrevi cem cartas para Cathy. Ela veio me visitar na Notre Dame duas vezes, e na noite da cerimônia meus pais vieram à Notre Dame pela primeira vez. Enquanto mostrava o lugar onde tinha morado nos últimos quatro anos, fiquei falando sobre Cathy e quanto ela significava para mim. Depois da graduação, enquanto meus pais voltavam para casa, eu viajei até New Hampshire para ver Cat se formar. Fui apresentado aos pais dela e, dez dias depois, a levei a Sacramento para conhecer minha família.

Meus pais a cumprimentaram com abraços entusiasmados, e Cathy ficou na cozinha conversando com minha mãe por uma hora. Naquela noite, depois que Cathy já tinha ido para a cama, minha mãe disse:

– Cathy é incrível. Ela é até melhor do que você tinha falado.

Achei que o meu coração fosse explodir.

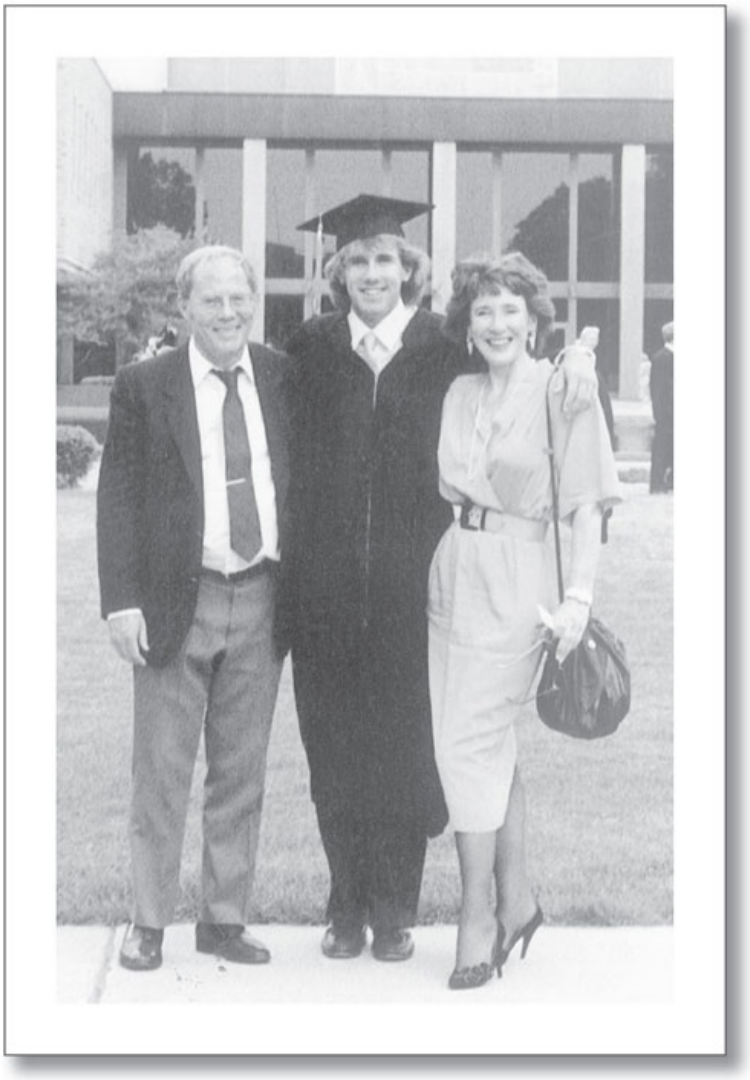
– Que bom que você gostou dela, mãe – foi tudo o que eu disse.

Depois da formatura, em maio de 1988, meu primeiro pensamento foi: "E agora?"

Por anos eu tinha sido estudante e atleta, e perseguira essas metas com uma intensidade inabalável. Havia seguido as instruções, obedecido às regras. E de repente aqueles dois mundos ficaram para trás, e eu me vi à deriva. Não tinha ideia de quem eu era, do que queria fazer ou de para onde o meu futuro me

levaria. Sempre tinha acreditado que, por seguir todas as regras, o mundo teria um caminho aberto para mim. Mas ele não parecia se importar.

Apesar da graduação *magna cum laude,* eu não fui aceito em nenhum curso de direito para o qual havia me inscrito, de modo que aquela porta se fechara antes mesmo de ser aberta. Todos os meus amigos tinham conseguido empregos em Nova York ou em Chicago, mas tendiam a ser próximos aos locais onde eles tinham crescido. Eu também queria ir para casa, então, com a cabeça cheia de incertezas acerca do futuro, peguei um avião de volta para Sacramento. Meu primeiro emprego foi de garçom. Mesmo com um diploma, acabei recebendo um salário-mínimo.



Nesse meio-tempo comecei a explorar opções de carreira, em busca de uma área que me interessasse. Eu estava confuso, mas não muito preocupado, então, quando Cathy se mudou para Sacramento em agosto, eu finalmente decidi tentar a sorte na avaliação de imóveis. Na mesma época, Micah e eu compramos duas pequenas casas numa área precária da cidade, consertamos as propriedades e as alugamos. Usei o pouco tempo livre para escrever meu segundo livro, *Os assassinatos reais*, um mistério tradicional do tipo "quem matou?". Mas eu sabia que não era bom o bastante para ser publicado.

Comecei a trabalhar para uma imobiliária local como aprendiz de avaliador durante o dia enquanto servia mesas e escrevia à noite. Com o tempo poupei dinheiro suficiente para comprar um pequeno anel de diamante. No aniversário

de Cathy, no dia 12 de outubro de 1988, eu me ajoelhei e a pedi em casamento. E ela aceitou.

Alguns dias depois perguntei se Micah gostaria de ser meu padrinho de casamento, pensando que, além de ter contado com ele durante toda a minha juventude, eu continuaria contando com ele, não importando para onde o futuro nos levaria.

Capítulo 12



Angkor, Camboja
4-5 de fevereiro

Os templos em Angkor, Camboja, uma área com mais de 310 quilômetros quadrados, foram construídos entre 879 e 1191 d.C., no ápice do império Khmer. Foram descobertos mais de cem templos que costumavam ser cercados por cidades, de onde os reis do império governavam um território que cobria uma vasta porção do sudeste da Ásia que incluía a Birmânia, a Tailândia, o Laos, o Vietnã, o sul da China e o Camboja. O governo durou quase quinhentos anos, até 1432, quando o Sião (agora Tailândia) saqueou Angkor e a capital foi transferida para Phnom Penh, ao sul.

Angkor nunca recuperou sua dimensão anterior e eventualmente caiu na obscuridade, tendo seu território reocupado aos poucos pelos avanços intermináveis da floresta. Com o tempo a região se tornou lendária — pessoas que viram as ruínas alegavam que elas haviam sido construídas pelos deuses —, e alguns exploradores aventureiros da Europa disseminaram histórias sobre as ruínas famosas. Foi apenas em 1860 que o explorador francês Henri Mouhot trouxe Angkor de volta ao cenário mundial.

Os franceses ficaram encantados com as ruínas e deram início a um intenso trabalho de restauração. Mas tudo o que restou de Angkor foram os templos, considerados uma das maiores realizações arquitetônicas da humanidade. As cidades, cujas construções eram feitas de madeira, havia muito tempo já tinham deteriorado e sumido em meio à floresta.

A maioria dos templos na região de Angkor tem influência hindu e o restante é budista. Na época em que foram construídos, ambas as crenças predominavam no império, e à medida que governantes iam e vinham – budistas substituídos por hindus, e vice-versa –, os templos foram erguidos para refletir os períodos em constante mutação. Mas a arquitetura teve poucas variações. A maior parte contém uma estrutura tradicional no centro, cercada por paredes ou plataformas quadradas ou circulares envoltas por um fosso ou um muro externo.

Angkor Wat, traduzido literalmente como "Cidade do Templo", não só é o maior templo da região, como também o maior monumento religioso do mundo. Construído durante a primeira metade do século XII por Suryavarman II, é considerado o apogeu da arquitetura Khmer. As gravuras nos muros externos retratam cenas importantes da literatura hindu e eventos do reino de Suryavarman II, em detalhes complexos e rigorosos. Estudar e compreender plenamente as gravuras em relevo – que cobrem paredes com quase 4 metros de altura e mais de um quilômetro de comprimento – levaria anos. Foram escritos livros apenas sobre essas gravuras, e tentar sequer comentá-las estaria muito além do escopo desta obra.

Como diz o ditado: é preciso ver para crer.

O voo para o Camboja levou mais sete horas, e eu comecei a compreender a façanha que é atravessar o mundo de verdade. Somando tudo, nós voaríamos 57 mil quilômetros, quase três dias inteiros no ar.

Eu não tinha muita certeza do que esperar quando cheguei. Embora já houvesse viajado para Hong Kong e para a Coreia para competições de atletismo, não estava preparado para a cidade de Phnom Penh quando o avião aterrissou. A terra me passou a estranha impressão de ser, ao mesmo tempo, esperançosa e trágica. A principal via pública era muito movimentada como em qualquer outra cidade, mas, em vez de carros, as pessoas conduziam lambretas. As moradias baratas compartilhavam o espaço com lustrosos arranha-céus recém-construídos, e para cada homem de terno eu via outro que tinha perdido uma das pernas nas minas terrestres que ainda se espalham pelas zonas rurais. Por toda parte a contradição do país era visível; uma nação tentando deixar o passado para trás na tentativa de garantir um futuro melhor.

Nossa parada em Phnom Penh foi breve. Visitamos o Museu Nacional do Camboja e o Palácio Real antes de voltarmos ao aeroporto a fim de pegar o avião que nos levaria a Angkor.

Achei o Museu Nacional uma ótima representação do Camboja. Em frente aos portões inúmeros mendigos imploravam por trocados, e no interior vimos outros lembretes da guerra que havia assolado aquela região por décadas. As peças expostas, incluindo estátuas de diversos deuses indianos (Shiva, Vishnu e Brahma), não eram protegidas por vidros. Estavam expostas ao tempo por cerca de 25 anos, quando os vidros foram destruídos pela guerra. Desde então não houvera dinheiro para substituí-los. Também não havia quase nada aparafusado; os objetos simplesmente jaziam soltos sobre os pedestais. A maioria das estátuas estava quebrada, e buracos de bala pontilhavam as paredes de gesso desgastado. O teto tinha marcas de infiltração que desciam pelas paredes formando manchas, e o chão era de concreto exposto.

Apesar disso, os guias falaram com orgulho sobre o museu, a cultura e o espírito do povo, e tanto Micah quanto eu saímos de lá introspectivos. De todos os lugares que já tínhamos visto até aquele ponto, o Camboja pareceu o mais estranho e incompreensível, e nos sentimos desorientados.

Em seguida visitamos o Palácio Real, que na verdade reúne aproximadamente vinte prédios e templos dentro de um complexo murado do tamanho de um quarteirão urbano. Um dos prédios é o palácio em si, onde vive o rei. O outro é o salão do trono, uma estrutura magnífica com tetos pintados, um carpete vermelho comprido e colunas imensas, para onde são levados os

dignitários que querem uma audiência com o rei. Em um templo próximo, ainda dentro do complexo, vimos o grande Buda prateado. Ao contrário de muitos artefatos culturais, esse não fora destruído na guerra e parecia ocupar um espaço especial no coração dos cambojanos, devido às centenas de pequenas oferendas de flores ao seu redor.

A parada em Phnom Penh durou menos de três horas, mas pareceu muito mais. Com o passado pesando sobre os nossos ombros, nós partimos para as florestas de Angkor, aonde chegaríamos um pouco depois do pôr do sol.

A via principal saindo do aeroporto de Angkor passa pelos templos e pelos hotéis imensos que brotaram onde antes havia apenas mato. O esplendor de alguns desses estabelecimentos é estonteante (em qualquer país do mundo, seriam considerados hotéis cinco estrelas): estruturas cintilantes cercadas por paisagens luxuosas e iluminadas com suavidade, palmeiras e samambaias altas flanqueando entradas sinuosas, flores a perder de vista. Meia dúzia de hotéis alardeiam quartos com diárias maiores do que o salário anual médio de um cambojano. Alguns têm spas e todos contam com restaurantes chiques que exigem o uso de paletó para entrar.

Tudo isso em ruas que as pessoas atravessam de bicicletase ou lambreta.

Chegando ao hotel fomos informados de que uma excursão para Angkor Wat estava planejada para o nascer do sol. A maioria, incluindo Micah, decidiu não participar. Foi a primeira e única vez durante toda a viagem que Micah e eu não fomos juntos para um passeio. E, com exceção de um ou dois momentos, foi a primeira vez que nos separamos em quase duas semanas.

Durante a viagem de ônibus, um dos membros do grupo me perguntou se meu irmão e eu estávamos nos dando bem.

– Sim – respondi. – É fácil viajar com Micah.

– Você não fica incomodado? Quero dizer, por passar o tempo *todo* com ele?

Pensei a respeito, finalmente percebendo como aquilo devia parecer estranho.

– Para falar a verdade, não. Parece que sempre queremos fazer a mesma coisa... Acho que estamos em sintonia.

– Isso é incrível! – disse ele, meneando a cabeça. – Vocês dois se dão melhor do que a maioria dos casais. Se prestar atenção, vai ver que alguns já estão

começando a ficar meio cansados uns dos outros.

Eu estava empolgado para ver Angkor Wat. A estrutura em si – quadrada, com um templo alto no centro, três cercos quadrangulares concêntricos e paredes circundantes com mais ou menos 250 metros de comprimento, tudo isso cercado por um fosso gigante – tem uma ponte comprida como entrada, e o grupo caminhou em direção às paredes externas. Assim que passamos por elas, o guia nos disse para parar. Na escuridão, não dava para ver absolutamente nada.

Pouco tempo depois o céu atrás do templo começou a se iluminar, primeiro ficando vermelho, depois assumindo um forte tom alaranjado e, finalmente, amarelado. Enquanto o céu mudava de cor, o templo se manteve delineado por sombras, seus traços invisíveis. Mas eu não consegui desviar os olhos. Mesmo a distância, e apesar de já ter lido sobre o lugar, o tamanho de Angkor Wat me deixou atônito. Se tivesse sido construída recentemente, aquela estrutura seria considerada massiva. Quando fora construída, oitocentos anos antes, ela deve ter desafiado a compreensão.

A visita durou tempo suficiente para que o céu passasse de um tom amarelado para um tom azulado, então voltamos para o ônibus. No caminho, o interior de Angkor começou a se encher de vida. As ruas ficaram apinhadas de lambretas que contornavam o ônibus pesado com agilidade. Não parecia existir qualquer legislação de trânsito. As pessoas dirigiam dos dois lados da rua, entravam e saíam do fluxo de veículos e desviavam no último segundo, mas de alguma forma aquilo funcionava.

Os motociclistas eram, à sua própria maneira, tão impressionantes quanto Angkor Wat. Aprendemos que a maioria das lambretas eram produzidas na China e custavam por volta de 600 dólares. Pouco maiores do que uma motocicleta, eram a versão cambojana de um carro popular.

– Tem quatro pessoas naquela lambreta! – berrou alguém, e todos no ônibus se aglomeraram na janela para ver.

– Naquela ali tem cinco! – gritava outra pessoa, e nós íamos para a janela do lado oposto.

– Estou vendo seis!

– Impossível!

– Lá atrás! Olha!

Fomos olhar. Fiquei perplexo quando vi seis pessoas em cima de uma lambreta, que andava devagar mas andava, contornando obstáculos como todas as outras.

– Vocês não vão acreditar – falou alguém. – Na nossa frente. Deem uma olhada.

– O quê?

– Eu contei *sete* naquela – disse ele, apontando para a lambreta.

E lá estava. Um homem sentado no meio, cercado pelo que pareciam ser os filhos. Havia duas garotinhas atrás do pai e outros três meninos na frente. Pendurado em seus ombros estava o sexto, o mais jovem de todos, que devia ter uns 5 anos. Todos estavam vestidos com uniformes, e parecia óbvio que o pai os levava para a escola.

No caminho até o hotel todos os passageiros do ônibus tentaram, sem sucesso, encontrar uma lambreta carregando oito pessoas. Como se, para aquele ambiente extraordinário, sete não fosse o bastante.

Devido ao calor e à umidade no Camboja, nosso dia foi dividido em dois segmentos. Pela manhã visitaríamos outros templos e locais: Ta Prohm, o Bayon e o Terraço dos Elefantes. Depois do almoço passaríamos algumas horas no hotel e no fim da tarde iríamos para Angkor Wat.

A primeira parada foi Ta Prohm, e, apesar da grandiosidade de Angkor Wat, aquele foi o nosso templo favorito. Não era muito grande e se encontrava basicamente em ruínas, mas o crescimento da mata nos intrigou. Envoltas pela sombra, as imensas raízes estrangulantes das figueiras e das árvores de algodão de seda contornavam o vão das portas e subiam pelas paredes como se tivessem sido derramadas do tronco. Parecia que a floresta estava no processo de devorar o templo, como já tinha feito com todos os outros.

As raízes eram incontroláveis. Apesar de as gigantes terem chamado nossa atenção primeiro, uma inspeção mais próxima revelou que as partes mais finas forçavam caminho entre os blocos. Com o tempo, eles seriam afrouxados e em duas décadas acabariam no chão, acompanhando os vários outros que estavam empilhados ao nosso redor.

O templo, embora em um terrível estado de abandono, mantivera a forma original. Como todos os templos que veríamos, ele tinha quatro paredes

quadradas concêntricas (na verdade, túneis) que cercavam a construção central, e nós gradualmente seguimos as ruínas em direção ao centro. Ali, diferente dos outros locais visitados, bastava passar por uma curva para perder de vista os outros membros do grupo.

– Isso é incrível! – disse Micah.

– É impressionante, não é?

– Parece o passeio do Indiana Jones e o Templo da Perdição na Disney.

– Como você é um americano grosseiro – reclamei.

– Mas não parece? Ou então um set de filmagem. Como se alguém tivesse imaginado a aparência de um templo arruinado, e daí o construído. Parece real demais para ser de verdade.

– "Real demais para ser de verdade"?

– Exatamente – assentiu ele. – Como se alguém o tivesse planejado.

Quarenta minutos depois estávamos no ônibus de novo. A próxima parada era Bayon. Lá, a mata tinha sido cortada para atravessar a ruína. Diferente do calor australiano, em Angkor a temperatura alta era intensificada pela umidade, e havia uma quantidade imensa de mosquitos. Nós nos lambuzamos de repelente.

O templo de Bayon nem se comparava a Ta Prohm. Compartilhava a mesma forma arquitetônica dos outros, mas foi lá que vimos os primeiros exemplos de inscrições em relevo pelas quais os templos são famosos. Dava para discernir várias imagens no arenito, todas contando histórias próprias.

Mas elas eram difíceis de acompanhar. De todos os países que visitamos, o idioma do Camboja era o mais exótico, com fonemas tão diferentes que mesmo palavras simples eram incompreensíveis. Assim, sempre que os nossos guias falavam, mesmo em inglês, tínhamos que peneirar os sotaques pesados e as longas pausas enquanto eles se debatiam com as palavras. E a dificuldade era mútua: eles também precisavam se esforçar para nos entender.

– Por que eles chamam de gravuras em relevo em vez de só gravuras? – perguntou Micah.

– Estas... ah... são... ah... gravuras em *relevo* – respondeu o nosso guia, com um sorriso obsequioso.

– Mas por que *relevo*?

– Vê? – perguntava ele, apontando para a parede. – Gravuras em *relevo* – repetia, pronunciando a palavra com cuidado. – *Relevo*.

– Ah – comentou Micah, compreendendo que não ia conseguir tirar sua dúvida –, obrigado de qualquer jeito.

– Eu sou de nada – disse o guia, se curvando.

O sol estava a pino quando finalmente chegamos ao Terraço dos Elefantes. Era lá que os governantes costumavam se sentar no topo da parede – basicamente uma parede comprida e grossa com gravuras de elefante – para ver apresentações na praça em frente.

– Que tipos de apresentações? – perguntou Micah.

– Como o... ah... ah...

– Teatro?

– Não... o...

– Circo? – sugeriu meu irmão.

– Sim, o circo. Com os equilibristas no... hum... – O guia gesticulou com a mão, imitando a palavra que tentava lembrar.

– Trapézio?

– Sim, trapézio. E havia mulheres... ah... – Ele balançou um pouco os quadris.

– Dançarinas?

– Sim, dançarinas. E, ah... hum...

– Elefantes? – sugeriu Micah outra vez.

– Não, nada de elefantes.

O intervalo de três horas quando voltamos para o hotel foi muito bem-vindo. Micah e eu aproveitamos para fazer exercícios, comer e dar um cochilo antes da saída para Angkor Wat. Já haviam nos avisado diversas vezes que as duas horas de visita não bastariam para apreciarmos plenamente o lugar.

E isso era verdade, pelo menos no que dizia respeito ao tamanho e à complexidade do local. Mas, a não ser que você fosse bem versado em histórias sobre o deus hindu Vishnu e tivesse paciência para aprender como aquelas histórias tinham sido interpretadas na forma de imagens, duas horas eram mais do que suficientes. Um dos palestrantes da TCS estudou as gravuras em relevo de Angkor Wat extensivamente, e era fascinado por elas. Quando atravessamos a ponte e chegamos às paredes principais que cercavam o templo, ele já estava inquieto de entusiasmo. Enquanto observamos e tiramos fotos de trechos das

gravuras – que, devo admitir, eram incrivelmente detalhadas –, nosso palestrante parava depois de alguns passos para ressaltar as diversas seções na parede, descrevendo-as com detalhes ainda mais minuciosos e a voz tomada pela empolgação.

Para ser sincero, aquilo só nos deixou mais confusos.

– Agora, aqui – diria ele – é onde Vishnu atravessa o rio. Vejam onde ele está. Conseguem ver o templo nos fundos?

Ao chegar mais perto para ver o que ele indicava, conseguíamos ver o templo e pensávamos: "Até aqui tudo bem." Mas, infelizmente, o palestrante continuava:

– Como vocês devem saber, o templo atrás dele representa o cosmos centrado no monte Meru. Em outras palavras, é o modelo do universo em microcosmo! Isso, assim como todo o resto em Angkor Wat, é a mesma representação! E todos estes relevos vêm do Ramayana e do Mahabharata, além do Bhagavad-Gita, que é absolutamente extraordinário. E, ao avançarmos, vocês também vão reparar em cenas da vida do próprio Suryavarman II, que parece ter decidido se identificar com Rama e Krishna, as encarnações de Vishnu, tornando-se, dessa forma, um Devaraja! E é fácil imaginar o que Jayavarman II pensou em relação a isso, especialmente depois de derrotar os Chams. Ah, e aqui na frente vamos ver o famoso relevo que retrata o mito da renovação cósmica, também conhecido como a agitação do mar de leite!

Àquela altura Micah já estava com os olhos vidrados e distantes.

– Leite? – perguntou ele.

– Foi o que ele disse.

– E o que isso significa? – continuou meu irmão. – E quem é Rama e o que vem a ser um Devaraja?

– Quer que eu pergunte?

– Não – Micah respondeu rápido. – Se ninguém perguntar, talvez uma hora ele siga em frente. – Ele parou por um instante antes de menear a cabeça. – Quero dizer, ele acha mesmo que nós sabemos tudo isso sobre Shiva?

– Vishnu. Ele está falando do deus *Vishnu*.

– Tanto faz. O que estou dizendo é que eu não sei nada disso nem vou me lembrar de nada disso. É muita coisa. A parede tem 3 metros de altura e dá a volta inteira no templo. Tem mais de 1,5 quilômetro de comprimento. É uma arquitetura incrível e dá para entender por que eles levaram décadas para

construir. Mas, a não ser que você passe a vida inteira estudando essas coisas, as gravuras parecem todas iguais.

– Gravuras em *relevo* – ressaltei. – *Relevo*.

– Tanto faz – rebateu Micah.

Enquanto isso nosso palestrante continuava falando sem parar. Parecia cada vez mais animado.

– E reparem nas quatro cabeças de arenito no topo da parede! Conseguem vê-las? Acho que representam os guardiões das Quatro Direções, ou talvez até mesmo o Bodhisattva Avalokiteshvara!

Quando chegamos ao centro de Angkor Wat e paramos na base do templo, o palestrante estava a todo vapor.

– É interessante comparar o budismo Mahayana com o Theravada, mas de um ponto de vista histórico, o animismo também foi dominante durante o início do império Khmer, como, por exemplo, a crença em Neak Ta. Talvez vocês tenham visto o deus-serpente Naga perto da entrada. Esse...

– Com licença? – pediu Micah.

– Sim? – disse o palestrante, fazendo uma pausa.

– A gente pode subir naquele negócio? – perguntou meu irmão, apontando para o templo.

Passamos a hora restante explorando as ruínas sozinhos. Subimos os degraus íngremes e desgastados, atravessamos os corredores rochosos, posamos para fotos e inspecionamos Angkor Wat dos pontos mais altos que conseguíamos alcançar.

– Espero que não tenha uma prova no final dessa viagem – disse Micah enquanto voltávamos pela ponte. – Eu seria reprovado.

– Eu também – falei.

Ele parou.

– Você percebeu que já estamos fora há duas semanas?

– Não parece.

– É meio triste pensar nisso. Passei meses sonhando com essa viagem, e agora já se foi mais da metade. Está passando tão rápido!

– Sonhos são engraçados mesmo – comentei. – Você quer algo

desesperadamente, dá um jeito de conseguir, e aí de repente termina. É como correr em competições, todo aquele treino para passar alguns minutos na pista. O segredo é aprender a apreciar o processo.

– Agora você virou filósofo?

– Não – admiti. – Só quero ouvir a minha própria voz.

– Ótimo. Já tive filosofia suficiente por um dia.

Andamos mais um pouco.

– Está com saudades de Christine? – perguntei.

– Sim. Das crianças também. E você?

– Estou com saudades deles desde que saí de casa – confessei.

Cat e eu nos casamos na cidade de Manchester, em New Hampshire, onde ela nasceu. Nos seis meses que antecederam a cerimônia ela teve que fazer os preparativos do outro lado do país, e só precisou ir para casa duas vezes. Descobri que minha futura esposa era muito eficiente quando necessário.

O casamento foi no dia 22 de julho de 1989, na igreja católica que Cat frequentava desde pequena, e eu não consegui parar de olhar para ela enquanto seu pai a conduzia até o altar. Os olhos dela estavam reluzentes por baixo do véu, e as mãos tremiam ligeiramente quando as segurei. Mal consigo me lembrar da cerimônia. O único momento que me vem à mente é de ter colocado o anel em seu dedo. A festa também foi um borrão, e estávamos exaustos quando chegamos ao Havaí para a lua de mel. A viagem foi um presente de Billy e Pat Mills, que passaram a amar Cathy tanto quanto eu. Lisa, que já tinha encontrado outra pessoa havia muito tempo, começou a se referir a mim, jocosamente, como "o ex-namorado que nunca foi embora".



Como a cerimônia e a festa aconteceram no outro lado do país, poucos amigos meus conseguiram comparecer. Mas minha mãe decidiu dar uma festa em Sacramento em nossa homenagem. Ela decorou o quintal, fez um bolo, comprou cerveja e comida e todas as pessoas que eu conhecia apareceram para nos parabenizar. A festa durou horas, e, sob alguns aspectos, foi mais divertida do que a primeira. Eu tinha voltado da lua de mel em Maui, possuía dois imóveis para alugar com Micah e havia terminado o meu segundo – embora não publicado – livro. Estava começando um novo negócio que parecia promissor e era completamente apaixonado pela minha nova esposa. Até hoje acho que foi uma das melhores tardes e um dos melhores verões da minha vida.

Minha mãe parecia ainda mais feliz do que nós, se é que isso era possível. À noite ela mencionara que estava pensando em deixar o emprego num futuro próximo. Agora que já tínhamos terminado a faculdade e com o meu pai

ganhando mais do que em qualquer outra época de sua vida, não havia mais razões para que ela continuasse indo ao consultório todos os dias. Já tinha trabalhado o suficiente, dissera, e queria passar o tempo aproveitando a família e cavalgando com o meu pai.

– Na verdade – falou ela, com os olhos brilhando de felicidade –, nós vamos cavalgar de novo no próximo fim de semana.

Na sexta-feira seguinte – apenas seis semanas após o casamento – Cathy e eu fomos a um churrasco na casa dos meus pais. Éramos os únicos jovens lá. Micah tinha ido a Cancún e só voltaria para casa no sábado, e Dana estava em Los Angeles com o namorado. Foi uma noite tranquila. Cozinhamos e jantamos, depois nos acomodamos na sala para ver um filme. Quando ficou tarde, falei que já estava na hora de Cathy e eu irmos para casa, então fui até onde minha mãe estava sentada e dei um beijo no rosto dela.

– Talvez a gente apareça amanhã à noite – comentei.

– Está bem – respondeu a minha mãe. – Nós adoraríamos recebê-los. Dirijam com cuidado.

– Tchau, mãe.

Ao meio-dia meus pais cavalgavam por uma trilha que acompanha o rio American. Era um dia típico de agosto no vale de Sacramento, com a temperatura por volta dos 30 graus e o ar seco. Havia poucas nuvens pontilhando o horizonte, e eles fizeram um piquenique numa das várias áreas sombreadas da trilha. Pouco depois foram cavalgar outra vez, mas, por causa do calor, os cavalos não trotaram nem galoparam. Meus pais então seguiram num ritmo lento, conversando e apreciando a paisagem.

Quando o rio fez uma curva e a trilha ficou mais estreita, meu pai foi na frente com Napoleão, seguido de perto por minha mãe e Chinook. De acordo com o meu pai, nada de extraordinário aconteceu em seguida. Não houve nenhum barulho repentino, nenhuma cobra, nada que pudesse ter assustado os cavalos. A trilha de cascalho estava coberta de pedras e às vezes ficava meio angulada, mas não havia nenhum obstáculo sério. De fato, os dois cavalos – assim como milhares de outros, no decorrer dos anos – já tinham percorrido aquela mesma trilha várias vezes.

Mas naquele dia, por uma razão qualquer, Chinook tropeçou.

Eu estava na cozinha do meu apartamento quando o telefone tocou. Atendi e escutei a voz do meu pai, sem fôlego, parecendo prestes a hiperventilar.

– Sua mãe sofreu um acidente... – meu pai começou a falar. – Caiu do cavalo... Ela foi levada para o Centro Médico UC Davis...

– Ela está bem?

– Eu não sei. Eu não sei. – Sua voz ao mesmo tempo era de alguém em pânico e tinha um tom meio robótico. – Tive que trazer os cavalos de volta. Não falei com o médico... Preciso ir até lá...

– Estou a caminho.

Cathy e eu dirigimos horrorizados até o hospital, tentando nos convencer de que não era nada sério. Entramos correndo na emergência e perguntamos para a enfermeira encarregada o que estava acontecendo.

Depois de verificar suas anotações e ir para os fundos falar com alguém, ela voltou para nos informar:

– Sua mãe está sendo submetida a uma cirurgia – disse a enfermeira. – Eles acham que ela talvez tenha sofrido uma ruptura do baço. E é possível que o braço dela esteja quebrado.

Soltei um suspiro de alívio. Sabia que apesar de serem ferimentos graves, não necessariamente havia risco de morte. Logo em seguida Mike Marotte, um amigo do ensino médio que participou do time de atletismo comigo, entrou pela porta às pressas.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei.

– Eu estava correndo pela trilha quando vi um grupo de pessoas e reconheci o seu pai. Eu o ajudei a levar os cavalos de volta e vim direto para o hospital. O que houve com a sua mãe?

Mike, como todos os meus amigos, amava a minha mãe e parecia tão assustado quanto eu.

– Ainda não sei. Disseram que ela rompeu o baço, mas ninguém veio falar comigo. Mas você estava lá? Foi sério? Como ela estava?

– Ela não estava consciente – respondeu Mike. – Só sei disso. O helicóptero chegou poucos minutos depois de mim.

O mundo parecia girar em câmera lenta.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer? Quer que eu ligue para alguém?

– Sim. – Eu lhe dei o telefone de parentes da minha mãe e do meu pai. – Avise a eles o que aconteceu e peça que eles avisem aos outros.

Ele anotou os números.

– E encontre o Micah – pedi. – Ele deveria estar chegando de Cancún esta tarde. Está vindo para São Francisco.

– Por qual companhia aérea?

– Eu não sei.

– A que horas ele vai chegar?

– Também não sei. Faça o que você puder... e encontre Dana também. Ela está em Los Angeles com Mike Lee.

Mike assentiu.

– Ok, vou cuidar disso.

Meu pai chegou alguns minutos depois, pálido e trêmulo. Contei o que sabia, e ele começou a chorar. Eu o abracei, e enquanto chorava ele começou a balbuciar:

– Eu estou bem, agora. Eu estou bem – falava, tentando conter as lágrimas.

Nós nos sentamos, e os minutos se passaram sem ninguém dizer nada. Dez minutos. Vinte. Tentei folhear uma revista, mas não conseguia me concentrar nas palavras. Cathy estava sentada ao meu lado, com a mão na minha perna. Em seguida ela se aproximou do meu pai. Ele ficava sentado, levantava e começava a andar em círculos. Aí se sentava de novo. Levantava e andava, e se sentava de novo.

Àquela altura já tinham se passado quarenta minutos e ninguém sabia o que estava acontecendo.

Micah tinha acabado de sair do avião quando ouviu seu nome sendo anunciado pelo sistema de alto-falantes do aeroporto internacional de São Francisco, pedindo que ele atendesse um telefonema.

– Por favor, vá direto para o Centro Médico US Davis – disse a voz do outro lado da linha.

– O que está acontecendo?

– A mensagem só diz isso.

Em pânico, Micah entrou numa limusine – não havia nenhum táxi disponível – e seguiu para a casa de um amigo, onde havia deixado o carro

durante a semana.

Ele estava a duas horas de Sacramento.

Depois de uma hora, um homem de voz tranquila e vestido de terno apareceu para nos cumprimentar.

– Senhor Sparks?

Todos nós levantamos, imaginando se aquele era o médico. Ele disse que não era.

– Eu trabalho no hospital como psicólogo – disse ele. – Sei que é difícil, mas, por favor, venham comigo.

Nós o seguimos até uma pequena sala de espera. Éramos a única família ali. Parecia que o espaço havia sido reservado para nós. Era opressivo. Senti um aperto no peito antes mesmo que ele dissesse as palavras.

– Sua esposa sofreu uma hemorragia cerebral – disse ele para o meu pai, com uma voz gentil, evidentemente cheia de compaixão.

Os olhos do meu pai se encheram de lágrimas de novo.

– Ela vai ficar bem? – sussurrou ele. Sua voz começou a ficar mais fraca, e eu ouvi o apelo contido nas palavras. – Por favor... por favor... diga que ela vai ficar bem.

– Eu realmente sinto muito – disse o psicólogo –, mas a condição dela não parece nada boa.

A sala começou a girar. A única coisa que consegui fazer foi continuar olhando fixamente para ele.

– Ela não vai morrer, vai? – consegui perguntar.

– Eu realmente sinto muito – repetiu ele.

Embora tenha ficado conosco, eu não me lembro de ter ouvido o homem dizer mais nada. Só consigo me lembrar de ter me virado subitamente para Cathy e para o meu pai. Eu os puxei com força num abraço apertado, chorando como nunca chorara antes.

Dana recebera a ligação e providenciara uma passagem no primeiro voo para Sacramento. Eu liguei para alguns parentes e expliquei o que estava acontecendo. Um por um, ouvi todos começarem a chorar e prometerem que chegariam o mais rápido possível.

Os minutos se arrastaram, parecia que o tempo estava distorcido. Nós três perdíamos o controle e nos esforçávamos para recuperá-lo. Uma hora se passou antes de podermos ver a minha mãe. Quando entramos no quarto, ela estava com uma máscara de oxigênio e vários fluidos injetados nas veias. Olhei para os batimentos mostrados no monitor cardíaco.

Por um instante pareceu que ela estava dormindo, e, apesar de saber o que estava acontecendo, tentei me segurar à esperança, rezando por um milagre.

Mais tarde o rosto dela começou a inchar. Os fluidos eram necessários para impedir que os órgãos de minha mãe fossem prejudicados caso fôssemos doá-los, e aos poucos ela foi ficando cada vez menos parecida com a minha mãe.

Alguns parentes tinham chegado, outros estavam a caminho. Todos entraram e saíram do quarto, mas ninguém conseguia ficar lá dentro por muito tempo. Era insuportável estar com a minha mãe, pois não era ela – mamãe sempre foi tão cheia de vida! –, mas, ao mesmo tempo, parecia errado ficar esperando no corredor. Nós entrávamos e saíamos, um de cada vez, tentando descobrir qual alternativa era menos horrível.

Mais parentes chegaram. O corredor começou a se encher de amigos também. As pessoas buscavam conforto umas nas outras. Eu não queria acreditar no que estava acontecendo. Ninguém queria. Cathy não saiu de perto de mim e ficou o tempo todo segurando a minha mão, mas eu me sentia constantemente atraído para o lado da minha mãe.

Quando não havia ninguém no quarto, eu entrei e fechei a porta atrás de mim. Meus olhos se encheram de lágrimas no mesmo instante. Segurei a mão dela, sentindo seu calor familiar, e a beijei. Minha voz estava rouca, e, apesar de ter passado a tarde inteira chorando, eu simplesmente não conseguia parar quando estava ao lado dela. Mesmo com o inchaço minha mãe era linda, e tudo o que eu queria – do fundo do meu coração, e mais do que qualquer outra coisa – era vê-la abrir os olhos.

– Por favor, mamãe – sussurrei em meio às lágrimas. – Por favor, se você vai sair dessa, você precisa sair logo, ok? Você está ficando sem tempo. Por favor, tente. Só aperte a minha mão. Todos nós precisamos de você.

Apoiei a cabeça no peito dela, chorando muito, sentindo que algo dentro de mim também começava a morrer.

Assim que Micah apareceu, eu o abracei e comecei a chorar. Dana chegou uma hora depois, e precisou de ajuda para atravessar o corredor. Ela estava em prantos, e suas lágrimas não eram de alguém perdendo apenas a mãe, mas também a melhor amiga. Algum tempo depois Micah e eu entramos com ela no quarto. Avisamos sobre o inchaço, mas minha irmã desabou de novo assim que viu a gravidade da situação. Nossa mãe não parecia real, era uma estranha aos nossos olhos.

– Não parece com a mamãe – sussurrou Dana.

Micah a segurou firme.

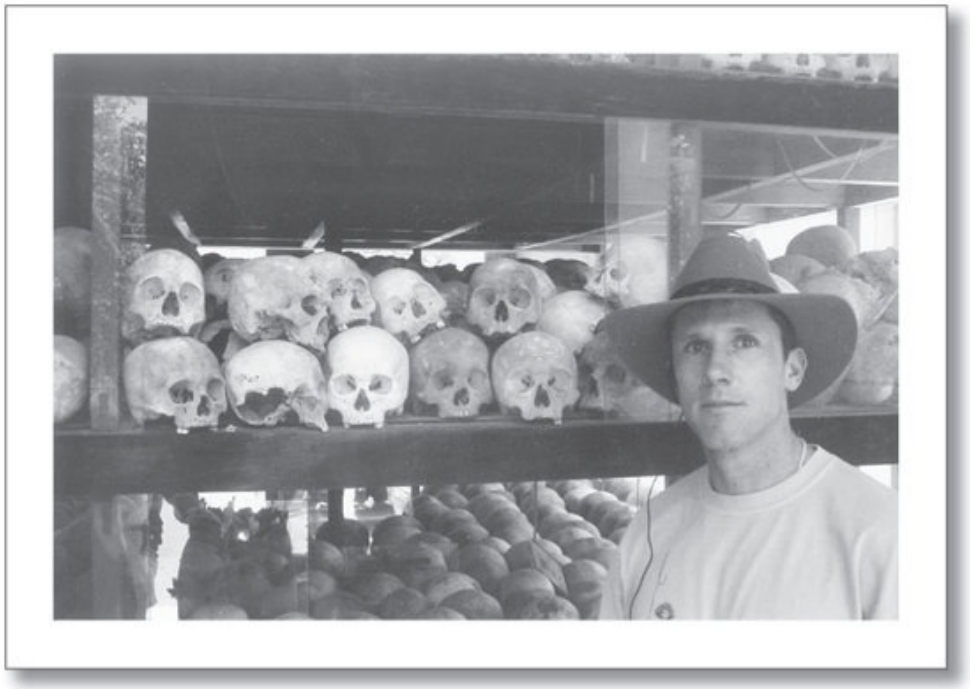
– Olhe para as mãos dela, Dana. Só olhe para as mãos dela. As mãos não mudaram. Você ainda pode ver a mamãe nelas.

– Ah, mamãe. Ah, mamãe, por favor, volte – choramingou Dana.

Mas nossa mãe não podia mais responder aos nossos apelos. Ela, que tinha sacrificado tanto em sua vida, que amara os filhos mais do que qualquer mãe, cujos órgãos salvariam a vida de três pessoas, morreu no dia 4 de setembro de 1989.

Ela tinha 47 anos.

Capítulo 13



Phnom Penh, Camboja
6 de fevereiro

Após dois dias em Angkor nós voamos de volta para Phnom Penh, dessa vez para visitar o Museu do Genocídio e conhecer os Campos de Extermínio.

O museu fica no centro da cidade de Phnom Penh, que foi tomada pelo Khmer Vermelho em 1975. Pol Pot, o líder do partido, tinha esperanças de criar um estado comunista perfeito e evacuou a cidade inteira. Um milhão de pessoas foram forçadas a ir para o campo. Com exceção dos soldados, cuja idade média era de 12 anos, Phnom Penh se tornou praticamente uma cidade fantasma.

Com a saída das forças americanas do Vietnã e nenhum outro país disposto a intervir, Pol Pot deu início a um governo sangrento. Seu primeiro ato foi

convidar a população escolarizada de volta à cidade, para executá-los em seguida. A tortura se tornou um estilo de vida e a causa da morte de milhares de pessoas. Com o tempo, a maioria das execuções passou a ser feita por meio de uma forte pancada com uma vara de bambu grossa na cabeça das vítimas, para economizar balas. No decorrer dos anos seguintes mais de um milhão de pessoas morreram, por causa de trabalhos compulsórios ou de execuções nos lugares conhecidos hoje como Campos de Extermínio.

Durante o voo Micah e eu antecipamos nossa chegada com uma certa ambivalência. Queríamos ver o museu e os Campos de Extermínio, mas nosso entusiasmo foi refreado pela apreensão. Esses locais, diferentemente dos outros, não fazem parte da história antiga. Pertencem à história moderna, e neles se passaram eventos que as pessoas querem esquecer, apesar de saberem que nunca deveriam.

Do lado de fora, o Museu do Genocídio não apresenta nenhuma característica marcante. Localizada na rua principal, a construção de dois andares com sacadas originalmente servia de escola, e a estrutura externa não foi muito modificada. Mas o arame farpado que ainda cerca os muros desmente a aparência inócua. Foi ali que Pol Pot torturou suas vítimas.

Descobrimos que o guia frequentara aquela escola, e foi um pouco desconcertante, quase surreal, vê-lo indicando sua antiga sala de aula antes de nos conduzir para as exposições.

Foi uma série de horrores – um cômodo onde usavam eletricidade para torturar vítimas e outros artifícios igualmente tenebrosos. As salas não tinham sido alteradas desde que Phnom Penh foi retomada, e ainda era possível distinguir manchas de sangue nos pisos e nas paredes.

Muito do que vimos naquele dia parecia inacreditável... O fato de o Khmer Vermelho ser composto em sua maioria por crianças era assustador demais. O guia explicou que os soldados do Khmer Vermelho matavam suas vítimas sem remorso e com uma eficiência metódica: crianças matando mães, pais e outras crianças com golpes na nuca. Meu filho mais velho tinha mais ou menos a mesma idade dos soldados, e isso me embrulhou o estômago.

Nas paredes havia fotos das vítimas. Algumas mostravam prisioneiros torturados; outras, cadáveres desenterrados nos Campos de Extermínio. Nos dois cantos da sala principal havia dois pequenos templos abrigando as caveiras das

vítimas encontradas no acampamento depois que os guardas fugiram. Pendurada em uma das paredes havia a pintura de um garoto vestindo o uniforme militar, atacando e matando uma vítima nos campos. O artista perdera a família ali.

Ninguém no grupo conseguiu dizer alguma coisa. Simplesmente caminhamos de uma exposição para outra, meneando a cabeça e murmurando baixinho: horrível. Maligno. Triste. Doentio.

Mais de um membro do grupo saiu. A intensidade era devastadora.

– Você perdeu alguém da família? – finalmente perguntei para o guarda.

Ele respondeu com a voz firme, como se já tivesse ouvido aquela pergunta milhares de vezes e a resposta fosse um hábito. Mas ao mesmo tempo não conseguiu esconder certa emoção, como se aquilo ainda o deixasse perplexo e incrédulo.

– Sim. Perdi minha família quase toda. Minha esposa, meu pai, minha mãe. Meus avós. Todos os meus tios e tias.

– Você tem irmãos?

– Sim, um irmão mais novo.

– Ele ainda está vivo?

– Não sei. Não o vejo desde a guerra. Ele fazia parte do Khmer Vermelho.

Viajamos até a periferia de Phnom Penh e seguimos para os Campos de Extermínio. Vimos casas abandonadas nos dois lados da estrada de terra. Mais para a frente havia uma fábrica de tecidos com dúzias de mulheres aglomeradas do lado de fora, sentadas na terra e almoçando enquanto passávamos por ali.

É impossível identificar os Campos de Extermínio a menos que você saiba sua localização. Eles ocupam uma extensão de terra repleta de valas, muito parecida com o resto da periferia que vimos no caminho. É muito menor do que eu imaginara – cada lado tinha quase 100 metros. No centro, a única característica reconhecível é um memorial para honrar os mortos.

Durante a hora seguinte fomos levados de um ponto a outro. Foi ali que encontraram cem vítimas, aqui acharam duzentas, em outra parte, quatrocentas. Havia um local em que os esqueletos tinham sido enterrados sem as cabeças, de forma que era impossível saber o número de corpos. Milhares de pessoas foram mortas naquele campo.

Micah e eu vagamos pelo lugar em silêncio, sentindo tristeza e repulsa. Finalmente fomos conduzidos para o memorial.

Era um templo branco com 3 metros de largura por 12 de altura, o que parecia um bloco retangular colocado de pé. Ninguém sabia o que esperar, mas o que encontramos lá dentro nos deixou paralisados. Havia prateleiras de vidro na parede dos fundos que subiam até o teto, todas com milhares e milhares de caveiras.

No caminho de volta para o ônibus, Micah resumiu os meus sentimentos em quatro palavras:

– Isso foi um inferno.

Na justaposição mais esquisita da viagem inteira, um contraste que me deixou atordoado pelo resto do dia, fomos dos Campos de Extermínio direto para o mercado russo, onde passamos algumas horas comprando futilidades.

O Camboja, como muitos países asiáticos, aperfeiçoou a arte da pirataria. O mercado russo é um prédio tumultuado com centenas de vendedores que oferecem de tudo: de DVDs piratas de 3 dólares a calças jeans supostamente da Gap que saem pela metade do valor dos filmes.

O mercado estava cheio. Parecia que todos os turistas do país tinham ouvido falar sobre o lugar e decidiram visitá-lo ao mesmo tempo. A maior parte do nosso grupo era bem abastada e poderia perfeitamente pagar pelos produtos originais quando voltasse para casa, mas quase todos saíram de lá com uma sacola cheia de bugigangas.

Em nossa última noite em Phnom Penh não havia nenhum coquetel planejado para o grupo, então sugeriram que fizéssemos reservas num dos restaurantes do hotel, que alardeava estar entre os melhores do país. Mas é claro que Micah e eu nos esquecemos de fazer as reservas, e acabamos comendo num dos restaurantes mais modestos. Estava quase vazio, e terminamos de comer em meia hora.

No começo foi decepcionante, mas nossa escolha acabou se revelando fortuita. Naquela noite uma série de problemas na cozinha acabou forçando todos os que reservaram mesas a esperarem horas pelas refeições. Fogões quebraram, cozinheiros não apareceram para trabalhar, pratos saíram errados – a lei de Murphy vigorava com força total. As entradas levaram uma hora e meia

para chegar à mesa e o prato principal veio duas horas depois. Em algumas circunstâncias as pessoas não ficariam incomodadas com esse tipo de coisa, mas nós já estávamos viajando havia treze dias. Estávamos cansados e tínhamos que acordar cedo para pegar o voo com destino a Jaipur. Numa noite em que muitos antecipavam oito horas de sono – algo que Micah e eu conseguimos aproveitar – a maioria dormiu menos de cinco.

No quarto, Micah e eu estávamos assistindo a *Caçador de crocodilos* outra vez. Além da CNN, *Caçador de crocodilos* era o único programa em inglês que conseguimos encontrar. Sempre que ligávamos a televisão, em qualquer país que fosse, ele estava passando. No Camboja a coisa já tinha virado uma piada: pelas nossas estimativas, deveria ser o programa mais assistido do mundo.

– Ah, essa cobra é uma belezura! – proclamava Steve Irwin, o apresentador australiano perpetuamente entusiasmado. – Vejam as cores. Ah, ela é magnífica, não é? Essa belezura é perigosa, uma mordida pode matar doze homens.

– Esse sujeito é maluco – comentou Micah.

– Completamente – concordei. – Meus filhos adoram ele.

Micah ficou em silêncio por tanto tempo que parecia ter adormecido. Mas, quando olhei, ele estava encarando o teto.

– No que você está pensando? – perguntei.

A resposta demorou um pouco.

– No que vimos hoje de manhã. O museu, os Campos de Extermínio...

– Foi horrível, não foi?

– Sim – assentiu ele.

Quando falou de novo, havia um tom melancólico em sua voz:

– Aquilo me deixou triste. Triste pelas pessoas daqui, triste pelo mundo, por tudo. E vazio também. Foi tudo tão sem sentido. Coisas assim não deveriam acontecer. – Ele hesitou. – Eu me lembrei do que senti quando a mamãe morreu.

Olhei para ele, não tão surpreso pelo comentário. Sempre que um de nós dois fica triste, o tópico da conversa volta para a nossa família.

– Você percebeu que quase todas as pessoas nesta viagem são mais velhas do que ela era quando morreu? – perguntou Micah. – Não acredito que já faz mais de treze anos. Não parece.

– Não parece mesmo – concordei.

– Você já percebeu que em menos de uma década *nós* vamos ter a idade que a mamãe tinha quando morreu? Peyton só teria 11 anos de idade.

Fiquei calado. Micah respirou fundo antes de continuar:

– E é estranho. Quero dizer, quando penso na mamãe, é como se ela não tivesse envelhecido. Na minha cabeça. Quando penso nela, sempre a imagino com a aparência que tinha da última vez em que a vi. Nem consigo imaginar como ela se pareceria hoje... – A voz dele se perdeu. Quando falou de novo, foi num tom mais calmo: – Sabe do que eu me arrependo?

Olhei para ele, esperando o que viria a seguir.

– De não ter tido uma chance de me despedir. Você e Cathy conseguiram fazer isso. Quando eu fui para Cancún estava atrasado, nem pensei em ligar para ela. E quando a vi novamente ela já não se parecia mais com a nossa mãe, e estávamos falando sobre doar os órgãos dela. Era... surreal. E eu fico com o coração partido só de pensar que, depois de sacrificar tanto por nós, ela nunca teve uma chance de ver ou de segurar os próprios netos, nunca soube que você virou escritor, nem pôde conhecer Christine ou as crianças. Ela teria sido uma avó incrível...

Ele parou de falar de novo, os olhos marejados.

– Eu também sinto falta dela – falei baixinho.

Os meses que se seguiram ao funeral da minha mãe consistiram em passos trôpegos na busca por alguma espécie de normalidade. Ninguém na família parecia saber como reagir ou o que fazer. Micah, Dana e eu tentamos nos apoiar, e apoiar o nosso pai. Parecia que era só um de nós começar a chorar para que os outros o fizessem. Por isso, cada um chegou à conclusão de que ninguém mais devia chorar. E não choramos, a menos que estivéssemos sozinhos.

Nossa mãe tinha partido, mas, estranhamente, havia momentos em que ela ainda parecia estar por perto. Tudo na casa tinha a marca dela: a localização dos temperos no armário, a distribuição das fotografias nas prateleiras, a cor das paredes, a camisola sobre a cadeira no quarto. Para onde quer que olhássemos nós nos lembrávamos dela, e em algumas ocasiões, parado na cozinha, comecei a ter a sensação de que minha mãe estava parada bem atrás de mim. Naqueles momentos eu rezava para não ser só imaginação. Buscava sinais – movimentos na visão periférica, talvez, ou o ramo de alguma árvore se mexendo na brisa. Eu

ansiava por alguma confirmação de que o espírito dela ainda estava entre nós. Mas não havia nada.

Como a casa era uma constante lembrança de nossa mãe, também percebemos como o lugar parecia cada vez mais vazio. Não havia mais energia nem vivacidade em casa, o som de risos não ecoava mais das paredes. Chegamos a nos perguntar se deveríamos reorganizar os móveis ou remover os sinais mais óbvios da presença dela. Sua bolsa, por exemplo. Por anos ela a deixava numa cesta perto da porta da frente. Meses após sua morte, ninguém tivera vontade de guardá-la no closet, nem mesmo de abri-la e ver o que tinha ficado para trás. Sabíamos qual seria seu conteúdo: fotos da família, cartas da mãe dela, seu batom e outros itens que usava no dia a dia. Aquelas coisas eram tão pessoais, tão... *dela*... que não conseguimos tocar por medo de trair sua memória. Não queríamos esquecê-la, e de certa forma aquilo era tudo o que nos restava. Era como se a bolsa tivesse se transformado em nossa súplica silenciosa pelo retorno de nossa mãe.

Naquele ano não celebramos o Natal em casa. Foi a primeira vez que passamos as festas com outros parentes. E, apesar de a companhia ter sido reconfortante, nenhum de nós conseguiu afastar o sentimento de vazio no coração. Mamãe tinha morrido, e o Natal nunca mais seria o mesmo.

Cat e eu nos acostumávamos à vida de casados e, ao mesmo tempo, nos esforçávamos para cuidar do meu pai. Todas as quintas-feiras íamos com ele ao cinema ou saíamos para jantar.

Micah e Dana decidiram alugar um apartamento juntos. Ficava a poucos quilômetros da casa, e, assim como Cat e eu, eles acharam que seria uma boa forma de ficar de olho no papai. Se a morte tinha sido difícil para nós, o peso fora muito maior para ele. Não posso alegar que compreendo o relacionamento dos dois, mas eles passaram 27 anos juntos e o mundo dele foi alterado súbita e completamente agora que ela tinha morrido.

Meu pai parecia viver sozinho por instinto. Após o enterro, ele começou a usar apenas roupas pretas. No início, pensamos que era só uma fase, mas, ao longo dos meses, começamos a perceber quanto ele estava perdido sem a mamãe. Ele dependia dela, assim como nós. Como eles se casaram muito jovens, meu pai

não sabia como era ficar sozinho, ou até como ser um adulto sem tê-la por perto. Ele perdeu sua melhor amiga, seu amor, sua confidente e sua esposa.

Como se isso já não fosse difícil o suficiente, ele também havia perdido a única forma de viver que conhecera. Precisou aprender a cozinhar e a limpar a casa, e teve que fazer essas tarefas por conta própria. Ele perdeu uma boa parte do rendimento da família, então teve que aprender a economizar. E também a se relacionar com os filhos, que foram praticamente criados pela esposa a vida toda. Amávamos nosso pai e ele também nos amava, mas a verdade é que ele parecia saber tão pouco a nosso respeito quanto o contrário. Cada um de nós tentou preencher o vazio da melhor forma possível. E, um por um, começamos a ser os substitutos de tudo o que a minha mãe fora para ele.

Micah se tornou muito próximo dele, o único com quem ele realmente conversava. Papai e eu sempre admiramos Micah de uma forma parecida, e aquela sensação só se fortaleceu depois que mamãe morreu. Acho que meu irmão tinha muitas características que meu pai sempre desejou: era atraente e carismático, confiante e popular. Por mais estranho que possa parecer, a aprovação de Micah começou a ser importante para o meu pai. Ele tomava poucas decisões sem pedir a opinião do meu irmão e escutava as aventuras mais recentes do filho com um brilho de orgulho no olhar. Cat também ficou amiga dele; meu pai tinha gostado da minha esposa desde a primeira vez em que a viu. Sempre que íamos visitá-lo eles passavam algum tempo juntos, tomavam vinho e cozinhavam, fazendo piadas e rindo. E, nos momentos tristes, meu pai se voltava para Cat quando precisava de um ombro amigo. E Cat sempre fazia ou dizia o que era necessário.

Meu pai também passou a cuidar mais da minha irmã. Ele a ajudou a pagar as contas, comprou um carro para ela, assumiu as despesas do plano de saúde e, depois de um tempo, os dois começaram a cuidar dos cavalos juntos. Ele passou a fazer o que achava que a minha mãe faria, e cuidar de Dana lhe deu forças para seguir em frente. Eu também assumi um papel que pertencera à minha mãe, mas não o desejaria a ninguém. Depois da rotina intensa durante o ensino médio, de ter me mudado para cursar a faculdade e de começar uma vida nova com Cathy, desde os 16 anos eu tinha sido o filho que menos dependia da família. Talvez meu pai também tenha percebido isso, pois, com o passar das semanas e dos

meses, foi em mim que ele começou a descontar a raiva e a dor que estava sentindo.

Meu pai começou a agir como se me desprezasse. Se eu perguntasse se ele precisava de ajuda para fazer o orçamento, era acusado de tentar roubar seu dinheiro. Se eu limpava a casa, ele me acusava de pensar que ele era inútil e, ainda por cima, um desleixado. Se eu deixasse a nossa cocker spaniel na casa dele enquanto trabalhava – algo que Cat e eu fazíamos desde que a compramos –, ele me acusava de tirar vantagem dele. Muitas das vezes em que Cat e eu fomos visitá-lo, meu pai se recusou a falar comigo. Ele contava piadas e ria com a minha esposa na cozinha enquanto eu ficava sentado sozinho na sala de estar. Essa dinâmica só piorou com o tempo.

Eu sabia que ele não me odiava, que ele estava sofrendo e batalhando ainda mais do que eu, Micah e Dana. Sabia que a raiva e a dor precisavam fluir para algum lugar e que no fundo ele me amava apesar de suas palavras e da forma como me tratava. Mas, apesar de compreender o que estava acontecendo, eu ainda buscava conforto nos braços de Cathy, perguntando o que eu fizera para merecer tamanha hostilidade.

Micah e eu fizemos o melhor possível para manter nosso relacionamento fraternal e nossas vidas independentes. A carreira de corretor de imóveis do meu irmão cresceu progressivamente, e o pequeno negócio que eu vinha conduzindo – fabricação de aparelhos ortopédicos para o pulso, especialmente voltados para a síndrome do túnel do carpo – começou a ganhar impulso. Como a maioria dos jovens, eu achava que sabia muito sobre como administrar um negócio e logo acumulei dívidas no cartão de crédito que excediam em muito a soma da minha renda anual com a de Cathy. Apesar de trabalhar dia e noite havia meses, não tinha como prever se Cat e eu conseguiríamos nos livrar dessas dívidas, e nos perguntávamos como faríamos. Durante aquele primeiro ano, nosso casamento foi testado de todas as formas. Cat e eu tivemos sorte porque isso nos aproximou ainda mais.

Nos momentos mais difíceis – quando eu me perguntava como faria para pagar o aluguel ou botar comida na mesa – eu procurava Micah. Ele me convidava para comer pizza e tomar cerveja, e nós conversávamos. No fim das contas, decidimos vender as duas casas que tínhamos comprado, e o lucro foi bom o suficiente para que Cat e eu nos livrássemos das dívidas. Depois, comecei

a tornar minha pequena empresa mais lucrativa, porém, para pagar as contas, continuei servindo mesas e minha esposa também teve que trabalhar.

Enquanto isso Micah continuou curtindo a vida: marcava encontros, se divertia nos fins de semana e se destacava no trabalho. Quando Cathy e eu combinávamos de sair à noite com ele, sempre nos perguntávamos quem meu irmão levaria daquela vez. A maioria das garotas mal o conhecia e mesmo assim parecia tão apaixonada por ele quanto eu por Cathy. Mas ao mesmo tempo, por trás da fachada, Micah também estava enfrentando dificuldades. Ele assumira a liderança em nossa família. Nosso pai falava mais com ele do que com Dana ou comigo, logo só Micah parecia compreender a profundidade do pesar dele. Uma noite, durante o verão de 1990, quando saímos juntos, reparei que meu irmão parecia preocupado.

– Qual é o problema? – perguntei.

– Estou preocupado com o papai – confessou ele.

Eu também estava, mas sabia que as minhas razões eram diferentes das dele. Comigo, meu pai agia de forma irracional. Com Micah, ele era completamente racional. E nenhum dos dois extremos parecia normal.

– Por quê?

– Porque ele não está superando a mamãe. Já se passaram quase nove meses, mas ele ainda chora toda noite antes de dormir. E está ficando cada vez mais instável.

Eu não sabia o que dizer. Micah continuou:

– E você sabe que ele continua usando preto, mas agora ficou pior. Ele se livrou de tudo o que tinha no armário e comprou roupas novas, e são todas pretas. E o papai só sai de casa para ir trabalhar. Sei que ele sente falta da mamãe, todos nós sentimos. Mas nossa mãe gostaria que ele fosse feliz, mesmo sem ela. Que ele fosse forte.

– O que você acha que devemos fazer? – indaguei.

– Eu não sei.

– Eu e Cathy podemos tentar conversar com ele – sugeri.

Eu sabia que o meu pai não me escutaria, mas ele estava se tornando mais dependente da companhia da minha esposa.

– Isso não ajudaria, eu já tentei. Já o convidei para vir até a minha casa, mas ele nunca vem. E também não quer ir a lugar nenhum quando eu o visito. Ele

visita você e Cat?

– Não.

– Ele não devia se isolar do mundo. Isso só vai piorar tudo. Só vai fazer com que se sinta mais solitário – disse Micah.

– Você fala isso para ele?

– O tempo todo.

– E o que ele diz?

– Ele diz que está tudo bem.

Quase um ano depois da morte da minha mãe, meu pai começou a sair da couraça que ele construíra. Apesar de continuar usando roupas pretas, Micah, Dana e eu conseguimos convencê-lo a aprender dança country conosco, e as noites fora de casa fizeram bem a ele. Aos poucos meu pai foi voltando à sua antiga forma e ficou muito menos amargurado comigo.

Parecia que, de algum modo, nós tínhamos sobrevivido ao primeiro ano sem nossa mãe.

Nas últimas semanas daquele outono, Cathy descobriu que estava grávida. Como todos os futuros pais ansiosos, começamos a preparar tudo para a chegada do bebê enquanto aguardávamos para vê-lo no primeiro ultrassom.

Cathy se dedicou à gravidez: fez uma rígida dieta alimentar, praticou exercícios e aprendeu a conviver com o enjoo matinal antes de ir para o trabalho. Sua pele começou a adquirir o tom reluzente de uma grávida. Ligamos para amigos e parentes, e todos, inclusive meu pai, ficaram empolgados com a notícia. Na verdade, meu pai ficou mais feliz do que nunca.

Quando Cat estava na décima segunda semana fomos à clínica para fazer o ultrassom. Segurei a mão dela enquanto a enfermeira aplicava o gel e passava o aparelho pela barriga da minha esposa.

– Ali está – disse ela, e Cathy e eu encaramos a tela, encantados.

A imagem era minúscula, claro, e não se parecia em nada com um bebê. Com um amendoim, talvez, mas não com um bebê. Porém esse foi nosso primeiro vislumbre, e Cathy apertou minha mão e sorriu.

A enfermeira continuou movendo o aparelho, tentando conseguir uma imagem melhor. Cathy e eu vimos quando ela franziu a sobrancelha.

– O que aconteceu? – perguntou Cat.

– Ainda não tenho certeza – respondeu a enfermeira. Ela forçou um sorriso. – Podem me dar licença por um instante? – perguntou, antes de se levantar e sair do cômodo.

Ficamos sem saber o que pensar. Não entendíamos se aquilo era normal ou inesperado. Alguns minutos depois o médico entrou.

– Tem algo errado? – perguntou Cathy.

– Deixe-me dar uma olhada – respondeu ele.

Por um tempo, enquanto a enfermeira passava a máquina, observamos os dois olharem para a tela. A mulher apontou e sussurrou algo para o médico, que respondeu também baixinho. Nenhum dos dois respondia às nossas perguntas. Uma hora a enfermeira se levantou e saiu, e o médico estava com uma expressão séria.

– Tem algo errado, não tem? – perguntou Cathy.

– Sinto muito – disse ele. – Mas não conseguimos ouvir nenhum batimento cardíaco.

Cat começou a chorar. Depois de um tempo, eu a levei para fora do consultório. Nosso bebê tinha morrido, assim como a minha mãe, por nenhum motivo específico. Alguns dias depois, Cathy fez uma dilatação e curetagem. Na cadeira de rodas, depois do procedimento, ela só conseguia limpar as próprias lágrimas. Não havia nada que eu pudesse dizer para aliviar sua dor.

Mais tarde eu também chorei nos braços de Micah.

Cat e eu passamos os meses seguintes preocupados com a possibilidade de termos filhos. Não sabíamos quanto tempo podia levar até que ela engravidasse de novo nem se ela poderia ter uma gestação completa. Descobrimos que aborto espontâneo era algo comum, todos pareciam conhecer alguém que já tivera um, e tentaram nos consolar dizendo que, com o tempo, tudo se resolveria e ficaria bem. Sabíamos que as intenções eram boas e que tudo era verdade. Mas também conhecíamos muito bem a outra versão da história, os casos que não acabaram bem, e para Cat a ideia de não poder ser mãe era insuportável. Outro Natal penoso veio e foi embora, e no dia em que fiz 25 anos minha irmã ligou para cantar parabéns para mim. Quando ela me perguntou o que eu queria de presente, só consegui pensar em uma resposta.

Nossas preces foram atendidas novamente em janeiro de 1991, mas desta vez não compartilhamos a notícia. Não queríamos uma repetição da gravidez anterior. Em abril descobrimos que o bebê estava se desenvolvendo bem e enfim contamos a novidade. A barriga de Cathy cresceu durante o verão, e ela passou horas folheando livros de nomes e lendo *O que esperar quando você está esperando*.

Mas os desafios da vida continuavam, um após outro, sem intervalo. Apesar de estar com dois empregos – três, contando o de Cat –, nós ainda tínhamos dificuldades financeiras, e nunca dava para juntar dinheiro. Cat tinha o plano de saúde da empresa onde trabalhava que cobria o pré-natal, mas, no começo do verão, com ela grávida de cinco meses, a empresa a demitiu. Quando nossa pequena cocker spaniel chegou a 9 quilos nós fomos expulsos do apartamento e tivemos que procurar outro lugar para morar. Nosso único carro deu perda total, e para substituí-lo tivemos que comprar um velho com 160 mil quilômetros rodados. A Receita Federal decidiu investigar tanto a minha empresa quanto as declarações de impostos referentes aos três últimos anos e, apesar de o governo não ter encontrado nenhuma inconsistência, o estresse de ter dois empregos enquanto eu coletava os documentos necessários – eles queriam recibos para *tudo* – só complicou uma temporada que já estava sendo difícil.

De alguma forma consegui arranjar tempo para escrever um livro com Billy Mills, chamado *Wokini*. Foi a primeira obra que eu consegui publicar, mas não tive nenhuma ilusão de que isso aconteceu graças à qualidade da minha escrita. O mérito residia na celebridade de Billy.

Em setembro as dores do parto começaram e corremos para o hospital. Foi tudo muito depressa. Cat teve uma dilatação rápida e já estava quase pronta para dar à luz quando chegamos à sala de parto. Mas o bebê estava virado de costas, e minha esposa sentiu dores imensas. A equipe se juntou às pressas para começar o procedimento, mas, pouco depois de o médico chegar, o coração do bebê começou a bater mais devagar.

Pelas expressões do médico e das enfermeiras, eu sabia que era sério. Havia uma chance de perdermos mais um bebê.

De repente o mundo pareceu encolher: só consegui pensar em Cat e no bebê que ela carregava. Existe um pânico que surge em momentos assim, quando o coração é espremido por uma sensação de total impotência. Mal consigo lembrar

o fluxo intenso de atividade quando o médico entrou em ação. Eu fiquei de lado, rezando como nunca.

O médico era bom, e pouco tempo depois eu me tornei pai. Mas a pele do bebê era acinzentada, e por um momento que pareceu durar uma eternidade ele não emitiu nenhum som. Mais tarde descobrimos que ele tinha anemia e perdera sangue pelo cordão umbilical, mas na hora tudo o que eu queria era ouvir o choro da vida.

E depois de uma pausa eterna, ele finalmente chorou.

Em poucos minutos – que parecem passar tão devagar numa situação como essa – o médico garantiu que nosso filho ficaria bem, e pela primeira vez eu relaxei o suficiente para perceber que tínhamos realmente nos tornado pais. Cat segurou o bebê no colo. Nós o chamamos de Miles Andrew, e a primeira pessoa para quem eu liguei a fim de contar a notícia foi Micah.

– Eu sou pai! – gritei ao telefone. – Eu tenho um filho!

Micah deu um berro de alegria do outro lado da linha.

– Parabéns, papai! Como está a mamãe?

– Ela está ótima e, felizmente, o bebê também. Mas você precisa vir para cá, você tem que ver esse carinha! Ele é uma graça!

– Estou a caminho, irmãozinho. Estou a caminho. – Micah riu.

Micah foi o primeiro a chegar ao hospital e, depois de dar uma olhada em Miles, virou-se para mim.

– Olhe só, ele é igualzinho a mim.

Dei um tapa em suas costas.

– Você bem que gostaria. Você pode ser bonito, mas nem se compara com esse cara!

Apesar de minha nova vida como pai, Micah e eu continuamos arranjando um tempo para ficar juntos. Por um breve período ele me ajudou com a empresa de produtos ortopédicos, mas no fim do ano eu optei por desistir da empreitada. Com uma criança nova em casa precisava de algo mais estável, então consegui um emprego como representante farmacêutico para a Lederle Labs no começo de 1992. Pela primeira vez na vida eu estava oficialmente ganhando mais do que um salário mínimo. Eu tinha 26 anos.

O bebê e as mudanças radicais em minha vida me ajudaram a superar a dor de ter perdido a minha mãe, mas meu pai continuou enfrentando períodos de altos e baixos. O bom humor que ele havia demonstrado durante o verão foi substituído por uma melancolia, que por sua vez deu lugar ao otimismo. As mudanças ficaram intensas a ponto de não sabermos o que esperar quando íamos visitá-lo, e Micah e eu nos perguntamos se ele estaria sofrendo de transtorno bipolar.

Dana também não estava muito bem. Como é o caso de muitos jovens adultos, ela tinha dificuldades para se encontrar. Sem nunca ter se destacado na escola, ela abandonou o ensino médio para trabalhar em tempo integral, mas duas semanas depois pediu demissão. A partir de então ela pulou de um emprego para outro, trabalhando como garçonete, instrutora de aeróbica e recepcionista em um salão de bronzeamento. Ela e Micah voltaram a morar em apartamentos separados, e meu pai a ajudava com o aluguel. Dana também mudara fisicamente. Aos 20 e poucos anos, ela tinha se tornado bastante atraente. De repente começou a fazer bastante sucesso com o sexo oposto, mas, assim como Micah, ela ia rapidamente de um relacionamento para o próximo.

– Qual é o problema com vocês dois? – perguntei para Micah uma noite.

– Como assim?

– Você e Dana. Nenhum de vocês consegue namorar por mais de um mês?

– Eu namorei a Juli e a Cindy por anos.

– Na verdade, na metade do tempo que você diz que as namorou, vocês estavam separados, e você ficou com outras pessoas. E depois terminou com as duas.

– Nem todo mundo quer se casar aos 23, Nick – rebateu Micah.

– Eu também não tinha planejado me casar tão cedo. Mas aí eu conheci a Cathy.

– Você não precisava se casar com ela logo de cara.

– Precisava, sim. Você sabe o que ela me disse quando decidiu se mudar para a Califórnia? Quando fui buscá-la no aeroporto?

Micah meneou a cabeça.

– Quando eu a encontrei no aeroporto comecei a dizer todas essas coisas doces, sabe, sobre como eu a amava, como estava feliz por ela ter se mudado para cá e como admirava a coragem dela. Ela me deixou terminar, sorriu e falou: “Eu

também te amo, Nick. E estou feliz por ter vindo. Mas vamos deixar uma coisa bem clara: por mais que eu ame você, não vou abandonar minha família por causa de um relacionamento temporário." Daí perguntei o que ela queria dizer com isso, e Cathy deu uma batidinha no meu peito e disse: "Você tem seis meses para me pedir em casamento, senão eu volto para casa."

– Ela disse isso? – perguntou Micah, com os olhos arregalados.

– Sim.

– Eu amo essa garota. Ela não leva desaforo de ninguém, né? – Micah riu.

– Não.

– Você fez a coisa certa, Nick. Não podia ter se casado com ninguém melhor.

– Eu sei. Mas, como eu estava dizendo, qual é o seu problema?

– É simples, Nick. Eu ainda não encontrei a minha Cathy. Mas quando encontrar, vou me casar com ela e sossegar – disse Micah.

Em 1992, três anos depois de mamãe ter falecido, cada um de nós tinha encontrado uma forma de seguir em frente. Eu tinha uma família e uma nova carreira; Dana estava namorando de novo e tinha voltado a estudar; Micah continuou mulherengo e curtindo um fim de semana emocionante depois do outro. Meu pai ainda usava apenas roupas pretas, mas os altos e baixos já estavam menos frequentes e ele até começou a pensar em namorar. Nossa vida familiar, como seria de se esperar, aos poucos voltava à normalidade.

Em outubro eu e Cathy chegamos à conclusão de que seria melhor a gente se mudar. Embora adorássemos a Califórnia, questões práticas nos impediam de criar o tipo de vida familiar que queríamos para o nosso filho. Meu salário, apesar de decente, não era o bastante para morar no tipo de vizinhança que Cathy queria para Miles. E com os preços do mercado imobiliário em ascensão, a situação não parecia propensa a mudar.

Acho que o que Cat e eu queríamos era uma chance de viver o sonho americano. Sonhávamos em ter uma casa própria, um quintal grande para as crianças e uma churrasqueira nos fundos. Só o básico, mas o básico estava fora de alcance, e, depois de uma série de longas discussões com minha esposa, eu finalmente conversei com o meu chefe sobre a possibilidade de ser transferido para algum lugar no sudeste do país. Ele não ficou muito feliz com o pedido. Só trabalhava lá havia oito meses, tinha acabado de completar o treinamento e fazia

boas vendas no meu território. Ele não queria ter que passar pelo processo de contratar outra pessoa, pois sempre havia o risco de o novo funcionário não se adaptar. E, obviamente, seria necessário outro período de treinamento.

Naquela noite liguei para meu irmão:

– Micah, você quer um emprego vendendo produtos farmacêuticos?

Na minha cabeça a proposta fazia todo sentido. Nós já tínhamos corrido juntos, servido mesas juntos, comprado casas juntos, e ele também tinha participado da pequena empresa que eu abri. A gente era até meio parecido.

Por um instante Micah ficou surpreso. Ele tinha conseguido algum sucesso no mercado imobiliário, mas trabalhava só com comissões e não tinha chance contra as grandes empresas. Por trabalhar numa empresa menor ele tinha que se esforçar muito para encontrar novas oportunidades, e já estava cansado de sempre receber o salário atrasado.

– Como assim? – Micah enfim perguntou.

– Se eu for transferido, apresento-lhe para o meu chefe e você faz uma entrevista. Tenho certeza de que será contratado.

– Você acha?

– Eu garanto.

Ele deixou para me responder no dia seguinte, então ligou pela manhã.

– Nick, acho que eu quero ser representante farmacêutico.

Dito e feito. Recebi uma posição em New Bern, na Carolina do Norte, meu irmão foi contratado e ficou responsável pelo meu velho território em Sacramento, e eu dei as chaves do carro da empresa para ele.

Nesse meio-tempo, Cat e eu começamos a nos preparar para uma nova vida no outro lado do país.

No início de novembro, nem uma semana depois de Micah ter aceitado o emprego, eu estava em casa começando o lento processo de encaixotar os nossos pertences quando recebi uma ligação frenética do meu pai.

– Você precisa ir para o hospital agora mesmo – disse. Ele estava sem fôlego e meio fora de si, uma reprise daquela ligação fatídica de três anos atrás. – Ela está no Methodist. Você sabe onde fica? Bob acabou de trazê-la, faz alguns minutos.

Eu sabia que Bob era o namorado de Dana, mas aquela mensagem não fazia sentido.

– Quem? Você está falando de Dana? Ela está bem?

– Dana... Ela está no hospital...

– Ela está bem? – repeti.

– Eu não sei... Preciso ir até lá...

A sensação de déjà-vu me deixou tonto.

– Você sabe o que aconteceu? Ela esteve num acidente?

– Eu não sei... Acho que não... Bob disse que ela teve uma espécie de convulsão... Não sei de mais nada... Micah está a caminho... Estou indo para lá agora.

Quando chegamos ao hospital, Bob nos explicou o que tinha acontecido. Ele vivia num rancho em Elk Grove e trabalhava como caminhoneiro local entregando ração para cavalos e para o gado. Mais alto e pesado do que Micah ou eu, usava botas de caubói e já tinha competido em torneios de rodeio sem sela. Eu nunca o vira com tanto medo antes.

– Ela acordou e não conseguia falar direito – disse ele. – As palavras saíam todas embaralhadas e não faziam nenhum sentido. Então eu a coloquei no carro e fomos para o hospital. No caminho os olhos dela viraram para trás e ela começou a ter uma convulsão. Ainda estava assim quando chegamos. Eles a levaram para os fundos e eu não sei de nada.

Apesar de o hospital ser diferente, a semelhança com o local onde minha mãe tinha morrido era arrepiante. E, assim como acontecera naquela ocasião, ficamos dando voltas pelo pequeno corredor, preocupados, esperando para saber o que estava acontecendo. Quando finalmente nos levaram para ver minha irmã, até o quarto era parecido com o do outro hospital.

Dana estava cansada. Ela tinha tomado anticonvulsivos, e os seus olhos estavam caídos. Também estava assustada e, assim como nós, não fazia ideia do que tinha acontecido. Mas tirando o cansaço, ela parecia bem. Conseguia encostar as pontas dos dedos no polegar e conseguia se lembrar de tudo o que acontecera na véspera. Também se lembrou de perceber que havia algo errado quando acordou naquela manhã.

– Eu me lembro de tentar falar – contou Dana, meio grogue –, e nem sei o que eu disse, mas as palavras estavam erradas. Então tentei de novo, e aconteceu

a mesma coisa. E o cheiro. Eu sentia um cheiro horrível. Foi aí que Bob me colocou no carro. E então não me lembro de mais nada.

Mais tarde o médico explicou que ela havia sofrido uma crise convulsiva tônico-clônica, mas, ao ser pressionado, disse que precisava fazer mais testes para entender a origem. Ele sugeriu que Dana repousasse por um tempo.

Eu fui o último a ir embora. Depois que os outros saíram do quarto, Dana me pediu para ficar.

– Nick, diga a verdade. Quero saber o que está acontecendo. Por que eu tive uma convulsão?

– Existem várias causas possíveis – respondi. – É melhor não se preocupar demais.

– Que tipo de causas?

Ela olhou para mim, confiando no que eu iria dizer, querendo saber. Minha irmã sabia que eu sempre contaria a verdade para ela.

– Pode ser qualquer coisa. Uma alergia repentina, estresse. Talvez você tenha epilepsia e as convulsões só começaram agora. Ou um tumor no cérebro. Você pode ter comido algo estragado. Ou ter ficado desidratada. Alguma coisa fez o seu corpo perder o controle por um tempo. Muitas pessoas têm convulsões; na verdade isso é bem comum.

Ela olhou para mim, focando bem a parte que eu tinha tentado fazer passar despercebido.

– Tumor no cérebro? – perguntou ela, baixinho.

Dei de ombros.

– Pode causar convulsões, mas, acredite, não é muito provável que você tenha isso. Eu diria que é a menos provável de todas as coisas que mencionei.

Minha irmã baixou os olhos.

– Eu não quero um tumor no cérebro.

– Não se preocupe. – Tentei projetar confiança, torcendo para esconder meus medos. – Como eu disse, provavelmente não é isso.

Dana passou as semanas seguintes fazendo uma série de exames, e os médicos não conseguiram descobrir o problema. As tomografias foram inconclusivas, mas, como ela não teve mais nenhuma convulsão, parecia que o pior já tinha

passado. Ainda assim a incerteza era bem enervante, e ainda não fazíamos ideia de como a crise havia começado.

Mas estava na hora de me mudar para a Carolina do Norte.

Cat e eu conversamos várias vezes sobre a mudança após a hospitalização de Dana. Cat falou sobre a possibilidade de ficarmos, mas nesse caso eu deveria encontrar outro emprego. Talvez Dana precisasse de nós, ela disse. Poderíamos deixar nossos sonhos de lado por um tempo. Pelo menos até sabermos o que estava acontecendo.

Foi uma daquelas escolhas em que não havia nenhuma opção ideal.

– Quero conversar com o Micah – decidi. – Vou ver o que ele acha.

Naquela noite, quando eu expliquei a culpa que estava sentindo por partir, ele apertou o meu ombro e disse:

– Você não pode fazer nada por Dana. Nem sabemos ainda qual é o problema. Mas você deve pensar na sua família. Você tem um bebê agora, e precisa fazer o que acha que é melhor para ele.

Não consegui olhar em seus olhos.

– Eu não sei...

– Vou ficar de olho na Dana. Vou continuar aqui, e o papai também. E se precisarmos da sua ajuda, é só você pegar um avião.

– Mas não parece certo ir embora.

– Eu também não quero que você vá – disse ele. Em seguida, abrindo um sorriso, acrescentou: – Mas, lembre-se, Nick: o que você quer e o que você tem costumam ser duas coisas completamente diferentes.

Alguns dias antes do Natal de 1992, Cathy foi de avião com o bebê para a Carolina do Norte, onde se encontraria com a van que levava as coisas da mudança. Fiquei para trás a fim de terminar de mostrar o local de trabalho para o meu irmão e apresentá-lo a vários médicos. Como o nosso apartamento estava vazio, passei a véspera da partida em meu velho quarto na casa do meu pai.

Micah veio me ajudar a colocar o que restava no carro; eu teria que dirigir até o outro lado do país. Reparei que ele usava uma das minhas bermudas. Como vestíamos o mesmo tamanho, sempre emprestávamos roupas um para o outro.

Micah trabalhara algum tempo em uma empresa de caminhões de carga, então ele sabia como arrumar as coisas para evitar que sofressem qualquer dano

durante a viagem. Com exceção do banco do motorista, o carro ficou completamente lotado, então chegou a hora de nos despedirmos. Eu já tinha falado com Dana e com meu pai. Era hora de partir e Micah sabia disso tão bem quanto eu.

Naquela casa havia milhares de lembranças. Na minha mente eu consegui escutar a risada da minha mãe vindo da cozinha e ver os meus irmãos sentados à mesa. Pela segunda vez na vida, eu estava deixando a minha família. Mas dessa vez era diferente. Eu não era mais um adolescente, e sim um adulto que tinha uma família. Sabia que nunca iria voltar.

– Parece aquela vez que nós enchemos a Kombi para fazer a mudança até aqui, não parece? – falei, brincando.

– Está bem cheio. Mas pelo menos dessa vez o carro não inclinou. Quanto tempo vai levar para você chegar lá?

– Uns quatro dias, mais ou menos.

– Dirija com cuidado – advertiu Micah.

– Pode deixar.

Nós nos abraçamos.

– Vou sentir saudades – falei.

– Eu também.

– Amo você, Micah.

Ele me abraçou com mais força.

– Eu também amo você, irmãozinho.

Quando nos afastamos eu senti as lágrimas vindo, mas tentei contê-las. Nos últimos três anos nós tínhamos passado a depender muito um do outro, e eu tentei diminuir a importância do que estava acontecendo. Disse a mim mesmo que só estava me mudando, que não era como se nunca mais fôssemos nos ver. Eu viria visitá-lo e Micah iria me visitar. Nós nos falaríamos pelo telefone.

– Você está usando a minha bermuda – comentei, aleatoriamente.

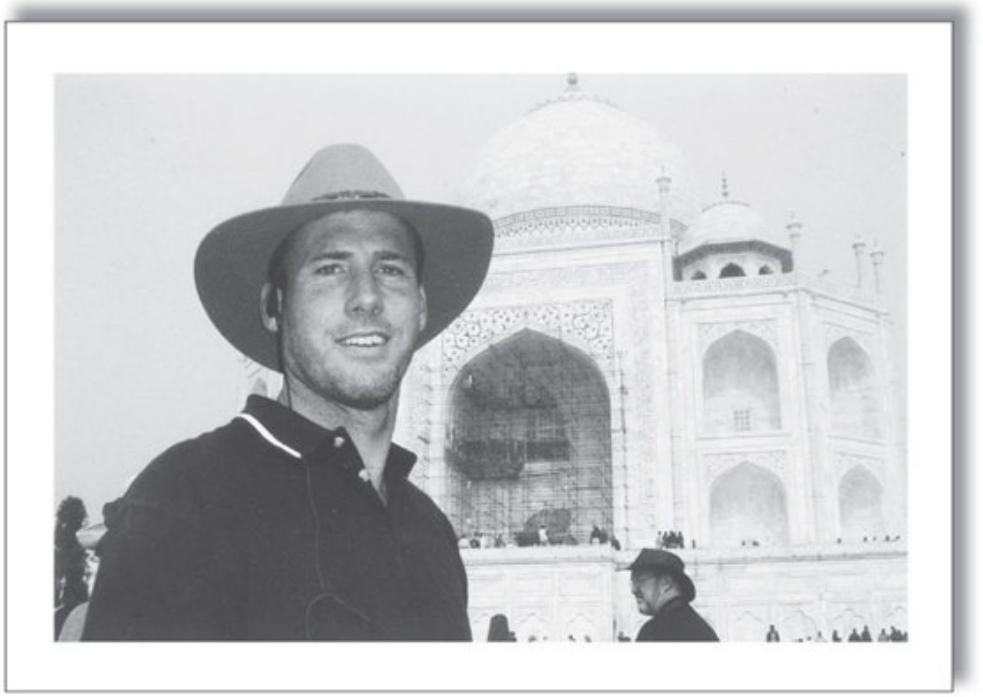
– Amanhã eu devolvo – respondeu ele, sem pensar. – Não! – Micah se corrigiu logo em seguida. – Não posso. Amanhã você não vai mais estar aqui. Não posso devolver a bermuda.

Naquele momento meu irmão começou a chorar e se inclinou para me abraçar de novo.

– Está tudo bem, Micah – sussurrei, também começando a chorar. – Vai ficar tudo bem.

Alguns minutos depois, enxergando com dificuldade através das lágrimas, vi a imagem do meu irmão cada vez menor no retrovisor. Ele estava no jardim, forçando um sorriso e acenando devagar.

Capítulo 14



Jaipur e Agra, Índia
7-8 de fevereiro

O avião pousou em Jaipur, uma cidade ao norte da Índia com 2,5 milhões de habitantes na época e capital do estado de Rajastão. Famosa por suas fortalezas, palácios e cultura intensa, Jaipur costuma ser chamada de "cidade cor-de-rosa", e serve como centro comercial para a maioria das regiões rurais do lugar.

Não sabíamos o que esperar, e logo descobrimos que a Índia é um país diferente de todos os outros. Depois de mostrar os nossos passaportes em *três* lugares diferentes, subimos no ônibus que nos levaria por Jaipur até a fortaleza Amber, que certa vez abrigou o Maharaja, o Marajá.

Nosso guia falava um inglês perfeito com sotaque indiano e no caminho informou que Jaipur é considerada uma das cidades mais belas da Índia. E parecia acreditar no que dizia. Durante os quarenta minutos que passamos no ônibus ele indicou diversos monumentos, explicando de que cada um se tratava. Parecia que suas palavras favoritas eram: "Jaipur", "bela" e "cor-de-rosa". Cada descrição continha ou terminava com uma variação do seguinte roteiro:

– Jaipur. A cidade bela. Jaipur. A cidade cor-de-rosa. Vejam. Veem como é bela? A paisagem é bela, e os prédios na cidade antiga são cor-de-rosa. Jaipur é a cidade cor-de-rosa. Jaipur é a cidade bela.

Enquanto isso eu e Micah olhávamos pelas janelas, boquiabertos.

Havia pessoas por toda parte. As calçadas e as ruas estavam amontoadas, e nosso ônibus compartilhou a estrada com pedestres, lambretas, bicicletas, camelos, elefantes, jumentos e carroças, cada um se movendo numa velocidade diferente e ziguezagueando pelo trânsito. As vacas, sagradas na cultura hindu, vagavam livremente pela cidade, fuçando pilhas de lixo junto a cachorros e bodes.

A pobreza era chocante. Acampamentos cheios de tendas esfarrapadas e casas erguidas com tábuas podres, ou qualquer material descartado que estivesse disponível, abrigavam dezenas de milhares de pessoas. As casas e as tendas estavam enfileiradas na rua principal e nos cruzamentos pelos quais passamos. Pessoas vestiam trapos em todo canto, e dúzias, talvez até mesmo centenas, dormiam nas sarjetas. Muitos defecavam e urinavam bem à vista, mas ninguém parecia reparar. O cheiro de diesel era devastador.

Enquanto isso, o guia continuou:

– Vejam as casas chiques atrás dos muros. Veem como elas são belas? Na cidade antiga, todas as construções são cor-de-rosa. Jaipur é a cidade cor-de-rosa. Jaipur é a cidade bela.

Micah se inclinou na minha direção e perguntou:

– Onde estão as casas chiques?

– Acho que ele disse que estão atrás daquelas paredes ali. Está vendo os telhados?

– Quer dizer atrás da favela?

– É.

– E essa é uma cidade bela? Ele deve estar louco – comentou Micah.

Outro membro do grupo que estava sentado atrás de nós inclinou-se para a frente.

– Na verdade – explicou ele –, Jaipur é rica se comparada com outras cidades na Índia. Vocês nem podem imaginar como são as coisas em Calcutá ou em Mumbai.

– É pior? – perguntou Micah.

– Muito pior. Acredite ou não, Jaipur é a cidade bela.

Depois disso só conseguimos ficar observando o cenário pelas janelas, imaginando como as pessoas conseguiam sobreviver daquele jeito.

A fortaleza Amber, localizada a quase 10 quilômetros da cidade, foi construída no topo de uma colina e é cercada por montanhas e vales defensivos, que a tornaram o lugar ideal para a segurança do Marajá.

Ao chegar à base da colina nós formamos grupos de quatro pessoas e montamos em elefantes para atravessar a longa e sinuosa rua até o amplo pátio que serve como entrada da fortaleza.

Levou um tempo até que todos os membros do grupo alcançassem os portões – foram necessários mais de vinte elefantes, e as criaturas eram lentas. Micah e eu logo descobrimos que os vendedores indianos eram ainda mais agressivos do que os do Peru. Eles se amontoavam ao nosso redor em grupos de quatro a seis, cada um exibindo bijuterias e oferecendo preços mais baixos do que os de seus colegas. Não importava se dizíamos não ou se continuávamos andando, eles simplesmente nos seguiam, praticamente aos gritos para conseguir nossa atenção. Se recusássemos pela segunda vez eles se aproximavam mais e falavam ainda mais alto. Os primeiros membros a chegarem à fortaleza se agruparam num círculo defensivo de costas para a multidão e tentaram ignorar os gritos. Os vendedores continuaram insistindo por mais de trinta minutos. Eles acabaram nos seguindo até a porta de entrada.

Passamos a hora seguinte andando pela fortaleza Amber, maravilhados com a mistura de arquitetura hindu e muçulmana. Havia pátios espaçosos e pitorescos, pinturas e afrescos de alta qualidade e alojamentos privados para as doze concubinas do Marajá. Tiramos fotos na frente de um grande jardim com um engenhoso sistema de irrigação projetado para manter as flores bonitas o ano

inteiro e continuamos até os andares superiores, de onde era possível apreciar a localização da fortaleza de um ponto de vista defensivo.

Mas a parte mais fascinante do local era o Salão dos Espelhos. Foi a primeira vez que contemplamos o intrincado trabalho de mármore que tornou a fortaleza famosa, e, de perto, aquele pareceu o artesanato de maior qualidade que eu já vira. Construído ao longo de dez anos por mais de 2 mil trabalhadores, o Salão dos Espelhos tem paredes de mármore incrustadas com milhares de pedras preciosas e semipreciosas e milhares de minúsculos espelhos. Disseram que, no fim do dia, o salão era todo iluminado por velas e o Marajá se encaminhava para lá, onde observava as pedras e os espelhos refletindo a luz suave. As gravuras em relevo de Angkor Wat eram bem detalhadas, mas até eu compreendi que devia ser muito mais difícil trabalhar com mármore. Cada uma daquelas milhares de gemas e espelhos incrustados se encaixavam com perfeição.

– É incrível – sussurrou Micah. – Mas acho que vira quase um exagero. É um pouco espalhafatoso para o meu gosto.

– Tudo bem, não acho que você conseguiria encontrar alguém que soubesse fazer um trabalho desses hoje em dia. A menos que se mude para a Índia, claro.

– É improvável.

Depois de sair da fortaleza passamos por várias favelas, atravessamos um portão e – de um jeito que só a Índia consegue realmente surpreender – estávamos no paraíso.

Nosso hotel fora antigamente um palácio do Marajá. Os quartos eram dispostos em estilo de cabanas, e a construção, impecável. Repleta de árvores, fontes, trilhas sinuosas e flores, também havia um spa com serviço completo, quadras de tênis, academia e piscina. Os empregados eram muito profissionais e eficientes. Bastava olhar para os funcionários que eles se apressavam para ajudar. Cada membro do grupo foi escoltado até o seu quarto por indivíduos que não só explicaram as características dos dormitórios com grande riqueza de detalhes, como também se ofereceram para lavar qualquer roupa suja e engraxar sapatos, prometendo que tudo seria devolvido dentro de algumas horas. Foi o hotel mais luxuoso que vimos em toda a viagem, mas, apesar de ficarmos impressionados, Micah e eu não conseguimos nos esquecer da realidade que sabíamos existir do lado de fora.

À noite houve outro coquetel, e nós enrolamos as cabeças com turbantes para visitar o Museu do Palácio da Cidade. Ao chegar lá fomos recebidos com honrarias de realeza: havia contingentes de guardas em posição de sentido ao lado de camelos, cavalos brancos e elefantes, todos decorados para a nossa chegada. Jantamos e vimos uma apresentação tradicional indiana, mas Micah e eu já estávamos cansados e a única coisa que queríamos era dormir.



Na manhã seguinte havia duas opções de atividades: visitar o museu e várias áreas comerciais ou ficar no hotel.

Resolvemos ficar no hotel. Não estávamos com a menor vontade de abandonar aquele santuário, e pela primeira vez em duas semanas não fizemos absolutamente nada. Passamos a tarde relaxando na piscina.

– Agora, isto – disse ele – é exatamente o que eu precisava.

– Eu também. Mas estou me sentindo meio culpado. Pode ser minha última chance de ver a Índia, e estamos sentados na piscina do hotel.

– Você queria mesmo ver outro museu e fazer compras?

– Não. Só estou dizendo que isso me deixa com uma sensação de culpa.

– Você sempre se sente culpado. Esse é o seu problema.

– Achei que o meu problema fosse não ter muitos amigos – rebati.

– Isso também.

Estendi os braços, simulando gratidão.

– É por isso que eu gosto de você, Micah. Está sempre oferecendo críticas construtivas.

– Fico feliz em ajudar. Além do mais, alguém precisava desempenhar o papel da mamãe depois que ela morreu.

– Ela era insubstituível.

– Sabe o que ela era? – refletiu Micah. – Ela era como o centro da roda na nossa família, e nós éramos os aros. E quando ela se foi, perdemos o nosso centro. Por isso a perda foi tão dura. Além de ela ter morrido, tivemos que nos transformar em um novo tipo de família. Acho que foi por isso que eu, você e Dana nos aproximamos de novo.

– E quanto ao papai?

– Eu não sei. Parte da coisa foi ter perdido a esposa, mas ainda acho que ele sofria de transtorno bipolar. Acho que mamãe conseguia manter as mudanças de humor dele sob controle quando estava por perto. Mas depois... Bem, ele também tinha perdido seu centro.

– Você acha que ele foi um bom pai quando éramos mais novos?

– Em alguns aspectos. Não tão bom em outros. Mas, sabe, no fim das contas eles merecem o crédito pela nossa criação por causa dos homens que nos tornamos. Somos bem-casados, bem-sucedidos, éticos, e continuamos próximos como irmãos. Se os seus filhos puderem dizer a mesma coisa mais para a frente, você não vai pensar que fez um bom trabalho como pai?

– Sem dúvida – concordei.

Na manhã seguinte pegamos um voo para Agra, onde visitaríamos o Taj Mahal.

Pela vista da janela do ônibus, Agra era bastante parecida com Jaipur, mas tinha duas principais diferenças: o ar era muito mais poluído, e as ruas, bem menos pavimentadas.

Tivemos que trocar de ônibus por causa da poluição, e, para chegar ao Taj, percorremos a distância que restava em ônibus elétricos, parando a meio quilômetro dos portões.

De onde estacionamos era impossível ver o Taj Mahal. O que a maioria das pessoas não sabe é que, na verdade, ele faz parte de um complexo gigantesco. Mais uma vez esperamos numa fila comprida, para que verificassem nossas malas em busca de armas ou explosivos. E mesmo depois de entrar no complexo, ainda não conseguimos ver o monumento.

Seguimos por uma calçada, cercados de ambos os lados pelos prédios usados para abrigar os convidados do Xá Jahan. Mais para a frente e à direita havia uma grande estrutura de tijolos que servia como um imenso portão ornamental, e tivemos que esperar de novo na fila para sermos revistados antes de passar.

Mas ao chegar do outro lado finalmente tivemos um vislumbre daquilo que alguns consideram o maior monumento ao amor já construído.

O Taj Mahal começou a ser erguido em 1631 pelo imperador mogol Xá Jahan em homenagem à sua segunda esposa, Mumtaz Mahal, que morreu após dar à luz o décimo quarto filho do casal. O local é, em outras palavras, uma tumba. O cenotáfio incrustado com joias feito para Mumtaz Mahal dentro do monumento fica perto do túmulo do marido. O Taj é uma das construções mais simétricas do mundo: o cenotáfio de Mumtaz fica exatamente no centro do domo, e os minaretes nos quatro cantos têm exatamente a mesma distância partindo do domo, e a mesma altura.

Foram necessários 20 mil trabalhadores, mil elefantes e 22 anos para o Taj ser construído; importaram materiais de todas as partes da Índia e de algumas regiões da Ásia Central. Ele é considerado um símbolo de amor eterno, mas o Xá Jahan passou pouco tempo apreciando sua obra. Pouco depois de a construção ser concluída, um de seus filhos com Mumtaz depôs o imperador e o aprisionou no grande Forte Vermelho, a alguns quilômetros dali. Xá Jahan podia ver o Taj Mahal da cela em que ficou preso, mas nunca mais teve permissão para entrar no monumento.

De onde estávamos aquilo não parecia real. Erguido sob um céu lúgubre e poluído, o mármore reluzia com esplendor, e a imagem era refletida nas piscinas retangulares e compridas à frente do monumento. Em geral, ao verem fotos do Taj Mahal – que significa "Palácio da Coroa" –, as pessoas têm a impressão de

que ele foi construído com mármore branco, e não adornado. Apenas ao se aproximar das paredes é que os detalhes em cada bloco se tornam vívidos. Como no Salão dos Espelhos – mas numa escala muito maior e mais majestosa –, o Taj Mahal é adornado com pedras preciosas e semipreciosas, inscritas em forma de flores e trepadeiras. Depois de tirar fotos caminhamos até o monumento em si e examinamos a fachada ornamentada.

– Aqui tem mármore para caramba – comentou Micah, sucinto.

Passamos pouco mais de uma hora no Taj Mahal, o que, para a nossa surpresa, foi tempo suficiente. Afinal, aquilo é uma cripta. Não há muito para se ver lá dentro além da pequena sala onde Mumtaz e, posteriormente, Xá Jahan foram enterrados e o foco é dirigido para os blocos de mármore usados na construção. E realmente é incrível. Mas, por ter sido erguido com tanta precisão matemática, a arte parece pouco inspiradora. Se havia um desenho de um lado, um igual era replicado mecanicamente do lado oposto. Era uma obra maravilhosa, porém repetitiva.

Micah e eu ficamos fascinados pelo fato de o filho ter aprisionado o pai sem nunca deixá-lo sequer pisar no Taj Mahal – a cripta de sua própria mãe – durante os últimos anos da vida de Xá Jahan.

– Olhe só – disse Micah, confiante –, era exatamente disso que eu estava falando. Nosso pai era muito melhor do que o velho Xá Jahan deve ter sido. O filho dele o detestava.

Eu assenti, concordando. Mas, mesmo assim, enquanto encarava o monumento massivo dedicado a Mumtaz, eu não estava pensando no meu pai, e sim na minha irmã.

Em janeiro de 1993, menos de três semanas depois da mudança para a Carolina do Norte, eu estava na Califórnia outra vez.

Logo depois do ano-novo minha irmã fora se consultar com um novo médico. Ele pediu outra ressonância magnética feita em um hospital diferente. Naquela época as máquinas de ressonância evoluíam rapidamente, e as mais novas eram capazes de gerar imagens muito melhores do que as antecessoras. Ficamos sabendo que o exame anterior de Dana havia sido feito em uma máquina antiga. Talvez uma nova imagem pudesse oferecer as respostas.

Ela se deitou na maca, colocou os fones de ouvido e foi levada para dentro da máquina. Ouvimos uma série de barulhos – que lembrava alguém batendo na panela com uma colher – e dentro de algumas horas as imagens ficaram prontas. E nelas, perfeitamente visível, havia algo que não deveria estar ali. Descobrimos que Dana tinha um tumor no cérebro.

Minha irmã foi encaminhada para uma cirurgia de emergência no Centro Médico da Universidade de São Francisco, e eu peguei um voo para me juntar a Micah e ao meu pai. Na véspera Micah e eu tentamos nos manter otimistas, mas meu pai passou o dia inteiro extremamente tenso. Foi só quando Micah e eu ficamos a sós no hotel que nos sentimos mais à vontade para compartilhar nossos próprios medos e anseios.

Nossa irmãzinha tinha um tumor no cérebro. Como se perder nossa mãe não tivesse sido suficientemente difícil, agora tínhamos que enfrentar essa situação.

A cirurgia fora agendada para a manhã seguinte, e levamos Dana para o hospital pouco antes das sete horas. Mas o grande volume de atendimentos fez com que o procedimento só tivesse início ao meio-dia, tornando aquele um dos mais longos dias das nossas vidas. Foi só depois das sete da noite que o médico veio falar conosco.

Ele dissera que a operação fora um sucesso e que a equipe havia removido o máximo possível do tumor. Não conseguiram remover tudo. Partes do tumor tinham se espalhado para áreas mais profundas do cérebro e outras estavam entrelaçadas com regiões responsáveis pelas funções vitais. O médico explicou que, se tivessem removido o tumor inteiro, Dana ficaria em estado vegetativo.

Demorou muito para que o médico nos explicasse a condição dela de forma que conseguíssemos entender. Queríamos saber coisas específicas – quanto ainda restava do tumor, onde ele estava localizado, o que aquilo significava a longo prazo –, mas acabamos descobrindo que cirurgias no cérebro têm consequências complexas demais para tais previsões.

– Quando ela se recuperar – avisou o médico –, vai começar a tomar anticonvulsivos e a fazer radioterapia. Esperamos que isso mate o que restou do tumor, as partes que não conseguimos alcançar.

– E se a radioterapia não funcionar? Ela vai passar por outra cirurgia?

O médico meneou a cabeça.

– Vamos torcer para que a radioterapia funcione. Como eu falei, não foi possível remover partes do tumor sem que ela ficasse muito pior – disse ele.

– E quais são as chances? Ela vai sobreviver?

– Depende do tipo de tumor. Estamos fazendo uma biópsia agora. Alguns são mais suscetíveis à radioterapia que outros; alguns crescem rapidamente, outros não. Não temos como saber até que os resultados saiam. Mas se o tumor for suscetível, a radioterapia deve funcionar.

– Então existem chances de ela conseguir ter uma vida normal?

O médico passou o peso de uma perna para outra.

– Na maioria das vezes, sim.

Esperamos, imaginando o que aquilo queria dizer, e ele finalmente continuou:

– Os anticonvulsivos são contraindicados durante o período de gravidez devido a possíveis defeitos congênitos.

Ele fez uma pausa. Micah e eu nos entreolhamos, já sabendo o que estava por vir.

– É muito provável – acrescentou o médico – que ela não possa ter filhos.

Ficamos um bom tempo sem dizer nada.

– Quando podemos vê-la? – perguntei finalmente.

– Amanhã. Ela está dormindo e é melhor deixá-la descansar um pouco.

Aquela noite Micah e eu dormimos no mesmo quarto de hotel. Ou, melhor, tentamos. Passei a maior parte da noite encarando o teto, pensando numa conversa que tivera com Dana em nosso aniversário muito tempo atrás.

"Eu quero me casar e ter filhos", dissera minha irmã.

"Só isso?" perguntei.

"Sim. É tudo o que eu quero da vida."

A lembrança quase partiu meu coração.

A cabeça de Dana estava coberta de bandagens quando a vimos. Ela passou a maior parte do tempo dormindo, e quando acordava ficava grogue, com os olhos fora de foco e os movimentos um tanto letárgicos.

– Foi... tudo... bem? – balbuciou ela. Sua voz era um sussurro.

– Foi muito bem, querida – respondeu Micah.

– Ah... que bom...

– Eu amo você, Dana – falei.
– Eu amo... vocês dois.
E então ela voltou a dormir.

Uma semana depois recebemos os resultados da biópsia. Minha irmã tinha três tipos de células cancerígenas em seu cérebro: oligodendrogliomas, astrocitomas e glioblastoma multiforme. Todas formam tumores de crescimento rápido que se espalham formando algo similar a uma teia de aranha e são apenas parcialmente suscetíveis a radio e quimioterapia. Enquanto aprendíamos sobre as possibilidades de tratamento, apenas um fato sobre os tumores chamava a nossa atenção.

Embora todos fossem fatais, um dos três era quase invariavelmente letal. Após cinco anos, a taxa de sobrevivência para pessoas com glioblastoma multiforme era menor que dois por cento.

Minha irmã tinha acabado de completar 26 anos.

Voltei para a Carolina do Norte três dias depois, na mesma manhã em que Dana receberia alta do hospital. Além de descobrir que precisaria do tratamento por radioterapia, minha irmã passou a receber a medicação anticonvulsivante. Com a cabeça coberta por bandagens, ela começou o lento processo de cura. A culpa que eu senti por não estar lá me deixou mal por semanas, então eu resolvi me dedicar inteiramente ao trabalho.

Mas a vida seguiu em frente, trazendo novas fontes de estresse. Meu novo chefe logo começou a me pressionar para que eu demonstrasse um bom desempenho. Cat e eu compramos nossa primeira casa. Em três meses tínhamos nos mudado, trocado de emprego, comprado uma casa e começado o processo de reforma – o tempo todo preocupados com a minha irmã.

E isso não era tudo. O diagnóstico de Dana foi quase demais para o meu pai suportar, e minha mudança para a Carolina do Norte só pareceu alimentar a raiva e a culpa que ele sentia. Ele voltou a descontar sua fúria e senso de impotência em mim. Quando contei sobre a casa nova, por exemplo, respondeu me informando que era melhor eu não esperar qualquer ajuda financeira para dar a entrada. Ele ligava apenas para conversar com a minha esposa. Enquanto eu esperava a minha vez de falar, ouvia Cathy dizendo:

– Bem, Nick está aqui. Quer dar um oi?

Havia uma longa pausa antes de ela continuar:

– Ah, bem, tudo bem, então. Tchau, pai. Eu amo você. – Ela colocava o fone no gancho lentamente.

– Ele não queria falar comigo? – eu perguntava.

– Não é culpa sua – sussurrava Cat, acolhendo-me em seus braços. – Ele só está assustado.

Mas quando estava com Dana meu pai se empenhava em parecer corajoso. Ele a levava para todas as consultas, e, em abril, quando a radioterapia começou, ela se mudou de volta para a casa dele. A radiação a fazia passar mal e ela perdeu bastante cabelo nas laterais da cabeça, mas sempre que eu ligava Dana parecia animada. Minha irmã, sempre otimista, sabia que ficaria bem.

– Eu andei rezando, Nick – ela me dissera certa vez. – E acho que está funcionando. É como se eu conseguisse sentir os tumores desaparecendo. Gosto de imaginá-los gritando em agonia enquanto morrem.

– Tenho certeza de que estão. Você é jovem e forte.

– Você também vai rezar por mim?

– Nem precisava ter perguntado, Dana. Rezo por você todos os dias.

– Obrigada.

– Como está o papai?

– Ele tem sido ótimo. E muito prestativo. Sempre faz sopa para mim e até comprou uma televisão com controle remoto para que eu não precise me levantar quando quero mudar de canal.

– Que bom. Fico feliz – falei.

– E como você está? Tem algo emocionante rolando?

Eu hesitei. Havia algo, mas parte de mim não queria contar. Como eu poderia? De qualquer forma, sabia que com o tempo minha irmã descobriria. Outras pessoas na família, inclusive Micah, já sabiam.

– Bem, acabamos de descobrir que Cat está grávida de novo – falei, finalmente. – O bebê deve nascer em setembro.

Minha irmã passou um bom tempo em silêncio.

– Isso é incrível – disse ela, afinal. – Estou feliz por vocês dois.

– Você contou para ela? – Micah me perguntou alguns minutos depois.

Liguei para ele logo depois de conversar com Dana.

– Sim. Contei.

– E como ela reagiu?

– Mais ou menos como eu esperava.

– É horrível, não é? Quero dizer, ela seria uma ótima mãe. Dana é igualzinha à mamãe.

Fiquei em silêncio. Não havia nada para dizer.

– Andei pensando em você – continuou Micah – e nas coisas que têm acontecido ultimamente.

– Como assim?

– Estou falando sobre os altos e baixos. Primeiro você se casa, e entra numa maré incrível. Seis semanas depois a mamãe morre e as coisas não têm como piorar. Cat engravida pela primeira vez e aí sofre um aborto espontâneo. Você e Cat decidem se mudar e você está empolgado em começar uma vida nova; uma semana depois, Dana tem uma convulsão e nós descobrimos que ela está com um tumor no cérebro. Daí você descobre que Cathy está grávida de novo e, ao mesmo tempo, ficamos sabendo que Dana não pode ter filhos e que provavelmente não vai viver mais do que cinco anos. É como se você estivesse vivendo numa montanha-russa que vai para cima e para baixo sem chegar à parte plana. Para você, a vida tem sido os picos mais altos e os buracos mais fundos.

– Eu poderia dizer o mesmo sobre você – observei. – E sobre o papai também.

– Eu sei. Isso tira um pouco a alegria das partes boas, não é?

A radioterapia de Dana terminou na metade do verão, e, inesperadamente, sua tomografia não mostrou sinais do tumor. Os médicos estavam otimistas, o cabelo da minha irmã tinha voltado a crescer e, pela primeira vez desde a convulsão, nossas preocupações em relação a ela foram relegadas para segundo plano.

Com a melhora de Dana, meu pai passou a me tratar melhor. Voltou a conversar comigo ao telefone. No começo foi hesitante, uma reaproximação

experimental. Mas ele continuava falando muito com Cat, e descobrimos que meu pai estava namorando.

Contou que tinha conhecido uma mulher de quem gostava muito.

Dana também estava se dando melhor com o Bob. Depois da cirurgia o relacionamento deles tinha ficado abalado.

E Micah, como sempre, continuou na vida boa, escapando para fins de semana prolongados e evitando qualquer relacionamento sério.

Em setembro de 1993 Ryan nasceu, mas eu não estava no hospital. Tinha saído da cidade para uma reunião de negócios que eu não podia perder e a bolsa de Cathy estourou quase no fim da reunião. Não consegui chegar para ver meu filho até o dia seguinte.

Em novembro a família foi passar o Dia de Ação de Graças no Texas com o irmão mais novo do meu pai, Monty, e eu fiquei chocado ao constatar que meu pai parecia feliz de verdade. Disse que estava apaixonado, e nós três ficamos contentes por ele enfim ter encontrado alguém com quem gostava de passar o tempo. Mas, ao longo da viagem, soubemos de algo que obscureceu um pouco a importância dessa notícia.

Dana contou que ela e Bob tinham terminado outra vez. Isso não era tão inesperado. O estresse da doença teria sido uma provação para qualquer relacionamento.

– Ah – eu me lembro de dizer –, que pena. Eu gostava do Bob.

– Tem mais – continuou Dana.

– O quê?

Ela sorriu, encolhendo levemente os ombros.

– Estou grávida.

Eu não sabia o que dizer.

– Não se preocupem, parei de tomar o anticonvulsivo.

E ainda havia algo mais. Eu comecei a perceber que, em nossa família, sempre havia algo mais. Além de estar colocando sua saúde em sério risco, uma preocupação que nos atormentaria pelos próximos sete meses, Dana estava prestes a se tornar mãe solteira. E então descobrimos que ela teria gêmeos.

Em seguida, para aumentar nossas preocupações, logo depois do Natal meu pai informou a Dana que ela teria que sair da casa. Ainda que minha irmã não tivesse nenhum lugar para ir.

Eu nunca disse isso a ninguém, mas naquele momento comecei a me perguntar se, além de sofrer de transtorno bipolar, meu pai também não tinha outros problemas mentais.

Em dezembro meu pai descobrira que a mulher que ele estava namorando – a primeira com quem ele tinha saído depois da morte de minha mãe – não tinha se divorciado. Ela estava apenas separada do marido e usava meu pai pelo pouco dinheiro que ele tinha. No fim do relacionamento ele já estava afundado em dívidas e, quando não podia pagar mais nada, ela foi embora. Não sei se ele ficou ligando para a mulher e ela finalmente cansou da persistência ou se foi acidental, mas o marido dela acabou descobrindo sobre o caso. Ele era um policial corpulento e foi até a casa do meu pai e o ameaçou fisicamente. Meu pai ficou apavorado com o confronto, chegando a temer pela própria vida.

Acho que foi essa sucessão de eventos, por volta do Natal, que o deixou emocionalmente aleijado.

Daquele ponto em diante meu pai entrou numa espiral decrescente que só piorou com o tempo. Ele começou a ficar amargurado e, além da raiva, também passou a sofrer de paranoia. Como não podia ir à polícia – que bem isso teria feito? –, comprou armas e munição. Pediu que minha irmã saísse da casa e comprou um cachorro chamado Flame.

Flame era um pastor-alemão que tinha sido treinado como cão policial, mas devido à sua natureza volátil ele não pôde ser usado para esse fim. Meu pai se deu bem com ele, mas o cachorro deixava todas as outras pessoas nervosas. Ele rosnava e latia o tempo todo e não era confiável. Sua personalidade explosiva, combinada com a instabilidade do meu pai, resultou em uma mistura perigosa.

Durante os primeiros meses de 1994 Micah e eu nos falamos continuamente por telefone, sobre nosso pai e Dana, tentando pensar no que fazer. Se é que algo podia ser feito.

– Será que eu devia chamar Dana para vir morar conosco? – perguntei.

– Ela não pode, Nick – respondeu Micah. – Todos os médicos dela estão aqui.

– E o papai?

– Ele está inflexível, diz que ela não pode mais viver na casa dele. E, para ser sincero, não quero que ela more lá. Papai está começando a ficar estranho. E com

o Flame... Não, Dana não pode ficar lá. Não se tiver filhos.

– Ela pode ficar com você? – indaguei.

– Eu convidei, mas ela não quer. Diz que consegue se virar. Sua amiga Olga tem um quarto pequeno e pode alugá-lo para Dana.

Olga vivia na velha casa da fazenda onde os nossos cavalos ficavam alojados. Ela conhecia Dana havia anos.

– E como Dana vai se virar? Ela não tem emprego nem marido nem dinheiro e está com um tumor no cérebro... – observei.

– Eu sei. Tento dizer isso a ela.

– E o que ela fala?

– Que vai dar um jeito. Que não está nem um pouco preocupada e que não vê a hora de ter os filhos.

– Como ela pode não estar preocupada? E se ela tiver uma convulsão e não houver ninguém por perto para ajudar?

– Ela tem fé de que tudo vai se resolver.

Eu hesitei.

– Você acha que isso é o suficiente?

– Eu não sei – respondeu Micah.

Felizmente minha irmã teve uma gravidez tranquila, e em maio de 1994 ela deu à luz dois garotos gêmeos saudáveis que foram chamados de Cody e Cole. Uma semana depois do parto ela voltou a tomar os anticonvulsivos e começou a cuidar dos bebês no quarto minúsculo que chamava de lar. Micah e eu enviamos dinheiro para ela e, de alguma forma, aquilo bastou para sua sobrevivência. Dana e os gêmeos dormiram num colchão dobrável sobre o chão de madeira por dois meses, mas no fim do verão ela se reconciliou com Bob e decidiu se mudar para a casa dele, para que os filhos pudessem conviver com o pai. Ficamos surpresos ao descobrir que ela não tinha contado a Bob que estava grávida até pouco antes de os gêmeos nascerem.

Durante aquele período meu pai dedicou a maior parte do tempo a ficar com o cachorro. Apesar de minha irmã estar aparentemente melhor de saúde, a raiva dele só aumentou. Em seis meses ele começou a se afastar do resto da família. Recusava-se a atender ligações de sua mãe, de seu pai, ou dos irmãos. Se mandassem uma carta, ele a devolvia sem nem abrir. Também não falava comigo

– nem com Micah ou Dana – sobre por que tinha nos tirado de sua vida. Se perguntássemos o que estava acontecendo, ele ficava furioso – ia direto para o lançamento nuclear – e, com dentes cerrados, nos diria: "Não é da sua maldita conta." Por alguma razão desconhecida ele começou a culpar a família por todos os problemas que teve na vida. Mas, àquela altura, eu já tinha passado por tantos altos e baixos que, de alguma forma, achava que meu pai também superaria isso.

Eventualmente descobri que ele havia começado a consultar um psiquiatra por volta daquela época, algo que eu e Micah achamos que fosse ajudar. Mas apenas eu parecia reconhecer que meu pai mantinha uma identidade *à la* "O médico e o monstro" havia anos. Ele conseguia enganar as pessoas – de fato, em seu trabalho ninguém reparava que havia algo errado – e acho que também conseguiu enganar o psiquiatra. Em vez de fazê-lo tomar antidepressivos, algo que, em minha opinião, teria lhe feito bem, o médico prescreveu Valium, que só piorou as coisas.

Com Dana e Bob juntos outra vez, os gêmeos saudáveis e meu pai limitando, mas sem cortar por completo, o contato conosco, Micah se concentrou no trabalho, conseguiu se destacar no âmbito profissional e continuou namorando.

Para mim, a 4.500 quilômetros do resto da família, a vida seguiu normalmente, com uma pequena exceção. Logo depois de Cat e eu celebrarmos nosso quinto aniversário de casamento, e inspirado pelos avós da minha esposa, eu voltei a escrever.

Em 1993 e 1994 Micah e eu nos vimos bastante apesar da distância entre nós. A empresa farmacêutica para a qual trabalhávamos realizava encontros de vendas nacionais para promover os lançamentos de novos produtos. Além disso, também havia treinamentos conduzidos na sede, em Nova Jersey, e nós sempre acabávamos nas mesmas sessões. Ele também me visitava na Carolina do Norte e eu ia para a Califórnia pelo menos uma vez por ano. Como sempre, conversávamos sobre Dana e sobre papai. Micah era a minha fonte de informações para os eventos familiares, então eu precisava falar com ele. E eu era a única pessoa com quem ele podia conversar livremente.

No final de 1994 estávamos numa conferência nacional de vendas, relaxando depois de um dia cheio de reuniões, quando os mesmos assuntos surgiram.

– Como está o papai? – perguntei.

– Quem sabe? Mas acho que ele encontrou outra pessoa e está namorando de novo.

– Ele visita os gêmeos de vez em quando?

– Não.

– Você perguntou por quê?

– Ele prefere passar o fim de semana com o cachorro – disse Micah.

– Não, ele não disse isso.

– Não com essas palavras. Mas é o jeito dele. É como se o cachorro e essa nova mulher fossem as únicas coisas importantes para ele agora.

– Alguma notícia sobre por que ele não está falando com a família?

– Não.

– Mas ele está namorando?

– Sim. Dá para acreditar? Metade do tempo eu acho que ele está melhorando. Mas quando você pensa na coisa toda... – A voz de Micah se perdeu. – Espero que ele saia dessa situação, mas não tenho tanta certeza dessa vez. Parece bravo o tempo todo.

– Como está Dana?

– Os bebês a mantêm ocupada. A última tomografia foi boa, não havia nem sinal do tumor. Mas, cara, você tem que ver aqueles garotos. Eles são tão bonitinhos. Quase me fazem querer ter filhos.

– Quase?

– Não agora – rebateu Micah. – Quero dizer, daqui a alguns anos.

Comecei a rir.

– Então, o que você acha desses rumores sobre venda e incorporação que têm surgido nos últimos tempos? – perguntou Micah.

Tínhamos ouvido falar que a American Cyanamib – a filial da Lederle Labs – supostamente estava entre as que poderiam ser vendidas, o que tinha deixado todos na reunião preocupados com a possibilidade de perderem o emprego.

– Quem sabe? O que tiver que ser será. Depois de tudo o que passamos, tenho certeza de que vamos ficar bem.

Menos de duas semanas depois daquela reunião, em dezembro de 1994, descobrimos que a empresa seria comprada pela American Home Products. Em janeiro teve início o lento processo de reestruturação. Eu tive que me mudar para Greenville, na Carolina do Sul, para manter o emprego. Micah recebeu uma

oferta de trabalho bem ao sul de Los Angeles. Aceitei a transferência com relutância, mas meu irmão decidiu pedir demissão.

– Eu não posso partir – disse ele. – Aqui é o meu lar. Além do mais, não posso abandonar Dana e o papai.

– O que você vai fazer? – perguntei.

– Provavelmente vou voltar para o setor imobiliário e ver o que acontece. Como está indo o seu livro?

– Quase terminando. Sem contar a edição.

– Vai tentar publicar esse?

– Acho que sim.

– É melhor do que os dois primeiros?

– Vamos descobrir.

– Bom, talvez você também saia do negócio farmacêutico em breve.

– Talvez... – Eu suspirei. – Vamos ver como a coisa anda. Desisti de tentar prever o futuro.

Capítulo 15



Lalibela, Etiópia
9-10 de fevereiro

Começamos a manhã em Jaipur, voamos para Agra a fim de ver o Taj Mahal e na mesma tarde embarcamos no avião mais uma vez, em direção a Addis Abeba, na Etiópia. Chegamos tarde, bem depois do anoitecer.

Mesmo na escuridão, Addis Abeba nos surpreendeu. A imagem que tínhamos da Etiópia era em grande parte fundamentada no que aparecia na televisão ou nos jornais, e acho que eu tinha esperado uma cidade parecida com Phnom Penh, ou até mesmo Jaipur. Mas era muito mais parecida com Lima, e sua atmosfera cosmopolita nos impressionou. Áreas verdes compridas e bem cuidadas flanqueavam a via principal, as ruas eram limpas, iluminadas e usadas

apenas por carros, e pela primeira vez em semanas vimos elementos da cultura americana: outdoors anunciando Coca-Cola e calças jeans da Gap.

Nosso guia falava um inglês excelente, e quando perguntamos sobre a cidade ele assentiu.

– Sim, Addis é uma cidade moderna. Mas normalmente não é tão limpa.

– Como assim?

– Semana passada uma reunião importante foi sediada aqui, com representantes de todas as nações da África. O governo passou dias e dias limpando a cidade para causar uma boa impressão.

Ainda assim, existe um limite para quanta faxina alguém é capaz de fazer. O pouco que estávamos vendo de Addis Abeba parecia incrivelmente rica se comparada às cidades que tínhamos visitado recentemente. Era quase inacreditável.

Na manhã seguinte voltamos para o aeroporto e embarcamos em dois monomotores para o voo até Lalibela.

Lalibela é a sede espiritual da Igreja Ortodoxa Etíope, porém é mais famosa pelas igrejas monolíticas esculpidas no século XIII. O rei Lalibela ordenou a construção das onze igrejas escavadas na rocha e o trabalho foi feito por 40 mil escravos. O que torna as igrejas únicas é o fato de elas não se erguerem sobre a superfície. Em vez disso, foram construídas dentro da terra, de forma que seus telhados fiquem alinhados com o chão.

Aterrissamos num aeroporto que ficava no meio do nada, cercado pelos picos dos planaltos etíopes. Com exceção dele próprio não havia nenhuma outra construção por perto, e a terra lembrava a região ao sul de Nevada, perto das cordilheiras. Poucas árvores crescem naquele solo rochoso e o vale é tomado por pequenos arbustos até perder de vista.

Lalibela ficava a uns 40 quilômetros de distância, com 600 metros a mais de altitude em relação ao aeroporto. A rua de asfalto sinuosa acompanhava o vale e passava pelos picos, e na hora que levamos para chegar ao destino não vimos nenhum outro veículo.

No entanto, a 12 quilômetros de Lalibela, passamos por um garoto que devia ter uns 10 anos. Ele caminhava pela rua com um saco de carvão monstruosamente cheio que pretendia entregar na cidade. O saco, mais

comprido e mais largo que o menino, estava preso em suas costas e parecia muito mais pesado do que ele. Ao ver nosso ônibus passando, ele abriu um sorriso e acenou antes de continuar sua lenta marcha até a cidade.

A maior parte de Lalibela fica fora da via principal, acessível por ruas de cascalho acidentadas. As casas de adobe com teto de palha têm poucas janelas de vidro, mas a cidade conta com diversos restaurantes, pequenos negócios de família e lojas de suvenir. Quase todas as pessoas usavam roupas ocidentais. Havia mesas ao lado das ruas expondo camisetas, em geral, de marcas americanas. Para todos os propósitos, a cidade de Lalibela é uma armadilha etíope para turistas.

Nossos ônibus estacionaram perto das igrejas subterrâneas, e assim que descemos fomos cercados por adolescentes. Diferente de qualquer outro lugar que já tínhamos visitado, eles não tinham nenhuma bijuteria para vender. Apenas nos pediram dinheiro. As crianças diziam que precisavam de dinheiro ou para ir à escola ou para comprar os livros exigidos pela escola que frequentavam.

Depois de um tempo eles foram forçados a ir embora por guardas etíopes munidos com porretes.

Lalibela era um dos lugares menos conhecidos da viagem, e poucas pessoas no grupo sabiam o que esperar. Mas não ficamos desapontados. O imenso trabalho exigido para a construção, que abriu caminho pelas pedras manualmente, ficou evidente assim que deparamos com a primeira igreja. Era muito maior do que tínhamos imaginado, com pelo menos 18 metros de comprimento e 12 de largura, cercada por um tablado moderno que sustentava um teto sobre o topo da construção.

– O teto está aí para prevenir goteiras – explicou o guia –, e para evitar que as igrejas apodreçam.

Passamos algum tempo explorando as estruturas. Todas eram escuras por dentro. Poucas tinham janelas, e, mesmo com as lâmpadas fluorescentes penduradas no interior, a luz mal permeava o negrume. Os pisos eram escorregadios, polidos por oitocentos anos de uso e lisos feito gelo. Como as igrejas continuam sendo usadas, tapetes haviam sido colocados por toda parte, mas, infelizmente, não cobriam o chão inteiro, e tivemos que nos mover bem devagar, como homens cegos num território desconhecido, para evitar quedas.

No total ficamos três horas em Lalibela. Quando a visita estava quase no fim, Micah e eu nos afastamos do grupo para tirar fotos, e como as igrejas eram muito diferentes de tudo o que tínhamos visto até então – esculpidas *na* pedra, em vez de serem erguidas *com* pedras –, tentamos encontrar pontos de observação que capturassem a singularidade das construções.

Visitar aquelas igrejas deixou Micah estranhamente silencioso, e enquanto eu tirava as fotos ele se sentou em uma das saliências com vista para a região. Depois de um tempo me juntei a ele.

– Então, o que você achou do lugar? – perguntou Micah.

– Valeu a pena conhecer, se é isso o que você quer dizer.

– Não são muito parecidas com as igrejas que temos nos Estados Unidos, né?

– Não acho que as crianças iriam gostar de ter que ficar de pé durante a missa – comentei.

Micah sorriu.

– Você está feliz por ainda ir à missa?

– E qual seria a alternativa?

– Frequentar outra igreja cristã? – sugeriu Micah.

Eu pensei a respeito.

– Sim – respondi. – Estou feliz. Mas a Cat também é católica, então nunca pensamos em frequentar outra igreja.

– Eu gosto da igreja que frequento agora. Ou, melhor, que frequentava.

– Por quê?

– Não sei. Acho que fiquei entediado porque a missa sempre parecia igual. E eu não conseguia relacionar os sermões com a minha vida. Acho que a igreja deveria fazer a pessoa se sentir próxima a Deus, mas isso não estava acontecendo comigo. Com a igreja nova eu consegui por um tempo.

– Você acha que vai se sentir próximo a Deus de novo?

– Não sei. Não tenho me sentido... próximo dele ultimamente. Nem tenho certeza se ainda acredito em Deus.

– Sério?

– Não Deus, especificamente. Eu acho que Deus existe, mas não tenho muita certeza se ele tem um papel ativo no mundo. Acho que ele só colocou tudo para funcionar e desde então ficou sentado, vendo o que vai acontecer.

– Hum... Prossiga.

– Não é o que dizem na igreja, claro. Na igreja você deve rezar e ser grato, mas, como eu disse antes, cheguei à conclusão de que rezar não funciona. E por um bom tempo na minha vida, não foi fácil me sentir grato por muita coisa. Passamos de um grande desafio para o próximo; aquilo não acabava nunca. E todo mundo ficava me dizendo para ser forte, que tudo se resolveria no final.

Eu sabia que Micah não estava em busca de uma resposta.

– E depois de um tempo eu meio que me toquei. No que eu realmente acredito? Segui os mandamentos, acreditei em Jesus, fui à igreja e rezava o tempo todo. E quando realmente precisei de ajuda, foi como se a única resposta que eu recebesse fosse: "Quem se importa?" Eu não queria que Deus me desse forças para aguentar o que estava acontecendo, e sim que ele colocasse um fim no que estava acontecendo. E isso não ocorreu. Então desisti.

Fiquei calado. Quando o assunto é fé, a melhor resposta é não dizer nada a menos que alguém lhe faça uma pergunta direta.

– Você já se sentiu assim? – perguntou Micah.

– Sim, o tempo todo – respondi.

– Mas não ficou abalado da mesma forma que eu?

– Não.

– Por quê?

– Eu não sei. – Suspirei. – Antes de tudo, acho que não pensei que Deus fosse o culpado pelas coisas ruins. Elas acontecem. E se Deus não é culpado, então eu não esperava que ele as mudasse.

Micah assentiu, então disse:

– Eu ainda fico triste com tudo o que aconteceu. De vez em quando fico deprimido. E às vezes levo alguns dias para me recuperar.

Coloquei o braço ao redor de seus ombros.

– Isso também acontece comigo.

– E o que você faz?

– Eu trabalho – falei, dando de ombros.

Micah riu.

– É. Sua busca por equilíbrio é bem estranha.

– A sua também. Trabalho, espiritualidade, família, amizades, saúde... Não dá para ignorar nenhuma dessas coisas, senão você acaba pagando o pato no final.

– Quer dizer que eu estou tão mal quanto você?

– Claro – falei. – Nós somos irmãos. Reagimos ao estresse de maneiras diferentes, mas, para ser sincero, acho que nossos problemas são mais parecidos do que você imagina. Passamos pelas mesmas coisas, não é?

No começo de 1995 minha irmã estava em remissão havia dois anos e tinha se tornado mãe. Suas tomografias continuaram limpas. Com o passar dos meses, não tínhamos mais por que nos preocupar com ela. Por outro lado, começamos a ficar apreensivos com o nosso pai.

O comportamento dele fora do trabalho piorou. Apesar de estar endividado até o pescoço, meu pai gastava dinheiro feito doido. Reformou a casa e comprou um carro novo, e, sempre que falava conosco por telefone, seu único interesse parecia ser Flame. Mesmo tendo uma nova namorada, o mundo dele parecia girar em torno do cachorro.

O afastamento da família continuou. Era comum eu receber ligações de parentes querendo saber o que estava acontecendo e eu só podia dizer que também não entendia. Ele se mostrava distante e irritado sempre que eu ligava, e conversava pouco com Cat, e Dana estava ocupada com os gêmeos e vivendo do outro lado da cidade, diminuindo o contato entre os dois.

Até Micah tinha dificuldades para entender a situação. Quando pressionado meu pai jurava que nunca tinha se sentido tão feliz, que o trabalho estava indo bem e que ele amava os fins de semana com o cachorro e a namorada. E aí, após vinte minutos – um bom tempo depois de Micah ter perguntado como ele estava e quando eles já estavam conversando sobre outras coisas –, meu pai entrava em DEFCON 1 de repente, e gritava para Micah:

– Minha vida não é da sua maldita conta, então por que diabos você não desaparece?

Bizarro. Doloroso. Preocupante.

Mas Cat e eu estávamos tão distantes da situação que só descobrimos o que acontecia anos depois. Naquela época tivemos que nos mudar outra vez, com duas crianças pequenas. Nos primeiros meses, Cat precisou ficar em New Bern para tentar vender a casa enquanto eu morava num apartamento pequeno em Greenville. Eu passava meus dias trabalhando na criação de uma nova área de abrangência e as noites dirigindo pelas ruas em busca de uma casa com um preço

razoável. Nos fins de semana ou eu voltava para casa ou Cat vinha para Greenville para ver o que eu havia encontrado.

No fim de maio finalmente nos mudamos e passamos as primeiras semanas conhecendo os nossos vizinhos e a cidade e fazendo novos amigos. Miles, extrovertido e amigável, logo encontrou várias crianças para brincar. Ryan não tinha nem 2 anos, ainda não havia aprendido a falar e parecia muito mais tímido. Ele demonstrava pouco da curiosidade que Miles tinha em sua idade e muitas vezes parecia estar com a cabeça em outro lugar. Sempre que o colocávamos no carro ele gritava apavorado e raramente respondia quando tentávamos chamar sua atenção. Quando discutimos a questão com o pediatra ele disse que não havia razão para se preocupar, que era apenas uma fase.

– Ele não tem nem 2 anos ainda – disse o médico –, esperem mais um pouco.

Em julho comecei a buscar agentes literários. Enviei 25 cartas de apresentação e a primeira agente que me respondeu, Theresa Park, estava disposta a trabalhar comigo no livro. As outras 24 cartas ficariam sem resposta. Em outubro de 1995 o livro estava pronto.

A não ser pelas preocupações com o meu pai e a mudança, até então o ano havia sido tranquilo. Minha irmã tinha feito outra tomografia que estava limpa – ela fazia o exame a cada três meses – e Micah se saía bem no mercado imobiliário. Por mais dificuldades que tivesse em sua vida pessoal, meu pai parecia continuar indo bem no trabalho. Por um tempo, quase pareceu que as coisas estavam normais. Hoje eu percebo que essa época era apenas a calmaria antes da tempestade.

Minha agente e eu tínhamos grandes esperanças para o livro, mas esperanças são uma coisa e a realidade é outra. No meu coração eu sabia que ficaria satisfeito se conseguisse um bom adiantamento para pagar as contas do cartão de crédito ou talvez comprar um carro decente para a minha esposa. Com o nosso estilo de vida de classe média, qualquer coisa teria ajudado. Cat e eu tínhamos as mesmas preocupações financeiras que todos os nossos vizinhos, e a hipoteca era de 125 mil dólares.

O livro, chamado *Diário de uma paixão*, foi enviado para as editoras na quinta e na sexta-feira. Na segunda, minha agente deixou uma mensagem na caixa postal do meu telefone do trabalho, pedindo que eu retornasse. Era pouco

antes do meio-dia e eu estava saindo para almoçar com um grupo de médicos no consultório de um deles. Levei a comida, preparei tudo e estava esperando eles acabarem de atender seus pacientes da manhã para que eu pudesse falar sobre a eficácia dos antibióticos e anti-hipertensivos da Lederle.

Enquanto aguardava, usei o telefone do consultório e liguei para minha agente. Ela foi direto ao ponto:

– Você recebeu uma oferta da Warner Books. – Ela parecia estar sem fôlego.

– E? – perguntei.

– A Warner Books gostaria de oferecer 1 milhão de dólares pelo livro.

Eu pisquei, pressionando o fone com força no ouvido. Pensando que tinha ouvido errado, pedi que ela falasse de novo. Ela repetiu, e eu precisei de todas as forças para me sentar na cadeira e não cair duro no chão.

Em uma tacada só, menos de dois meses antes do meu aniversário de 30 anos, eu percebi que tinha acabado de me tornar um milionário.

Como reagir numa situação dessas? Eu não fazia a menor ideia e Cathy tampouco. Mas posso dizer que mesmo tendo pedido à minha agente que repetisse o número não duas, mas *três* vezes, eu continuava achando que tinha entendido errado. Alguns minutos depois falei com ela outra vez e recebi a confirmação de que o acordo estava fechado.

Liguei imediatamente para Cat, mas ela não estava em casa. Também não consegui falar com Micah, que tinha saído da cidade. E nem com Dana. Ou com o meu pai. Ninguém estava em casa, e com a novidade da venda borbulhando dentro de mim os médicos finalmente começaram a chegar para o almoço. Apesar da notícia inacreditável que tinha acabado de receber, eu consegui me forçar a conversar com eles sobre produtos farmacêuticos.

Mais tarde, quando finalmente falei com Cat, ela ficou espantada. Em momentos emocionantes seu sotaque de New Hampshire fica mais pronunciado.

– Não, senhor! – gritou ela. – Não, senhor!

– Sim, senhora! – berrei de volta.

Até mesmo meu pai, ao escutar a notícia, pareceu genuinamente feliz por mim. Depois de falar com ele passei a maior parte da tarde ao telefone, conversando com vários parentes. Micah foi uma das últimas pessoas com quem

eu falei naquele dia, e ele ficou em silêncio por um bom tempo depois de ouvir a novidade.

– Você está brincando – disse ele, finalmente.

– É surreal, não é?

– Um milhão de dólares? Por um livro que *você* escreveu?

– Dá pra acreditar?

– Não, não nesse instante, mas me dê um segundo. – Sua respiração estava pesada. – Isso é... inacreditável... – balbuciou Micah, antes de fazer outra pausa.

Por mais próximos que fôssemos, nós não éramos completamente imunes à rivalidade fraternal. Desde que eu me formara Micah, sempre tinha sido mais bem-sucedido em suas diversas carreiras do que eu. E aquilo sempre fez sentido: ele era o irmão mais velho, e, tirando a escola e a pista de corrida, Micah sempre teve mais sucesso em tudo. Ele ficou feliz por mim, mas eu também sabia que parte dele desejava que os nossos papéis tivessem sido invertidos.

Mas mesmo assim Micah conseguiu deixar tudo isso de lado e o que ele disse depois significou mais para mim do que tudo o que eu tinha ouvido naquele dia.

– Estou orgulhoso de você, irmãozinho. Mandou bem.

– Obrigado, Micah.

– Agora só falta uma coisa.

– O quê?

– Você precisa me ajudar a descobrir como eu vou fazer o *meu* milhão. Você fez o seu, então acho que também vou ter que fazer o meu.

Aquela quantia parecia vertiginosa, mas eu decidi manter o meu emprego como representante farmacêutico mesmo assim. Não sabia como o livro seria recebido depois do lançamento nem se eu seria capaz de escrever outro. Cat e eu vimos aquele dinheiro inesperado como um prêmio de loteria. Além de comprar um Ford Explorer usado, um anel de casamento novo e zerar as dívidas do cartão de crédito, não gastamos com mais nada. Os anos em situação de pobreza haviam nos deixado extremamente cautelosos. Decidimos que o dinheiro teria três fins: o pagamento da nossa hipoteca, a poupança da faculdade das crianças e uma poupança para a aposentadoria.

Mesmo assim novembro e dezembro foram sensacionais. Havia tantas coisas novas – clubes do livro e vendas de direitos autorais, uma venda de roteiro para a

New Line Cinema, até mesmo o processo de edição – e todos os dias eu tinha algo novo e emocionante para compartilhar com Cat.

Mas, além dessas conversas, as nossas vidas seguiram normalmente. O Dia de Ação de Graças passou, o Natal também, e Dana fez outra tomografia que saiu limpa, marcando três anos desde o diagnóstico. Ela ligou no nosso aniversário e cantou para mim. Soubemos que nosso pai continuava vendo a namorada e o relacionamento parecia ir bem.

Em janeiro de 1996, quando Miles tinha 4 anos e meio e Ryan tinha 2, levamos o mais velho ao médico para se preparar para o exame de remoção de amígdala que ele faria no dia seguinte. Enquanto eles conversavam, Ryan ficou quietinho entre mim e Cat. A consulta não levou muito tempo, e quando o médico tentou puxar assunto com Ryan, nosso filho mais novo não disse nada.

Isso não nos surpreendeu. Explicamos que Ryan ainda não tinha aprendido a falar e ele simplesmente assentiu. Mas logo antes de partirmos pediu para ficar a sós com Ryan por alguns minutos.

– Claro – respondemos, achando que não seria nada de mais.

Pensamos que o médico lhe daria um pirulito ou mostraria alguns dos brinquedos que tinha no consultório.

Mas a porta ficou fechada por quase dez minutos, e quando ele finalmente saiu com meu filho vimos preocupação em seu rosto.

– O que houve? – perguntei.

Eu conhecia bem o médico, já era representante farmacêutico para o consultório dele havia meses e o considerava um bom amigo.

– Passei um tempo com Ryan, vendo algumas coisas...

Ele fez uma pausa, respirando fundo. Olhou para o meu filho e depois para nós.

– Eu acho – disse, lentamente – que talvez Ryan seja autista.

Eu acho que talvez Ryan seja autista.

Tudo que Cat e eu conseguimos fazer foi encará-lo. Meu estômago ficou embrulhado e de repente eu mal conseguia respirar. O rosto da minha mulher ficou branco, e as paredes começaram a se fechar sobre nós. Ryan continuou ao nosso lado, sua expressão distante e os olhos sem foco. Sabíamos que ele não sabia falar, chegamos até a conversar sobre isso com o pediatra, mas nos

convencemos de que não era nada sério. "É apenas uma fase", ele dissera. "Ele vai ficar bem."

Mas isso?

Ainda acho que essa é uma das coisas mais assustadoras que um pai ou uma mãe pode ouvir. Ambos sabíamos o que era autismo. Quem nunca assistiu *Rain Man*, leu sobre o assunto em revistas ou viu programas na televisão a respeito? Eu olhei para Ryan. Nosso filho? Nossa criança? Nosso bebê?

Não, pensei na mesma hora, o médico devia estar enganado. Ryan não era autista. Não podia ser. Ele estava bem, eu não ia acreditar naquilo. Não podia acreditar. Mas...

No fundo eu sabia que tinha algo errado com ele. Cat e eu sabíamos havia meses que alguma coisa estava errada. Mas nunca imaginamos que pudesse ser algo tão sério. Não podia ser isso. Ah, por favor, Deus, isso, não.

– O que você quer dizer? – perguntei, gaguejando.

– É um transtorno...

– Eu sei o que é. Mas por quê...? Como...?

O médico explicou pacientemente o que tinha visto no consultório. A falta de contato visual, a falta de compreensão. A incapacidade de falar. O foco intenso em objetos coloridos. A falta de habilidades motoras.

Ficamos em transe enquanto ele falava. Já sabíamos daquelas coisas e conhecíamos o nosso filho. Não tínhamos entendido o que tudo aquilo significava.

– Ele vai ficar bem?

– Eu não sei.

– O que nós devemos fazer?

– Ele precisa ser avaliado. Existe um centro de desenvolvimento na cidade e eles vão saber responder melhor do que eu.

Em casa, Cat e eu ficamos encarando Ryan, sentado quietinho na sala de estar. Sentimos um misto de emoções.

Negação. Culpa. Raiva. Medo. Desespero.

Passamos o resto da tarde pensando em razões para acreditar no que o médico dissera e em razões para duvidar dele. Conversamos sobre Ryan e sobre o que tínhamos percebido no decorrer dos anos. Passamos horas discutindo, nos preocupando e chorando. Nós nos sentamos ao lado de Ryan e tentamos nos

convencer de que não havia nada de errado com ele, mas, de alguma forma, sabíamos que havia. Torcendo. Rezando. Implorando.

Naquela noite, quando liguei para Micah, mal consegui explicar o que tinha acontecido. A mão que segurava o telefone tremia. Minha garganta ficou apertada e eu não consegui dizer as palavras sem chorar.

– Meu Deus – disse Micah. – Você tem certeza?

– Não. Ainda não temos certeza de nada. Precisamos levá-lo para uma avalição.

– Como eu posso ajudar?

Comecei a chorar.

– Micah... Eu...

– Você quer que eu vá até aí? Quer que eu ajude vocês a lidarem com isso? Quer que eu descubra com quem vocês podem falar? Faço o que você quiser.

– Não – respondi. – Está tudo bem. Ainda não sabemos de nada.

– Eu sinto que deveria fazer alguma coisa.

– Só reze por Ryan, está bem? Você pode fazer isso por ele?

– Vou rezar por todos vocês. Vou começar a rezar agora mesmo.

Durante os dois meses seguintes eu me lembro apenas de uma sensação ora incômoda ora insuportável de preocupação com meu filho. Às vezes eu só conseguia pensar nele e em outras ocasiões eu tinha a sensação esquisita de que algo estava... errado e levava um tempo até perceber que subconscientemente pensava em Ryan.

O pavor permeou nosso lar e tomou conta das nossas vidas.

Nas semanas e nos meses seguintes Cat levou Ryan para vários médicos em busca de respostas. Havia grandes filas de espera – seis semanas até que ele concluísse a avaliação inicial – e eu me lembro de ter aguardado no consultório pelas palavras que não queria ouvir.

– Apesar de estar com 30 meses, Ryan tem o desenvolvimento de uma criança de 14. Também existem outros problemas. A falta de contato visual, por exemplo.

– O que você quer dizer?

– Acho que a chance de ele ter autismo é alta.

– Ele vai ficar bem?

– Eu não sei.

– Há algo que possamos fazer?

– Eu não sei.

– O que podemos fazer em casa?

– Eu não sei.

Nunca recebíamos respostas novas, e a cada avaliação os médicos nos recomendavam outro exame que também levaria seis semanas para ser concluído. Naquele meio-tempo, não conseguíamos pensar em mais nada.

Na segunda avaliação, quase no fim de abril – após três longos meses de preocupação – tivemos uma consulta com outro médico, que folheou os registros de Ryan antes de finalmente erguer os olhos para nós.

– Eu sinto muito – disse ele –, mas acho que talvez um erro tenha sido cometido. Não acreditamos que Ryan seja autista, embora ele tenha características relacionadas ao autismo.

– O que isso significa?

– Achamos que talvez ele tenha um transtorno global de desenvolvimento.

– Então ele vai ficar bem?

– Eu não sei.

– Há algo que possamos fazer?

– Eu não sei. Mas, por enquanto, sugiro que façam outro exame. Uma avaliação especializada de audição. Queremos nos certificar de que ele consegue ouvir corretamente.

Outro mês se passou. Mais uma rodada de preocupações. Outra avaliação. Outra consulta.

– Peço desculpas, mas acho que estávamos enganados. Não achamos que Ryan tenha transtorno global de desenvolvimento.

– O que ele tem?

– Ryan – disse o médico – é completamente surdo.

Olhamos para o médico.

– Então como ele se vira sempre que ligamos o ar-condicionado?

– Ah, ele faz isso? Bem, então vamos fazer outro exame.

Exames. Era só o que eles recomendavam.

Ele fez outro exame de audição, dessa vez para verificar o ouvido interno. Um mês depois falamos novamente com o médico.

– Vocês tinham razão – afirmou ele. – A audição de Ryan está boa.

– Então o que há de errado com ele?

– O problema é que seu filho tem um retardamento mental severo, com distúrbio de déficit de atenção.

– Ele não tem retardo – retruquei. – Ele é esperto e se lembra de tudo.

Sem saber o que fazer, eles nos recomendaram mais um exame.

Depois, na próxima consulta, reverteram o diagnóstico para autismo de novo, mas dessa vez classificaram o caso como moderado. E, na consulta seguinte, voltaram para o diagnóstico de transtorno global de desenvolvimento.

Em outras palavras, ninguém sabia o que havia de errado com o nosso filho. Ninguém conseguia nos dizer o que fazer nem se ele ficaria bem. Ninguém era capaz de nos dizer *nada*.

Minha esposa enfrentou os desafios diários com muito mais intensidade que eu. Ela levava Ryan de um exame a outro enquanto eu trabalhava durante o dia; à noite ela cuidava das crianças enquanto eu escrevia. Mas no meu tempo livre comecei a ler sobre transtornos de desenvolvimento infantil. Li um livro atrás do outro, e alguns meses depois eu já tinha lido quarenta volumes – tratando de todos os transtornos possíveis –, além de algumas centenas de artigos clínicos sobre diversos tratamentos. Foi o meu jeito de tentar aguentar, de lidar com o desconhecido, de buscar uma forma de compreender o meu filho. Queria encontrar algo que pudesse nos dar respostas.

No final de agosto Ryan estava prestes a completar 3 anos. Sua última avaliação não havia mostrado quase nenhum progresso. Agora, em vez de apresentar o desenvolvimento esperado para uma criança de 14 meses, ele mostrava o esperado para uma criança de 15.

Depois de oito meses correndo de um médico para outro, fazendo vários exames e avaliações, Ryan estava ainda mais atrasado para a sua idade do que quando descobrimos que ele tinha um problema. E ele continuava mudo.

Apesar da preocupação incessante, continuei vendendo produtos farmacêuticos e no verão comecei a escrever outro livro. Trabalhando à noite – e tendo como inspiração meu pai e a batalha dele contra o luto –, comecei a escrever *Uma carta de amor*. O esforço serviu como uma espécie de fuga, pois eu só conseguia deixar de pensar em Ryan quando escrevia.

Micah e eu nos falávamos bastante durante os primeiros meses de 1996. Era com ele que eu conversava sobre os meus medos, e meu irmão sempre me ouvia. Ao mesmo tempo, Micah seguia adiante com a própria vida. Em abril de 1996 ele me ligou para dizer que tinha desistido do emprego no setor imobiliário.

– Estou pensando em comprar um negócio – disse ele ao telefone.

– Que tipo de negócio?

– Uma fábrica de armários para garagem e closets e mobiliário para quem trabalha em casa.

– O que você sabe sobre isso?

– Nada. Mas o dono disse que vai me treinar.

– Que bom!

– Só tem uma coisa.

– O quê?

– Você pode me emprestar uma grana? Pago de volta daqui a alguns meses.

Depois de ouvir a quantia, eu hesitei apenas por um instante.

– Claro – respondi.

– Obrigado. – Então, com uma voz mais baixa, ele perguntou: – Como está Ryan?

De todos os membros da família, Micah era o único que nunca se esquecia de perguntar sobre Ryan.

A primeira metade de 1996 também trouxe duas coisas positivas. Dana teve outro excelente resultado da tomografia e parecia perfeitamente saudável. Apesar do cansaço – gêmeos de 2 anos causavam esse efeito –, ela conseguiu manter o bom humor e era raro conversarmos sobre sua saúde.

E meu pai também começou a melhorar. Ele falava menos sobre Flame e contava mais sobre a mulher que estava namorando. Também falou sobre o trabalho – a única área da vida em que ele continuou agindo normalmente – e, com a chegada do verão, ele até mesmo passou a dar ouvidos quando eu pedia que ele voltasse a conversar com sua família.

– Eles estão com saudades de você – falei. – Estão preocupados.

– Eu sei – admitiu ele. – Vou falar com eles de novo. Só preciso estar pronto antes.

Acho que a hesitação do meu pai tinha menos a ver com a raiva do que com o medo de como eles reagiriam à tentativa de reconciliação. Mas no fim das contas ele deixou de lado quaisquer medos que pudesse ter e ligou para o irmão. Posteriormente eu ouviria do meu tio Monty que meu pai tinha falado bastante, até mesmo divagado um pouco, mas depois do telefonema meu tio chorara. Ele amava e sentia falta do meu pai, e o som da voz de seu irmão – mesmo que a ligação tenha sido mais um discurso do que uma conversa – era algo que ele ansiava por ouvir. Foi uma medida que o meu pai precisava tomar não apenas pelo irmão, mas também pelo próprio bem. Eles começaram a se falar cada vez mais ao longo do verão.

Depois de ficar sabendo o que ele fizera eu disse ao meu pai que estava orgulhoso dele, e pela primeira vez na vida ele pareceu tocado pelas minhas palavras.

– Eu amo você, pai – sussurrei.

– Eu também amo você.

Algumas semanas depois meu pai ligou para contar outra novidade:

– Eu vou me casar.

– Você vai gostar dela, Nick – disse Micah telefone.

Eu telefonei para perguntar sobre a mulher com quem meu pai pretendia se casar. Micah a conhecia, mas eu nunca a vira.

– E ela vai ser boa para o papai – completou.

– Ele parece mais feliz – comentei.

– Acho que está. Ele até foi ver a Dana e os gêmeos no fim de semana passado.

– Isso é bom – concordei. Fiz uma pausa. – Já faz sete longos anos desde que mamãe morreu.

– Sim. Coitado. Eu estava começando a me perguntar se algum dia ele ficaria bem. Você soube que ele ligou para o tio Monty?

– Sim – respondi. – Fiquei contente. Ele precisa da família, sempre precisou. Como está indo o seu negócio?

– Está difícil. Tenho trabalhado dia e noite, mas está valendo a pena. As vendas têm aumentado mês a mês.

– Parabéns! – falei.

Micah ficou quieto por um instante antes de continuar:

– Tem mais uma coisa.

– O quê?

– Acho que eu finalmente encontrei a minha Cathy. Mas o nome dela é Christine.

– Sério? Isso é ótimo!

– Nick, você vai amá-la.

– Parece bem sério.

– É sério – disse Micah.

– Sim, mas ela é para casar mesmo ou você está dizendo da boca para fora? – debochei.

– Rá, rá.

Ergui as sobrancelhas. Se meu irmão não fazia piadas sobre o assunto, percebi que sabia a resposta para aquela pergunta.

– Que bom para você! – falei. – Mal posso esperar para conhecê-la.

Dois dias depois de meu pai ter comunicado que estava noivo – e um mês antes da publicação de *Diário de uma paixão* –, a equipe do programa *48 horas*, da CBS, chegou à nossa casa.

Um dos produtores, Andrew Cohen, lera o manuscrito do livro no começo do verão e decidiu fazer um episódio chamado "A produção de um best-seller". Além de me filmar, eles também tinham passado todo o verão gravando na Warner Books, acompanhando as reuniões de marketing, conduzindo entrevistas com Larry Kirshbaum, o CEO da empresa, Maureen Egen, a presidente, e Jamie Raab, minha editora, além de filmar um clube do livro (composto por pessoas desconhecidas) que discutira a obra.

Eles apareceram em casa numa quinta-feira. Dois dias depois eu pegaria um avião para Los Angeles para o jantar da Southern California Booksellers Association (Associação de livreiros do sul da Califórnia). Aquele seria o primeiro evento promocional da minha carreira, e, como era de se imaginar, eu estava uma pilha de nervos.

O produtor e sua equipe chegaram no começo da manhã e me acompanharam pelo resto do dia. A equipe me filmou em casa e no trabalho, e o apresentador Erin Moriarty fez uma série de perguntas sobre o processo de

escrita e se o livro seria ou não um sucesso. Erin e Andrew foram embora no começo da noite e voltaram a Nova York, mas a equipe de filmagem ficou na minha casa para me acompanhar enquanto eu trabalhava no novo livro. Por volta das nove da noite, quando eu estava encarando a tela e digitando para a câmera, Cat entrou no escritório com o telefone na mão.

– É Micah – disse ela.

– Você pode falar que eu ligo de volta daqui a meia hora?

– Ele precisa conversar com você agora. É importante.

– O que é?

– Não sei, mas ele parece chateado.

Peguei o telefone e senti as câmeras se voltando para mim.

– Oi, Micah. Tudo bem? – perguntei.

– É o papai – respondeu meu irmão, com uma voz baixa e aturdida.

– O que houve?

– Recebi uma ligação da delegacia perto de Reno. Ele sofreu um acidente de carro. Acabei de falar com alguém do hospital para onde ele foi levado.

Ouvi Micah respirando fundo. Sabia que não deveria dizer nada. Podia ouvir as câmeras do *48 horas* zumbindo atrás de mim.

– Ele está morto, Nicky.

– Quem? – perguntei, já sabendo a resposta.

– Papai. Ele morreu há uma hora.

Fiquei paralisado. Meus olhos se encheram de lágrimas e no mesmo instante Micah começou a chorar.

– Dana e eu estamos indo vê-lo agora – acrescentou ele. – Acabei de ligar para ela e vou buscá-la no caminho. Sei que papai se foi, mas nós precisamos vê-lo.

– Ah... Micah...

– Eu sei. Preciso ir...

Desliguei o telefone. Cat não tinha tirado os olhos de mim.

– O que houve? – perguntou ela.

Contei-lhe a notícia. Minha esposa começou a chorar e me abraçou. Atrás de nós, a câmera finalmente foi desligada. Percebi que eles filmaram tudo, mas a equipe foi sensível o bastante para ir embora em silêncio.

Passei a maior parte da noite acordado, conversando e chorando com Cat. Micah ligou em algum momento para dizer que ele e Dana tinham chegado ao hospital e visto o corpo do nosso pai.

– Não consigo acreditar que papai tenha morrido – disse Micah. Ele estava em choque. – Tínhamos conversado ontem à noite. Agora nunca mais vou poder falar com ele.

– Como está Dana? – perguntei.

– Muito mal. Ela não parou de chorar desde que chegamos aqui, mas vamos embora daqui a pouco. Quero dizer... Eu não sei o que mais podemos fazer.

– Queria estar com vocês agora.

– Eu queria que você estivesse aqui. – Micah fez uma pausa. – Quando você vem?

– Não sei. Assim que puder. Tenho que ir para um jantar na Califórnia nesse fim de semana, mas vou cancelar... Meu Deus, ainda não consigo acreditar.

– É surreal, né?

Então começamos a chorar de novo.

Micah ligou de novo pela manhã. Quando falamos sobre o nosso pai ele ficou em silêncio.

– Nick, eu andei pensando sobre a turnê de divulgação do seu livro.

– Eu também.

– Você ainda vai sair em turnê, né?

– Acho que não. Como eu poderia?

– Você tem que ir – insistiu ele, com a voz séria.

– Parece errado...

– Papai ficou orgulhoso de você. Ele seria o primeiro a insistir para que você fosse. Ele sabia como essa turnê é importante. É o seu primeiro livro. Pode ser sua única chance.

– Mas... eu não sei se consigo.

– Você consegue, Nick. E vai fazer isso. Eu sei que você amava o papai e ele também sabia disso. Ele também amava você. Mas agora você tem que pensar na sua família. Nossos pais iriam querer que você fosse.

Depois de desligar pensei no que Micah dissera. Ele estava certo e errado ao mesmo tempo, decidi. Compreendi o seu argumento, mas aquilo também me

parecia... insensível. Era como tentar escolher entre os meus sonhos para o futuro e o respeito pelo meu pai. Se eu ficasse em casa, será que teria outra chance? E aquilo importava?

Mas e se eu decidisse ir? Caso alguém me perguntasse se eu estava gostando da turnê, ou se estava empolgado com o que estava acontecendo, o que eu poderia dizer?

Não havia resposta fácil para essa pergunta.

Discuti a questão com Cat, Dana, Micah de novo e também com os meus parentes. Conversei com a agente, com a pessoa encarregada pela publicidade e com a editora – todos disseram que eu poderia cancelar a turnê se quisesse. No fim, com relutância, decidi ir. Mas a culpa foi enorme. Não consegui deixar de sentir que estava desrespeitando a memória do meu pai.

Andrew Cohen, o produtor, ligou pouco tempo depois. Ele estava chocado e ofereceu seus pêsames. Eu pedi que a parte da gravação envolvendo a morte do meu pai não fosse exibida. Sabíamos que o programa teria mais audiência com aquele trecho – é o que indica o atual estado da televisão –, e Andrew nem hesitou, prometendo se desfazer da gravação. Apesar da angústia que eu estava sentindo, fui lembrado mais uma vez da bondade das pessoas.

Voei para a Califórnia com o estômago embrulhado e, de alguma forma, consegui ir ao jantar. A única coisa que consigo lembrar em relação àquela noite é a sensação de distanciamento, como se eu estivesse vendo tudo pelos olhos de outra pessoa. As pessoas perguntaram sobre o livro e eu respondi no piloto automático, dizendo tudo o que deveria. Mas enquanto falava eu só conseguia pensar no meu pai, em como aquela situação parecia errada e na ansiedade de ver os meus irmãos.

Depois do jantar passei uma semana em Sacramento com meus irmãos. Micah e eu ficamos na casa dos nossos pais, que de repente parecia abandonada. Mas, ao mesmo tempo, era como se nada tivesse mudado. Havia uma xícara de café no balcão da cozinha e leite fresco na geladeira. As cartas continuaram chegando e Micah as empilhou na mesa. A grama fora cortada recentemente. Era fácil imaginar que o meu pai chegaria de carro a qualquer momento ou até mesmo que minha mãe estava preparando algo na cozinha. As lembranças dos dois eram

vívidas, e enquanto Micah e eu íamos de um cômodo para outro não conseguíamos pensar em nada para dizer.

Eu estava exausto. Primeiro minha mãe. Depois minha irmã. Meu pai. Meu filho. Era muita coisa para digerir em tão pouco tempo. Micah estava tão abatido quanto eu.

Fizemos os preparativos para o funeral. Parentes começaram a chegar de avião. Todos estavam em choque, e tio Monty não conseguia parar de chorar. Nós também não conseguíamos.

Meu pai foi enterrado ao lado da minha mãe, e as mesmas pessoas que haviam comparecido sete anos atrás para o funeral dela também vieram para o dele. Meu tio Jack discursou em frente ao túmulo do meu pai e fez a elegia mais bonita que eu já ouvi. O distanciamento tinha magoado a maioria dos nossos parentes, mas eles o amavam. Cat e eu ficamos de mãos dadas durante a cerimônia, assim como Bob e Dana, e também Micah e Christine.

Meu pai foi um bom homem, foi isso que eu pensei enquanto estava no funeral. Um homem gentil. Mas a morte da minha mãe o abalou, assim como a doença de Dana. Ele passara os últimos sete anos de sua vida lutando contra a tristeza num mundo que ele não reconhecia mais. Sim, às vezes ficava bravo, até mesmo amargo. Mas ele era o meu pai e tinha ajudado a nos criar. Não só o respeito por isso, como também o amo pelo que fez. Ele nos estimulou a ser independentes, nos mostrou o valor da educação e nos ensinou a ser curiosos em relação ao mundo. Mais importante ainda, ajudou os três filhos a se aproximarem como irmãos, o que, para mim, foi a melhor dádiva de todas. Eu não poderia ter pedido um pai melhor. Quem poderia?

Mais tarde Micah, Dana e eu ficamos juntos ao redor do caixão, abraçados, num último adeus. Já sentíamos falta dele. Com o sol batendo forte, nos sentíamos unidos e solitários ao mesmo tempo, como irmãos órfãos costumam ser.

Depois do funeral Cat e eu ficamos na Califórnia por mais alguns dias. Miles já tinha idade para compreender o que havia acontecido. Ryan ainda parecia não entender nada.

Ao longo do ano minha esposa e eu passamos a nos apoiar mais no que dizia respeito à condição de Ryan. Em nossa opinião, apenas nós realmente

entendíamos como o ano tinha sido desafiador, e naquelas primeiras batalhas dividimos as pessoas em dois grupos: boas e más. Aquelas que eram gentis com Ryan e aquelas que o ignoravam.

Não tínhamos nenhuma ilusão de que ele era como as outras crianças. Ryan não ria muito, não olhava para as pessoas quando elas falavam e não compreendia o que lhe diziam. Mas o que mais queríamos era que ele fosse aceito como era.

Ryan era um garoto doce. Gentil. E, com paciência e esforço, era possível que a atividade de brincar com ele fosse divertida. Mas ninguém além de mim e de Cathy se esforçou a esse ponto. Ao contrário de Miles, Ryan não tinha amigos. Ao contrário de Miles, os filhos dos nossos vizinhos não queriam brincar com ele. Ao contrário de Miles, Ryan nunca era convidado para festas de aniversário. E, ao contrário de Miles, ninguém nunca tentava conversar com ele. Infelizmente, os adultos agiam da mesma forma. Em geral costumavam ignorá-lo ou, pior, levavam a falta de interação de Ryan para o lado pessoal.

– Ele não gosta de mim – diziam os vizinhos.

Até parentes o ignoraram – acrescentando mais estresse a uma semana já estressante –, e Cat e eu tínhamos que morder a língua para não gritar: "Vocês precisam tentar!"

O que queríamos dizer era: "Por favor, alguém precisa tentar. Nós o amamos tanto e vocês não têm ideia de como estamos apavorados por ele."

Mas eu e Cat não compartilhamos isso com ninguém enquanto continuamos a dividir o mundo em grupos. Estávamos cuidando dos problemas de Ryan sozinhos e continuaríamos a fazê-lo. Não queríamos que as pessoas sentissem pena dele ou de nós. Queríamos que elas amassem Ryan tanto quanto nós. Mesmo se houvesse algo errado com ele.

Dois dias depois do funeral, Cat e eu saímos para fazer compras. Micah tinha se oferecido para ficar com Miles e Ryan, e quando saímos ele estava às voltas com a papelada interminável do escritório do meu pai. Mas quando voltamos ele não estava mais na escrivaninha.

Micah estava brincando de luta com Ryan na sala, e, não só isso, Ryan estava rindo.

Rindo.

O som era inacreditável, parecia vir do próprio paraíso e não podia ser menos jubiloso. Cat e eu paramos e encaramos a cena.

– Ah, oi, pessoal – disse Micah, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo. – A gente só estava brincando um pouco.

Micah não precisava saber o que esse pequeno gesto significou para mim e para Cat. Ele já sabia.

Minha turnê durou quase três meses. Cat ficou sozinha com as crianças, ainda levando Ryan de um médico para outro, e o grande estresse daquele ano estava começando a refletir no nosso relacionamento.

Não foi um episódio qualquer que causou a tensão. Em grande parte tinha a ver com o fato de o nosso casamento enfrentar crise após crise desde que saímos do altar. Nosso casamento se resumia mais à tentativa de vencer uma versão distorcida de um teste de resistência do que a um estado permanente de felicidade, e essas emoções precisavam se manifestar de alguma forma. No meu caso elas fluíram para Cat e vice-versa. Já tínhamos desafios imensos, e os problemas de Ryan atingiram o limite.

Embora eu me preocupasse muito com ele, minhas apreensões em relação a Ryan nem se comparavam às da minha esposa. Acho que isso tem a ver com a maternidade. É uma resposta quase instintiva; ela havia carregado Ryan em seu útero, o amamentara quando bebê e, enquanto eu trabalhava, ela cuidara dele todos os dias.

Às vésperas do Natal parecíamos incapazes de apreciar a companhia um do outro. Também começamos a discutir mais. Eu sabia que minha esposa não só merecia um descanso, ela *precisava* de um descanso – Cat passou três meses cuidando das crianças sozinha enquanto eu fazia a turnê –, e o meu presente de Natal foi uma viagem ao Havaí. Ela passaria uma semana com uma amiga e eu ficaria em casa com as crianças.

Embora isso possa parecer estranho para alguns – se tínhamos dificuldades no relacionamento, por que não me ofereci para ir com ela? –, a resposta é simples: alguém precisava ficar em casa para tomar conta do Ryan. Não havia nenhum parente por perto para ajudar, nenhum vizinho disposto a colaborar, ninguém, na verdade, em quem pudéssemos confiar para passar uma semana

com ele. Se a minha esposa ia usar aquela viagem para relaxar, eu tinha que ficar em casa. E foi isso que eu fiz.

Mas enquanto ela viajava nós tivemos uma briga pelo telefone. Trocamos palavras impensadas – nenhum dos dois andava tratando bem o outro – e acusações aos berros. Finalmente Cat ganhou de mim no grito.

– Olhe só! – exclamou ela com os dentes cerrados. – Eu sei que o seu ano foi difícil. Mas você quer saber como foi o meu? – Ela fez uma pausa para tomar fôlego. – Eu acordo todos os dias e penso no Ryan. E eu olho para meu filho lindo, um filho que eu amo mais do que a própria vida, e me pergunto se algum dia ele vai ter um amigo. Eu me pergunto se ele vai falar, se vai poder frequentar a escola ou brincar como as outras crianças. Eu me pergunto se ele vai ter uma namorada, dirigir um carro ou ir ao baile de formatura. E me pergunto se ele vai se casar. E passo o dia todo o levando de um médico para outro e ninguém consegue dizer o que há de errado e o que devemos fazer. Daqui a pouco ele vai fazer 4 anos e eu nem sei se ele me ama. Penso nisso quando acordo, penso nisso o dia inteiro e penso nisso quando vou dormir. Eu acordo chorando no meio da noite por causa disso. – A voz dela estava começando a ceder. – Meu ano foi assim.

Quando ela terminou, eu não sabia o que dizer. Sim, eu estava preocupado com o nosso filho. Mas – e me dói admitir isto – não como ela. Eu dividia meus anseios entre Ryan e meu pai, Dana e meu livro enquanto minha esposa havia focado tudo em nosso filho. Ele se tornara tudo para Cat.

Foi a primeira vez que percebi o nível do desespero que minha esposa enfrentava, e pensar na discussão que eu tinha começado fez com que eu me sentisse enojado.

– Desculpe – falei, com a voz baixa. – Eu não sabia que você se sentia assim.

Cat só fungou do outro lado da linha.

– Querida? – sussurrei.

– O quê?

– Uma vez eu fiz uma promessa de amar você para sempre e agora vou fazer outra. Eu prometo, juro pelo meu coração e pela minha alma, que vou curar o nosso filho.

No dia seguinte, enquanto Miles estava na casa do vizinho, fui ao WalMart e comprei uma mesa e cadeiras infantis. Comprei aquele conjunto específico pela

simples razão de que o assento tinha um cinto de segurança que poderia ser usado para segurar meu filho. Então, com base em toda a literatura que eu havia explorado no ano anterior, coloquei Ryan na cadeira, prendi o cinto, abri um livro e apontei para a imagem de uma maçã enquanto mostrava um doce como recompensa. Eu disse a palavra em voz alta: "Maçã." Então a repeti. De novo. E de novo.

Maçã. Maçã. Maçã. Maçã. Maçã. Eu repetia a palavra e desejava que meu filho falasse. Acho que nunca quis tanto uma coisa. Eu me concentrei, aumentei o foco, meu mundo inteiro se resumia ao meu filho e à sua habilidade de dizer essa única palavra.

Ryan ficou entediado em poucos minutos. Então ele começou a ficar agitado e inquieto. Algum tempo depois, começou a chorar, tentando sair da cadeira. Em seguida ficou bravo. Furiosamente bravo. Ele gritava e apertava os punhos. Ryan tentou arrancar o cabelo e tirar a pele dos braços. Rosnou e berrou como se estivesse possuído.

E eu segurava as mãos dele, mantendo-as contra a mesa para que ele não se machucasse, e dizia:

– Maçã. Maçã. Maçã.

Falava várias vezes. Ele gritava e gritava e gritava. E eu continuei repetindo. E ele gritava e gritava.

Depois de duas horas ele conseguiu dizer "A".

Depois de quatro horas disse "Ma".

E, depois de seis horas – *seis horas* de choro raivoso, frustrado e de partir o coração –, meu filho disse numa vozinha sussurrada: "Maã."

Maçã.

Por um longo tempo só consegui olhar para ele. Foi tanto tempo, tão exaustivo, que de início não acreditei que ele tivesse realmente conseguido. Pensei que tinha ouvido errado e disse a palavra de novo. Ele a repetiu e, quando o fez, eu pulei da cadeira e comecei a dançar pela sala toda, pulando de alegria. Fui até Ryan e o abracei. Apesar de não corresponder à minha afeição, ele falou a palavra de novo.

Foi aí que eu comecei a chorar.

Ouvir o som de sua voz, sua *voz* – nada de gritos, grunhidos ou berros – era deslumbrante. Era um som angelical, doce como uma melodia. E, mais do que

isso, subitamente eu sabia que Ryan era capaz de aprender. E foi então que eu compreendi que naquele tempo todo esse tinha sido meu maior medo. Cat e eu tínhamos passado mais de um ano nos perguntando o que poderíamos fazer por Ryan e se ele ficaria bem, mas só por ter conseguido pronunciar essa única palavra eu soube que meu filho poderia ficar bem.

Essa palavra me deu esperança. Até aquele momento eu não tinha me dado conta de que a havia perdido.

Não tive nenhuma ilusão de que trabalhar com Ryan seria fácil, ou de que ele melhoraria logo de cara. Sabia que o caminho seria longo e frustrante, mas ele era o meu filho.

Meu filho podia aprender.

Eu soube então que percorreria cada passo ao lado dele, não importava quanto tempo levasse. Segurando o rostinho dele entre as mãos, e mesmo sabendo que ele não iria entender, eu sussurrei:

– Você e eu vamos fazer isso juntos, ok? E não vou desistir, então você também não pode desistir. E você vai ficar bem.

No dia seguinte trabalhei com Ryan por mais seis horas, e naquela noite liguei para minha esposa no Havaí. Pedi desculpas de novo pela discussão que tivemos, então coloquei Miles ao telefone para que ele pudesse conversar com a mãe. Quando peguei o telefone de novo, falei num tom descontraído:

– Aliás, Ryan tem algo para lhe dizer.

Coloquei o fone na frente da boca de Ryan, estendi um pedaço de doce e sinalizei com os lábios as palavras que queria que ele dissesse. As palavras que tínhamos passado o dia inteiro praticando. E, no fone, ele disse:

– Eu amo você.

"Eu amo você". Essas foram as primeiras palavras que Cat o ouviu dizer.

Naquela noite decidi pedir demissão do emprego de representante farmacêutico, sabendo que continuaria com duas ocupações. Além de escrever meus livros, eu passaria os três anos seguintes trabalhando com Ryan três horas por dia, sete dias por semana. E no final eu lhe ensinaria a falar, uma palavra lenta e suada de cada vez.

Não foi fácil. Ryan não melhorou de repente, e o processo foi terrivelmente frustrante. Não eram dois passos para a frente e um para trás, era algo como

meio passo para a frente, aí de volta até quase o começo, depois alguns tropeços para os lados, voltar para antes do começo e finalmente uma pequena melhoria. Alguns meses depois Ryan repetia as palavras de forma mecânica. Ele conseguia dizer praticamente qualquer coisa, mas não tinha ideia do que as palavras significavam ou para que eram usadas. Eram apenas sons que lhe garantiam doces. Levaria meses e meses de esforço para que ele enfim compreendesse que "maçã" se referia à fruta.

Também havia questões comportamentais. Falta de contato visual. Habilidades motoras fracas. Fobia de comida. Uso do banheiro. Cat e eu trabalhamos todas essas áreas com ele. Por exemplo, Ryan tinha pavor de ir ao banheiro. Para ensiná-lo a usar o vaso sanitário eu tive que tirar as roupas dele, fazê-lo tomar vários copos de suco e literalmente ficar sentado com ele no banheiro, pedindo que ele fizesse isso apesar de seus medos. Por oito horas seguidas.

Enquanto o trabalho estruturado com Ryan durava três horas diárias, eu não queria que suas únicas experiências comigo fossem de lutas e desafios. Por isso, meu tempo com ele não foi limitado a ensinar e aprender; eu tentava passar pelo menos uma hora por dia fazendo as vontades dele. Brincávamos no trepa-trepa, caminhávamos, pintávamos – tudo o que o deixasse feliz.

Mas, ao mesmo tempo, eu nunca esqueci que também tinha outro filho. Lembrei que, quando criança, eu acreditava que atenção era igual a amor, e não queria que Miles crescesse se sentindo rejeitado como acontecera comigo. Então também passava horas com ele, fazendo o que ele quisesse. Andávamos de bicicleta e jogávamos bola, fui o treinador dos seus times de futebol e chegamos até a fazer tae kwon do juntos.

Meus filhos haviam verdadeiramente se tornado minha outra vocação.

Em maio de 1997 voltamos para New Bern e começamos a reformar a casa na qual vivemos hoje. Foi um projeto de construção bem complexo que levou meses, mas, àquela altura, mudar de casa e reformá-la – com todo o estresse associado – parecia quase simples.

Cat e eu continuamos trabalhando com Ryan, e em agosto eu terminei meu segundo livro: *Uma carta de amor*. No mesmo mês Dana me ligou para dizer que

ela e Bob iriam se casar. Pouco tempo depois Micah e Christine também ficaram noivos e agendaram o casamento para o verão seguinte. O negócio de Micah continuou crescendo e ele já tinha até aberto uma segunda empresa, voltada para a fabricação de televisores e aparelhos de som.

Dana começou a ter dores de cabeça de novo – ela já sofria de enxaquecas bem antes de ter sido diagnosticada –, mas suas tomografias continuavam limpas. Quase cinco anos haviam se passado desde a cirurgia, então tecnicamente minha irmã estava em remissão. Dana e Bob se casaram numa linda cerimônia no Havaí. Por um momento, um breve momento, tudo ia bem na vida dela. Tinha a vida com que sempre sonhara: era casada, tinha filhos e até cavalos que mantinha no rancho.

Então, durante a lua de mel, Dana sofreu outra convulsão repentina. E, quando retornou, a tomografia mostrou algo que não mostrava havia anos.

Seu tumor no cérebro voltara a crescer.

Capítulo 16



Valeta, Malta
11-12 de fevereiro

Nos últimos quatro dias – desde a manhã anterior à nossa viagem para Agra – passamos um total de cinco horas visitando o Taj Mahal e Lalibela. Em comparação, nosso tempo de voo foi de quase dez horas, um tempo duas vezes maior.

Por causa dessa diminuição do ritmo – e da extensão de nossas viagens até aquele ponto – Micah e eu ficamos letárgicos quando aterrissamos. Mas Malta, com seu sabor e clima europeu, imediatamente nos energizou.

A ilha era linda, com penhascos rochosos brancos descendo até o azul do Mediterrâneo. O tempo estava bom e o céu, limpo. Foi nossa primeira parada em

um lugar com uma temperatura mais amena, e depois de vestirmos os casacos entramos nos ônibus e seguimos para os vários pontos da visita.

Por causa do número de pessoas fomos divididos em três grupos: o nosso seguiria primeiro para o hipogeu, um templo subterrâneo descoberto em 1902, encontrado com os restos mortais de 6 a 7 mil corpos. O local é um labirinto composto por câmaras construídas em três andares que descem até mais de 12 metros de profundidade. A construção, que remontava a quase 3.600 a.C., é mais antiga do que as pirâmides e Stonehenge. Na verdade é a estrutura mais antiga desse tipo no mundo, feita de pedra calcária com as ferramentas mais simples: osso e pedras.

Aliado às ruínas em outras partes de Malta que visitaríamos – os templos de Tarxien, a estátua ereta mais antiga de uma deidade e também os templos megalíticos, as construções de rochas mais antigas já descobertas –, temos a representação de uma das primeiras civilizações avançadas. E ninguém sabe quem eram essas pessoas, de onde elas vieram, o que acontecera com elas nem para onde tinham ido. A civilização havia desaparecido tão misteriosamente quanto surgira.

Apesar da história fascinante acerca dos habitantes perdidos, Micah estava mais interessado no país em si. Ao passarmos por ruas pavimentadas onde todos obedeciam às leis de trânsito (o que já tinha começado a parecer estranho), eu o vi sorrindo.

– Sabe o que isso me lembra? – perguntou Micah.

– O quê?

– Minha viagem à Itália. Logo depois de me formar na faculdade, quando Tracy e eu andamos de bicicleta pela cidade. Era parecido. Bem, algumas partes eram. A viagem foi o máximo.

– Nossa, sério? – fingi estar surpreso. – Explorar, conhecer pessoas novas, se divertir? Isso não parece o tipo de coisa que você faz.

Ele sorriu, sem dúvida pensando nos dias da Gangue da Missão.

– Eu já contei o que aconteceu assim que chegamos à Europa?

Balancei a cabeça negativamente.

– Bem, Tracy e eu fomos de avião até Madri. Nossas milhas grátis eram de companhias diferentes, então não pegamos o mesmo voo. Era para os dois aviões aterrissarem ao mesmo tempo, mas, quando eu cheguei ao portão dele para

encontrá-lo, ele não estava no avião. E Tracy estava com tudo na mala: o guia da viagem, as instruções para chegar aos lugares, os mapas, até as ferramentas de que eu precisava para montar minha bicicleta. Então lá estava eu num país estrangeiro. Ninguém falava inglês, eu não conseguia entender nenhuma das placas e não tinha a menor ideia de como descobrir por que Tracy ainda não tinha chegado. Nem sabia onde a cidade ficava em relação ao aeroporto.

– O que você fez? – perguntei.

– Finalmente encontrei um cara que falava inglês e ele me ajudou. Descobri que Tracy havia se atrasado, perdido o voo e chegaria no dia seguinte. Mas eu ainda não tinha para onde ir e naquela época nem possuía cartão de crédito. Consegui encontrar dois mecânicos que me ajudaram a montar a bicicleta e, quando apontaram a direção da cidade, comecei a pedalar. Levei uma hora para chegar ao Centro e ainda não sabia onde ia dormir. Então encontrei um Hard Rock Café, onde imaginei que pelo menos encontraria algo em inglês, e entrei para comer alguma coisa. Depois daquilo as coisas ficaram um pouco mais fáceis.

– Por quê? – perguntei.

Ele deu de ombros.

– Perguntei se garçonete queria sair naquela noite. Então tive um encontro.

Pouco tempo depois Micah se virou na minha direção. Ele estava filmando o caminho, e até o fim da viagem teria seis horas de vídeo a que acabaria nunca assistindo. Mas a impressão que dava era de que Micah estava gravando um documentário.

– Ei, Nick, você já ouviu falar no hipogeu?

– Li a respeito – afirmei.

– Não é um tipo de tumba?

– Sim, mais ou menos. Mas é a mais antiga já descoberta. Por isso o lugar é especial.

Micah pareceu perdido em pensamentos.

– Sabe como eu quero tirar foto?

– Como? – indaguei.

– Deitado na tumba. Sabe... fingindo que eu estou morto. Não seria legal?

– Acho que seria meio mórbido – respondi.

Ele fez um gesto de desdém.

– Mórbido, legal, é tudo a mesma coisa.

Mas Micah não teve chance de conseguir tirar uma foto em meio à poeira e aos restos microscópicos de seres humanos que um dia foram enterrados no hipogeu.

O local era diferente de tudo o que já tínhamos visto. Para começar, ficava embaixo de uma construção que, por fora, parecia completamente comum. Poderia ter sido um restaurante, uma loja, uma casa – assim como as construções ao seu redor. Apenas sabíamos que era um museu por causa das palavras grafadas nas portas de vidro.

Lá dentro fomos recebidos por um guia *muito* sério, que nos explicou como seria a visita. Para prevenir a decomposição por exposição ao tempo, o hipogeu fica selado. Nós deveríamos descer os degraus e tomar cuidado para não bater com a cabeça. No caminho seria indicado onde os restos mortais foram descobertos. Antes de começar veríamos um curta-metragem sobre o hipogeu. Havia passeios a cada hora, então era imprescindível que o grupo ficasse unido e se movesse rapidamente. Deveríamos tentar não interromper o guia, pois não havia tempo suficiente para tirar dúvidas. Era proibido fotografar, e se alguém tentasse usar a câmera, ela seria confiscada.

– Esse sujeito parece um guarda de prisão – sussurrou Micah. – Ele nem sorri.

– Quem? O senhor Alegre? – perguntei.

– Acho que ele está nos avaliando, tentando descobrir quem vai seguir as regras e quem não vai.

– Acho que ele já sabe como você é. Fica olhando para você toda hora.

– É, eu reparei. Para um cara tão alegre, ele é bem perceptivo.

Fomos conduzidos para a sala de controle climatizada, computadorizada e monitorada, onde deveríamos nos sentar e assistir ao filme. A questão não estava aberta para debate. Era obrigatório assistir ao filme. O guia estava marcando presença.

Basicamente, o que aprendemos nos quinze minutos seguintes foi: quase nada. Ninguém sabe quem construiu o hipogeu nem por quê. Ninguém sabe o que aconteceu com quem quer que o tenha construído ou de onde aquelas

pessoas tinham vindo originalmente. Ninguém sabe por que tem aquela forma nem como era a civilização. A única coisa que sabem é que o hipogeu foi construído bem antes das pirâmides.

As luzes foram acesas.

– Por aqui, por favor – instruiu o guia. – Venham. Vamos começar a visita dentro de um minuto. Vocês não têm muito tempo, então tentem ficar juntos. Não façam muitas perguntas, isso só vai nos atrasar.

Depois das instruções, fomos conduzidos para dentro do hipogeu. Era basicamente uma caverna e não podíamos tocar em nada. Caminhamos sobre uma rampa construída 15 centímetros acima do chão, abaixamos a cabeça quando necessário e ouvimos o guia falar sem parar por quarenta minutos. E o que aprendemos foi: quase nada.

Apesar de tudo, passear pelas ruínas mais antigas conhecidas pelo homem foi uma experiência inesquecível. E a atitude do grupo só fez aumentar o senso de importância, pois o guia tinha intimidado a todos. É meio esquisito se ver numa caverna com vinte pessoas – já éramos amigos àquela altura – e não ouvir nem um pio. Esse foi o momento mais silencioso da viagem.

De lá fomos para os templos de Tarxien, no centro da cidade. Mas dessa vez não fomos levados para uma construção, e sim para um pequeno terreno desocupado com algumas pedras grandes espalhadas ao redor. Não era nenhum Machu Picchu.

– É isso? – perguntou Micah.

– Ah, não é tão ruim. Pelo menos agora você pode filmar.

– Não há nada para filmar. Isso parece... entediante. Quanto tempo vamos ficar aqui?

– Acho que uma hora.

– É muito tempo, considerando que ninguém sabe nada.

Ele tinha razão. Foi uma hora arrastada, apesar de estarmos com uma nova guia que pelo menos parecia satisfeita em nos ver. Todas as descrições começavam com "Há duas explicações que achamos razoáveis..." ou "Não temos certeza da utilidade disso...".

Também começamos a escutar a palavra *réplica*.

Por exemplo: “Essa é uma réplica do pilar, achamos que ele pode ter sido importante porque...”

Após alguns minutos e muitas réplicas, Micah levantou a mão.

– Você fica dizendo essa palavra *réplica* – observou Micah.

– Sim – confirmou a guia. – É uma réplica.

– Então quer dizer que não é a verdadeira?

– Não, o verdadeiro pilar está no museu. A maioria das partes verdadeiras foram levadas para museus fechados, para evitar que sofressem uma deterioração ainda maior – explicou ela.

– E aquelas coisas que você acabou de nos mostrar?

– Também eram réplicas. Mas foram construídas para se parecerem exatamente com as originais. – A guia irradiava orgulho. – Não é incrível?

– Quantas dessas ruínas são réplicas?

Ela fez um gesto abrangente.

– Quase tudo que vocês estão vendo. Mas dá para perceber o trabalho maravilhoso que eles fizeram. – A guia foi para um lado e continuou: – Por exemplo, há duas explicações sobre a função dessa parede que achamos razoáveis...

Logo Micah e eu perdemos o interesse. Não estávamos vendo as ruínas dos templos de Tarxien, eram... falsificações. Era como ir até o Louvre e ver uma foto da *Mona Lisa* em vez da própria pintura.

– Não consigo acreditar que nada seja verdadeiro – reclamou Micah, olhando em volta. – É como se estivéssemos em um set de filmagem.

– Exatamente. E, para ser sincero, nem daria um set muito bom.

Não havia nada agendado para aquela noite, então Micah e eu saímos para jantar. Escolhemos um restaurante próximo ao hotel que servia pizza e cerveja. Como sempre fazemos quando estamos juntos, acabamos relembrando os velhos tempos.

– Você se lembra de Blackie? – perguntou Micah.

– Aquele pássaro infernal? Como eu poderia esquecer? Ou a Menção Horrorosa...

Demos gargalhadas.

– E aquela vez que enchemos a Kombi com tantos livros que parecia que ela ia decolar...

– E quando fingimos que estávamos caindo do Grand Canyon...

Rimos ainda mais.

– E as guerras com as armas de pressão... Aquela vez que eu atirei em você por trás e a gente teve que tirar o chumbinho com uma faca de churrasco porque ele entrou muito fundo...

– Ou quando eu e Mark derrubamos aquela caixa de correio e os caras encheram a gente de porrada...

– Ou quando o vovô lavou a minha cabeça com a mangueira...

– E não se esqueça daqueles tratamentos infames com curativos...

Contamos as mesmas histórias de sempre, pois, por algum motivo, nunca nos cansamos delas. Rimos tão alto, encolhendo a barriga e batendo nos joelhos, que as pessoas nas outras mesas nos encaravam tentando entender o que era tão engraçado.

Mas é assim que funciona. Nossas histórias são engraçadas porque nós as vivemos e sobrevivemos a elas. Quanto pior fora o incidente do passado, mais engraçada a história ficava com o passar dos anos.

Depois de um tempo Micah ficou quieto. Seu rosto assumiu uma expressão contente, quase emotiva.

– Bons tempos – disse Micah.

– Os melhores – concordei.

Depois do jantar Micah e eu resolvemos tentar a sorte no cassino. Jogamos vinte e um (Micah ganhou e eu perdi), e apesar de o cassino ser bem menor e mais tranquilo que os de Reno ou de Las Vegas, tivemos a agradável surpresa de saber que uma banda se apresentaria naquela noite. Nosso crupiê garantiu que era boa e muito popular.

– Eles são locais. Tocam aqui há anos.

– Vai ser divertido, ouvir música maltesa. Não posso afirmar que já fiz isso antes – disse Micah.

– Ah – continuou o crupiê –, muitas pessoas virão hoje à noite para ouvir a banda. Vai ficar bem cheio aqui mais tarde e o pessoal vai dançar.

– Melhor ainda. – Micah sorriu.

Ouvimos a banda se preparando para tocar atrás de nós. Estávamos concentrados no jogo, então não nos viramos para olhar. Alguns minutos depois tocaram as primeiras notas. Era um som familiar, mas não identificamos logo de cara. Quando reconhecemos a música, o vocalista começou a cantar a letra de "Coward of the County".

Kenny Rogers? Nós nos viramos para ver e piscamos os olhos, incrédulos. Ali, num cassino chique em Malta, havia uma banda local vestida com chapéus de caubói cantando música country americana, com as botas batendo no ritmo. O público aplaudiu e cantou junto. Micah e eu nos encaramos e começamos a rir.

Pouco depois, trocamos um olhar de "Por que não?" e entramos no coro com o resto da plateia.

Quando achávamos que tínhamos compreendido a viagem, algo assim acontecia. Descobrimos que o mundo estava sempre pronto para nos surpreender. Nem em um milhão de anos eu teria me imaginado cantando uma música de Kenny Rogers com sotaque maltês.

De manhã visitamos Hagar Qim, outro conjunto de ruínas cheias de réplicas. Ficava ao lado de um penhasco e a vista era mais interessante do que as construções, até porque nada era verdadeiro. Mas o lugar era bom para tirar fotos.

De lá viajamos para ver duas das catedrais medievais mais importantes do país. Assim como as de Cusco, elas eram incríveis. Com tetos altos e arqueados, imensos altares dourados e centenas de quadros, os detalhes eram impressionantes. A maior parte do piso era feita de mármore e cada laje marcava o topo de uma tumba onde vários cavaleiros foram enterrados.

Tivemos um almoço tradicionalmente maltês – com bastante pão e frutos do mar frescos – num café à beira-mar e então viajamos para a cidade murada de Mdina. Construída como uma fortaleza em solo elevado a quilômetros de distância de Valeta, Mdina tem ruas de paralelepípedo e uma vista que abrange a maior parte da ilha.

A cidade também abriga as catacumbas de São Paulo, nossa última parada daquele dia. Elas já foram o local de sepultamento de centenas ou até mesmo milhares de cidadãos malteses e, diferente do hipogeu, lá podíamos tocar e tirar

fotos de qualquer coisa. Vimos centenas de criptas vazias esculpidas nas paredes rochosas. Alguns anos atrás todos os cadáveres tinham sido removidos e enterrados em cemitérios.

É claro que Micah ergueu a mão.

– Posso tirar uma foto dentro de uma das criptas? – perguntou meu irmão.

O guia o encarou como se ele fosse um lunático.

– Você pode, se quiser... eu acho. Ninguém nunca me perguntou isso antes.

– Sério? Há quanto tempo você trabalha aqui?

– Dezessete anos.

Micah piscou para mim.

– Você sabe o que isso significa? – sussurrou ele.

– O quê?

– Que talvez eu seja o primeiro homem a fazer isso. Quero dizer, depois dos caras que morreram.

Ele se deitou em uma das criptas e abriu um sorriso enquanto eu tirava a foto.

Voltando pelas ruas de paralelepípedo até o carro, Micah deu uma olhada nos arredores.

– Acho que Christine teria gostado de Malta – observou ele.

– E dos outros lugares que nós visitamos?

Ele olhou para mim.

– Ela nunca iria à Índia ou à Etiópia nem arrastada. Para a Ilha de Páscoa também não. Viajar para o exterior, no ponto de vista de Christine, significa ir a Londres ou Paris.

Eu sorri.

– Acho que Cat teria gostado de todos esses lugares. Mas como ela nunca foi à Europa, acho que vai ser o destino da nossa próxima viagem.

– Quando os garotos estiverem mais velhos?

– É claro. Eles ainda são muito novos. Não seria tão divertido.

– Sabe o que seria legal? No próximo verão poderíamos alugar por um mês um casarão na Itália e levar nossas famílias. A casa pode ser a nossa base e podemos fazer algumas viagens a partir de lá – sugeriu Micah.

– Vamos ver – respondi.

– Você não acha uma boa ideia?

– Parece uma ótima ideia, mas não sei se é possível. E não só por causa dos meus cinco filhos. Até lá vocês provavelmente vão ter outro bebê.

– É, acho que você tem razão. Mas a gente podia se informar, de qualquer forma. Aposto que a maioria das pessoas nessa viagem já foi para a Itália algumas vezes. Podemos descobrir o melhor lugar para ficar.

– Você quer mesmo fazer isso?

– Sim. Aproveitar um pouco a vida, sabe?

– E você não acha que fazer uma viagem ao redor do mundo é aproveitar um pouco a vida?

Ele pensou sobre isso.

– Aproveitar *mais* a vida.

– Você imaginaria que nós dois faríamos essa viagem juntos ao redor do mundo e veríamos todas essas coisas? Na nossa idade, quero dizer.

Micah balançou cabeça.

– Nunca. Mas, se você pensar a respeito, nós já vivemos muita coisa.

Depois desse comentário eu caminhei em silêncio, perdido em recordações.

No começo de 1998, Micah gerenciava dois negócios, trabalhando o dia inteiro e planejando o casamento. Ele também assumiu o papel do meu pai cuidando da saúde de Dana junto com Bob. Começou a ir com ela a todas as consultas e a fazer anotações. À noite ele lia o *Manual de Referência Médica* e folheava periódicos médicos pela internet, tentando garantir que minha irmã estivesse recebendo o melhor tratamento possível.

Micah me ligou para contar a notícia assim que voltou do consultório do oncologista.

O tumor de Dana, invisível três meses antes, tinha crescido até ficar do tamanho de uma uva. Ainda não estava tão grande quanto o tumor original – do tamanho de um ovo –, mas esse ficava numa área mais profunda do cérebro, responsável pela memória e por funções motoras vitais, de forma que a cirurgia não era uma opção. Seria impossível alcançá-lo sem causar danos horríveis. Na melhor das hipóteses, minha irmã ficaria cega e paralisada. Era provável que ela ficasse em estado vegetativo ou morresse durante a operação. E também descobrimos que pela mesma razão ela não poderia mais fazer radioterapia. O

risco era muito alto e quase não havia benefícios. Em vez disso, minha irmã teve que ser tratada com quimioterapia.

Depois da primeira consulta, Dana recebeu uma combinação de três remédios diferentes eficazes no tratamento dos tipos de tumores que ela tinha.

Mas as chances não eram boas. A quimioterapia é, essencialmente, um veneno. A esperança é que o veneno mate o tumor antes de matar a pessoa. Embora seja eficiente com muitos tipos de câncer, tem muito menos efeito sobre o cérebro. A barreira hematoencefálica – uma espécie de parede entre o cérebro e o resto do corpo – torna quase impossível atingir os altos níveis de concentração de veneno necessários para eliminar os tumores. Mas, às vezes, o tratamento serve para controlar o ritmo de crescimento, ou, com sorte, até mesmo interrompê-lo por completo.

– E o que isso significa para Dana? – perguntei a Micah pelo telefone.

– Eles não vão saber responder até ela começar a tomar os remédios.

– Mas ela tem chances, né?

– Sim, tem, mas... – Micah parou de falar.

– ... mas as chances não são boas – concluí.

– Eles não disseram. Só falaram que essa dose é a melhor opção.

– O que acontece se o tumor parar de crescer mas não morrer?

– Eu não sei.

– Eles sabem quanto tempo o tumor pode ficar sem crescer se o remédio funcionar?

– Não. Para ser sincero, Nick, eu não recebi nenhuma resposta. Não porque ela não tem bons médicos, mas porque eles não têm nem como dar um palpite nesse momento. Eu já disse tudo o que sei. Os médicos falaram que provavelmente vão saber mais daqui a três meses, quando Dana fizer a próxima tomografia.

– E o que a gente faz até lá? – perguntei.

– A gente espera e vê o que acontece.

– Foi isso que eles disseram?

– Sim. Com essas palavras.

Depois disso nossas vidas entraram em ciclos distintos de três meses. Dana começou a quimioterapia com Micah ao seu lado. Meu irmão segurou a mão dela enquanto o veneno começava a entrar em seu corpo.

A situação da minha irmã deixou tudo muito mais difícil. Nos primeiros dois meses do ano escrever tornou-se um desafio e minha turnê de divulgação para *Uma carta de amor* foi de março até abril, de forma que Cat voltara a ficar sozinha com as crianças. Na estrada e longe de casa, eu me preocupava com a saúde de Dana e detestava o fato de não poder fazer meu trabalho com Ryan.

Quando voltei continuei escrevendo. No fim eu quase completei um livro antes de jogar quase tudo no lixo. Simplesmente não estava fluindo.

Assim que retornei da turnê recomecei o trabalho com Ryan, enfrentando uma dificuldade atrás da outra. Os médicos revisaram o diagnóstico outra vez, agora classificando a condição dele como déficit do processamento auditivo central (DPAC). É basicamente uma dislexia da percepção auditiva. Por alguma razão os sons se misturam em ruídos aleatórios, dificultando bastante o discurso e a compreensão. Mas Cat e eu já não nos importávamos mais com o que os especialistas diziam, simplesmente continuamos fazendo nosso trabalho com Ryan.

Depois de um ano ele finalmente conseguiu entender que palavras representavam objetos e já repetia quase tudo que eu sugeria. Formular perguntas foi um transtorno imenso. Ryan não compreendia o conceito por trás de questões que começavam com palavras como o quê, quem, quando, por que ou como. Passei várias semanas tentando superar esse abismo.

Eu apontava para a imagem de uma árvore.

– Árvore – eu falava.

– Árvore – repetia Ryan.

– Ótimo! Bom trabalho! – eu elogiava.

Aí apontava para a árvore de novo.

– O que é isso?

– O que é isso? – repetia ele.

– Não, não. Isso é uma árvore.

– Não, não. Isso é uma árvore.

E o tempo continuava passando. Em seu próximo aniversário Ryan faria 5 anos.

Eu estava viajando quando Dana fez uma tomografia em abril e me ligou assim que recebeu os resultados.

– O tumor já está com a metade do tamanho! – anunciou ela.

– Isso é fantástico! – exclamei.

– Nossa, como eu fiquei preocupada! Estava uma pilha de nervos nesses últimos dez dias.

– Imagino. Também fiquei ansioso. Mas essa é uma ótima notícia.

– Se continuar funcionando dessa forma, talvez ele suma até o próximo exame.

– Os médicos disseram isso? – perguntei.

– Não, mas eu acho que isso vai acontecer. Já diminuiu pela metade. Mais da metade, na verdade.

– Isso é maravilhoso – repeti.

– Eu vou derrotar esse tumor – afirmou Dana.

– Eu sei que vai – respondi.

Em maio de 1998, depois de centenas de horas, finalmente descobri um artifício que ajudou Ryan a entender o que era uma pergunta. Comecei a sussurrá-la e, antes de ele ter tempo de repeti-la, eu gritava a resposta.

– O que é isso? – eu sussurrava, apontando para a árvore. – ÁRVORE!!!! – gritava logo em seguida.

Ryan, assustado com o grito, dizia "Árvore!" quase no mesmo instante.

– Isso aí! – eu comemorava. – Bom trabalho! É uma árvore.

Aos poucos ele aprendeu a responder algumas perguntas, especialmente o que e quem. Foi um grande progresso e ele finalmente podia participar de conversas simples. Aprender o onde ainda levaria muitas semanas. Perguntas como quem, por que ou quando permaneceram um completo mistério para ele. Ryan também não conseguia andar de bicicleta nem escrever com um lápis. Tampouco sabia amarrar os sapatos. Cat trabalhou com ele em todos esses aspectos e não mostrou menos determinação do que eu. Ela também queria que Ryan melhorasse a qualquer preço. Nós queríamos deixá-lo pronto até a escola começar, para que ele pudesse frequentar turmas comuns com crianças comuns. Queríamos que Ryan fosse aceito como uma criança normal.

Mas sempre sentíamos que o tempo estava se esgotando. Ryan entraria na escola em pouco mais de um ano. E o tempo continuava passando.

No fim de maio de 1998, Cat e eu passamos algumas semanas na Califórnia, visitando Micah e Dana. Fui padrinho no casamento de Micah, uma cerimônia linda com amigos e familiares. Alguns dias depois de voltar da lua de mel ele levou minha irmã para a próxima consulta.

– Tenho certeza de que está melhor – disse Dana no caminho. – Estou me sentindo ótima.

Mas não estava. O tumor voltara a crescer e já tinha o tamanho de três uvas, com tentáculos partindo do centro.

O regime de quimioterapia de Dana foi alterado, mas sabíamos que os novos remédios não costumavam ter tanta eficiência quanto os anteriores. Mesmo assim ainda havia esperança. Um estudo clínico mostrou que, a cada doze pacientes, um conseguia se curar por completo com os novos remédios. Os médicos prometeram que ainda havia chances.

Mas, para garantir, Micah e Dana foram com alguns parentes de avião até o MD Anderson, em Houston, um dos centros de câncer mais renomados do país, em busca de uma segunda opinião. Os médicos concluíram que ela estava recebendo o melhor tratamento possível e que, se Dana tivesse se tratado lá desde o começo, eles não teriam feito nada diferente.

Dana ainda parecia otimista.

– Eu vou derrotar esse tumor – dizia ela.

– Eu sei que vai – meu irmão e eu respondíamos.

Minhas conversas com Micah também continuavam iguais. Naquele ano conversamos com menos frequência do que no anterior. Nós nos falávamos uma ou duas vezes por semana, não três ou quatro como antes. Cat e eu continuamos trabalhando com Ryan; Micah estava se acostumando com a vida de casado e trabalhando duro. Ele também começou a reformar sua casa e passava tanto tempo com Dana quanto podia.

As ligações eram angustiantes. Falar com Micah me lembrava Dana e vice-versa. E mesmo entrando em contato com Dana tanto quanto com o meu irmão, nunca consegui tirar da cabeça a imagem de algo horrível crescendo dentro dela, algo irreversível.

Naquele verão eu escrevi *Um amor para recordar*, inspirado na minha irmã. Jamie, a personagem principal, incorporava todos os atributos maravilhosos de

Dana e todas as preocupações que eu tinha pelo futuro dela. Foi a primeira vez que chorei enquanto escrevia.

No fim dediquei o livro à memória dos meus pais e a Micah e Dana.

Apesar de saber que era sobre ela, minha irmã se recusou a ler.

– Não quero saber como termina – explicou.

No outono o tumor dela diminuíra. Não muito, mas era um progresso. Ela manteve a mesma combinação de remédios e esperamos a tomografia seguinte, que seria feita no inverno. Continuamos vivendo no ciclo de três meses.

No começo de dezembro Micah, Dana, Bob, Christine e as crianças pegaram um voo para a Carolina do Norte para me visitar. Aproveitando que estávamos todos lá, vestimos calças cáqui com camisas brancas de manga comprida e fomos para a praia tirar uma foto da família. A foto ainda está pendurada na minha sala de estar, e a julgar pela aparência de Dana e Ryan, seria impossível adivinhar que havia algo de errado com eles.

Semanas depois, no meu aniversário, Dana me ligou e cantou para mim. Eu tinha começado a reparar que de vez em quando ela pronunciava mal algumas palavras e passou a ser difícil entender o que ela dizia. Mesmo assim ela se manteve otimista. Mas alguns dias depois os resultados da tomografia chegaram.

A segunda rodada de quimioterapia não estava dando resultado. O tumor já tinha o tamanho de quatro uvas e os tentáculos continuavam se espalhando. Os médicos começaram a adotar uma nova combinação de remédios com drogas diferentes de quimioterapia.

– Essas são as últimas entre as melhores – informaram os médicos. – Depois disso, qualquer tentativa seria basicamente experimental.

Mas ainda havia esperança. Àquela altura, esperança era a única coisa a que nos agarrávamos.

Em fevereiro de 1999, Micah e Dana, com seus respectivos cônjuges, viajaram até Los Angeles para a estreia do filme *Uma carta de amor*. Naquela tarde, antes de seguirmos para o tapete vermelho, levamos minha irmã para o centro médico Cedars-Sinai. Conseguimos uma consulta com o Dr. Keith Black, um dos melhores neurocirurgiões do país, para saber se a cirurgia realmente não seria uma opção, em lugar nenhum, com ninguém, mesmo havendo riscos. A

esperança era que essa última rodada de quimioterapia funcionasse, mas era importante conhecer todas as alternativas.

Micah, eu e mais alguns parentes entramos junto com Dana quando o resultado de sua última tomografia foi colocado contra a luz. Era a primeira vez que eu via uma e Micah sussurrou que o tumor era fácil de ver. O câncer aparecia branco na tela, explicou.

Quando acenderam a luz e eu vi o exame de Dana, minha garganta se apertou. Parecia haver branco por toda parte.

Mesmo assim questionamos a respeito da cirurgia e soubemos que ela não era uma opção, pois o tumor já atravessara a linha média do cérebro. Quando perguntamos sobre a quimioterapia, descobrimos que no caso dela havia uma pequena possibilidade de ver uma redução no crescimento.

Redução, mas não parada. Foi a maneira discreta que o médico havia encontrado para nos dizer que era apenas uma questão de tempo.

– Mas eles estão fazendo tudo que nós faríamos aqui.

Quando quisemos saber sobre drogas experimentais, o médico explicou que havia uma razão para elas serem chamadas de experimentais. Sua eficácia não fora comprovada. Ele passou bastante tempo falando sobre qualidade de vida. Foi outra forma de nos informar que as chances da minha irmã não eram boas.

Naquele ponto o tumor já havia começado a se manifestar. Embora Dana ainda conseguisse participar de conversas comuns sem dificuldades, ela não era mais capaz de entender todos os detalhes da explicação que o médico dava e franzia o cenho enquanto ele falava, perdendo completamente as nuances do que estava sendo dito.

– Você está indo bem – disse o médico para ela. – Na verdade, estou impressionado com quão bem você está.

Outra vez, compreendemos que ele descrevia a condição dela em termos relativos. A maioria das pessoas com um tumor como o da minha irmã não estaria andando nem falando. No fim da consulta Micah estava sentado no canto, com a cabeça baixa, e quando o médico saiu ninguém disse nada por um bom tempo. Finalmente minha irmã olhou para ele.

– O que o médico disse? – perguntou ela.

Micah olhou de Dana para mim e de volta para a nossa irmã. Forçou um sorriso.

– Ele disse que você está tomando os remédios certos e que eles aqui não fariam nada de diferente – respondeu Micah com um tom de voz suave.

Dana assentiu.

– E eu não posso fazer cirurgia nem voltar para a radioterapia?

– Não – respondeu Micah. – Eles não acham que ajudaria.

Dana piscou, alternando o olhar entre mim e Micah.

– Mas ainda existem mais remédios que eles podem me dar, né? Se os que eu estou tomando pararem de funcionar?

– Sim – disse Micah. – Eles ainda podem tentar algumas coisas.

– Ah... que bom – respondeu Dana.

Algumas horas depois estávamos cercados de atores famosos. Dana tirou uma foto com Kevin Costner e Robin Wright, e os dois foram extremamente gentis com ela. Mas, enquanto a observava posando para as fotos, a única coisa em que eu conseguia pensar era no tempo que lhe restava.

Tentando escapar do inevitável, comecei a escrever *O resgate* na primavera de 1999. A história, sobre um garoto chamado Kyle que não consegue falar, era profundamente pessoal e emocional para mim. Foi inspirada, claro, em Ryan, nos medos que tínhamos para o futuro dele e no trabalho que Cat e eu desenvolvíamos com nosso filho.

Eu passava meu tempo livre com Miles e Cat e continuei trabalhando com Ryan. Cat tinha progredido bastante ensinando várias habilidades, e Ryan também continuava mostrando melhorias em fazer perguntas e respondê-las. Mas eu desejava que essa tarefa pudesse ser mais fácil. Tudo o que eu queria era que algo se encaixasse de repente, que Ryan começasse a aprender sozinho e pudesse simplesmente absorver o mundo ao seu redor como as outras crianças. Mas nada nunca se encaixava. Trabalhar com ele era como empurrar pedras para cima em uma colina interminável. Era muito frustrante. Eu me perguntava por que tinha um filho com tantos problemas e muitas vezes fiquei com raiva de Deus, com raiva do que tinha acontecido, com raiva do quinhão que havia recebido.

Com Ryan, Cat e eu tínhamos sido excluídos de todas as alegrias da infância; de seu fascínio ao descobrir o mundo, de afetos naturais, da capacidade de aprender sozinho. *Todos* os aspectos da infância dele eram uma batalha sem

recompensas e eu praguejava contra a injustiça da coisa toda. Queria que outra pessoa fizesse esse trabalho, queria que alguém aparecesse e resolvesse o problema magicamente; sonhava com o dia em que seria inventada uma pílula para curar o que ele tinha. Eu já estava cansado de tudo e implorava a Deus que deixasse o meu filho melhor. Não era pedir demais, era? Eu só queria o que os nossos amigos tinham, o que os nossos vizinhos tinham, aquilo que todos pareciam ter. Eu queria uma criança como qualquer outra.

E então eu me sentia muito culpado por pensar daquela forma. Não era culpa de Ryan nem de Deus nem de ninguém. E ele tinha se esforçado tanto, muito mais do que qualquer criança deveria ter que se esforçar, e nunca desistia. Nós já tínhamos atravessado o inferno juntos e eu não ia – não podia – desistir dele. Ele era meu filho e eu o amava. E, afinal, ninguém nunca disse que a vida era justa; o que você quer e o que você tem costumam ser duas coisas completamente diferentes. Então voltei a trabalhar com ele.

Não havia escolha. Ryan entraria no jardim da infância em menos de seis meses e ainda havia muito trabalho pela frente.

Em abril de 1999, descobrimos que Cat estava grávida e, surpreendentemente, que o tumor da minha irmã tinha voltado a se estabilizar. Ou talvez até mesmo a diminuir. Micah celebrou seu primeiro aniversário de casamento um mês depois, e quando eu liguei para lhe dar os parabéns ele me perguntou:

– Como está o Ryan? Eu sinto uma baita falta daquele garoto.

Micah sempre perguntava por Ryan. *Sempre*. E ele *sempre* dizia algo gentil.

No verão eu continuei escrevendo *O resgate*, trabalhando com Ryan e passando um tempo com Miles. Admirava a barriga crescente de Cat e acordava todas as manhãs com a crença renovada de que ela era a mulher mais maravilhosa do mundo. Também fizemos outra viagem para a Califórnia; essas viagens estavam se tornando mais longas e mais frequentes.

Durante o outono, Ryan entrou na escola. Passamos o primeiro dia de aula andando em círculos pela casa numa preocupação interminável. Pensar no que aconteceria com ele nos deixava apavorados. Apesar de ter melhorado muito, ele ainda estava bem atrasado em muitas áreas, e tememos que ninguém fosse gostar dele, que os outros garotos o provocassem, que ele não conseguisse fazer o que

precisava. Todo dia aguardávamos um telefonema da escola avisando que seria melhor matricular Ryan em outro lugar. Rezávamos por ele todas as noites.

Eu tive que sair da cidade por dois meses de novo e dessa vez enquanto Cat estava grávida. Fiz turnês na Europa e nos Estados Unidos promovendo *Um amor para recordar*. Passei o tempo fora preocupado com Cat e Ryan, e no meio da viagem descobri que a situação da minha irmã tinha revertido e o tumor crescia outra vez. Dana recebeu remédios experimentais em combinações experimentais, sem qualquer promessa de efeito. Então também me preocupei com ela.

Quase sempre as pessoas que me entrevistavam perguntavam se eu havia nascido com sorte. Ou se eu achava que minha vida era abençoada. Eu nunca sabia o que responder.

Ao longo de 1999, meu irmão e eu continuamos nos comunicando, e sempre que nos falávamos eu sentia o cansaço emocional de Micah. Além de ter assumido o papel do meu pai e estar levando e acompanhando Dana em diversas consultas médicas, ele também se tornara o confidente e torcedor da nossa irmã, o tempo todo escondendo dela a extensão de suas próprias preocupações.

Micah usava o trabalho como uma válvula de escape. Seu negócio tinha crescido e ele já contava com trinta funcionários, sendo que no começo havia apenas seis. Trabalhava nos fins de semana e durante a noite e, aos 35 anos, de acordo com a meta que estabelecera, ele tinha se tornado um milionário assim como eu.

Eu também conversava com Dana pelo telefone, umas duas vezes por semana. Às vezes eu ligava, mas em geral era a minha irmã que entrava em contato. Ela amava falar com Cat – as duas conversavam principalmente sobre as crianças, discutindo como era cansativo ser mãe – e Dana acompanhou a gravidez da minha esposa de perto. Naqueles momentos era fácil esquecer que havia algo de errado com ela.

Por negação ou apenas por ser otimista, minha irmã não demonstrava tanta preocupação com o tumor. Em geral ela não o mencionava e se tocasse no assunto era para dizer que ia derrotar o câncer.

– Eu tenho certeza – ela dizia. – Tenho dois filhos e eles precisam de uma mãe.

– Eu sei – era a minha resposta –, e você está indo muito bem. Até os médicos admitem isso.

Às vezes ela ficava em silêncio depois que eu respondia.

– Você também acha que eu vou sobreviver, não acha, Nick? – perguntava Dana.

– É claro que eu acho – mentia rapidamente, enfrentando o caroço na garganta. – Você vai sair dessa.

No fim de dezembro, alguns dias depois do Natal, Micah ligou. Sua voz parecia cansada, a entonação neutra.

– O que houve? – perguntei.

– É Dana. Acabamos de voltar da última consulta. – Ele fez uma pausa. Um instante depois, ainda sem dizer nada, Micah começou a chorar. – O tumor continua se espalhando – explicou ele. – A última tomografia mostrou que os remédios novos não estão ajudando em nada.

Fechei os olhos. A voz do meu irmão estava trêmula e embargada. Ele continuou:

– Eles vão tentar uma nova combinação de qualquer forma, mas não acham que vai funcionar. Só estão fazendo isso porque sabem que Dana quer continuar tentando. Disseram que ela conseguiu chegar muito longe por causa de sua atitude e que não querem deixá-la desiludida. Ela precisa sentir que está lutando, mas...

– Ela não sabe...

– Não. Quando saímos, ela disse que tinha certeza de que dessa vez a quimioterapia funcionaria.

O aperto na minha garganta aumentou e senti a umidade em meus olhos. Micah continuou chorando no telefone.

– Que merda, Nick... Ela é tão jovem... É a nossa irmãzinha...

Eu também comecei a chorar.

– Quanto tempo ela tem? – Precisei reunir todas as forças para pronunciar essas palavras.

Ele respirou fundo, tentando se controlar.

– Eles não sabem com certeza. Mas quando pressionei o médico ele disse que talvez uns seis meses – sussurrou Micah.

Lá fora o mundo escurecia. O céu estava cheio de estrelas e a lua branca e pesada era visível no horizonte. Folhas farfalhavam na brisa do inverno, fazendo um som parecido com o das ondas no oceano. Fazia uma noite linda, como se tudo estivesse bem no mundo. Mas não estava, pois, com o telefonema de Micah, eu perdi o último resquício de esperança que tinha.

Eu não tinha percebido quanto ainda estava apegado àquela esperança improvável e, ao desligar o telefone, vesti um casaco e saí de casa. Caminhei pelo quintal pensando em Dana, em como ela fora forte e otimista, preocupada com os filhos e pensando no futuro que ela nunca conheceria. Reclinei-me numa árvore e chorei sob o vento da noite.

Passei os dois dias seguintes vagando sem propósito pela casa. Eu começava a fazer algo e parava, assistia a um programa por dez minutos antes de perceber que não sabia ou não me importava com o que estava passando, lia as mesmas páginas várias vezes, incapaz de compreender as palavras.

Dois dias depois o telefone tocou. Cathy, que estava no último mês de gravidez, atendeu e levou o fone para o meu escritório com os olhos cheios de lágrimas.

– É Dana – disse ela.

Assim que atendi ao telefone, escutei minha irmã cantando para mim. Era o nosso aniversário e eu me concentrei para escutá-la, querendo gravar aquele momento para sempre, pois sabia que seria a última vez.

Landon nasceu no dia 11 de janeiro de 2000. Com olhos verdes e cabelos louros, ele se parecia com a mãe, e era tão pequeno que eu fiquei chocado. Já fazia sete anos desde a última vez que eu segurara um recém-nascido e não queria me afastar dele por nada.

Mas foi necessário. Os sentimentos por minha outra família falaram mais alto, e três dias depois peguei um voo para a Califórnia a fim de ver a minha irmã. A partir daquele dia, comecei a ir para a costa oeste com frequência. A cada duas semanas eu passava pelo menos quatro dias com Dana no rancho.

Minha irmã ainda tinha esperanças, e como era a única coisa que lhe dava forças, eu tive que esconder dela o motivo das visitas. Os efeitos do tumor eram cada vez mais óbvios, mas Dana ainda estava alerta o suficiente para reparar que,

de repente, eu tinha passado a visitá-la com certa regularidade. Isso a faria presumir o pior, e eu não podia provocar essa sensação. Eu não queria piorar a qualidade de vida que ela ainda tinha, então, no fim das contas, acabei contando pequenas mentiras. "Tenho um trabalho para fazer em Los Angeles", eu diria, "e, como é só uma hora de viagem, vou aparecer para ver você." Ou então: "Vou me encontrar com alguns amigos em Las Vegas e, já que vou estar tão perto, vou aproveitar para vê-la."

– Ótimo! – respondia Dana. – Será um prazer ver você.

Micah sempre me recebia no aeroporto e caímos numa rotina repetitiva. Seguíamos do aeroporto para o Zelda's, uma pizzaria gourmet no centro de Sacramento, onde conversávamos durante horas comendo pizza e tomando cerveja. Falávamos sobre os meus livros e a empresa dele, sobre Dana e as memórias da nossa infância. Em meio aos risos e às recordações de repente ficávamos em silêncio ao pensar na mamãe ou no papai, ou no que estava acontecendo com a nossa irmã. Eu dormia a primeira noite na casa de Micah e pela manhã ele me levava de carro até o rancho, onde eu passava o resto do tempo com Dana.

Na minha primeira visita ela continuou fingindo que não havia nada de errado. Dana cozinhava, limpava e perguntava se eu queria ajudar Cody e Cole com a lição de casa enquanto ela tirava uma soneca. Depois nós jantávamos e ficávamos conversando até ela se sentir cansada e ir para a cama.

Mas o progresso do tumor era irrefreável e aos poucos ficou impossível disfarçar. A cada visita as sonecas ficavam mais demoradas e ela ia para a cama mais cedo. Em fevereiro Dana começou a mancar; o tumor estava lentamente paralisando o lado esquerdo do seu corpo. Na visita seguinte o braço esquerdo também já tinha ficado mais fraco, e uma semana depois ela começou a perder a expressão no lado direito do rosto. Se antes apenas algumas palavras saíam arrastadas, a dificuldade na fala passou a acontecer com mais frequência. A compreensão abstrata ficou ainda mais difícil.

Minha irmãzinha estava, aos poucos, perdendo a batalha, mas mesmo assim Dana continuava acreditando que venceria.

– Eu vou ficar bem – dizia ela. – Vou ver Cody e Cole crescerem.

Mas agora, quando a ouvia fazer comentários desse tipo, eu precisava reunir todas as minhas forças para não chorar. Os primeiros meses do ano 2000 foram

devastadores para mim. Dividido entre visitar Dana e passar um tempo com meu filho recém-nascido, eu acordava todos os dias pensando que deveria estar em outro lugar. Se estava com Landon no colo eu sentia vontade de estar na Califórnia abraçado minha irmã. E quando estava com Dana, meu desejo era estar na Carolina do Norte com o meu filho. Eu não sabia o que fazer, como equilibrar tudo e nem por quanto tempo conseguiria manter aquilo. Já praticamente sem dormir, eu começava a chorar em momentos inesperados e me forçava a enfrentar as obrigações diárias, mais exausto do que em qualquer outra época da minha vida.

Quando você sabe que alguém próximo está à beira da morte, há uma tendência natural de querer passar o máximo de tempo possível com essa pessoa. Como mencionei, manter o equilíbrio entre minha família atual e a família com a qual eu cresci era uma luta constante. Mas, mesmo se eu quisesse, existia outra razão pela qual eu não podia ficar na Califórnia. Minhas visitas – embora todos compreendessem por que eu ia para lá – mudavam a dinâmica na casa de Dana. Hóspedes, mesmo da família, sempre alteram as dinâmicas domésticas. E é importante lembrar que minha irmã também tinha uma nova família.

Dana se casou com uma condição maravilhosa. O pai, a madrasta e o meio-irmão de Bob viviam no rancho, numa casa bem próxima. A mãe e o padrasto moravam a menos de dez minutos dele, seguindo pela estrada. O irmão dele também. Todos eles amavam a minha irmã, receberam-na de coração aberto e a aceitaram em suas vidas. E todos estavam se esforçando, assim como Micah e eu. Até passei a acreditar que eles se esforçavam mais do que nós.

À medida que o tumor de Dana crescia e ela perdia a energia para conduzir suas atividades, vários membros da família de Bob passaram a entrar e sair da casa, preenchendo o vazio de forma silenciosa. Sempre havia alguém presente, lavando a louça e as roupas, ajudando com as lições de casa. No momento em que mais precisava, minha irmã nunca foi abandonada.

O que estou tentando dizer é que visitei minha irmã tanto quanto achava que podia, mas não tanto quanto queria. Fiz isso para que a família de Bob tivesse uma chance de passar mais tempo com ela sem que eu estivesse por perto. Eles haviam conquistado aquele direito, e no meu coração eu sabia que cada um deles – especialmente Bob – também precisava de um tempo para se despedir.

Eu ia e vinha, mas Micah continuou desempenhando o papel que assumira após a morte do nosso pai. Ele apoiou Dana e se manteve firme e forte, apesar de seus medos, e em meados de março ele foi com ela para São Francisco, onde teve uma consulta com o oncologista. A medicação experimental, como os médicos já esperavam, não surtiu nenhum efeito. Micah ficou ao lado de Dana enquanto os médicos explicavam que não havia mais nada em seu arsenal para testar. Eles podiam tentar outro remédio quimioterápico, mas havia poucas esperanças de que surtisse qualquer efeito além de deixá-la mais sonolenta do que já estava. Àquela altura, minha irmã dormia de catorze a dezesseis horas por dia. Se ela tivesse mais uma rodada de quimioterapia, basicamente passaria o resto da vida dormindo.

No fim da consulta Micah se despediu do médico. Ele segurou o braço de Dana para que ela não caísse e a conduziu para fora.

Eles se sentaram nos degraus em frente ao hospital. O dia estava fresco, com o céu azul e limpo. As pessoas passavam pela calçada sem olhar duas vezes. Carros seguiam em frente e, a distância, um ou outro buzinava. A vida seguia seu fluxo para todas as outras pessoas, mas para Micah nada daquilo parecia normal.

Assim como eu, Micah estava exausto. Sim, ele sabia que isso aconteceria. Todos sabíamos. Mas, assim como tínhamos feito ao lado da cama da nossa mãe, nunca deixamos de desejar e rezar por um milagre. Não havia nenhuma razão lógica para aquela expectativa, mas Dana era nossa irmã e nós a amávamos. Era a única coisa que podíamos fazer.

Dana não disse nada. Seu olho esquerdo estava meio caído e havia um pouco de saliva escorrendo pela boca. Ela não conseguia sentir aquela região, nem sabia que estava babando. Micah limpou a boca dela com gentileza.

– Ei, querida – disse ele.

– Oi – respondeu minha irmã, falando baixinho.

Não era mais a voz dela. Agora as palavras soavam diferente, parecia alguém que murmurava durante o sono.

Micah passou o braço pelos ombros dela e perguntou:

– Você entendeu o que o médico disse?

Dana olhou para ele, movendo a cabeça devagar. Lembrar parecia exigir todo o seu esforço.

– Mais... nenhum... remédio? – perguntou ela, finalmente. As palavras eram fracas, quase baixas demais para escutar.

– Sim, querida, é isso mesmo. Sem mais remédios, essa parte já foi.

Minha irmã o encarou, tentando acompanhar suas palavras. Seu semblante entristeceu, com metade da boca fazendo uma careta.

– Então acabou?

Os olhos de Micah se encheram de lágrimas. Era o jeito de Dana perguntar para o meu irmão se ela ia mesmo morrer.

– Sim, querida, acabou – sussurrou ele.

Micah a puxou para perto, beijou sua testa e Dana se recostou em seu peito.

E, pela primeira vez desde que fora diagnosticada, minha irmãzinha começou a chorar.

No fim de março, mesmo sem a quimioterapia, Dana dormia cada vez mais. Nas minhas visitas eu ficava sentado sozinho na cozinha por longos períodos, esperando ela acordar. Durante aquelas horas minha mente era tomada por milhares de imagens; como ela era quando criança, as coisas que fizemos juntos, as longas conversas que costumávamos ter. Nosso tempo estava se esgotando e eu queria acordá-la. Queria passar um tempo com ela. Queria conversar com ela, mas nunca perturbei o seu descanso. Eu simplesmente entrava no quarto da minha irmã e me deitava na cama ao seu lado. Passava gentilmente a mão pelos cabelos dela e sussurrava histórias da nossa infância ou contava algo sobre Landon, mas Dana nem se mexia. Sua respiração era difícil e pesada, como a de alguém muito mais velho. Depois de um tempo eu voltava para a cozinha e ficava olhando pela janela, sem enxergar absolutamente nada, enquanto via as horas se arrastando e esperava ela acordar.

À noite, depois do jantar, nós nos sentávamos na sala e eu encarava Dana, concentrado em suas feições, tentando nunca me esquecer de seu rosto. O tempo havia esmaecido a imagem da minha mãe e já começava a apagar o rosto do meu pai. Não queria que aquilo acontecesse com a minha irmã. Eu a encarava, reparando na curvatura de seu maxilar, nos olhos castanhos com bordas douradas, nas sardas das bochechas. Ficava concentrado. Fazia questão de gravar tudo, para nunca me esquecer.

Familiares de Bob apareciam de vez em quando para nos ver depois do jantar. Uma noite, já no fim de abril, a madrasta de Bob, Carolyn e eu estávamos conversando com Dana quando minha irmã anunciou que estava indo para a cama. Sua condição estava piorando – ela praticamente só conseguia balbuciar –, mas deu seu sorriso meio paralisado e eu fiquei atônito ao perceber que aquela talvez fosse nossa última conversa normal. Assim que ela fechou a porta do quarto eu perdi o controle e chorei nos braços de Carolyn, soluçando, descontrolado, por quase vinte minutos.

Em maio o avanço terrível da doença pareceu se intensificar. Dana já não conseguia segurar um garfo, então eu a alimentava. Uma semana depois ela já não era capaz de caminhar nem de falar qualquer coisa. Mais uma semana e ela tinha uma sonda, ingerindo apenas líquidos e tendo que ser carregada do quarto.

Na minha última visita, em meados de maio, minha família foi comigo para se despedir.

Lembro que levei Landon para o quarto dela. Os olhos de Dana eram a única parte do seu rosto que tinham permanecido imunes à destruição do tumor, e eles reluziram quando ergui o bebê contra a sua bochecha. Passei a mão de Dana pela pele do meu filho, e ela pareceu adorar a sensação. Quando ficamos sozinhos outra vez, eu me ajoelhei ao lado da cama e segurei a mão da minha irmã. Não queria deixá-la. No meu coração, eu sabia que essa era a última vez que falaria com ela.

– Eu amo você – sussurrei, finalmente. – Você é a melhor pessoa que eu já conheci – falei, e Dana ficou com um olhar mais tranquilo.

Com esforço, ela ergueu um dedo e apontou para mim. Seus lábios formaram as palavras:

– Você que é.

Cody e Cole completaram 6 anos no dia seguinte. Minha irmã foi carregada para fora e ficou sentada numa cadeira, observando os filhos comemorarem. Naquela noite, ela entrou em coma e nunca mais acordou. Morreu três dias depois.

Ela tinha 33 anos.

Minha irmã foi enterrada ao lado dos nossos pais, e o funeral estava cheio de gente. Mais uma vez eu vi os mesmos rostos na multidão, aqueles que haviam

testemunhado os enterros da minha mãe e do meu pai. Os funerais foram a única ocasião em que eu vi algumas daquelas pessoas nos últimos onze anos.

Na hora da elegia, contei a todos sobre como minha irmã e eu costumávamos cantar um para o outro em nosso aniversário. Contei o que eu pensava, que ainda conseguia ouvir a sua risada, sentir o seu otimismo e perceber a sua fé. Disse que ela era a pessoa mais gentil que eu já havia conhecido e que o mundo era um lugar mais triste sem ela. E, por fim, pedi que todos se lembrassem da minha irmã com um sorriso, assim como eu faria, pois, apesar de estar sendo enterrada perto dos pais, a melhor parte dela continuaria viva, no fundo do nosso coração.

Micah só foi a três funerais em sua vida. Quando a cerimônia terminou, chegamos perto do túmulo e ficamos observando as flores que cobriam o caixão.

Meu irmão passou o braço pelos meus ombros sem falar nada. Não havia mais nada a dizer. Também não podíamos chorar. Naquele momento, não restavam mais lágrimas para nenhum dos dois.

Senti o olhar e o desespero das outras pessoas. Nós éramos jovens demais para termos perdido todos eles; era o que eu imaginava que elas deviam estar pensando. E elas tinham razão.

Eu estava solitário ao lado do túmulo. Deveria ter o resto da minha família para me apoiar num momento daqueles, mas eles eram a razão pela qual estávamos lá. Parado ao lado de Micah, percebi que éramos os últimos membros restantes da família. Agora só havia nós dois.

Irmãos.

Capítulo 17



Tromsø, Noruega
13-14 de fevereiro

Na tarde seguinte chegamos a Tromsø, na Noruega, uma cidade costeira pitoresca localizada 480 quilômetros ao norte do Círculo Polar Ártico. Devido à latitude o céu já estava ficando escuro, mas a temperatura me pareceu amena em vez de fria. Apesar de ficar a apenas 1.600 quilômetros do polo norte, as águas da costa são aquecidas pela corrente do Golfo, e isso torna os invernos muito mais brandos do que em outras regiões norueguesas mais para o sul.

O grupo subiu no ônibus e seguiu para a cidade. Tromsø fica no meio das montanhas, e a camada de neve que cobria o chão fazia o lugar parecer um

cartão de Natal. Quando chegamos ao hotel o céu já estava completamente negro. E ainda nem eram quatro horas da tarde.

Logo após fazer o check-in, fui escrever um e-mail para Cat no computador do hotel. Estava mandando e-mails para ela com frequência, pois, devido às diferenças de fuso horário, era mais fácil nos comunicarmos dessa forma. Contei um pouco sobre a viagem e o que eu estava fazendo. Então, apesar das montanhas e das nuvens pesadas que provavelmente limitariam o uso do celular, tentei ligar, e Cat estava em casa. Nas últimas três semanas eu falara com ela por telefone umas dez vezes e raramente conversávamos por mais que alguns minutos. Cat já sabia que minha ausência seria difícil para ela, mas acho que nenhum de nós dois tinha imaginado exatamente o tamanho da dificuldade. Dava para ouvir o cansaço na sua voz. Cat parecia completamente exausta.

Quando voltei para o quarto encontrei Micah deitado na cama, lendo. Ele ergueu os olhos.

– Você sumiu por um bom tempo – observou meu irmão.

– Ah, eu estava falando com Cat.

– Como ela está? Não vê a hora de você voltar para casa?

– Pode-se dizer que sim. É horrível para ela que eu não esteja lá.

– Como assim?

– Tanto Cat quanto as crianças ficaram doentes basicamente desde o momento em que eu saí.

– Sério?

– Entre nossos cinco filhos e ela, Cat teve que lidar com sete resfriados, cinco gripes e três sinusites. Durante as últimas três semanas havia pelo menos três crianças doentes, todas reclamando e chorando ao mesmo tempo. Mas, apesar de tudo, Cat foi esquiar com eles. E teve que dirigir sete horas para chegar lá.

Micah fez uma careta.

– Sete horas? Dentro de um carro com crianças doentes? – perguntou.

– Inacreditável!

– Não consigo nem imaginar. – Ele ficou em silêncio por um instante. – Aposto que ela não estava muito bem-humorada, né?

– Na verdade até que ela parecia bastante animada.

– Sua esposa é doida. No bom sentido, é claro. Mas ela é realmente doida. Eu odeio quando as crianças ficam reclamando. Para mim, é como o som de unhas

arranhando uma lousa. – Micah meneou a cabeça antes de abrir um sorriso. – Nossa, que pena que você estava viajando pelo mundo e não pôde dar uma força.

– Ah, sim. Certamente é uma pena.

– Se você soubesse, né?

– Exatamente. Eu não teria vindo.

Micah riu.

– Você pediu que ela garantisse a saúde de todos antes da sua volta?

– Eu não queria que ela me matasse – respondi.

– Christine também me mataria. Vocês vão sair de férias daqui a algumas semanas, né? Só vocês dois?

– Sim, vamos passar alguns dias relaxando na praia.

– Você sabe que ela vai decidir o que fazer durante toda a viagem.

– Ah, eu sei. Já me dei conta disso.

– Quero dizer, *a todo momento* – enfatizou Micah. – Em vez de ir mergulhar você vai ter que ficar vendo lojas por horas, olhando roupas infantis. E ela vai perguntar se você prefere a camisa com o coelho rosa ou a com o pato amarelo e você vai ter que agir como se essa fosse uma decisão muito importante.

– Eu sei.

– E vai ter que tratá-la como uma rainha e fingir que está se divertindo.

– Eu sei – repeti.

– Basicamente você vai ter que bajular a Cathy.

– Acredite, eu sei de tudo isso. – Dei de ombros. – Mas é justo.

– Ah, as concessões que precisamos fazer! – Micah sorriu. – O casamento não é incrível?

À noite subimos de teleférico uma das colinas ao redor de Tromsø.

No topo da montanha, fomos a um alojamento onde foi oferecido um coquetel. Pelas janelas que alinhavam duas das paredes, dava para ver as luzes da cidade cintilando na escuridão. Do lado de fora havia flocos de neve. Parecia difícil acreditar que havia poucos dias estávamos suando em lugares como Etiópia, Índia e Camboja.

Foi a nossa penúltima noite de viagem, e as pessoas começavam a trocar números de telefone e endereços. Todos estávamos cansados, mas de bom humor. Eu mal podia acreditar que a viagem estivesse chegando ao fim.

Em vez de conversar com o pessoal, Micah e eu nos sentamos ao lado das janelas. Estávamos pensativos e, enquanto observávamos os flocos de neve, conversamos sobre tudo o que tínhamos visto, os lugares que tínhamos visitado. Falamos de quais locais gostaríamos de visitar de novo – Machu Picchu estava no topo da nossa lista – e de como ansiávamos por ver nossa família outra vez.

Depois de um tempo Micah olhou para mim.

– Como anda o Ryan?

– Ele está indo bem. No último boletim tirou 8 em duas matérias e 10 no restante.

– E ele está no quarto ano?

– Sim.

– Já fez amigos?

– Ele está numa turma ótima – falei – e continua no mesmo grupo desde o início da escola. As crianças já estão acostumadas. E gostam dele. É legal. E é engraçado também... Se você perguntar para qualquer criança como Ryan está indo, todas vão dizer que ele é o garoto mais inteligente da sala.

– Ele já está brincando com as outras crianças?

– Está melhorando. Socialmente Ryan ainda está um pouco atrasado e continua com dificuldades para conversar. Se você falar sobre o que ele gosta a conversa flui bem, mas ele ainda não pegou muito o jeito das piadas nem do bate-papo. Mas acho que, em parte, isso acontece porque ele é tímido. Não sei se é por causa do problema dele ou se ele teria sido tímido de qualquer jeito. É uma daquelas perguntas sem resposta.

– Vocês fizeram um belo trabalho com o Ryan. O progresso dele é incrível. Toda vez que o vejo percebo que ele não para de melhorar.

– Obrigado. Eu sei que ele progrediu bastante, mas, para ser sincero, às vezes é difícil lembrar como as coisas eram ruins no começo. Costumamos sempre nos concentrar no futuro, sabe, trabalhando nas conversas de Ryan, em sua compreensão de leitura e coisas do gênero. É frustrante. Precisamos pensar em novas formas de nos relacionarmos com Ryan, e não simplesmente passar instruções para ele.

– Ele já chegou muito longe, Nick. O que você e Cathy fizeram é incrível. De verdade.

– Obrigado – repeti.

– Vocês chegaram a descobrir o que havia de errado com ele?

Eu meneei a cabeça.

– Não. Temos alguns palpites, mas nunca vamos saber com certeza. Cat acha que ele só tinha distúrbio do processamento auditivo central, aquele problema que não permite que ele entenda os sons, mas eu tenho minhas dúvidas. Quero dizer, já li tudo sobre esse transtorno, e, se fosse isso mesmo, seria o pior caso do qual tive notícia. Acho que talvez seja parte do problema, mas penso que também há mais coisas. Acho que ele também é autista. Mas, como eu disse, nunca vamos saber com certeza. – Respirei fundo. – Mas vamos continuar trabalhando e ele vai continuar melhorando. No fim das contas, talvez Ryan consiga ter uma vida normal. Acho que ele vai para a faculdade, se casar e cometer erros como todos nós. Ele está chegando perto. Ainda não está lá, mas está perto. E não vamos desistir dele. Mas às vezes...

Hesitei. Micah olhou para mim.

– O quê? – perguntou meu irmão.

– Às vezes eu me pergunto por que tivemos uma criança como Ryan. Já estava acontecendo tanta coisa com a mamãe, o papai, a Dana. Era demais, sabe? Difícil demais. É como se eu não tivesse desafios o suficiente, então Deus me deu mais um. – Fiz uma pausa. – Você sabe o que eu sempre digo para Miles e Ryan?

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Eu digo a Ryan que Deus lhe deu um irmão como Miles para que ele pudesse aprender que tudo é possível e que ele pode ser bom em qualquer coisa. E eu digo a Miles que Deus lhe deu um irmão como Ryan para que ele pudesse aprender a ser paciente e persistente e a superar desafios.

– Muito legal. – Micah sorriu.

Dei de ombros. Era uma boa lição, mas parte de mim sempre desejava não ter que ensiná-la.

Micah apertou o meu ombro e falou:

– Eu sei por que Deus deu Ryan para você e Cat.

– Sabe?

– Sim.

– Por quê? Porque ele queria testar minha fé? – sugeri.

– Não – respondeu Micah baixinho. – Porque nem todos os casais conseguiriam fazer o que vocês fizeram. Ele lhes deu Ryan porque sabe que vocês

dois são inteligentes e fortes o bastante para ajudá-lo. Talvez Ryan estivesse perdido com outra pessoa.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Os flocos de neve faziam sua dança hipnótica e começaram a revestir o peitoril das janelas. Eu pensei em Ryan e em sua luta, pensei em tudo que ele tinha passado. Sim, ele tinha melhorado por causa do trabalho que Cat e eu havíamos feito. E, sim, eu estava confiante em relação ao seu futuro. Mas, ao mesmo tempo, apesar desses pensamentos, senti um aperto na garganta e, para ser sincero, não sei de onde aquilo veio.

Nossa noite no alojamento terminou relativamente cedo, então Micah e eu convencemos algumas pessoas a visitar um dos pubs em Tromsø. A propósito, havia vários pubs naquela cidade. Quando uma cidade pequena enfrenta dezoito horas diárias de escuridão, não tem muita coisa para fazer se uma pessoa quer passar um tempo com os amigos. E logo descobrimos que os noruegueses são um dos povos mais amigáveis do mundo. Assim que encontramos uma mesa alguns habitantes do local se juntaram ao nosso redor para conversar e ouviram enquanto descrevíamos a nossa viagem. Perguntaram os nossos nomes e as nossas histórias e se tínhamos gostado da cidade deles. Ofereceram-se para nos comprar drinques e informaram, muito animados, que aquela era a noite do karaokê. Alguns noruegueses levavam o karaokê muito a sério e, aos poucos, o bar começou a encher com pessoas que tinham vindo só para cantar. E eu pensando que o karaokê tinha perdido a popularidade anos atrás – o que mostra quanto eu sei sobre as coisas.

Nunca havia cantado em um karaokê. Nunca *quis* cantar em um karaokê, principalmente porque sou um péssimo cantor. Micah também não sabe cantar. Mas descobri que as outras pessoas do grupo tampouco sabiam.

Nós cantamos mesmo assim e aos poucos nos sentimos mais confortáveis com a ideia de nos apresentarmos para os noruegueses. Passamos o microfone uns para os outros, rindo quando era a vez de outra pessoa se debater com alguma música. Fizemos isso por horas, e foi uma das melhores noites (junto com Uluru) que tivemos durante a viagem inteira. O bar tinha um amplo repertório, incluindo a “Coward of the County”, do Kenny Rogers, algo que fez Micah e eu cairmos na gargalhada. Tinha que ser um presságio, e desafinamos a plenos pulmões.

Também cantamos "Greased Lightning", do filme *Grease – Nos tempos da brilhantina*, fazendo o melhor que podíamos para esconder a nossa voz terrível por trás da dança mais exuberante possível. Dançamos como John Travolta, como profissionais da Broadway, da mesma forma que passamos a vida inteira dançando, e no fim a multidão aplaudiu, assobiou e deu vivas. Mais tarde, quando perguntamos para uma mulher do grupo o que ela tinha achado da nossa performance, ela fez uma breve pausa antes de responder:

– Sabem aqueles macacos na Guatemala? Vocês se pareciam com eles.

Como eu disse, no fim das contas foi uma noite maravilhosa.

Dormimos tarde, o que acabou dificultando acordar cedo na manhã seguinte. Estávamos cansados e passamos a manhã no museu de Tromsø.

Ao chegarmos lá, usufruímos de longos discursos sobre jarros e tigelas.

Depois do museu fomos até a zona rural para andar em trenós puxados por cães. Havia colinas baixas e árvores em todas as direções, e à distância podíamos ver os picos cobertos de neve parcialmente ocultos pelas nuvens.

Fazia frio, por isso vestimos trajes para neve por cima das roupas. Para chegar aos trenós tivemos que descer uma colina rasa e escolher por ir andando ou escorregando por tobogãs.

A maioria foi andando. Micah e eu descemos pelos tobogãs. Umas cinquenta vezes.

Subimos nos trenós em trios: Micah e eu ficamos com Jill, a médica, e enquanto esperávamos fomos apresentados aos cachorros. Eram huskies, mas menores do que eu tinha imaginado. Deviam pesar pouco mais de 20 quilos. E eram bem amigáveis; pareceram gostar quando lhes fizemos carinho, lambendo os nossos trajes de neve.

Nossa condutora, uma mulher de meia-idade que certa vez ficou em quinto lugar na corrida de Iditarod, no Alasca, além de ter treinado todos os cães, também era proprietária da maior parte do terreno. O negócio dos passeios de trenó oferecia a ela a oportunidade de exercitar os cachorros todos os dias, e eles amavam aquilo.

Assim que a condutora subiu no trenó, os huskies ficaram impacientes e começaram a latir. Acho que eu esperava que ela gritasse algum comando, mas,

em vez disso – e num tom calmo –, ela simplesmente disse algo que soou como "rét". O trenó partiu, com os cachorros à frente puxando e olhando em volta.

Existem alguns aspectos sobre andar de trenó que eu deveria mencionar. Em primeiro lugar, o trenó é lento, muito instável e faz o traseiro doer. Em segundo, você fica sentado de tal forma que é possível sentir cada parte do caminho. E, no fim das contas, dizer que você andou de trenó na Noruega com uma equipe que havia completado a Iditarod uma vez é mais divertido do que o passeio em si.

Mas nós o fizemos e tiramos várias fotos. E agora, quando estou numa festa, posso dizer coisas como:"Sim, eu lembro quando andei de trenó nos alpes noruegueses... treinando a equipe para a Iditarod... Foi difícil, meus olhos ficaram cobertos de neve e apesar de o cão alfa mancar ele seguiu em frente... Meu rosto estava começando a ficar dormente por causa do frio e eu me lembro de pensar..."

Pausa.

É melhor ainda do que dizer: "Eu lembro quando estava montando elefantes a caminho da antiga fortaleza Amber em Jaipur... o calor esmagador... o elefante ficando cansado durante a última subida... e eu me lembro de pensar..."

Depois do passeio de trenó o grupo se reuniu dentro de uma tenda, onde serviram um ensopado de carne de veado que fora cozido numa fogueira. A tenda estava meio esfumaçada, mas era quente e a comida parecia chamativa, especialmente depois da manhã que tivéramos.

Infelizmente, fomos informados de que, devido ao céu constantemente nublado, nossas chances de ver a aurora boreal eram quase nulas. Ficamos sabendo que as luzes do norte tinham sido raras durante todo aquele inverno. Ver a aurora boreal fora nossa principal razão para visitarmos Tromsø, então Micah e eu ficamos decepcionados.

Em compensação teríamos a oportunidade de visitar mais um museu, mas àquela altura já estávamos cansados de museus. Em vez disso passamos o resto da tarde passeando pelas ruas de Tromsø, conversando e apreciando a paisagem.

– Você já se perguntou por que as coisas aconteceram como aconteceram? – indagou meu irmão.

– O tempo todo – respondi, sabendo exatamente a que ele se referia.

– A maioria dos meus amigos não perdeu ninguém próximo.

– Os meus também não. Nem Cat.

– Por que isso acontece?

– Quem sabe? Queria saber a resposta, mas não sei.

Micah pôs as mãos nos bolsos.

– Já reparou que agora as pessoas pensam que nós somos especialistas em morte? Quero dizer, sempre que um amigo perde alguém, é para mim que ele liga para conversar. Isso acontece com você?

– O tempo todo – respondi.

– O que você diz?

– Depende.

– Eu nunca sei o que dizer. Não há nada que possa ser dito para acabar com o sofrimento. Na maioria das vezes eu só quero dizer a verdade. Que por uns três meses você vai se sentir pior do que nunca e terá que lidar com isso da melhor forma possível. E depois de seis meses a dor já não é tão grande, mas ainda aperta mais do que você imagina. E, mesmo depois de anos, você ainda se pega pensando na pessoa que perdeu e fica triste com isso. E sente falta deles o tempo todo.

– Por que você não diz isso? – perguntei.

– Porque não é o que as pessoas querem ouvir. Elas querem ouvir que vai ficar tudo bem. Que a dor passa. Mas não passa. Nunca. E você não pode dizer isso quando a ferida ainda está recente. Seria cruel. Não dá. Então, eu digo o que elas querem ouvir. – Micah parou de falar. – O que essas perdas lhe ensinaram?

– Que dói, mas você tem que seguir em frente de qualquer forma.

– Foi o que eu aprendi também. Mas, sabe, eu preferia ter aprendido isso bem mais tarde na vida.

– Eu também.

– Sabe o que mais eu aprendi? – perguntou Micah.

– O quê?

– Que é uma coisa cumulativa. A morte dos nossos pais foi difícil, mas, quando você perde os dois, não é só o dobro da dor. É exponencial. E quando Dana morreu... não foi como se tivéssemos perdido três pessoas que amávamos. Foi como se não tivéssemos mais nada. – Micah meneou a cabeça antes de continuar: – Depois de algo assim... Bom, mesmo tentando superar e até

aparentando estar bem, no fundo você está destruído e nem sabe. E às vezes demora um tempo para que você perceba que ainda está lutando para superar tudo o que aconteceu.

Eu cutuquei o ombro dele.

– Está falando de mim de novo?

– Não, não só de você – disse ele. – De mim também. Como você disse, nós apenas reagimos à perda de formas diferentes.

Depois da morte de nossa irmã, Micah mudou.

Foi como se de repente ele tivesse se dado conta da fragilidade da vida e de como o tempo é precioso. Como resultado ele fez um esforço consciente para simplificar sua vida, com o objetivo de eliminar qualquer estresse desnecessário. Não mais interessado na definição social para o sucesso, Micah começou a se livrar dos bens materiais. A vida, ele decidiu, era para *viver*, não para *ter*, e ele queria vivenciar todos os momentos. No nível mais profundo, Micah havia compreendido que a vida pode acabar a qualquer momento e que era melhor ser feliz do que estar ocupado.

Meu irmão vendeu as coisas e se desfez do excesso. Alguns meses depois, ele já tinha vendido as duas empresas e convertido seus investimentos em dinheiro. Então largou de mão o barco e o jipe. Reafirmou o seu compromisso com a família e, quando me ligou, explicou o seu raciocínio:

– Quanto mais você tem, mais você é possuído pelo que tem, e eu estou cansado disso. Estou cansado de ter que cuidar de tudo. Estou cansado de coisas quebrando que precisam ser consertadas. Isso aumenta o estresse e, sinceramente, estou me dando um descanso.

No fim ele manteve apenas o básico: a casa, o carro e a mobília. A venda das empresas lhe rendeu um dinheiro mais do que suficiente para arcar com as obrigações mensais – por anos, se fosse necessário – e nos oito meses seguintes ele não fez nada que pudesse se tornar um incômodo em sua vida.

Em alguns aspectos Micah voltou a ser aquele jovem universitário. Saía para acampar e fazer caminhadas, praticava rafting durante o verão e, assim que a neve começava a cair nas Sierras, ia praticar snowboarding. Viajou para Puerto Vallarta com Christine. Visitou Cody e Cole no rancho. Também voltou a fazer

exercícios e entrou para uma liga de futsal. Meu irmão também fez questão de me ver sempre que possível.

Quando tive uma reunião em Los Angeles, ele voou até lá para passar alguns dias comigo. Quando minha turnê me levou a Sacramento no fim do outono, Micah me fez companhia nos eventos. Em dezembro, seis meses após a morte de Dana, meu irmão me visitou na Carolina do Norte com Christine e a enteada, Alli. Bob também veio com Cody e Cole. As três famílias fizeram uma viagem a Nova York e visitamos o World Trade Center para admirar a vista menos de nove meses antes de os prédios serem reduzidos a escombros.

Três semanas depois da viagem, meu irmão me ligou. Era o meu aniversário, e, assim que atendi, ele começou a cantar para mim, do mesmo jeito que minha irmã sempre fizera.

Ouvi com os olhos fechados, relembrando tudo.

– Pelo visto vou ter que fazer isso para você agora – disse ele quando terminou. – É uma tradição, sabe como é.

Eu sorri, com saudade da minha irmã, mas grato pelo gesto.

– Obrigado, Micah.

– Sem problema, irmãozinho.

Micah também tinha mudado em outro aspecto.

Ele ia à igreja esporadicamente e continuou diminuindo a frequência com o passar do tempo. E, nos dias em que ele ia, ficava sentado no banco, indiferente.

Com a morte da irmã, Micah perdera sua fé.

Também comecei a me dar conta da fragilidade da vida e da preciosidade do tempo. Mas, por mais parecidos que fôssemos, em muitos sentidos minha reação foi a oposta da do meu irmão.

Passei a acreditar que, já que a vida pode terminar a qualquer momento, eu deveria estar preparado para qualquer eventualidade. Precisava ter certeza de que minha família seria bem cuidada, independentemente do que pudesse ocorrer. Eu tinha metas a cumprir e, com o tempo, precisava me apressar para conquistá-las antes que o impensável acontecesse. De repente não havia tempo a perder. Eu tinha que me apressar, tinha que deixar as coisas prontas, tinha que trabalhar, tinha que *ir*.

Menos de duas semanas depois do funeral da minha irmã eu comecei a escrever *Uma curva na estrada* inspirado em meu cunhado Bob. O livro conta a história de um jovem viúvo com um filho, e eu me forcei a ficar sentado na frente do computador por dias a fio para terminá-lo. Naquele outono fiz uma turnê pela Europa e pelos Estados Unidos para promover *O resgate*, e, assim que terminei a edição de *Uma curva na estrada,* no começo de 2001, comecei a escrever *O guardião*, que acabaria se tornando meu livro mais longo e desafiador. Aos poucos, trabalhar nele começou a me consumir.

Eu tinha ficado tão acostumado com o estresse nos últimos onze anos que não sabia mais funcionar sem ele e, daquele momento em diante, não parei de inventar mais coisas para fazer. Em janeiro de 2001 nós descobrimos que Cat estava grávida de novo. Alguns meses depois, ficamos sabendo que ela teria gêmeas. Depois de três meninos essa notícia foi muito emocionante, e estar grávida de gêmeas parecia apropriado, considerando meu ritmo de vida acelerado.

Eu me tornei especialista em agendamento e programação. Cada minuto do dia passou a ser planejado. O tempo não devia ser desperdiçado, mesmo quando eu não estava trabalhando, pois minhas responsabilidades não acabavam por aí. Para cumprir tudo eu compartimentalizei minha vida. Se eu não estava escrevendo, eu era pai ou marido, e me concentrava nessas áreas tanto quanto no trabalho.

Do mesmo jeito que, quando criança, eu buscava a aprovação dos meus pais, passei a querer a aprovação da minha família. Não podia simplesmente ser pai, eu tentava ser um superpai. Treinava times de futebol, ia a ensaios de ginástica, ajudava com a lição de casa, jogava beisebol e passava os fins de semana em passeios de barco, no boliche, nadando e indo à praia. Continuei trabalhando com Ryan de maneira informal – ele já não precisava mais de um ambiente tão estruturado – e brincava com Landon na sala todas as noites. Eu tentava ser o melhor marido, ajudando em casa e fazendo o máximo para ser romântico. De alguma forma, apesar disso tudo, arranjei tempo para ganhar a faixa preta no tae kwon do, levantar peso e correr todos os dias. Continuei lendo cem livros por ano.

Mas dormia menos de cinco horas por noite.

A vida, no entanto, não era feita só de más notícias. Na primavera de 2001 eu atendi o telefone e escutei a voz animada de Micah:

– Christine está grávida – anunciou ele. – Acabamos de saber.

– Parabéns! – respondi com sinceridade. – Quando vai nascer?

– Em janeiro. Como Landon. E as gêmeas vão ter só alguns meses quando o bebê nascer, então serão três primos da mesma idade para se divertirem quando forem mais velhos. As gêmeas estão previstas para quando?

– Para o fim de agosto. Como Christine está?

– Ótima, por enquanto. Ela nem iria saber que está grávida se não fosse pelo teste caseiro.

– É incrível! – celebrei. – Mas eu vou lhe contar uma coisa: a paternidade vai mudar a sua vida.

– Eu sei. Mal posso esperar.

– Você está preparado para ser pai? – perguntei.

– Claro que estou. Criei a Alli desde os 2 anos.

– É aí que começa a ficar fácil. Espere até ter um recém-nascido. É um mundo completamente diferente.

– Algum conselho que você queira oferecer? Já que é minha primeira vez e você é o especialista?

– Sim. Perto do fim da gestação, assista a todos os filmes que conseguir.

– Por quê?

– Porque – respondi – você não vai ver outro filme por pelo menos um ano.

– Vou, sim. Christine ama ver filmes.

– Confie em mim – insisti. – Nada pode mudar mais o estilo de vida de uma pessoa do que um bebê.

– Ok – Micah se deu por vencido.

Eu tive que rir por dentro. Em breve ele aprenderia.

– E Micah...

– Sim?

– Parabéns de novo. Tudo muda, mas é para melhor.

– Obrigado, irmãozinho. – Ele fez uma pausa. – Ah, sim, mais uma coisa. Cat queria que eu lhe dissesse isso.

– O quê?

– Pare de trabalhar tanto.

– Eu paro quando você voltar a frequentar a igreja.

Nós dois rimos.

– Isso é ótimo – falei. – Estou feliz por você e Christine.

– Eu também.

Não dei ouvidos ao meu irmão. Nem à minha esposa.

No começo do verão de 2001, um ano depois da morte de Dana, as gêmeas já estavam pesando na barriga de Cat e eu tive que assumir ainda mais responsabilidades, pois ela não conseguia mais acompanhar o ritmo dos meninos. Com essa exigência adicional acabei sacrificando ainda mais minhas noites de sono. Durante aquele verão dormia em média três horas por noite, e embora me sentisse como um zumbi quando cambaleava para fora da cama, eu rapidamente bebia uma xícara de café e me lançava porta afora.

E eu ia e ia e ia. Trabalhando. Olhando as crianças. Cuidando de Landon. Limpando a casa. E por aí vai.

De alguma forma eu estava conseguindo, mas um ritmo como esse não é normal, tampouco realista. Algo tinha que ceder, e dormir pouco não era o único problema. Eu também não tinha mais tempo livre durante o dia. Sem manhãs preguiçosas dormindo até tarde, sem pôquer com os amigos, sem tempo para assistir aos jogos de futebol na televisão. Eu almoçava e jantava com pressa. Por algum tempo isso não me incomodou, pois, a julgar pela minha agenda, eu conseguia controlar a minha vida. Tudo estava sendo feito. Mas na verdade era a agenda começava a me controlar. Aos poucos eu fui esquecendo como relaxar. E, pior ainda, que sentia como se eu não merecesse descanso. Não até que terminasse _____ (preencha a lacuna).

Mas nada nunca terminava. Sempre havia mais uma página para escrever, mais um romance para concluir, mais uma cidade para visitar, mais uma entrevista para dar. Por mais tempo que eu passasse com meus filhos, eles continuavam precisando da minha atenção no dia seguinte. Sempre havia mais uma tarefa na lista. Eu não era necessariamente infeliz – o tédio nunca me caiu muito bem – e o ritmo não estava me destruindo fisicamente. Mas eu viria a perceber que a falta de tempo livre não era boa para a minha condição mental nem emocional. Eu acordava com a sensação de que estava ficando para trás. Apesar de todos os meus esforços, comecei a sentir que estava falhando. As

coisas que eu gostava de fazer aos poucos se tornaram uma série de obrigações, e eu vivia como se não tivesse outra escolha.

Digo isso em retrospecto. Naquela época eu me preocupava demais com os detalhes para conseguir enxergar a coisa como um todo. Percebi que acordava com uma sensação nauseante de pavor. Assim que abria os olhos minha mente se enchia com todas as coisas que eu tinha que fazer e com o senso de urgência de saber que o único jeito de fazer tudo aquilo seria começando naquele instante. Minha vida se tornou uma longa lista de afazeres, e, em vez de pegar leve e tentar o possível, eu erguia as mangas, rangia os dentes e trabalhava com mais vontade.

Como eu falei, a situação não estava me deixando conscientemente infeliz. Eu tentava manter o senso de humor, continuava sorrindo. Era comum ouvir comentários sobre quanto eu parecia otimista ou como eu sorria. Mesmo assim, aos poucos, a vida estava se tornando um trabalho árduo e não havia nada que eu pudesse fazer para evitar aquilo.

Naquele verão continuei conversando com meu irmão com frequência. Depois de falar sobre as nossas esposas grávidas, as conversas costumavam seguir mais ou menos assim:

– Como estão as coisas? – perguntaria Micah, e eu começava a relatar tudo o que tinha agendado. Quando terminava, ele ficava quieto por um momento.

– Então quando você dorme? – perguntava ele.

– Quando dá – eu respondia.

Estranhamente aquilo me dava orgulho, como se fosse uma habilidade admirável.

– Isso é estúpido – declarava Micah. – Você tem que dormir. E precisa relaxar. Você vai enlouquecer se não tiver um tempo livre. Você ainda não aprendeu a importância do equilíbrio? Equilíbrio é tudo, e nesse momento sua vida está muito fora de sintonia.

– Eu vou ficar bem.

– Você parece estressado.

– Só ocupado. Eu estou bem, de verdade. E você, como estão as coisas?

– Vivendo a vida. Acordo quando quero e fico lendo o jornal. Faço exercícios por um tempo, tomo um banho perto do meio-dia e aí decido o que fazer depois.

– Deve ser legal.

– Você também pode tentar. Cada um escolhe o que fazer da própria vida.

– Nem sempre – respondi. – Às vezes as responsabilidades se enfiam no caminho. Tudo bem que eu poderia escolher ignorá-las, mas isso não seria bom para a minha família.

– Sua família vai ficar bem. Você só está inventando desculpas. E vai enlouquecer se continuar assim.

Eu não via as coisas daquela forma. Mas também sabia que não adiantava discutir com ele.

– Chega de falar de mim. Como você está?

– Na mesma.

– Voltou a frequentar a igreja?

– Na verdade não.

– Como Christine está lidando com isso? – indaguei.

– Da mesma forma. Não está muito feliz.

– Você não acha que deveria ir, então? Mesmo que por ela?

– Só se vai à igreja por si mesmo, Nick. Se for por outra pessoa, não significará nada.

– Então vá por você.

– Não estou com humor para isso agora. Não tenho nada contra, mas não ganho nada quando vou. Fico me sentindo um hipócrita sentado lá.

– Você sempre pode usar esse tempo para rezar.

– Eu tentei. Eu rezava pela Dana todos os dias e mesmo assim ela morreu. Não adianta rezar.

Admitimos o impasse com um momento de silêncio antes de Micah pigarrear.

– E como está Ryan? – perguntou ele.

No começo de agosto de 2001, meu irmão provou estar certo.

Dormir apenas três horas todas aquelas noites me deixou exausto, e algo dentro de mim finalmente cedeu. Veio do nada. Eu acordei com um sentimento de ansiedade diferente de qualquer coisa que já tivesse sentido. Não conseguia me concentrar e de repente comecei a chorar pela primeira vez desde a morte de Dana. E simplesmente não consegui parar. Minha esposa, na época chegando à

35º semana de gravidez, veio me acolher em seus braços e fez com que eu me sentasse.

– Você precisa de um descanso – disse ela. – Vá para a casa de praia por alguns dias. Eu vou ficar bem aqui.

– Sim... tudo bem... Vou pegar minhas coisas...

Ela pousara a mão sobre o meu computador.

– Isso vai ficar aqui – afirmou ela. – Quero que você relaxe. Dê longas caminhadas pela praia, durma bastante. Não faça absolutamente nada por alguns dias.

Passei a primeira noite na casa de praia dormindo por dezessete horas seguidas. Quando acordei, li por algum tempo e então dormi mais nove horas.

Meu irmão ligou alguns dias depois.

– Ouvi falar do seu pequeno colapso – disse ele. – Eu avisei que isso aconteceria.

– Você estava certo.

– Como você está agora?

– Melhor. Acho que só estava cansado e precisava dormir.

– Acho que você tem que aprender a ir mais devagar.

– Como você?

– Ei – retorquiu Micah, na defensiva –, não fui eu que surtei. E, para falar a verdade, acho que estou pronto para voltar a trabalhar. Vou começar outro negócio.

– Fazendo o quê?

– A mesma coisa – disse ele. – Armários de garagem.

– Que bom!

– Sim, estou bem animado. E, com Christine grávida, já está na hora. Além disso, eu tenho me sentido entediado ultimamente. Todos os meus amigos estão trabalhando. Ninguém tem tempo para se divertir.

Eu ri, apesar de tudo.

– Imagine só! – falei.

No outono de 2001, apesar das lições que eu já devia ter aprendido, lancei-me de volta ao trabalho com força total. Se algo mudou, foi para pior. Fiquei ainda mais

ocupado do que antes.

Savannah e Lexie nasceram no dia 24 de agosto. Lexie Danielle recebeu esse nome em homenagem à minha irmã. Enquanto Cat tomava conta das gêmeas e se recuperava, eu cuidava das outras três crianças e da casa ao mesmo tempo que me esforçava para terminar o próximo romance.

Um mês depois eu estava na estrada, fazendo a turnê nacional para promover *Uma curva na estrada*. Enquanto isso, com as gêmeas, uma criança pequena e dois filhos mais velhos, Cat de alguma forma conseguiu manter a casa em ordem.

Mas, de novo, havia mais. Sempre havia mais.

Lexie nasceu com um pequeno hemangioma, uma porção excessiva de vasos sanguíneos no tecido mole embaixo do queixo. Logo após o nascimento, a formação tinha o tamanho de uma borracha de lápis, mas, quando parti para a turnê, já tinha se transformado em uma massa bulbosa e roxa que fazia o queixo dela parecer pequeno.

O hemangioma rompeu enquanto eu estava em turnê. Cat e eu nos falávamos pelo telefone, quando de repente ela gritou:

– Tenho que ir! O queixo da Lexie está jorrando sangue!

Lexie tinha sete semanas quando foi levada para a sala de cirurgia. Naquela noite eu autografei oitocentos livros, odiando a mim mesmo por não estar com a minha família.

E mesmo assim continuei trabalhando feito um demônio. Terminei o manuscrito de *O guardião* enquanto estava em Jackson, Mississipi, e assim que cheguei em casa escrevi um roteiro baseado no romance. Então, compondo um texto para um site, acabei produzindo um documento com mais palavras do que meu primeiro livro. Nas horas vagas comecei a trabalhar num piloto para a televisão baseado na série *The Rescue* da CBS, aceitando o cargo de produtor executivo caso a rede o escolhesse. Então, no fim de dezembro de 2001, recebi uma resposta da minha editora.

Ela explicou que *O guardião* precisaria de revisões extensas, incluindo reescrever toda a segunda metade do livro, e ter que fazer isso era algo inimaginável para mim. Mas o prazo estava se aproximando e eu precisava de um romance pronto para o outono seguinte. Em vez de fazer as mudanças, comecei a escrever *Noites de tormenta* como subtituição. Decidimos então que *O guardião* seria publicado na primavera de 2003 e eu o editaria quando terminasse

Noites de tormenta. Mesmo com uma pressão intensa para terminar o livro a tempo (o prazo era abril), eu também precisaria escrever um *terceiro* naquele ano, imediatamente após terminar *O guardião*, que deveria ser lançado no outono de 2003. O título preliminar era *O casamento*.

Em outras palavras, 2002 prometia ser um ano ainda mais agitado que o anterior. Eu tinha não só cinco filhos e uma esposa que precisavam de tempo e de atenção, como também teria que trabalhar ainda mais e mais rápido do que nunca, só para me manter à tona. E não havia como prever se eu conseguiria dar conta de tudo antes de o ano acabar.

Mas àquela altura isso já não importava. Eu me mantive num ritmo tão frenético que não sabia mais como parar. A vida se tornou algo a ser conquistado em vez de vivido, e, mesmo se quisesse mudar, não saberia como. Acho que, na época, eu sabia subconscientemente que precisava equilibrar a minha vida outra vez e que só Micah poderia me ajudar a fazer isso.

E, como uma resposta às minhas preces, foi por volta dessa época que o panfleto da viagem ao redor do mundo chegou pelo correio.

Epílogo

Voltando para casa
Sábado, 15 de fevereiro

Na última noite em Tromsø, nosso grupo teve um jantar de despedida que terminou cedo. Nosso avião partiria bem no começo da manhã seguinte, e, por conta de uma parada de duas horas na Inglaterra, o voo levaria quase quinze horas.

O clima no avião foi de agitado a quieto. As pessoas ficaram conversando nos corredores, ainda trocando números de telefone e e-mails. Micah e eu também nos despedimos dos outros. Depois de aterrissar e passar pela alfândega, todos seguiriam em direções diferentes para voltar para casa.

Mais tarde, enquanto Micah dormia, fiquei olhando pela janela e vendo as nuvens passarem abaixo de nós.

Não tinha certeza de como me sentia. Parte de mim estava triste por nossa aventura ter terminado, mas outra estava entusiasmada com a ideia de rever minha família. Cat e eu nos amamos desde a terceira semana de março de 1988 e meus sentimentos por ela só aumentaram ao longo dos anos. Como poderia ter sido diferente? Tínhamos apenas seis semanas de casados quando a primeira tragédia nos acometeu, e foi Cat quem me apoiou naquelas terríveis primeiras

noites, quando tudo parecia mais difícil. E ela nunca deixou de estar ao meu lado desde então. Por mais difícil e devastador que tenha sido, eu sei que, de muitas formas, tive sorte. Minha esposa e meus filhos são prova disso. E, mesmo agora, quando rezo à noite, agradeço a Deus por todas as bênçãos em minha vida.

Acho que, no fundo, sou um otimista assim como a minha mãe. Um otimista que às vezes se preocupa demais ou trabalha demais, admito, mas um otimista mesmo assim. Nos momentos em que fico triste por ter perdido meus pais e minha irmã, descubro que, se eu olhar com atenção para os meus filhos, consigo ver sinais do meu passado. Quando era mais novo vivia numa família com cinco pessoas: três homens e duas mulheres. Entre meus filhos os números são exatamente os mesmos, e à medida em que os ecos da família antiga vão se distanciando, suas vozes são substituídas pelos sons entusiasmados da infância. Como dizem, o ciclo da vida continua.

Ainda carrego as lições que meus pais me ensinaram. Sou mais rígido com meus filhos, mas às vezes me pego fazendo ou falando as mesmas coisas. Minha mãe, por exemplo, estava sempre alegre quando chegava do trabalho. Eu tento agir como ela quando termino de escrever a cada dia. Quando eu buscava ajuda do meu pai com algum problema, ele sempre ouvia, atento, e me auxiliava a encontrar uma forma de criar as minhas próprias soluções. Tento fazer o mesmo com os meus filhos.

À noite, enquanto os coloco na cama, peço que me contem três coisas legais que cada um dos irmãos fez por eles naquele dia, esperando que isso os aproxime como aconteceu comigo e com meus irmãos. E, com mais frequência do que teria imaginado, eu me pego dizendo "A vida é sua" ou "Ninguém nunca disse que a vida é justa" e "O que você quer e o que você tem costumam ser duas coisas completamente diferentes". Então eu me viro e tento esconder o sorriso, imaginando o que meus pais pensariam disso.

Mas nunca é fácil pensar em Dana. A morte dela me levou a uma espécie de queda livre, da qual precisei de anos para me recuperar. Ela era muito jovem e muito doce, e uma parte de mim grande demais para que eu aceitasse a sua perda. Mas minha irmã me ensinou muitas coisas. Foi a única na família que nunca se deixou ser abalada por sua doença, e esse é um exemplo que eu tento seguir. Dana viveu uma vida completa apesar de seus medos; sorriu até o último momento. Minha irmã sempre foi a mais forte de todos nós.

– No que você está pensando? – perguntou Micah.

Acordando de seu cochilo, ele se espreguiçou no assento.

– Em tudo. Na viagem. Na nossa família. Em Cat e nas crianças – respondi.

– Você pensou em trabalho?

– Na verdade, não.

– Mas você vai mergulhar de cabeça assim que chegar em casa, né?

– Acho que não. Tenho que passar um tempo com a minha família antes.

Micah me cutucou.

– Acho que você está melhorando – avaliou ele. – Você parece melhor. Não está mais melancólico como no começo da viagem. Parece realmente... relaxado.

– Eu estou – concordei. – Mas e você? Está melhor?

– Não sei do que você está falando. Eu não tinha nenhum problema.

– Deve ser bom ser você.

– Ah, é, sim. Christine é uma mulher sortuda por ter um cara como eu por perto.

Eu ri.

– Então, o que você tem planejado para quando chegar em casa? – perguntei.

– Ah, o de sempre. Ver minha mulher e meus filhos. – Micah deu de ombros e soltou um longo suspiro. – E tenho certeza de que Christine vai querer ir à igreja amanhã, então acho que vou ter que acompanhá-la.

Eu ergui as sobrancelhas, mas não disse nada.

– O quê? – perguntou ele.

Balancei a cabeça, incapaz de esconder o sorriso.

– Não falei nada.

– Veja bem, eu não vou à igreja por ter aprendido alguma coisa na viagem. Ou qualquer coisa que você tenha me dito. Você não é tão sábio, irmãozinho.

– Ah, eu sei.

– Estou falando sério.

– Eu sei.

– Não olhe para mim assim.

– Assim como?

– Com essa cara. Eu não tinha parado completamente de ir à igreja. Eu ainda vou de vez em quando, mas só porque acho que é bom para as crianças me

verem lá. Faz com que elas aprendam as lições certas, que você é parte do plano de Deus. Mamãe fez isso por nós, e olhe como somos hoje.

Assenti, ainda sorrindo.

– Você está com um sorriso arrogante.

– Sim – respondi, orgulhoso. – Eu sei.

É comum perguntarem para mim ou para meu irmão como nós conseguimos continuar vivendo e até mesmo prosperando frente a tantas tragédias. Não sei como responder, só sei dizer que Micah e eu nunca consideramos outra alternativa. Nós fomos criados para sobreviver, enfrentar desafios e perseguir os nossos sonhos.

Fizemos o melhor que pudemos com nossas vidas porque precisávamos. Porque queríamos. Tínhamos as nossas próprias famílias, que precisavam de nós, e não podíamos decepcioná-las. Mas, no fim das contas, Micah e eu também sobrevivemos e fomos bem-sucedidos graças um ao outro. Precisei do apoio dele tanto quanto ele precisou do meu. Micah perseguiu seus sonhos porque foi isso que eu fiz, e vice-versa. E não teria sido justo que um de nós tivesse que se preocupar com o outro. Havia muita coisa acontecendo.

Mas não escapamos ilesos. Quem poderia? A morte da nossa irmã foi um golpe duro. E não só a dela, mas todas as mortes, uma após a outra. Mesmo hoje, qualquer entusiasmo que a gente tenha por conquistar uma meta ou superar um desafio é acompanhado pela consciência de que, com exceção de nós dois, nossa família não estará por perto para compartilhar a nossa felicidade. E, pior ainda, nossos filhos nunca vão conhecer os avós nem a tia, e isso, para nós, é de partir o coração.

Mas temos um ao outro. As pessoas me perguntam por que meu irmão e eu somos tão próximos. O motivo é simples: é assim que deveríamos ser. Não foi somente a perda da nossa família que nos uniu. Nós sempre fomos próximos, mesmo quando crianças. Sempre mantivemos contato, e não por obrigação, mas por desejo. E não só nos amamos como também apreciamos a companhia um do outro. Nós não discutimos nem mesmo divergimos desde crianças. Micah é, junto com minha esposa, meu melhor amigo no mundo. E se perguntassem isso a ele, tenho certeza de que diria o mesmo sobre mim.

Meus pais podem ter sido loucos, mas seja lá o que eles fizeram funcionou.

Pousamos em Dulles e passamos pela alfândega. Assim como os outros, Micah e eu seguiríamos em direções diferentes. Andamos pelo terminal lotado com os passageiros de fim de semana e finalmente chegamos ao ponto onde teríamos que nos separar.

Quando paramos para nos despedir e eu olhei para Micah, a primeira coisa que me ocorreu foi que talvez eu nunca mais o visse.

É um pensamento triste, claro, mas sincero. Já aconteceu conosco três vezes. Sempre penso nisso quando digo adeus ao meu irmão.

– Eu me diverti muito – falei. – Como você prometeu, foi a viagem de uma vida inteira.

– Foi incrível – concordou Micah. Ele colocou a mala no chão e sorriu. – Ligo para você quando chegar em casa.

– É bom mesmo.

Micah estendeu os braços e eu fui ao seu encontro. Trocamos um abraço demorado no terminal, alheios à multidão que nos cercava.

– Eu amo você, irmãozinho – sussurrou ele.

Fechei bem os olhos.

– Também amo você, Micah.

Agradecimentos

Sempre há muitas pessoas para agradecer quando se trata de escrever um livro, e, como sempre, os nomes são bem parecidos.

Primeiro gostaríamos de agradecer a Cathy e Christine. Sem elas este livro nunca teria existido.

E aos nossos filhos — Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah (do Nicholas) e Alli e Peyton (do Micah). É impossível imaginar a vida sem eles.

Também somos muito gratos a nossa agente Theresa Park, da Sanford Greenburger, e ao nosso editor, Jamie Raab, da Warner Books. Tem sido um sonho trabalhar com eles.

Larry Kirshbaum e Maureen Egen, o CEO e a presidente da Warner Books, foram gentis o bastante para acreditarem no projeto, e somos gratos a eles.

Jennifer Romanello, Edna Farley, Emi Battaglia, Julie Barer, Shannon O'Keefe, Peter McGuigan, Scott Schwimer, Howie Sanders, Richard Green, Flag, Denise DiNovi, Lynn Harris, Mark Johnson, Courtenay Valenti e todos os outros também merecem nossos agradecimentos pelos diversos papéis que desempenharam neste projeto.

E, por fim, gostaríamos de agradecer a equipe da TCS e também aos nossos companheiros de viagem, incluindo os maravilhosos Bob e Kate Devlin. Foi maravilhoso viajar com todos vocês.

Sobre os autores

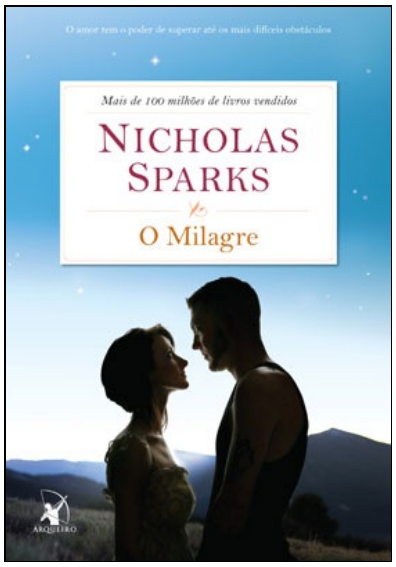
© Alice M. Arthur



Nicholas Spark sempre desejou se tornar atleta, mas uma lesão o impediu de realizar esse sonho. Formado em economia, publicou seu primeiro livro aos 31 anos, ao qual se seguiram outros 18. Suas obras foram traduzidas para 50 idiomas e já venderam mais de 100 milhões de exemplares no mundo todo. Onze livros de Nicholas Sparks ganharam adaptações para o cinema. Ele mora na Carolina do Norte e tem cinco filhos.

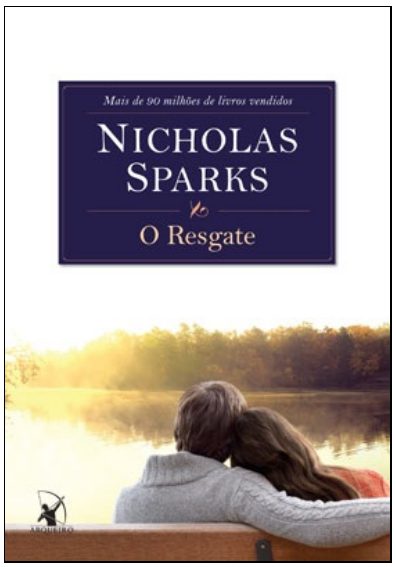
Micah Sparks é dono de uma fábrica. Ele vive na Califórnia com a esposa e os filhos.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DO AUTOR

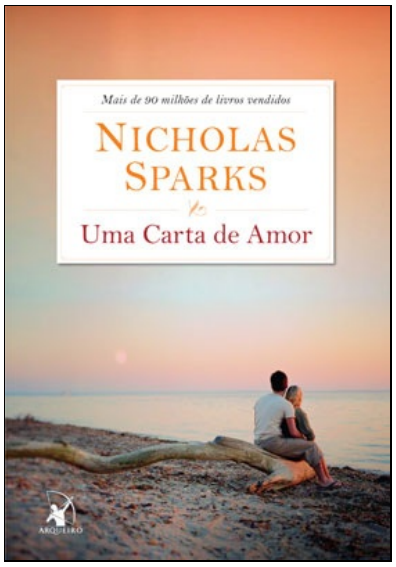









Nicholas Sparks
Uma curva na estrada
Às vezes, quando se busca o amor, primeiro é preciso encontrar o perdão


Mais de 90 milhões de livros vendidos
NICHOLAS SPARKS
Uma Carta de Amor


Nicholas Sparks
À primeira vista
Será que de fato é possível amar alguém à primeira vista?


Nicholas Sparks
O guardião
Seu grande amor pode estar mais perto do que você imagina


Nicholas Sparks
O casamento
Na emocionante sequência de Diário de uma paixão, um homem luta para reconquistar seu grande amor

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Crédito
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Epílogo
Agradecimentos
Sobre os autores
Conheça outros livros do autor
Informações sobre a Arqueiro